



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

LIGIA MARA BARROS RIBEIRO

**CONTOS DE RIOS:**

Memórias sobre as águas e o ensino de história em Santa Izabel do Pará

ANANINDEUA/PA  
2020

LIGIA MARA BARROS RIBEIRO

**CONTOS DE RIOS:**

Memórias sobre as águas e o ensino de história em Santa Izabel do Pará

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal do Pará, Campus Ananindeua, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

R484c Ribeiro, Lígia Mara Barros.  
Contos de rios : memórias sobre as águas e o ensino de história em Santa Izabel do Pará / Lígia Mara Barros Ribeiro. — 2020.  
xiv, 199 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História, Ananindeua, 2020.

1. Ensino de História. 2. Narrativas históricas. 3. Rios. 4. Memória. 5. História Ambiental. I. Título.

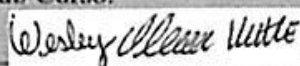
CDD 370.72098115

---

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA DISCENTE

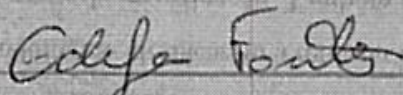
### LIGIA MARA BARROS RIBEIRO

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Edilza Joana de Oliveira Fontes, Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho e o Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos reuniu-se no dia 15 de dezembro de 2020, às 14:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação da mestranda LIGIA MARA BARROS RIBEIRO intitulada: "CONTOS DE RIOS: MEMÓRIAS SOBRE AS ÁGUAS E O ENSINO DE HISTÓRIA EM SANTA IZABEL DO PARÁ." Após explanação da mestranda e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que a mestranda respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que a mestranda construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi APROVADA, com conceito EXCELENTE pela Comissão, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.



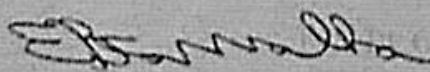
Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

Orientador



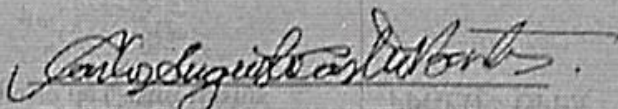
Profa. Dra. Edilza Joana de Oliveira Fontes

Membro da Banca / PPGEH/UFGA



Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho

Membro Externo da Banca / UFGA



Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos

Membro da Banca / PPGEH/UFGA

À Emília Ribeiro, minha mãe, pelas memórias e pela crença na minha força para superar os obstáculos.

Aos meus filhos Danilo e Davi, na esperança de que olhem os rios com o mesmo amor que tenho.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é um sentimento necessário nos dias de hoje. Demonstrar a alguém o quanto suas ações foram significativas e deixaram marcas positivas nos caminhos que trilhamos é reforça nossa condição humana de seres sociáveis. Então, mesmo correndo o risco de omitir alguém, preciso incorrer nesse exercício de expressar o quanto meu percurso foi repleto de pessoas que somaram e avivaram minha confiança e persistência.

Sou grata a Deus pela vida e pelas demonstrações diárias do quanto ele é bom. Também agradeço a Nossa Senhora de Nazaré, pela intercessão e pela proteção, com a ressalva que estaremos no próximo Círio, minha dissertação e eu!

Agradeço ao PROFHISTÓRIA pela oportunidade de cursar essa pós-graduação. Seu formato, desde a seleção até a particularidade de primar pelo acesso à formação continuada dos profissionais que estão em docência é, sem dúvida, o que faz desse programa um exemplo de valorização ao professor da educação básica e que não pode deixar de existir. Por isso digo: vida longa ao PROFHISTÓRIA!

Agradeço a dedicação e o conhecimento dos docentes que compõem o quadro do PROFHISTÓRIA na UFPA/Ananindeua. A todos, sem exceção, minha gratidão!

Minha gratidão imensa ao meu orientador, professor Dr. Wesley Oliveira Kettle. Profissional exemplar. Professor na essência. Sempre preocupado e atento, foi um ser humano sensível o suficiente para reconhecer e saber lidar com as minhas dificuldades e limitações de tempo, de ritmo acadêmico e de cumprir os prazos. Por muitas vezes pensei que não ia conseguir, mas, em todas elas, você me mostrava que eu podia bem mais do que pensava. Muito grata por você acreditar que minhas reflexões sobre os rios poderiam dar frutos no ensino de história. Espero continuar compartilhando com você e com o GRHIN novas reflexões ambientais. Gratidão!

Agradeço a banca examinadora desta dissertação. Ao professor Dr. Ely Bergo de Carvalho pela leitura, contribuições e reflexões, ajudando a dar o formato final a este texto. Ao amigo e professor Dr. Carlos Augusto Bastos que desde a qualificação se dispôs a contribuir com meu trabalho. Saiba que sua presença foi muito significativa para mim. E por fim a professora Dr.<sup>a</sup> Edilza Fontes que na qualificação foi assertiva em suas considerações quanto ao produto final desta dissertação e por isso tem em suas linhas nossa gratidão.

Não posso deixar de mencionar minha gratidão à comunidade da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi. Sou grata à gestão e a coordenação pedagógica

atuantes no período de desenvolvimento do projeto pela compreensão, apoio e pela autonomia para aplicar a pesquisa durante o ano letivo de 2019.

Também sou grata pelo carinho e conversas de todos os colegas professores, que tanto incentivaram, mesmo que indiretamente, a conclusão desta dissertação. Minha gratidão se estende em particular as minhas amigas Thaís França e Geli Cordeiro que gentilmente contribuíram com essa pesquisa, doando seu tempo, conhecimento e dando um apoio constante no desenrolar das atividades e nas conversas que me acalentavam e incentivavam.

Não haveria sentido em agradecer sem falar nos meus queridos alunos do 2º Ano A. Turma tão heterogênea e que fez essa pesquisa ter um ar de desafio e a sensação de conquista ao seu término. Descobri com esses alunos o potencial dos jovens, que muitas vezes são rotulados com adjetivos pejorativos, mas que ao serem desafiados e levados a assumir o papel de protagonistas nesta pesquisa, demonstraram que podem chegar longe, se bem orientados e estimulados.

E ao falar em aulas, como não agradecer aos meus queridos colegas da turma de mestrado do PROFHISTÓRIA de 2018. Não poderia ser melhor! Somos tão singulares e, ainda assim, nos complementávamos! Juntos, fizemos nossa história, repleta de lanches, risos, debates, concordâncias e discordâncias. Fomos presentes, atuantes e autênticos, por isso nem sempre agradamos, mas certamente, deixamos marcas. Salve a melhor turma: PROFHISTÓRIA/2018!

Agora sem dúvida, as sextas e sábados foram melhores com “Os Equânimes”. Somos a prova de como as dificuldades aproximam as pessoas. O fundão era nosso refúgio e de onde víamos tudo e todos. O baiano virou nosso local para relaxar e confraternizar. O que dizer das caronas garantidas com o Fabrício, o Jesimar e o Kédson. Sem contar a viagem para Salvador, onde conseguimos viver tantas coisas em tão pouco tempo. Manos Edivaldo, Carlos e José Luiz e mana Amanda, nossa amizade é verdadeira, regada a goles de alegria e risadas de cumplicidade. Somos equânimes e mesmo que alguns tenham ficado pelo caminho, todos estarão em meu coração. Grata a vocês, amigos, por estarem no lugar certo e na hora certa!

No âmbito familiar, agradeço minha cunhada e comadre Maria Ribeiro pela ajuda com a casa e “os meninos” quando precisei. Ao meu pai, Domingos Ribeiro, por se preocupar comigo e sempre ligar para saber se já cheguei e à minha mãe Emília Ribeiro, que com seu exemplo me ensinou o que é ser guerreira, sempre dividindo comigo suas memórias e estimulando em mim muitas questões que levaram a essa dissertação. Grata mãe, por me socorrer todas as vezes que chamo! Amo vocês!

E findo agradecendo aos meus filhos Danilo e Davi, minha razão para continuar, por serem quem são e terem a importância que tem na minha vida, e a meu companheiro Wilson, por sua ajuda incondicional, pela parceria diária e pela confiança. Desculpem-me pelas ausências, pelo estresse e pela correria. Quero agora estar mais com vocês. Grata por existirem em minha vida, amo vocês!



“Os historiadores são agentes ativos na luta de representações da construção da memória social e, conseqüentemente, da natureza”.  
(CARVALHO, 2013/2014, p. 158).

## RESUMO

O presente estudo aborda a perspectiva ambiental com destaque para os rios nas aulas de história. Tem por objetivo analisar a percepção dos alunos sobre a relação entre os rios Izabelense, Jordão e Caraparu e a história de Santa Izabel do Pará, seguindo os embasamentos teóricos propostos pelo campo da história ambiental. Para tanto, utilizamos da história oral como metodologia para produzir as memórias ambientais izabelenses a partir das falas dos moradores antigos e que, por meio destas, os alunos conheçam os usos, experiências e práticas sociais vivenciadas entre os sujeitos e os rios, ao mesmo tempo em que analisaram as obras existentes sobre a história da cidade, para que entendessem o que esses autores falavam sobre os rios e a natureza ou se não falavam sobre eles. Como produto desta dissertação foi feito, então, o *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses” no qual os alunos em sua escrita e ilustração dos contos utilizaram as memórias ambientais ameadas e com o auxílio das informações presentes nas obras analisadas apontaram os espaços que consideravam significativos para a história do lugar e assim escreveram seus textos que apresentam novas narrativas sobre Santa Izabel do Pará, agora incluindo os rios. Com isso, os alunos refletiram sobre as questões e crises ambientais existente no local, protagonizando a produção do conhecimento e, com o domínio deste, desenvolveram sua consciência ambiental, sendo críticos dos problemas do presente em relação à água e aos rios, podendo exercitar a sua cidadania a partir das questões refletidas nas suas aulas de história.

**Palavras-chave:** Ensino de história. Narrativas históricas. Rios. Memória. História Ambiental.

## **ABSTRACT**

This study approaches the environmental perspective with emphasis on rivers in history classes. It aims to analyze the students' perception of the relationship between the Izabelense, Jordão and Caraparu rivers and the history of Santa Izabel do Pará, following the theoretical basis proposed by environmental history. Therefore we use oral history as a methodology to produce the izabelenses environmental memories from the speeches of the old residents, and through these, the students get to know the uses, relationships and social practices experienced between the subjects and the rivers, at the same time in which they analyzed the existing works on the history of the city, so that they understood what these authors said about rivers and nature or if they did not speak about them. So, as a product of this dissertation, was made the e-book Rivers' tales: izabelenses stories, in which the students in their writing and illustration of the stories used the environmental memories collected with the help of the information present in the works to point out the spaces they considered significant for the history of the place and thus write their texts that present new narratives about Santa Izabel do Pará, now including the rivers. With that, the students reflected on the environmental issues and crises existing in the place, leading the production of knowledge and, with the domain of this, developed their environmental awareness, being critical of the problems of the present in relation to water and rivers, being able to exercise the citizenship based on the issues reflected in their history classes.

**Keywords:** History teaching. Production and diffusion of historical narratives. Rivers. Memory. Environmental History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Trecho da Estrada de Ferro Belém-Bragança que corta a cidade de Santa Izabel do Pará .....	30
Figura 2 -	Caixa de água para abastecimento da locomotiva .....	31
Figura 3 -	Trecho da Ferrovia Belém – Bragança em Santa Izabel .....	36
Figura 4 -	Ilustração do igarapé Izabelense .....	42
Figura 5 -	Mapa do Município de Santa Izabel do Pará .....	45
Figura 6 -	Rio Izabelense, Rio Jordão e seu encontro .....	47
Figura 7 -	Bacia Hidrográfica do Rio Caraparu .....	58
Figura 8 -	Mapa da área localização das comunidades da Areia Branca e do Conjunto Mario Kato .....	82
Figura 9 -	Rio Jordão e seus igarapés .....	115
Figura 10 -	Rio Izabelense e seus igarapés .....	116
Figura 11 -	Rio Caraparu .....	117
Figura 12 -	Joaquim Barros as margens do Rio Jordão .....	122
Figura 13 -	Rio Izabelense segundo Moura Filho .....	127
Figura 14 -	Capa do <i>e-book</i> Contos de Rios .....	162
Figura 15 -	Meninos no rio .....	164
Figura 16 -	Margens do rio .....	165
Figura 17 -	Floresta e Luar .....	166
Figura 18 -	Igarapé .....	168
Figura 19 -	A bela jovem .....	168
Figura 20 -	Banho no Rio Caraparu .....	169
Figura 21 -	Os passeios (caminhos na mata) .....	175
Figura 22 -	Ocupação desordenada dos territórios (lixo nos rios) .....	175
Figura 23 -	Roda de contação de histórias .....	180
Figura 24 -	Orfanato/Escola Antônio Lemos .....	181
Figura 25 -	A Estação e a Maria Fumaça .....	182
Figura 26 -	Trajes de Gala .....	183
Gráfico 1 -	Local de moradia dos alunos .....	81
Gráfico 2 -	Sempre estudou e morou em Santa Izabel do Pará? .....	83

Gráfico 3 -	Já estudou a história de Santa Izabel do Pará? .....	85
Gráfico 4 -	Já estudou temas sobre natureza, meio ambiente ou educação ambiental? .....	87
Quadro 1 -	Atividades do projeto no primeiro semestre .....	98
Quadro 2 -	Relação dos grupos, dos rios pesquisados e dos entrevistados (as) .....	101
Quadro 3 -	Atividades do projeto para o 1º e o 2º semestre A .....	106
Quadro 4 -	Relação dos grupos e seus entrevistados (as) .....	110
Quadro 5 -	Atividades do projeto para o 1º e o 2º semestre B .....	138
Quadro 6 -	Estilo de escrita dos contos .....	151
Quadro 7 -	Pergunta 1 do questionário de avaliação .....	154
Quadro 8 -	Pergunta 2 do questionário de avaliação .....	157
Quadro 9 -	Pergunta 3 do questionário de avaliação .....	159

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Locais apontados pelos alunos como domicílios anteriores.....	84
Tabela 2 - Temas já estudados pelos alunos sobre a história de Santa Izabel do Pará	85
Tabela 3 - Temas já estudados sobre natureza ou meio ambiente .....	88
Tabela 4 - Exemplos de natureza em Santa Izabel e nas comunidades .....	89
Tabela 5 - Por que os alunos gostariam de estudar sobre natureza e meio ambiente nas aulas de história? .....	92
Tabela 6 - Usos feitos pelos moradores dos rios e igarapés izabelenses .....	120

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>SANTA IZABEL DO PARÁ: HISTÓRIA LOCAL, NATUREZA E ENSINO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1</b>	<b>As primeiras obras sobre Santa Izabel do Pará: diálogos com a História Ambiental .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2</b>	<b>A natureza em destaque: obras izabelenses e os debates ambientais .....</b>	<b>43</b>
<b>2.3</b>	<b>Natureza e Ensino de História em Santa Izabel do Pará .....</b>	<b>62</b>
<b>3</b>	<b>MEMÓRIAS DAS ÁGUAS IZABELENSES: PENSANDO O LUGAR E OS RIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>74</b>
<b>3.1</b>	<b>Do lugar e de quem se fala: a Escola Marieta Emmi e a turma do 2º Ano A .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2</b>	<b>Memória das Águas Izabelenses: metodologia e construção .....</b>	<b>95</b>
<b>3.3</b>	<b>Os rios nas memórias izabelenses: analisando as entrevistas .....</b>	<b>109</b>
<b>4</b>	<b>CONTOS DE RIOS: AS MEMÓRIAS AMBIENTAIS NO PRODUTO .....</b>	<b>136</b>
<b>4.1</b>	<b>A obra em construção: a escrita e a ilustração dos contos .....</b>	<b>137</b>
<b>4.2</b>	<b>As memórias e os contos no ensino de história .....</b>	<b>153</b>
<b>4.3</b>	<b>A memória ambiental nos textos e imagens: análise dos contos .....</b>	<b>162</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>185</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>193</b>
	<b>APÊNDICE A – CARTA CONVITE .....</b>	<b>193</b>
	<b>APÊNDICE B – CARTA DE CESSÃO .....</b>	<b>194</b>
	<b>APÊNDICE C – FICHA COM OS DADOS DOS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>195</b>
	<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS ALUNOS .....</b>	<b>196</b>
	<b>APÊNDICE E – PROPOSTA DE ROTEIRO PARA A ENTREVISTA .....</b>	<b>197</b>
	<b>APÊNDICE F – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES FEITAS NO PROJETO “MEMÓRIAS DAS ÁGUAS IZABELENSES” .....</b>	<b>198</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>199</b>
	<b>ANEXO 1 - ENTREVISTA DA MORADORA KÁTIA NOGUEIRA .....</b>	<b>199</b>
	<b>ANEXO 2 - ENTREVISTA DA MORADORA EMÍLIA RIBEIRO .....</b>	<b>200</b>
	<b>ANEXO 3 - ENTREVISTA DA MORADORA LINA SILVA .....</b>	<b>202</b>

ANEXO 4 - ENTREVISTA DA MORADORA MARIA DE NAZARÉ .....	203
ANEXO 5 - ENTREVISTA DO MORADOR MILTON MONTEIRO .....	204
ANEXO 6 - ENTREVISTA COM A MORADORA RAIMUNDA SILVA .....	206
ANEXO 7 – ENTREVISTA DA MORADORA ELIDIANE PIMENTEL .....	207
ANEXO 8 - ENTREVISTA COM A MORADORA MARIA HELENA .....	209
ANEXO 9 - ENTREVISTA COM A MORADORA MINERVINA SOUZA....	210



## 1 INTRODUÇÃO

Tollenare, nos começos do século XIX, viu no Capibaribe “famílias inteiras mergulhando no rio e nele passando parte do dia, abrigadas do sol sob pequenos telheiros de folhas de palmeira; cada casa tem o seu, perto do qual há um pequeno biombo de folhagem para se vestir e despir”. O francês surpreendeu nesses banhos “a mãe amamentando o filho, a avó mergulhando ao lado dos netos e as moças da casa, traquinando no meio dos seus negros, lançarem-se com presteza e atravessarem o rio a nado”. Algumas dessas moças ele chegou a ver nuas, as nádegas todas de fora, verdadeiras “náiades sem véu”.

Mas não se limita a essa nota de volutuosidade o depoimento de Tollenare sobre as margens do rio pernambucano. O francês escreveu que era raro encontrar margens mais risonhas que as do Capibaribe. A água era tão clara que se enxergava o fundo de areia pura “que toma um colorido verde-esmeralda escuro do reflexo da folhagem em meio da qual vê-se esvoaçar o cacique, de ninho suspenso, o cardeal, vestido de escarlate, e mil pássaros adornados de brilhante plumagem”. Em redor da canoa em que ele subiu o rio até o paço, viam-se de vez em quando “cardumes e pequenos peixes”. Arrastando-se pelas margens, “miríades de caranguejos”; e “à entrada de suas tocas, pelos lugares mais elevados, tatus e cutias”. Só não chegou a ver jacarés nem os enormes sapos-cururus, tão temidos pelos meninos e muito utilizados no catimbó da região.

(FREYRE, 2004, p. 64-65).

Esta narrativa feita a partir dos relatos do francês Louis François de Tollenare<sup>1</sup> foi utilizada por Gilberto Freyre na sua obra “Nordeste”<sup>2</sup>, onde a água aparece apontada como um item de extrema importância para o desenvolvimento da região e da atividade canavieira. Tal era a relevância das águas dos riachos e rios que os nomes dos engenhos faziam referência à água<sup>3</sup>, servindo muitas vezes para a cura por meio de banhos receitados ou pela fé dos que acreditavam em sua função milagrosa, sendo então um local de rituais ou um local onde se comemoravam as festas como, por exemplo, o Natal ou o Dia de Reis.

O trecho em destaque trata de como o rio Capibaribe foi descrito pelo olhar observador e atento de um estrangeiro, que aponta as experiências e usos vistos por ele ao navegar de canoa por suas águas. Banhos em família, com direito à natação e brincadeiras entre as moças das casas e os seus negros. Sem contar que a beleza do rio, com suas águas

<sup>1</sup> Louis François de Tollenare foi comerciante, industrial, político e escritor. Esteve no Brasil no início do século XIX. Foi fundador do Hospital Saint-Jacques de Nante e membro da Academic Society of Nantes. Dentre as várias obras publicadas, destacamos a que foi utilizada por Gilberto Freyre intitulada “Notas dominicais tomadas durante a viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818” (parte relativa a Pernambuco traduzida do manuscrito francês inédito por Alfredo de Carvalho). Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, nº 61-62, 1904. Disponível no link: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg114650/drg114650.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg114650/drg114650.pdf). Acessado em 02/09/2020.

<sup>2</sup> Tratamos em específico do capítulo que o autor chamou de “A cana e a água”. Ver: FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7ª edição revisada - São Paulo: Global, 2004.

<sup>3</sup> Alguns dos nomes desses engenhos eram: “[...] Ribeiro da Pedra, Poço Comprido, Vertente-de-Cima, Vertente Grande, Alagoa do Meio, Água Azul, Ribeiro Grande [...]” (FREYRE, 2004, p. 63), dentre tantos outros nomes que remetiam à água ou aos riachos e rios.

transparentes e límpidas, com uma vivacidade aquática e uma riqueza de animais que habitavam e circulavam pelas margens e nas proximidades deste rio, também foram descritas.

Vemos, assim, que Gilberto Freyre dialoga com essas informações para demonstrar o quanto os rios foram relevantes tanto para os engenhos com suas casas-grandes, quanto para as iaiás e os ioiôs da cidade do Recife. Isto se expressava nas construções feitas sempre de frente para os rios, pois o rio era honrado, sendo inclusive escolhido como a melhor opção para o deslocamento do que as viagens desconfortáveis pelos “caminhos cheios de poeira e de lama” (FREYRE, 2004, p. 63).

Os banhos de rio, segundo Freyre, figuravam como a principal prática vivenciada no cotidiano desses sujeitos. Fosse no rio Capibaribe, no Beberibe, no Tambiá ou no Caxangá, essas práticas sociais marcavam as relações estabelecidas entre as pessoas e serviam como um espaço de socialização entre homens, mulheres, crianças, libertos e escravizados, fosse para o lazer, trabalho, experiências românticas ou mesmo como rota de fuga. Não importava se fosse pelas manhãs, nas tardes ou nas madrugadas, os rios eram espaços intimamente ligados às experiências sociais tanto dos engenhos, quanto da vida urbana do Recife.

Para Gilberto Freyre (2004), ao mesmo tempo em que os rios foram usados e muito relevantes para a atividade canavieira, os mesmos produtores acabavam por tratá-lo com desprezo. Isso fica evidente na afirmativa feita por Freyre de que

O monocultor rico do Nordeste fez das águas dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas. E as caldas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste. (FREYRE, 2004, p. 71).

Vemos, então, fatores que vão cooperar para o desuso dos rios na região Nordeste, levando ao abandono das águas de rios como o Capibaribe que no início do século XIX são descritos por L. F. de Tollenare como um rio de margens risonhas e águas límpidas. Todos os dejetos resultantes da produção dos engenhos eram despejados nos riachos e rios ficando seu uso quase impraticável, exceto pelas pessoas das camadas inferiores que ainda habitam suas margens e se banham em suas águas poluídas. Do século XIX para o XX, Freyre (2004) destaca o afastamento da sociedade em relação aos rios.

Nesta leitura, encontramos uma grande aproximação com as reflexões que nos propomos a tecer nesta dissertação. Vivendo em uma cidade amazônica, tivemos a oportunidade de usufruir de muitos momentos de lazer com banhos em família nas águas de vários rios que cortam a cidade de Santa Izabel do Pará. Nossas memórias nos remetem a

momentos de alegria e diversão, onde os passeios de canoa nos levavam a cruzar o rio, passando de um igarapé a outro e observando as árvores que cercavam seu percurso e eram a morada de várias aves.

Muitos desses rios possuíam a água tão limpa que era possível ver a areia fina e amarela que sentíamos em nossos pés. Várias plantas aquáticas existiam nesses rios e uma das nossas brincadeiras era fazer colar com o caule de uma dessas plantas. Em alguns dias, quando a água que abastecia as casas faltava, nos dirigíamos a esses igarapés para tomar banho e algumas vezes lavar louça ou roupa. Essas experiências, que marcaram nossa infância, nos permitem hoje ter essas memórias que são fortemente nostálgicas por conta da atual impossibilidade dessas experiências serem vivenciadas por nossos filhos e alunos.

As conversas em família, onde as histórias da infância e adolescência de nossa matriarca e seus irmãos também relatavam dos banhos e usos que a família fazia do rio que passava próximo a sua residência. Os irmãos pequenos que iam tomar banho e brincar no rio ou as lavagens de roupa feitas por nossa avó que levava sempre nossa mãe para acompanhá-la e usava um trecho do rio que nosso avô havia preparado com uma tábua para seu uso, é uma dentre tantas experiências relatadas e que fizeram parte da história de vida da família e de todo um grupo de moradores da rua próxima ao rio Jordão.

Crescemos com essas memórias afetivas sendo contadas e constantemente retomadas reforçando a existência de uma natureza viva e com a qual os moradores conviviam. Essas falas nos levavam por muito tempo a nos indagar se outras pessoas que moraram em Santa Izabel do Pará na segunda metade do século XX também possuíam memórias sobre os rios e igarapés do espaço da cidade da mesma forma que nossa família.

Tais experiências pessoais e familiares nos levaram a alimentar há muitos anos o desejo de escrever sobre as águas de Santa Izabel do Pará. Com doze anos de magistério na Secretaria Estadual de Educação do Pará, sempre buscamos desenvolver com as turmas que trabalhamos projetos de pesquisa e práticas pedagógicas que valorizassem o protagonismo dos jovens e o município de Santa Izabel do Pará. Infelizmente, ainda não havia realizado dentre essas atividades nada referente aos rios, ou às memórias das águas deste lugar.

A possibilidade de desenvolver este estudo nesta dissertação ressurgiu nas orientações iniciadas em 2018 onde retomamos algumas questões levantadas durante as aulas ministradas na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi, na cidade de Santa Izabel do Pará, nas turmas de 1º ano, nas quais detectamos que os nossos alunos não reconheciam no espaço da cidade a presença de natureza e, mais que isso, não reconheciam a

existência de rios no centro da cidade, pois, para os alunos, os rios urbanos da cidade eram apenas valas com esgoto.

Com estas constatações iniciamos este estudo com os alunos visando construir as memórias dos moradores mais antigos da cidade sobre as águas (rios e igarapés urbanos e da vila de Caraparu que é parte de um dos distritos do município) para que a partir da análise de tais falas os jovens conhecessem as relações e usos estabelecidos entre esses sujeitos com os rios, estimulando seu olhar sobre o meio ambiente e que tivéssemos as aulas de história como o espaço também para esses debates ambientais.

Ademais, refletimos as demandas percebidas no presente sobre abastecimento de água potável e a poluição dos rios e igarapés, realizando análises nas quais as memórias ambientais de Santa Izabel do Pará – em construção – levassem os alunos a compreender que precisamos historicizar as relações dos moradores antigos com os rios no passado para percebermos os fatos ocorridos e que modificaram essas relações e a paisagem desses espaços.

Levantando tais questões no ensino de história possibilitamos que os alunos, através das entrevistas feitas com os moradores antigos da cidade e da vila de Caraparu, juntamente com a leitura e análise das obras já produzidas sobre a história de Santa Izabel do Pará e Caraparu, venham a conhecer de forma mais ampla sobre seu lugar, refletindo sobre as relações vivenciadas entre a sociedade e o meio ambiente que o cerca.

Para podermos dialogar nas aulas com as questões ambientais, bem como sobre a crise ambiental gerada pelas ações antrópicas e as mudanças por elas provocadas, passamos a nos utilizar dos debates teóricos da história ambiental, que Donald Worster (1991, p. 200) aponta emergirem, juntamente com as questões geradas pelo movimento ambientalista e por uma crise global que promoveu uma demanda moral e de um suporte político muito grande, tornando-se uma questão acadêmica e que mostra a interação entre os seres humanos e o ambiente natural e como um afetou ao outro, bem como o resultado dessas aproximações. Worster refere como sendo os grandes produtores dos debates historiográficos ambientais os norte-americanos, no final do século XX, e os franceses, destacando a importância dos estudos feitos desde 1929, na revista *Annales*<sup>4</sup>.

Um dado importante apontado pelo autor é que os historiadores ambientais têm feito suas melhores produções levando em conta os níveis de análise cultural, refletindo sobre

---

<sup>4</sup> Worster cita Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e Emmanuel Le Roy Ladurie. Para maiores detalhes sobre tais referências, ver: WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, vol.4, n° 8, 1991, PP. 198-215.

como os homens pensam a natureza. Mas, para Donald Worster (1991), este olhar sobre as questões culturais não deve fundamentar uma disjunção entre a cultura e a natureza, ao contrário, para que a história ambiental cumpra seu papel social ela precisa fazer com que as pessoas construam um olhar crítico e de pertencimento à natureza, entendendo que as relações estabelecidas entre ambos variam de acordo com os vários tempos históricos que estão vivenciando.

Com esse entendimento, realizamos uma pesquisa na qual pudemos demonstrar o quanto o ensino de história pode ser significativo, crítico e transformador ao abordar temáticas como o estudo dos rios e dos espaços significativos na cidade para os alunos, pois os aproximou do lugar em que vivem, assim como estimulou nesses jovens a leitura e a escrita, elementos fundamentais para seu desenvolvimento intelectual e para os processos seletivos aos quais serão submetidos como, por exemplo, o ENEM.

A metodologia de pesquisa foi a história oral com a produção de entrevistas, o que permitiu aos alunos construírem as memórias de práticas e experiências sociais dos moradores antigos da cidade, que narraram como eram os rios e quais usos faziam deles, abrindo uma porta para o conhecimento daquilo que nomeamos memórias ambientais izabelenses<sup>5</sup>, que teve nesse estudo apenas o início de sua construção.

A partir desta experiência, com a produção de fontes orais, vimos se desenvolver nos alunos um protagonismo frente à produção do conhecimento, pois o processo de entrevistas tirou os mesmos da sala de aula, motivando-os a refletir sobre as memórias coletadas junto com as obras existentes sobre Santa Izabel do Pará, para que compreendessem as diversas interações que existiram anteriormente entre os sujeitos e os rios e que hoje não são vivenciadas no espaço urbano da cidade por conta da poluição e da transformação da paisagem.

Então o estudo do local foi para nós o campo que nos deu maior segurança para iniciar com os alunos essas reflexões nas aulas de história. Poderíamos ter optado por outras temáticas que estão dentro do desenho curricular da série que os nossos alunos cursavam, mas escolhemos falar do lugar onde esses jovens vivem para que, dominando o conhecimento sobre a história do seu lugar, refletida também à luz das questões ambientais tão relevantes nos dias atuais, possam consolidar sua consciência crítica e ambiental e, assim, exercer sua cidadania para as questões locais, mas também para as nacionais.

---

<sup>5</sup> No segundo capítulo desta dissertação nos debruçaremos melhor sobre a compreensão do conceito de memória ambiental utilizado para essa dissertação, apresentando nosso suporte teórico para tal ideia.

O resultado deste estudo pode ser visto no *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses”, obra onde foram publicados os textos produzidos pelos alunos e está disponível na Biblioteca Digital do Laboratório Virtual de Ensino de História ([www.lveh.ufpa.br](http://www.lveh.ufpa.br)), articulando as memórias ambientais com a análise das referências bibliográficas existentes sobre Santa Izabel do Pará, contribuindo com a escrita da história da cidade com textos que abordam um aspecto pouco evidenciado nas pesquisas realizadas anteriormente, que seria a natureza, especificamente os rios e igarapés que cortam a cidade e a comunidade de Caraparu, possibilitando aos alunos envolvidos na pesquisa e aos leitores deste livro digital conhecer sobre a história de Santa Izabel do Pará e o meio ambiente.

A ideia de produção do *e-book* estava consolidada, no entanto, ainda existiam algumas dúvidas sobre o estilo de escrita, o público a quem a obra seria direcionada e quem produziria seus textos. Foi com a qualificação e as sugestões feitas pela banca que amadurecemos a ideia de produzir uma obra com contos que seriam escritos pelos alunos participantes da pesquisa e que o público alvo dessa obra seriam outros jovens que necessitam conhecer mais sobre a história do seu lugar.

Para chegarmos nesse resultado, fomos amadurecendo com os alunos no decorrer do processo de pesquisa, aulas de orientação, trabalhos semanais em sala de aula ou nas conversas por áudio e texto no grupo criado pelo aplicativo, a noção de que os registros das memórias presentes nas entrevistas, em alguns casos, confirmam as afirmativas presentes nas obras dos pesquisadores e memorialistas que tratam da história do lugar. Em outros momentos, as informações poderiam complementar as práticas sociais cotidianas que não tinham ainda sido destacadas. No geral, não objetivamos desmerecer ou questionar a validade do que fora produzido pelos autores anteriormente, mas visamos elaborar narrativas que incluíssem por meio das memórias o campo ambiental, em especial os rios e suas interações com a sociedade izabelense principalmente na segunda metade do século XX.

Para que todos possam compreender como esse processo foi sendo realizado, apresentamos a seguir os capítulos e tópicos que fazem parte desta dissertação. A mesma está dividida em três capítulos, cada um também subdividido em três itens. No decorrer de nossa narrativa explicamos como foi sendo organizada a pesquisa, desde as suas bases teóricas e metodológicas, a sua execução no espaço escolar e fora dele, bem como a produção e análise do *e-book* “Contos de Rios”, produto deste estudo.

Iniciamos com o capítulo “Santa Izabel do Pará: história local, natureza e ensino de História” no qual traçamos um panorama sobre a história da cidade e da vila de Caraparu, fazendo uma apresentação do lugar ao mesmo tempo em que dialogamos com as obras

existentes sobre a cidade e os teóricos da história ambiental, primando pelo entendimento de como a pesquisa realizada nas aulas de história contribui para a produção das memórias sobre as águas e daí para a escrita da história do lugar que incluísse os rios Izabelense, Jordão e Caraparu.

Para tanto, dialogamos no subitem “As primeiras obras sobre Santa Izabel do Pará: diálogos com a história ambiental” com os autores Carlos Araújo (1981), Nestor Herculano Ferreira (1984) e José Tavares de Moura Filho (1989), que escreveram seus textos na década de 80 do século XX, analisando como esses autores apresentam, ou se não destacam os rios em suas obras, sempre dialogando com os teóricos da história ambiental visando compreender como a pesquisa em andamento poderia auxiliar na escrita de uma história izabelense com a presença da natureza.

No subitem “A natureza em destaque: obras izabelenses e os debates ambientais” dialogamos com dois autores, a saber: Minervina Souza (2012) e Raimundo Franciel Paz (2012) que além de terem em comum o ano da publicação de sua obra, também se caracterizam por referenciar em suas obras os rios. Procuramos, no entanto, dialogar com esses autores para compreendermos em que medida seus trabalhos poderiam auxiliar nossos alunos na pesquisa, bem como os limites que essas obras apresentavam em relação ao estudo dos rios e como as memórias em construção acrescentariam elementos para uma escrita mais completa sobre a história do lugar.

Para concluirmos esse processo de debates teóricos, adentramos no subitem intitulado “Natureza e Ensino de História em Santa Izabel do Pará” onde procuramos tecer argumentações que justifiquem a importância desta pesquisa para o ensino de história. Também consolidamos os argumentos para entendermos a escolha do campo de análise para esta pesquisa, que foi a história local, assim como visamos dialogar com os autores que demonstram a importância, para esta pesquisa, do recurso metodológico da história oral para a produção das memórias sobre as águas, sempre tendo em vista a compreensão de sua relevância para o aprendizado da história e para a formação dos estudantes enquanto cidadãos conscientes e críticos.

Dando continuidade à dissertação, chegamos ao segundo capítulo que tem por nome “Memórias das Águas Izabelenses: pensando o lugar e os rios no ensino de história”, no qual nos aprofundamos na pesquisa realizada com os alunos e nas memórias ambientais resultantes desse processo. Subdividido em três partes, iniciamos com o tópico “Do lugar e de quem se fala: a Escola Marieta Emmi e a turma do 2º Ano A” no qual vamos apresentar o

espaço da escola e o que motivou a sua escolha e onde também tratamos da turma do 2º Ano A com a qual desenvolvemos a pesquisa, destacando os fatores que levaram a sua escolha.

No subitem seguinte “Memória das Águas Izabelenses: metodologia e construção” abordamos o processo de construção da pesquisa, com suas descobertas, dificuldades e contribuições para o ensino da história, bem como destacamos a importância da metodologia da história oral na produção das memórias e como esse processo estimulou o protagonismo e um novo olhar dos estudantes sobre o ensino de história e as questões ambientais.

“Os rios nas memórias izabelenses: analisando as entrevistas” encerra o capítulo, tendo como ponto central a análise das memórias ambientais em construção pelos alunos, onde visamos destacar o que os moradores apontaram como usos, experiências e práticas sociais que contribuíram com a escrita de novas histórias sobre o lugar, destacando os rios na condição de agentes envolvidos em um processo de interação com a sociedade e como um espaço significativo pela importância que lhe é imputado para a imagem feita de Santa Izabel do Pará como “cidade dos igarapés” que, no entanto, passou a sofrer com a crise gerada com a sua poluição levando ao seu desuso.

No terceiro capítulo intitulado “Contos de rios: as memórias ambientais no produto” tratamos do processo de escrita e análise do *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses” onde os alunos construíram novas narrativas que, ao contar a história de Santa Izabel do Pará e da vila de Caraparu, o fazem entrelaçando os sujeitos e os rios. Passamos a apresentar todo o processo de produção dos contos e como as orientações, leituras e sugestões feitas por nós, auxiliaram na produção dos grupos à medida que foram criando e construindo seus textos e ilustrações, estabelecendo uma aproximação entre as memórias ambientais por eles amalhadas e os espaços e contribuições feitas pelos autores analisados e lidos pelos alunos.

“A obra em construção: a escrita e a ilustração dos contos” vêm nos apresentar o processo metodológico em que os alunos realizaram a escrita e a ilustração dos contos. Destacando os pormenores da produção, reuniões, leituras e análises feitas para um melhor resultado daquilo que seria apresentado pelos grupos, sem perder de vista a necessidade de valorização das memórias ambientais pesquisadas junto aos moradores, e ainda a possibilidade de estabelecer como lugar para suas ações as referências e espaços por eles considerados significativos e que se faziam presentes nas obras dos autores anteriormente lidos e analisados.



Como uma forma de compreender em que medida a pesquisa e as aulas de história alcançaram êxito naquilo a que se propuseram utilizamos o subitem “As memórias e os contos no ensino de história” para analisar um último questionário apresentado aos alunos para que os mesmos demonstrassem as suas percepções sobre a atividade desenvolvida durante o ano letivo e como essa atividade pode ter contribuído para transformar seu olhar sobre os rios na sua cidade e a importância de preservar e cuidar do meio ambiente.

Concluimos com o subitem “A memória ambiental nos textos e imagens: análise dos contos” onde nos propomos a analisar os temas abordados nas memórias ambientais e como os alunos fizeram seu uso nos contos, tanto nos textos como nas imagens, para compreendermos como eles se apropriaram das informações produzidas nas memórias e estabeleceram um diálogo entre elas e as obras que analisamos anteriormente para a construção do espaço onde as ações dos contos ocorriam e incluir referências sobre os espaços considerados significativos para a história do lugar.

Apresentando tais argumentos, entendemos poder afirmar que as aulas de história podem ser espaços em que as questões ambientais façam parte constantemente das propostas curriculares a serem estudadas. A atividade que desenvolvemos permitiu que os alunos modificassem seu olhar quanto aos rios urbanos, o Izabelense e o Jordão, que existem em Santa Izabel do Pará, assim como percebessem a necessidade de preservar e cuidar do rio Caraparu para que a natureza tão valorizada e utilizada para referenciar a cidade se mantenha viva e útil, não caindo em desuso.

Ao mesmo tempo, contribuimos para a escrita da história do lugar, estimulando os alunos na leitura, análise e produção de textos em formato de contos, que juntos no *e-book* “Contos de Rios”, vai estar disponível para leitura de outros jovens e para o uso de professores que desejem narrar histórias da cidade para seus alunos que incluam os rios como agentes importantes e a questão ambiental como parte importante para a reflexão e o estudo do lugar.

Nossa proposta pode ser utilizada em outras séries, por outros professores e em outros lugares do nosso estado e fora dele, pois nosso maior interesse é contribuir com práticas pedagógicas que sejam utilizadas no ensino de história e que incluam a natureza e as questões ambientais, para que o ensino de história seja mais amplo, significativo e não se perca apenas nos debates sobre o passado, mas que consiga estabelecer vínculos e diálogos permanentes com os temas do presente e que são caros para a sociedade e para a manutenção do planeta em que vivemos.

## **2 SANTA IZABEL DO PARÁ: HISTÓRIA LOCAL, NATUREZA E ENSINO DE HISTÓRIA**

Nesta seção, analisaremos as obras produzidas sobre o município de Santa Izabel do Pará, percebendo o que os autores apresentam a respeito da natureza, fazendo uma relação destas produções e suas aproximações (ou não) com os debates propostos pela história ambiental, destacando sua importância para compreendermos a interação entre o meio ambiente e a sociedade, além de apontarmos como o ensino de História pode auxiliar nesse processo de interação e de conscientização ambiental.

Tal análise permitiu-nos iniciar uma reflexão sobre as relações e usos que os moradores antigos vivenciaram com os rios e igarapés que atravessam a cidade e o distrito de Caraparu. Pontuam-se a relevância destas relações e usos como elementos analisáveis por elaborar subsídios para que os estudantes do 2º ano (turma A) do Ensino Médio da Escola Marieta Emmi pudessem realizar leituras e produzir suas narrativas textuais em forma de contos, nos quais a história de seu município foi apresentada a partir do olhar que privilegia as relações sociedade- natureza e suas interações.

Assim, no tópico “As primeiras obras sobre Santa Izabel do Pará e a natureza: diálogos com a história ambiental” abordamos algumas obras já produzidas cuja temática foi o município de Santa Izabel do Pará, discutindo como a natureza – especificamente os rios e igarapés – nelas aparecem ou se prevalece uma ausência sobre o meio ambiente nas mesmas.

Concomitantemente, estabelecemos articulações com os debates teóricos que fundamentam a história ambiental, salientando como este campo de produção historiográfica pode estimular nas aulas de história uma sensibilidade para a percepção da natureza como um agente presente nos processos históricos, historicizando a relação e os usos estabelecidos entre a sociedade izabelense no final do século XIX até o XX (período analisado pelos autores) com os rios e igarapés urbanos e da vila de Caraparu. Destacamos que essas obras foram usadas pelos estudantes como fonte para cruzamento de informações com as entrevistas feitas e, assim, iniciar as suas produções narrativas sobre a história de sua cidade.

Em “A natureza em destaque: obras izabelenses e os debates ambientais históricos” continuamos abordando outras obras que não apenas citam a natureza, mas realizam debates sobre o meio ambiente e/ou dialogam com a história ambiental, destacando como essas memórias se aproximam ou não das discussões a serem feitas nesta dissertação, sempre buscando a importância das águas para a reconstrução do cotidiano da cidade de Santa Izabel e da vila de Caraparu pelo século XX, apontando as características hidrográficas da

região e como os rios são relevantes para a formação do município, além de realizar análises específicas em relação à vila de Caraparu, tratando sua origem e como o rio (de mesmo nome) foi fundamental à formação e ocupação espacial da região do século XVIII ao século XX. Pudemos, então, estabelecer articulações entre a pesquisa das memórias realizadas nesta dissertação e as obras analisadas para compreender a importância do seu debate nas aulas de História.

Apresentamos a importância dos debates ambientais e da discussão sobre a natureza no ensino de História no tópico “Meio Ambiente e Ensino de História em Santa Izabel do Pará”, enfatizando tal prática como um mecanismo pedagógico que faz as aulas mais interessantes, por apresentar questões mais atuais e do cotidiano dos alunos, de forma crítica e reflexiva, possibilitando que os alunos percebam a constante interação entre sociedade e natureza, além de ser um processo transformador ao proporcionar aos estudantes aportes e conhecimentos para debaterem sobre as questões do seu lugar, após terem mergulhado nas histórias e memórias dos sujeitos pretéritos.

## **2.1 As primeiras obras sobre Santa Izabel do Pará: diálogos com a História Ambiental**

Pesquisar Santa Izabel do Pará seria uma missão muito difícil sem recorrermos aos autores que já realizaram tal empreitada. Temáticas sociais, culturais, econômicas e políticas, seguindo uma tendência semelhante às que foram realizadas pela historiografia brasileira e mundial<sup>6</sup>, já foram fios condutores das análises apresentadas por esses autores.

Neste estudo, selecionamos algumas obras para pensarmos o que foi produzido sobre a cidade de Santa Izabel do Pará e, mais do que isso, o que não vem sendo abordado nestes trabalhos, permitindo assim um novo olhar para a história deste município que transcenda as observações costumeiras e que eleve de forma significativa o conhecimento e o interesse de jovens pela sua história, construindo laços de identidade e fundamentado em olhares críticos e transformadores sobre o seu lugar e a realidade em que vivem a partir de análises que levem em conta a natureza<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>Faço referência às mudanças sofridas pela historiografia ao longo do século XX e que levam à novas escolhas feitas pelos historiadores atuais, provocando debates inovadores na história. Sobre essas transformações pelas quais a base teórica e metodológica da historiografia passou, ver: BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. *In*: \_\_\_\_\_. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 7-38.

<sup>7</sup> Em artigo intitulado História e Meio Ambiente, Marcos Lobato Martins chama atenção para o fato que a historiografia produzida no decorrer dos séculos não tem apontado em suas análises a variável natureza ou meio ambiente. De maneira geral, ainda hoje a maioria das produções historiográficas debatem de forma rasa ou não abordam reflexões ambientais ou sobre o espaço no qual o processo estudado está inserido. Para

Nosso objetivo é apresentar um trabalho que seja significativo e parta do cotidiano dos alunos, por meio de uma história das águas de sua cidade, refletindo em temporalidades distintas, desde o final do século XIX, através da análise das obras já escritas, até o final do século XX, com respaldo das fontes orais produzidas pelos alunos em entrevistas com os moradores de Santa Izabel, para conhecer quais as relações e usos feitos dos igarapés e rios que cortam o espaço urbano e a vila de Caraparu e, principalmente, perceber como as aulas de história são espaço relevante para essa empreitada.

Reconhecemos a importância da questão temporal e da sua delimitação nas pesquisas historiográficas. Marc Bloch (2001, p. 55) já afirmava que “a história é a ciência dos homens no tempo” demonstrando a importância deste, o tempo, para as análises e narrativas feitas tanto pelos historiadores quanto pelos professores. Ana Maria Monteiro (2011, p. 1) afirma ser consenso que operar historiograficamente “[...] implica operar no tempo e com o tempo como instrumentos de inteligibilidade e de atribuição de sentidos aos processos e fenômenos que são objetos de investigação”.

Acima de tudo, como afirma José D’Assunção Barros, o tempo histórico é um tempo humano e ao mesmo tempo social por incluir não somente a análise de tempo de um indivíduo, mas da comunidade em que vive. Portanto, seria essencial na análise historiográfica

[...] a passagem do homem sobre a Terra, o que inclui tudo aquilo que, tocado pelo homem, transformou-se, e também aquilo que, vindo de fora, transformou a vida humana [...] e também as interferências impostas pelos homens no seu meio ambiente, constituem objetos de interesse dos historiadores [...] (BARROS, 2013, p. 20).

Compreendemos que a história ambiental, enquanto um campo do conhecimento pautado na relação entre sociedade e meio ambiente e nas suas interações, considerando não apenas as ações humanas, mas a natureza como um agente presente e que pode ser percebido de acordo com as transformações históricas nas quais está inserida, também precisa fundamentar-se quanto às questões temporais como um mecanismo para compreensão dos processos de transformação empreendidos entre sociedade e natureza em uma história de um período longo.

Para tanto, seguimos o pressuposto compartilhado por Donald Worster (1991, p. 200) para refletirmos sobre a relevância da natureza no ensino de história quando nos fala que

---

maiores esclarecimentos, ver: MARTINS, Marcos Lobato. História e Meio Ambiente. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.) **Saberes Ambientais**: para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 65-78.

a história ambiental emerge com o objetivo de “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente”, sem perder de vista os seus resultados, compreendendo, assim, as suas interações.

Worster aponta três campos de atuação nos quais os pesquisadores da história ambiental podem transitar<sup>8</sup>. Dentro desta dissertação, nos aproximamos de dois desses três campos. Quando refletimos sobre as ações de viés econômico e/ou sociais realizadas pelos sujeitos pretéritos nessas águas, ou se os moradores ainda percebem possibilidades de uso para esses rios e igarapés hoje, nos aproximamos de um campo que Donald Worster (1991, p. 201-202) liga às questões sociais e econômicas referentes à interação dos seres humanos com o meio ambiente.

Já ao refletirmos se os rios e igarapés são percebidos como natureza e qual o significado e a relação que os moradores estabeleceram com eles no passado e estabelecem hoje, nos aproximamos daquele campo apontado por Worster(1991, p. 201-202) como próprio do ser humano, ligado ao aspecto cognitivo, sobre os valores e entendimento que os seres humanos têm da natureza.

Destacamos que os debates historiográficos ligados a chamada história ambiental só surgem na década de 70 do século XX nos Estados Unidos da América, o que nos permite compreender o porquê esse aspecto e debates ligados ao meio ambiente e as relações entre sociedade e natureza ainda não eram foco, ou o centro, das primeiras análises dos historiadores e/ou memorialistas a produzir pesquisas locais.

Com esse olhar, vamos abordar as bibliografias já escritas sobre o município de Santa Izabel do Pará, buscando identificar o que os autores citados apontaram em seus escritos sobre os rios e igarapés que compõem o espaço da cidade e da vila de Caraparu, ou se deixam de destacar a natureza, apenas apontando-a em suas obras por outros fatores secundários para, posteriormente, propor seu uso na pesquisa desenvolvida com os estudantes da turma do 2º Ano A da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi.

*História de Santa Izabel do Pará* é a primeira obra a ser analisada. Foi escrita por Carlos Araújo<sup>9</sup> no ano 1981, que após publicar obra na qual narra a história dos fundadores da

---

<sup>8</sup> O primeiro seria o campo que fundamentaria suas análises nos ecossistemas, orgânicos, inorgânicos, os organismos humanos e suas transformações. Ver: WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.4, n 8, 1991, p. 198-215.

<sup>9</sup> Carlos Alberto Costa de Araújo, natural da cidade de Castanhal, é jornalista, escritor e pesquisador. Na época em que lançou a referida obra tinha 28 anos e era dono do Jornal Gazeta do Interior, em sua cidade natal. Além da obra analisada na presente dissertação, Carlos Araújo já havia publicado duas obras anteriores: “O Paranormal e Seus Mistérios” e “Epopéia de um Povo”, sendo a última um relato sobre a história dos

cidade de Castanhal, sua terra natal, vem lançar análises sobre a formação de Santa Izabel do Pará, traçando um panorama analítico que considera o desenvolvimento desta localidade associado com o processo de colonização da região bragantina e suas origens estariam interligadas à utilização do antigo “Caminho do Maranhão” pelos colonos portugueses, desde o século XVII, como uma rota alternativa para deslocamento por terra da região do Maranhão até as cercanias da futura Cidade do Pará<sup>10</sup> e que passava por terras que se tornariam Santa Izabel do Pará. O autor nos explica:

Este caminho do Maranhão foi aberto pelos índios Tupinambás, antes da chegada dos desbravadores e colonizadores portugueses. Nascia em uma aldeia maranhense conhecida por Tapuitapera (hoje Alcântara) e findava no Pará em uma localidade que ainda hoje se chama Aurá. (ARAÚJO, 1981, p. 26).

Os colonizadores utilizaram tal caminho ou estrada para a exploração, a colonização e a introdução de habitantes para povoamento. E, assim, durante o período colonial e imperial fora pensada a proposta de desenvolver uma rota por via terrestre que ligasse Belém à Bragança, seguindo o antigo traçado e por onde se pudessem obter vantagens com a ocupação daquela região (ARAÚJO, 1981, p. 26-27).

Segundo Carlos Araújo (1981, p. 28) a abertura da Colônia de Benevides<sup>11</sup> serviria como passo inicial para a colonização efetiva da estrada de Bragança. O desenvolvimento da região bragantina, a criação da colônia de Benevides e a imigração de cearenses<sup>12</sup> para a região foram fatores determinantes para o desenvolvimento do povoado de Santa Izabel a partir de 1877, e que quase fracassou por conta do retorno para o Ceará, em 1881, da quase totalidade das famílias nordestinas que ocupavam o povoado, devido ao término do grande período de secas e também à construção de estradas de ferro no Ceará que serviu para

---

fundadores da cidade de Castanhal. Ainda hoje, continua pesquisando e publicando diversas obras sobre sua cidade natal e os municípios vizinhos, além de publicar panfletos impressos e ter vários sites. Em algumas obras e publicações assina como “Carujo”. Dentre as obras mais recentes estão: *A História nas Ruas de Castanhal* (2004/2005), *A Grande História de Castanhal* (2011), *Inhangapi: História e Gente* (2018) e *Castanhal: A Formação Política – da criação do município em 1932 à Eleição de 2004* (2019).

<sup>10</sup>Nome pelo qual era chamada a cidade de Belém, capital do estado do Pará, nos documentos coloniais e imperiais.

<sup>11</sup>Para um estudo mais completo sobre a Colônia de Benevides, sugerimos o trabalho: NUNES, Francivaldo Alves. **A semente da colonização: um estudo sobre a Colônia Agrícola Benevides** (Pará, 1870-1889). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, UFPA, Belém, 2008.

<sup>12</sup>Sobre a imigração cearense para o Pará, ver: LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência** (1889-1916). Belém: Ed. Açai (UFPA), 2010. Ver também: LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 197-225, jun. 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000100010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100010&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 05 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882006000100010>.

absorver os trabalhadores sem ocupação, ficando o dito povoado quase vazio, permanecendo no local pouco mais de 20 famílias (ARAÚJO, 1981, p. 34-35).

Mesmo com a chegada da Estrada de Ferro Belém-Bragança à Santa Izabel em 16 de março de 1885, seu crescimento mostrou-se lento (ARAÚJO, 1981, p. 35). Para Carlos Araújo, somente após 1930 a localidade passa por um desenvolvimento significativo, principalmente com o decreto nº 1.110 de 08 de dezembro de 1933, no qual a vila de Santa Izabel torna-se município, tendo sua cerimônia de instalação em 07 de janeiro de 1934, já sob a intervenção de Magalhães Barata (ARAÚJO, 1981, p.36).

Percebemos que a obra de Carlos Araújo apresenta vários elementos que destacam os grandes momentos relacionados à colonização e os feitos de seus governantes para o desenvolvimento da região bragantina, onde Santa Izabel estava incluída, associando o seu crescimento e emancipação política às grandes obras realizadas pelo intendente Magalhães Barata.

Com uma obra voltada para a questão política e administrativa da cidade, na qual o referido autor chama atenção para os feitos realizados pelos administradores e pelas grandes personalidades de destaque e empresários da cidade, entendemos que não há em sua obra destaque às questões ambientais.

A natureza aparece citada como um elemento coadjuvante no processo de colonização e incremento agrícola e populacional, sendo aquela a ser vencida e modificada para se chegar ao desenvolvimento. Podemos perceber tal afirmativa desde a epígrafe escolhida para a obra, na qual cita Eça de Queiroz em trecho que diz:

Por mais constante que sejam as águas correndo, por mais fresco e umbroso que se alargue o vale, a paisagem é intolerável, se lhe falta a nota humana, fumo delgado de chaminé ou parede rebrilhando ao sol, que revele a presença de um peito, dum coração vivo. (QUEIROZ *apud* ARAÚJO, 1981, p. 16).

O trecho escolhido por Carlos Araújo nos dá uma ideia de sua intenção na obra em destacar, na formação do município de Santa Izabel do Pará, as ações humanas e suas interferências como determinantes para o desenvolvimento da região e das cidades que irão se formar a partir do processo de instalação da Estrada de Ferro até Bragança.

Podemos fundamentar tal afirmativa denotando que sua obra usa várias fotografias para apresentar o trecho da estrada de ferro que passa por Santa Izabel, sempre destacando que sua construção está associada ao crescimento e ao desenvolvimento do município, como aparece na Figura 1, logo abaixo:

Figura 1– Trecho da Estrada de Ferro Belém-Bragança que corta a cidade de Santa Izabel do Pará



Fonte: ARAÚJO, 1981, p. 37.

Na legenda usada pelo autor, vemos o destaque dado à chegada da estrada de ferro como vetor principal para o desenvolvimento da região. Apesar de nos permitir refletir sobre a formação da cidade de Santa Izabel do Pará<sup>13</sup>, a obra não nos proporciona uma análise dos rios existentes na cidade e nem das relações que a população estabelecia com os mesmos. Isso é perceptível na forma como o autor escolhe para apresentar suas análises, sempre levando em conta os grandes feitos e obras dos administradores, sejam provinciais ou locais.

Mesmo ao usar em sua obra uma fotografia na qual aparece o rio atualmente chamado Izabelense<sup>14</sup>, não é dado a este nenhum destaque, nem ao menos aparece apontado como um agente que possa ser relacionado ao cotidiano e às práticas diárias dos moradores da cidade. A função destacada será a de fornecer água para o abastecimento da locomotiva que segue levando progresso para a região bragantina, e, por conseguinte, para Santa Izabel, conforme vemos na Figura 2:

<sup>13</sup>Curiosamente, nem sempre Santa Izabel se chamou assim, após o decreto que a tornou cidade, ela passou a ser denominada de João Coelho por já existir em São Paulo outra cidade mais antiga com o mesmo topônimo. Tal questão foi tema de grande debate que mobilizou a população da cidade e os políticos da época, dando a sugestão de que fosse acrescentado o aditivo “do Pará” para solucionar o embate, só voltando a ser chamada de Santa Izabel do Pará no ano de 1961. Ver: ARAÚJO, 1981, p. 39-42.

<sup>14</sup>O mesmo rio já foi chamado de “Rio da Sexta” e “Igarapé Bragantino”. Hoje, esse rio atravessa os bairros do Aratanha e do Jardim das Acácias, corta a BR - 316 e aí segue cortando o centro da cidade, e será um dos principais rios analisados pelos alunos durante a produção de sua pesquisa e das entrevistas.



Figura 2– Caixa de água para abastecimento da locomotiva



Fonte: ARAÚJO, 1981, p.61.

Ao observarmos a fotografia (FIGURA 2), vemos que a legenda abaixo reforça a percepção de que Carlos Araújo não apresenta o rio como elemento de destaque, nem ao menos aponta que os sujeitos estabeleciam com ele uma relação de maior proximidade ou de uso para qualquer finalidade possível: banhos, lavagem de roupa, serviços do lar, dentre outras. No entanto, vemos que existia um caminho que ligava as casas localizadas próximas ao trilho do trem com o rio Izabelense, o que nos sugere que por esse caminho os moradores acessavam o rio e faziam usos diversos deles em seu dia a dia, só não podemos ainda dizer quais eram ou mesmo se eram importantes para os moradores.

Essa perspectiva de análise da natureza nos estudos historiográficos pode ser compreendida a partir do que José Augusto Pádua (2010) nos aponta a respeito de um movimento forte no século XX de mudanças epistemológicas sobre o entendimento da natureza e o papel que ocupa na vida humana. Para ele, três mudanças merecem ser destacadas com mais ênfase:

1) a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural, inclusive ao ponto de provocar sua degradação; 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo. (PÁDUA, 2010, p.83).

Para Pádua (2010), é pertinente destacar que o processo de mudanças expresso na forma como a natureza é percebida deve ser compreendido por um prisma que nos permita

visualizar um processo que se estende por um longo tempo e que, percebido dentro de um jogo de continuidades e descontinuidades, característico dos processos históricos, podem nos ajudar a entender essas mudanças em relação à percepção da natureza.

O recorte temporal que é apresentado na obra de Carlos Araújo inicia com a colonização da região no século XVII e segue até o século XX, sendo um processo que se estende por um longo tempo. Todavia, durante todos os períodos por ele analisados, a sua maneira de olhar os rios e igarapés ainda reforça a dicotomia entre sociedade e natureza, corroborando com as análises produzidas em larga escala no Brasil no início dos anos 80 do século XX, que reforça os feitos dos grandes personagens e dos políticos representantes da administração local e regional, positivista, e que em nada se aproxima das proposições feitas pela história ambiental.

O que podemos perceber na obra de Araújo é que não há uma preocupação em analisar os rios e sua relevância nas transformações e processos que levaram à formação do município de Santa Isabel do Pará, ou mesmo a sua importância para os sujeitos que vivenciaram o processo de formação da vila e depois cidade, sendo estes apresentados como parte do espaço a ser desenvolvido e um obstáculo a ser superado nesse processo de incremento da região.

Outra obra importante para entender esse contexto é a de Nestor Herculano Ferreira<sup>15</sup>, publicada em 1984 e intitulada *História do Município de Santa Isabel do Pará*, que se tornou referência para os pesquisadores que passaram a escrever e ainda escrevem sobre a cidade. Algo relevante a destacar é que a mesma foi iniciada pelo historiador Pergentino Tavares de Moura<sup>16</sup> que, após três anos de pesquisa, coleta de dados e anotações preliminares,

---

<sup>15</sup>Nascido em Belém no dia 25 de setembro de 1906, vive longo período no Maranhão concluindo, na cidade de São Luiz, o curso primário. Inicia o curso de datilografia profissional e abandonando o curso atua como subgerente da Livraria Ramos de Almeida. Já em Turiaçu, ainda no Maranhão, atuou como fiscal – inspetor da zona aurífera de Aurizona e oficial de registro civil. De volta ao Pará, mora em Belém onde atua como praticista da Livraria Maranhense e foi auxiliar de contador na Merceria Sol Nasce para Todos. Já em Santa Isabel do Pará, foi recenseador, professor, fiscal-arrecadador do serviço de luz e força, agente de estatística municipal, tesoureiro, secretário e prefeito. Dentre os certificados e diplomas que possui, destacamos o de Prefeito de Santa Isabel do Pará em 1966, o título de Cidadão Izabelense em 1967 e de pesquisador da História do Município de Santa Isabel do Pará em 1977. Informações retidas do livro do próprio autor, cf. FERREIRA, Nestor Herculano. **História do Município de Santa Isabel do Pará**. Belém: Editora Farângola, 1984.

<sup>16</sup> Izabelense, nascido em 02 de julho de 1907 inicia seus estudos no Grupo Escolar Silvio Nascimento, na vila de Santa Isabel. Apesar de não ter formação acadêmica, parte para área do jornalismo fazendo publicações em jornais locais, além da Revista Amazônica, Folha do Norte e Província do Pará. Exerceu diversas funções públicas tanto em Santa Isabel quanto em Belém, onde se aposenta na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Faleceu em Santa Isabel no dia 03 de fevereiro de 1977, sendo sepultado no Cemitério Nossa Senhora das Dores, na área reservada aos sócios do Clube Dramático Recreativo e Beneficente Thalia. Recebeu da câmara de vereadores o título de “Historiador do Município de Santa Isabel do Pará” e a homenagem de ter seu nome em uma escola municipal. Ao tratarmos de produções, a maior referência de Pergentino Moura vem a ser uma carta que ele envia a Augusto Meira e que este publica no Jornal “A Província do Pará”, na qual o autor pretende abordar as questões ligadas com a escolha do nome dado à Santa

acabou morrendo sem escrever o livro, tarefa que coube ao seu parceiro de pesquisa que passa a assinar a obra e dedicá-la ao falecido amigo.

A obra de Nestor Herculano, assim como a de Carlos Araújo, destaca a relação entre a ocupação da região nordeste e o antigo varadouro<sup>17</sup> dos índios Tupinambá. Podemos entender que as cercanias deste mesmo caminho já eram ocupadas antes da vila de Santa Izabel existir, devido a ocupação de terras doadas em sesmarias nas áreas que darão origem às diversas comunidades que formam o Distrito de Caraparu, pertencente hoje ao município de Santa Izabel do Pará, e que os rios e igarapés dessa região seriam importantes nesse processo por serem os caminhos navegáveis através dos quais os deslocamentos humanos e de produtos ocorriam.

Através deste caminho teria se realizado a empreitada da colonização aliada às necessárias medidas para instituir a Colônia de Nossa Senhora do Carmo de Benevides, “com 572 lotes de 330 metros de frente por 660 metros pelas laterais, distribuídos em 12 travessas, inclusive 109 terrenos que foram demarcados no aludido caminho que serve de frente à Colônia.” (FERREIRA, 1984, p. 40). Verificamos que a grande referência feita por Araújo (1982) e Ferreira (1984) ao caminho ou varadouro dos índios Tupinambá ocorre pelo fato de seu percurso cortar as terras izabelenses, o que leva os autores a estabelecerem essa relação entre a formação do povoado de Santa Izabel e a dita estrada.

Nestor Ferreira aponta as medidas do presidente da então Província do Grão-Pará, o senhor Joaquim Raimundo Delamare, que investiu esforços na tentativa de povoar a estrada de Bragança ao mandar “proceder a abertura de nove léguas, estivagem de diversos trechos e estabelecer concorrência para a construção de treze pontilhões de que carecia o caminho até o ponto final de alargação.” (FERREIRA, 1984, p. 32), já que os rios e igarapés da região precisavam ser transpostos por meio de pontilhões.

O autor assinala ainda que “alguns desses pontilhões, encontravam-se na área atualmente ocupada pela cidade de Santa Izabel, que parte do Norte ao Sul, cortando a Rua Matta Bacelar, antigo varadouro, Igarapé Porangaba, que parte de Leste a Oeste e o igarapé Cupuaçu, que parte do Oeste à Leste.” (FERREIRA, 1984, p. 32-33).

Refletindo sobre o olhar que o autor tem a respeito dos rios percebemos que essas águas são vistas como obstáculos naturais a serem vencidos por meio das obras direcionadas

---

Izabel do Pará. Para consulta, ver: Jornal “A Província do Pará”, Belém, 15/08/1976; Jornal “A Província do Pará”, Belém, 22/08/1976; Jornal “A Província do Pará”, Belém, 29/08/1976.

<sup>17</sup>Expressão utilizada para se referir ao Caminho dos índios Tupinambá, utilizado pelos portugueses desde o início da colonização para deslocamento no interior da região, como alternativa para o transporte feito pelo litoral.

pelas autoridades provinciais e imperiais, tendo em vista que os mesmos rios que antes apareciam destacados pelo autor como o caminho através do qual o acesso e deslocamento de produtos e pessoas eram realizados desde o período colonial, passam a ser vistos em meados do século XIX como entraves para o desenvolvimento do empreendimento de instalação da estrada de ferro Belém-Bragança.

Apontando a fala de outro presidente da província, Fábio Alexandrino de Carvalho, em relatório apresentado ao seu substituto em 08 de agosto de 1860, Nestor Ferreira deixa transparecer a preocupação que afligia as autoridades sobre a existência desses elementos naturais em abundância no percurso cortado pela estrada, destacando que a construção de uma estrada tão extensa quanto essa em linha reta não era aconselhável, principalmente “em terreno cortado de rios e peris, cujo desvio não pode deixar de ser algumas vezes, aconselháveis pela ciência [...] ou como exigências de economias nos dispêndios da construção”. (FERREIRA, 1984, p. 32).

Para Nestor Ferreira (1984, p. 34) mesmo com todos os percalços, o processo de instalação da Colônia de Benevides e da estrada de ferro são realizados e dentre as deliberações dos presidentes de província, uma delas ordenava que “as travessas a serem povoadas deveriam apresentar um igarapé navegável a fim de facilitar o escoamento da produção da colônia”, na medida em que ainda não era possível realizar tal deslocamento por outra via que não fossem os furos, igarapés e rios.

Verificamos que ainda se realizava em larga medida, entre o final do século XIX e início do XX, o uso dos rios como via de escoamento de produtos agrícolas em direção à capital<sup>18</sup>. Vários deles cortavam a região onde seria instalada a Colônia de Benevides, incluindo os que se encontram na área onde irá surgir a vila de Santa Izabel, e eram utilizados nesta dinâmica de circulação de mercadorias e pessoas como, por exemplo, o rio Caraparu e vários dos afluentes que formam a sua bacia hidrográfica.

Daí o papel de destaque dado por Nestor Ferreira a Valentim José Ferreira, Capitão da Guarda Nacional, contratado para realizar trabalhos visando à abertura e instalação das travessas e dos lotes para a formação da Colônia de Benevides e que, segundo o autor, possibilitou que o dito capitão, empreiteiro contratado para o trabalho<sup>19</sup>, criasse por conta própria um povoado entre os lotes 73, 74, 75 e 76, no local antes conhecido como

<sup>18</sup>Ao nos referirmos à produção agrícola na Amazônia brasileira durante o Império e às várias formas de compreensão desse processo, ver: NUNES, Francivaldo Alves. **Sob o signo do moderno cultivo: Estado imperial e agricultura na Amazônia**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2011.

<sup>19</sup>Valentim José Ferreira, apesar de não ter formação, passa a ser conhecido como agrimensor devido às várias atividades desempenhadas para o governo entre os anos de 1866 e 1877.

“Boca da Sexta”, dando origem ao povoado que ficou conhecido como Santa Izabel (FERREIRA, 1984, 34-35).

Valentim Ferreira levou para acompanhá-lo durante sua jornada de trabalho uma concubina chamada Izabel (FERREIRA, 1981, p. 34), mulher que passou a ser identificada por muitos como bondosa para com os doentes e mais necessitados e que era tratada tanto por trabalhadores como por colonos pela alcunha de “Santa”. Seria essa uma das explicações existentes para a origem do nome dado ao povoado, depois vila e por fim cidade de Santa Izabel do Pará<sup>20</sup>.

Nestor Ferreira também aponta a importância do nordestino para o povoamento de Santa Izabel, já que ali chegam em grande leva fugidos da seca que assola o Nordeste nas décadas finais do século XIX (FERREIRA, 1984, p. 38-39). Assim como Carlos Araújo, Ferreira aponta que o ano de 1881 marcou um momento de quase extinção do povoado pelo retorno da quase totalidade dos nordestinos para sua terra natal (FERREIRA, 1984, p. 43-44), e destaca ainda que nem a inauguração da estrada de ferro em 1885 fora registrada com animação na vila (FERREIRA, 1984, p. 217).

O autor enfatiza que somente em 1888 ocorre uma fase de crescimento para o núcleo izabelense, quando uma média de 3.480 flagelados “ocuparam os terrenos abandonados nos núcleos de Santa Izabel e Araripe”<sup>21</sup> (FERREIRA, 1984, p. 64). Para Ferreira (1984), o retorno da figura dos nordestinos irá ajudar a desenvolver a vila antes estagnada, juntamente com a estrada de ferro que trouxe consigo “povoamento das zonas” e a possibilidade de escoar a produção e estabelecer a comunicação e a circulação entre as áreas ao longo da ferrovia e a capital, pois, segundo o autor “não poderia permanecer quase sem transporte uma coletividade que para se dispor da sua produção, enfrentava peripécias de oito

---

<sup>20</sup> O debate acerca do topônimo Santa Izabel do Pará gera ainda hoje grandes discussões entre os historiadores locais. O próprio Nestor Herculano Ferreira não poupa esforços em apresentar em várias de suas páginas a figura de Izabel, mulher de Valentim, que juntamente com este funcionário público teria sido a responsável pela denominação dada ao povoado. No entanto, este também apresenta que Antônio de Lyra Pessoa, religioso cearense, primeiro capelão da colônia e segundo professor público local, discordava de tal afirmação, sempre destacando a condição de Izabel que não era esposa de Valentim, construindo outras versões para a escolha do nome da então vila de Santa Izabel. Uma delas seria a de que a escolha deste nome se relacionava ao fato de os trabalhadores da colônia terem chegado ao local do povoado no dia de Santa Izabel, a Rainha de Portugal. Sobre tal questão, outros pesquisadores também se debruçam, levantando inclusive a hipótese de que além da mulher de Valentim, Izabel, da Santa Izabel de Portugal, existiu outra Izabel que pode ser também aquela da qual derivaria o nome da cidade. Sobre esses novos debates ver: COSTA, Péricles; FERREIRA, Fábio. **Porque Santa Izabel?** O conflito cultural que envolve a origem do município de Santa Izabel do Pará. Santa Izabel do Pará: Gráfica Santa Isabel, 2012; PAZ, Raimundo Franciel. **Santa Izabel ou Izabel “Santa”?** Disponível na página: [www.portalconexao.net](http://www.portalconexao.net)

<sup>21</sup> Destacamos que Araripe era a denominação dada no período a uma área da colônia que hoje compreende o atual Distrito de Americano que, juntamente com o Distrito de Caraparu e a cidade de Santa Izabel do Pará, compõem o território do município.

dias da sua construção através de igarapés, em pequenas embarcações empurradas a varas ou a remos.” (FERREIRA, 1984, p. 57).

A partir do excerto acima, percebemos que os rios e igarapés anteriormente tidos pelo governo como necessários para a implantação das travessas dos núcleos de povoamento por conta de sua navegabilidade, são confirmados como obstáculos a serem superados para o deslocamento da produção, por ser realizado em pequenas embarcações e com ajuda de varas e remos durante vários dias levando esse trajeto a ser um percurso penoso e demorado, e que ao menos até 1885 com a chegada da Estrada de Ferro, ainda fora usado na vila de Santa Izabel.

Com a chegada da “Maria Fumaça”, os rios passam a figurar com mais ênfase no texto de Nestor Ferreira. Ao realizar a instalação da estrada e da estação do trem era necessária a existência de uma caixa de água para o abastecimento da máquina e, para tal, o “Rio da Boca” – que leva Valentim a iniciar um núcleo de povoamento na Boca da Sexta travessa da colônia – seria o responsável por fazer esse abastecimento. Na Figura 3, observamos um trecho da estrada de ferro que cortava Santa Izabel no perímetro onde hoje temos a Avenida Antônio Lemos, tendo logo no canto esquerdo, na parte inferior, a imagem da caixa de água e do rio Izabelense, fonte desse abastecimento:

Figura 3 - Trecho da Ferrovia Belém – Bragança em Santa Izabel



Fonte: FERREIRA, 1984, p. 225.

A fotografia da Figura 3 é a mesma que aparece referenciada na Figura 1, utilizada na obra de Carlos Araújo. Não é uma simples coincidência. Tanto Araújo quanto Ferreira usam a mesma imagem fazendo alusão à estrada de ferro que corta a vila de Santa

Izabel a partir de 1885 e querem destacar a sua importância para o crescimento não só da vila, mas de toda a região.

Podemos concluir que os dois autores não tomam os elementos da natureza como relevantes para a compreensão da história de formação de Santa Izabel. Vemos que Nestor Ferreira assinala a importância do rio para o abastecimento da máquina que será responsável pelo progresso e integração da região, mesmo que já tenham sido atribuídas ao rio outras funções como, por exemplo, ser a referência na escolha do local para a instalação do povoado de Santa Izabel ou como via para escoamento dos produtos para a capital.

Mesmo que Nestor Ferreira tenha apontado em vários trechos de sua obra os rios e outros elementos que compunham a natureza da região, como as árvores<sup>22</sup>, não há o objetivo de colocar a natureza como um agente a partir do qual se possam compreender as relações entre a sociedade e o meio ambiente, apresentando os rios como elemento pouco relevante para seu estudo, assim como fez Carlos Araújo. Todavia, o fato de não serem as questões ambientais o foco de sua obra, em nenhum momento tira o mérito de sua contribuição para a escrita da história do município de Santa Izabel do Pará e para as pesquisas vindouras de outros estudiosos, apesar de deixar lacunas sobre as quais nos detemos neste estudo.

Um bom exemplo da relevância dos estudos sobre os rios vem de Victor Leonardi, em seu ensaio *Os historiadores e os rios*. Através da história do rio Jaú, afluente do rio Negro, o autor destaca a importância que os rios tiveram na região amazônica dentro do processo de colonização como vias de transporte e circulação, dando a essa região uma característica peculiar em relação às outras regiões do território brasileiro.

Por meio desta obra, Leonardi vai transitando através de um tempo histórico longo, para compreender quem eram os sujeitos que habitaram o vale do rio Jaú, analisando desde o início da colonização na região no século XVII até o século XX, fazendo, para tanto, uma aproximação entre a história ambiental e a história social, demonstrando, ainda dentro desse processo, a história do trabalho extrativista desenvolvido nessa região desde antes da colonização portuguesa (LEONARDI, 2013, p. 13).

Leonardi contribui para os estudos ambientais ao apresentar uma produção que leva em conta a natureza, especificamente os rios na Amazônia, sua interação com os habitantes que viveram na região e com as atividades econômicas que desenvolviam, ao

---

<sup>22</sup> Nestor Herculano ao falar sobre as árvores, cita a cerimônia que marca o início da Colônia de Nossa Senhora do Carmo de Benevides, na qual, após o deslocamento feito por barco pela comitiva de Belém até o rio Marituba, desembarcando e seguindo viagem em cavalos para chegar a Benevides, as autoridades presentes encontraram algo em torno de 50 colonos franceses que aguardavam para o início da cerimônia. Nesta, houve a assinatura de uma ata, alguns discursos e “o corte simbólico de uma secular árvore da estrada da Bragança”. Ver: FERREIRA, 1984, p. 36.

mesmo tempo em que realiza análises que consideram uma história de longa duração, norteando seus debates a partir da antiga cidade de Airão que, segundo o autor, sofre um processo de arruinamento<sup>23</sup>, desaparecendo em meados do século XX.

Ressaltamos que, para esta pesquisa, a relação que Victor Leonardi estabelece entre história social e ambiental é de grande valor, pois a partir de um olhar para os rios e igarapés que cortam a cidade de Santa Isabel do Pará e a vila de Caraparu e por meio do conhecimento sobre as relações estabelecidas pelos moradores antigos com esses rios, seus usos e funções em tempos distintos através das memórias das águas sociais a serem coletadas, se construa uma história pautada nas interações entre a natureza e a sociedade.

Concluímos, então, que nas obras de Araújo (1981) e Ferreira (1984) as análises sobre a história de formação de Santa Isabel do Pará, iniciando suas abordagens no século XVII e estendendo seu olhar sobre o período imperial e republicano para conhecer a história deste município, tendem a não se preocupar em apontar as relações entre os sujeitos e a natureza que extrapolem as análises sociais e econômicas, chegando aos elementos não humanos, como os rios, apenas apontando-os como obstáculos a serem vencidos para o progresso e desenvolvimento da região.

Outra obra relevante para a história izabelense chama-se *Vida interiorana dos anos 20*, escrita por José Tavares de Moura Filho<sup>24</sup> e publicada em 1989. Por meio de uma literatura memorialística, o autor visa reconstruir o que seria a então vila de Santa Isabel durante a década de 20 do século passado.

Pela figura do personagem central chamado “o menino”, Santa Isabel é apresentada em várias das suas características como, por exemplo, o folclore, os costumes, os meios de transporte e comunicação, a moeda, a família e a sociedade, a vila, a Porangaba (propriedade existente nas cercanias da vila) e a casa de morada, sendo estes aspectos que auxiliam o autor a apresentar a vida na vila e quais eram as famílias que a compunham. Ele

---

<sup>23</sup>Victor Leonardi argumenta que é preciso compreender melhor o conceito de arruinamento e como ele pode ser pensado para essas povoações na Amazônia que acabavam sendo abandonadas. Leonardi define: “Arruinamento é o ato ou efeito de ficar sem recursos”, e para ele foi isso o que aconteceu com esse povoado no Rio Jaú. Para um melhor aprofundamento ver: História ambiental e social. In: LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. Paralelo 15, 2013. p. 13-23.

<sup>24</sup>Filho de Santa Isabel do Pará, nascido em 20 de fevereiro de 1924, era irmão de outro autor já apresentado por nós: Pergentino Tavares de Moura. Engenheiro Civil de formação atuou na Diretoria Regional de Portos e Vias Navegáveis, na Delegacia Regional do Trabalho e como Professor de Cartografia na Universidade Federal do Pará. Algo a se ressaltar sobre o livro analisado nesta dissertação é o fato de que, além de autor, Moura Filho é responsável pela capa e pelas ilustrações que fazem parte da obra. Afora a obra aqui analisada, também é de sua autoria **Do semi-árido ao verde amazônico**, publicada em 1990 pela editora CEJUP.



ainda estende suas análises até o Movimento de 1930<sup>25</sup>, indo além da proposta inicial temporal de sua obra.

O autor deixa evidente que seu objetivo é produzir uma obra que possa ser utilizada para futuras consultas, já que a mesma está pautada em pesquisas e informações “não somente de importantes obras sobre os assuntos abordados como também de pessoas que viveram a época” (MOURA FILHO, 1989, p. 13). Apesar de destacar que a memória é parte importante para sua coleta de dados, o autor não apresenta indicações sobre os possíveis depoentes a partir de onde pautou sua escrita.

Certamente, não fazia parte das intenções de Moura Filho ter como ponto central de sua obra a natureza, ou mesmo fazer uma abordagem onde o meio ambiente fosse o ponto central para a descrição da vila de Santa Izabel. No entanto, a obra está recheada de referências aos elementos que compõem o meio natural do espaço da vila, afinal as memórias das pessoas que viveram à época e serviram como fontes para a obra estão inundadas pelos elementos naturais, assim como as próprias memórias do autor, o que fica evidente no parágrafo que inicia a obra:

Numa área à margem do primitivo varadouro de exuberante e densa floresta rasgada depois pelos trilhos da ferrovia, povoada com o suor e o heroísmo nordestino, ali ficava a Vila de Santa Izabel, onde vivia um menino alegre e feliz. Ali está a cidade de Santa Izabel do Pará. (MOURA FILHO, 1989, p. 16).

A mata exuberante é referência para localizar a vila que dará origem à cidade, lócus deste estudo. Para José de Moura Filho, parece relevante iniciar sua obra mencionando aspectos da natureza, que abrangem vegetação, o céu, mas também os rios. Ele nos apresenta no tópico “Generalidades” elementos que caracterizam a vila e as relações tecidas entre seus moradores e as águas: “A Vila era entrecortada de igarapés, muitos dos quais, franqueados a quantas pessoas quisessem se deliciar com um banho naquelas águas frias, tranquilas, límpidas, sem a poluição que caracteriza o alto preço do desenvolvimento dos dias atuais.” (MOURA FILHO, 1989, p. 20).

Nota-se uma preocupação do autor em descrever os igarapés da década de 1920 com características que já não existiam mais quando da escrita dessa dissertação,

---

<sup>25</sup>A expressão “Movimento de 1930” substitui o termo Revolução de 1930, por levarmos em conta as características do processo que leva Getúlio Vargas ao poder. Para saber mais sobre esse debate ver: MENDES, Mayara Silva. **Conflitos religiosos e relações políticas no Pará (1930-1941)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

evidenciando que o desenvolvimento é o fator causador desta modificação nesses rios, não apontando diretamente quais seriam esses processos que geram a destruição dessas águas.

Sobre as relações entre as águas e os moradores de Belém no século XIX, Conceição Almeida em sua tese *As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX* (2010), afirma que assim como eram variados os tipos a formarem a população da Cidade do Pará no período dezenoveano, também eram variados os usos e as relações estabelecidas entre esta população e as águas tão presentes em seu cotidiano, assim como também variavam os sentimentos atribuídos à esta natureza que estava presente nas cercanias, mas também no interior da cidade. A autora nos aponta que

Para muitos moradores, por exemplo, as águas dos rios foram o local por excelência do exercício do trabalho. Vários indígenas, homens e mulheres descendentes e mestiços destes, envolveram-se nas atividades atinentes à navegação pelos rios da província. Eram conhecedores dos caminhos, da flora e fauna locais. Nas mesmas águas muitos recrearam, se banharam e confraternizaram. (ALMEIDA, 2010, p. 34)

Percebemos os diversos usos dados pelos moradores da Cidade do Pará às águas dos rios que estavam em seu entorno. Nas atividades laborais poderiam ser realizadas a navegação e a lavagem de roupa e, no lazer, os banhos, que poderiam ser sozinhos ou acompanhados. Porém, Conceição Almeida destaca que em meio ao desenvolvimento das ideias de progresso, civilização e melhora da cidade para todos os moradores “os governantes legislaram, por exemplo, em favor da proibição de banhos nos chamados locais públicos, como a frontaria da capital provincial” (2010, p. 35), sempre procurando manter sobre as águas “o controle considerado acertado, embasado na suposta superioridade do homem e, por conseguinte, na autoridade do mesmo sobre a natureza” (2010, p. 36).

Ao verificarmos as análises de Conceição Almeida (2010), notamos a forma como a natureza era percebida e a maneira como as autoridades da província do Pará no século XIX lidavam com as questões relativas às mesmas, legislando para limitar e disciplinar a natureza e seus usos, de maneira que fossem coerentes com as ideias de progresso próprias do período.

Vemos que nas obras de Araújo (1981) e Ferreira (1984), o olhar sobre a natureza acompanha a proposta apresentada por Conceição Almeida (2010), onde há a tentativa de subjugar a natureza, mediante sua suposta condição de inferioridade frente ao homem e de obstáculo que atrapalha a instalação da estrada de ferro e, por conseguinte da ligação entre a capital e região bragantina.

Moura Filho (1989) ao carregar sua obra com suas memórias de infância, não identifica que existisse na vila de Santa Izabel a preocupação em limitar os usos feitos das

águas de rios e igarapés, como aponta Conceição Almeida (2010) em relação à capital do Pará, pelo contrário, sua obra nos apresenta argumentos sugestivos de que as relações e os sentimentos estabelecidos com a natureza eram outros.

Compreendemos que para estabelecermos nessa pesquisa uma análise das experiências e usos feitos pelos moradores dos rios urbanos e da vila de Caraparu são fundamentais as reflexões pautadas na história ambiental, como aponta Marcos Martins (2008). Para este autor, a “história ambiental mostra que, em relação à natureza, não existem somente interesses, mas também valores, e estes são decisivos” (MARTINS, 2008, p. 75), e é essa noção sobre qual o valor que é dado à natureza nas obras escritas sobre Santa Izabel do Pará que estamos buscando evidenciar.

Moura Filho (1989) também apresenta um grande talento como desenhista<sup>26</sup> e nesta obra usa-o para retratar as memórias sobre as águas que cortavam a vila onde o personagem “o menino” passava seus dias e desfrutava de momentos na companhia de outros garotos, estando em suas lembranças que “mergulhava em lugares rasos colhendo vegetações aquáticas, costuma brincar à margem, moldando miniatura de objetos ou animais em argila ou tabatinga” (MOURA FILHO, 1989, p. 20), ou então se envolvia em ruzgas próprias da infância quando “desentendia-se com os colegas que lhe atiravam barro ou areia por algum motivo, resultando em frustração e choro, o que, entretanto não lhe arrefecia o desejo de participar daquelas brincadeiras”(MOURA FILHO, 1989, p. 20).

Vemos abaixo, na Figura 4, a memória do autor sobre o igarapé Izabelense, hoje chamado Rio Izabelense e que já fora apontado nas obras analisadas anteriormente com os nomes de “Rio da Boca” e “Rio Bragantino”, sendo o mesmo mencionado anteriormente como a referência para a instalação do povoado de Santa Izabel por Valentim Ferreira e usado para abastecimento do trem<sup>27</sup>, fazendo parte da bacia do Rio Caraparu:

---

<sup>26</sup>Este talento está diretamente relacionado com a profissão que exerce de professor de cartografia na Universidade Federal do Pará, sem falar que isso também pode ter ajudado a aguçar nas suas memórias essas lembranças associadas à paisagem, aos rios, às florestas, ao céu da vila, dentre outras.

<sup>27</sup>Referências feitas anteriormente nas análises das obras de Carlos Araújo e Nestor Herculano Ferreira, respectivamente, inclusive nas figuras 1, 2 e 3.

Figura 4 - Ilustração do igarapé Izabelense



Fonte: MOURA FILHO, 1989, p. 23.

A narrativa do autor apresenta as relações afetivas e de sociabilidade estabelecidas entre os moradores e as águas – rios e igarapés, destacando que homens, mulheres, crianças e velhos “banhavam-se despídos naqueles igarapés conhecidos pelo nome ou apelido das famílias proprietárias dos terrenos que os mesmos atravessavam. Os homens deviam perguntar antes de se aproximarem do igarapé se havia mulher no local ou vice-versa” (MOURA FILHO, 1989, p. 20).

Entretanto, podemos inferir que esses igarapés não eram a única fonte de abastecimento de água da cidade, pois, mesmo não havendo ainda água encanada nem esgoto sanitário, as residências dispunham “de um poço construído pelo proprietário para o seu abastecimento, sendo o banheiro e a sentina na maioria das residências, construídos em local distante do poço e da casa” (MOURA FILHO, 1989, p. 21), tornando-se então os rios e igarapés utilizáveis para outras finalidades.

Cabe ressaltar que “o menino” da obra pertence a uma família cujo pai é proprietário de uma mercearia, de algumas casas e de uma indústria de beneficiamento instalada em sítio próximo à localidade, o que nos permite compreender que eram abastados frente à maior parte das famílias que viviam nesta vila. Daí sua relação com os igarapés da vila ser baseadano lazer e nos momentos de divertimento com amigos e visitas.

Podemos suscitar algumas questões a partir desta obra, tais como, pensar se todos os moradores que utilizaram esses igarapés também o faziam somente por lazer, diversão ou utilizavam os mesmos com outras finalidades. Indo além, podemos questionar como esses igarapés ficaram poluídos e deixaram de ser utilizados pelos moradores da cidade de Santa

Izabel do Pará. Não podemos obter essas respostas somente com a leitura das obras de Moura Filho (1989), pois, assim como nas obras de Araújo (1981) e Ferreira (1984), o meio ambiente não era seu foco de análise.

Detectamos, por fim, que as obras analisadas até o presente momento discorrem de forma distinta sobre os rios em Santa Izabel do Pará. Nas obras de Carlos Araújo (1981) e Nestor Herculano Ferreira (1984), o foco maior está em apresentar essas águas como obstáculos a serem controlados e superados para o desenvolvimento da região e para o crescimento da vila de Santa Izabel e sua transição para a condição de município. Já Moura Filho (1989) apesar de apontar em suas memórias elementos da natureza como os igarapés e as matas, não tem a perspectiva de contar a história do seu lugar a partir destes elementos da natureza, problematizando-os ou apontando sua relevância para o contexto vivenciado pelos sujeitos pretéritos. Para tentar remediar essas constatações, seguiremos com nossas arguições analisando outras obras existentes sobre Santa Izabel do Pará.

## 2.2 A natureza em destaque: obras izabelenses e os debates ambientais

A pesquisadora Minervina de Lourdes Soares de Souza<sup>28</sup> na obra intitulada *Santa Izabel do Pará: Caracterização Sócio-Histórica e Ambiental* analisa fontes variadas como documentos oficiais, fotografias, jornais, sites, fontes orais, caricaturas e obras anteriormente produzidas sobre temáticas ligadas à história da cidade de Santa Izabel, construindo uma obra pedagógica que, segundo a autora, tem por objetivo “valorizar e proteger a identidade cultural izabelense e, principalmente, contribuir na construção de trabalhos escolares e projetos de pesquisa desenvolvidos neste município.” (SOUZA, 2012, p. 13).

Minervina Souza (2012) destaca logo na introdução da obra que pretende estabelecer uma análise que leva em conta as transformações ocorridas na região e levam ao surgimento de Santa Izabel do Pará, tanto no aspecto social, quanto no político, econômico, cultural, e também ambiental, aproximando esses processos locais com as transformações globais em curso. Para a autora, o homem é tido como o grande agente das mudanças ocorridas na Terra, sendo o responsável por todo o processo de transformações, já que

<sup>28</sup>É natural da vila de Americano, município de Santa Izabel do Pará. Tem formação em Pedagogia com Especialização em Gestão e Educação Ambiental e Docência do Ensino Superior. Desenvolve, voluntariamente, o projeto de apoio pedagógico e cultural a pesquisadores que se interessam pela historiografia izabelense; Sócia da Associação dos Amigos do Arquivo Público do Pará - ARQUEPEP; Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará - IHGP; além de ter participado de algumas matérias jornalísticas sobre cultura izabelense e publicado os seguintes trabalhos: *Farinha de Tapioca – Alimento, História e Cultura* (1993), *Uma janela para a História* (2003), *Dossiê Caraparu não parou* (2004) e *Lendas Izabelenses* (2010).

“projeta, executa e organiza o espaço obtendo resultados que o afetam de forma positiva ou negativa” (SOUZA, 2012, p.13). No processo de formação de Santa Izabel não fora diferente.

A obra inicia com uma descrição do ambiente natural de Santa Izabel do Pará. Aspectos como a geologia, geomorfologia, solo, relevo, altitude, topografia, temperatura e umidade são abordados. Destacamos para esta pesquisa a relevância das informações referentes à hidrografia. Minervina Souza apresenta as características hidrográficas das terras izabelenses, apresentando os rios que passam pelo município: o Jundiáí, Taiassuí, Cobra, Água Preta, Caraparu Mirim e Caraparu, sendo o último o principal da região, tão importante que a bacia hidrográfica<sup>29</sup> leva seu nome e o mesmo faz a ligação dos demais rios com o Rio Guamá.

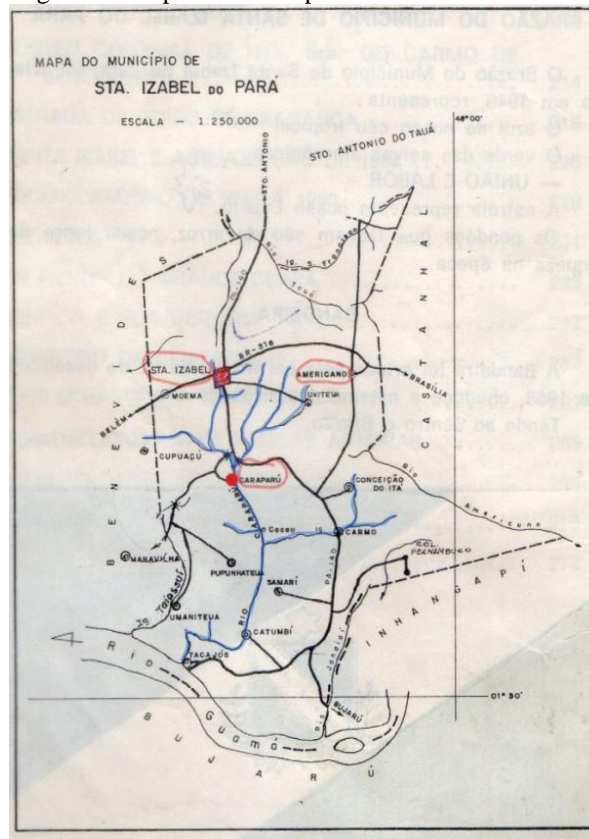
Minervina Souza citando Maria do Socorro Barreto<sup>30</sup> destaca que o rio Caraparu e seus afluentes abarcam quase todo o território izabelense, sendo que “seus afluentes e subafluentes passam por pequenas localidades, povoados, vilas e bairros da cidade” (BARRETO, 2008 *apud* SOUZA, 2012, p. 25). Nossa ênfase nas análises da autora sobre o rio Caraparu é necessária, pois o mesmo é um dos rios trabalhados dentro da pesquisa a ser desenvolvida com os alunos, já que vários deles são residentes na vila de Caraparu. Vemos na Figura 5 um mapa retirado da obra de Nestor Herculano Ferreira, no qual podemos perceber a grande quantidade de rios que se agrupam para formar o rio Caraparu.

---

<sup>29</sup> Segundo Santos *et al* (2017) a bacia hidrográfica “é uma área de captação natural da água precipitada que tende a convergir os escoamentos para um único ponto de saída, chamado exutório, drenada por um rio principal e seus afluentes” e que realizar estudos das características de uma bacia hidrográfica “é um dos métodos mais comuns para análises hidrológicas ou ambientais, cujo objetivo é compreender os fatores relacionados com a dinâmica ambiental na área delimitada”. (SANTOS *et al*, 2017, p 67).

<sup>30</sup> Souza aprofunda suas descrições sobre a bacia hidrográfica do rio Caraparu com as informações da dissertação de Maria do Perpétuo Socorro Lacerda Barreto, que é pesquisadora e professora de Geografia. Para informações mais detalhadas sobre a temática, ver: BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Lacerda. **Caracterização dos Solos da Bacia Hidrográfica do Rio Caraparu**. FICAP, Belém, 2001.

Figura 5 - Mapa do Município de Santa Izabel do Pará



Fonte: FERREIRA, 1984, p. 2.

Vemos no mapa alguns destaques<sup>31</sup>, onde os que estão em vermelho servem para evidenciar a localização da cidade de Santa Izabel do Pará, da vila de Caraparu e da vila de Americano, que são respectivamente a sede do município, a sede do distrito de Caraparu e a sede do distrito de Americano, que compõem o município de Santa Izabel do Pará. Em azul, destacamos os rios e igarapés que compõem a bacia hidrográfica do rio Caraparu.

Alguns deles em seu trajeto cortam a área urbana da cidade de Santa Izabel do Pará e são os rios que aparecem referenciados na pesquisa feita pelos alunos do 2º ano A. São o Rio Izabelense (que corre no sentido norte-sul) e o Rio Jordão (que corre no sentido oeste-leste), além de podermos identificar também outros rios que fazem parte desta bacia e cortam outras vilas como Conceição do Itá, vila do Carmo e Cupuaçu que não fazem parte desta pesquisa<sup>32</sup>.

Além do Caraparu, nos interessam nesta pesquisa os rios e igarapés urbanos por serem significativos na formação do povoado e, futuramente, da cidade de Santa Izabel do

<sup>31</sup> Os destaques em vermelho e azul são de responsabilidade da autora desta dissertação.

<sup>32</sup> Como apontamos na introdução, a pesquisa seria desenvolvida apenas com os rios Izabelense e Jordão sendo, portanto, uma pesquisa sobre os rios urbanos da cidade de Santa Izabel do Pará. A inclusão do rio Caraparu teve por finalidade atender às demandas de um grupo de alunos da turma, por isso, os demais rios citados e que se concentram na área rural do município não foram analisados.

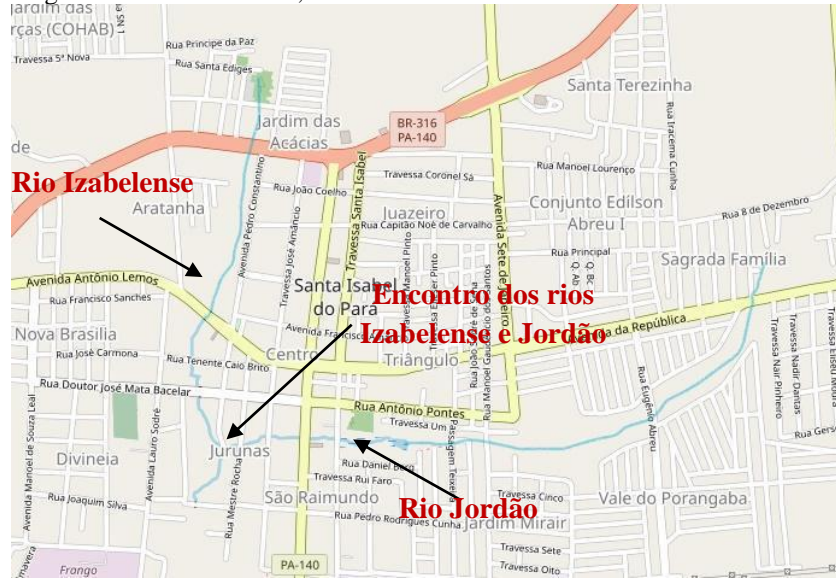
Pará, como já puderam apontar as análises feitas nas obras de Carlos Araújo, Nestor Ferreira e José Tavares de Moura Filho. Para percebermos tal importância, destacamos um trecho da obra de Minervina Souza (2012), onde a autora faz uma descrição muito interessante para o conhecimento de quais são esses rios urbanos.

As nascentes dos rios Itá e Caraparu localizam-se no distrito de Americano; o rio izabelense (antigo rio da sexta, depois igarapé bragantino), após passar nos bairros Jardim das Acácias, é cortado pela BR 316 e segue em direção ao centro da cidade. Foi cortado pela antiga estrada de ferro de Bragança de 1885 a 1964, onde teve grande importância abastecendo os trens movidos a vapor e que atualmente é a av. Antônio Lemos (ainda é possível visualizar os pilares da caixa d'água que abastecia as máquinas da ferrovia sob o piso da casa de eventos Paredão), atravessa o bairro Centro, o antigo varadouro dos índios da nação Tupinambá onde existiu o Porto da Vila, hoje Rua Matta Bacelar (conhecido como córrego da feirinha) e continua seu curso pelo bairro do Jurunas do lado Juruninha, recebe o rio Jordão o qual conduz as águas (hoje apenas esgotos) dos bairros Juazeiro, Sagrada Família, Triângulo, Miraf e São Raimundo, e mais os canais de esgotos do Centro, através da av. José Malcher (PA 140), ruas Azevedo Ribeiro e Mestre Rocha; mais adiante recebe o rio Tatu levando em seu leito o esgoto industrial e doméstico dos bairros Novo e Florestal e a poucos metros recebe o rio Maguari, o qual conduz em seu leito todas as águas poluídas e contaminadas da parte oeste do município referentes aos bairros Nova Divinéia e Novo Horizonte. Em Vitória do Caraparu encontra-se, finalmente, com o rio Caraparu propriamente dito. (SOUZA, 2012, p. 25-26).

Minervina Souza (2012) cita no trecho acima os nomes dos rios que farão parte da pesquisa desenvolvida, a saber: o Rio Izabelense, que a autora destaca ter tido vários outros nomes desde a fundação do povoado de Santa Izabel (Rio da Sexta e igarapé Bragantino) e o Rio Jordão, destacando que ambos os rios hoje, carregam águas contaminadas, que a autora chama de esgotos que acabam desaguando no rio que é a grande referência de Santa Izabel do Pará e que também faz parte da nossa pesquisa, o Rio Caraparu. Na figura abaixo, veremos o trajeto que esses rios fazem no espaço urbano de Santa Izabel do Pará até se encontrarem e seguirem rumo ao rio Caraparu:



Figura 6 – Rio Isabelense, Rio Jordão e seu encontro



Fonte: Mapa de Santa Izabel do Pará. <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-santa-isabel-do-para.html>

Para nós é relevante que este estudo desperte nos alunos a percepção da natureza presente no espaço urbano da cidade em que vivem e que a aula de História seja um espaço para tais debates sobre o meio ambiente. Assim, os alunos podem narrar uma história do seu cotidiano e do seu lugar, tendo as águas dos rios que cortam a cidade de Santa Izabel do Pará e a vila de Caraparu como referencial para a construção de um conhecimento do passado, quebrando com a dicotomia entre sociedade e natureza que ainda persiste em existir, tendo o ensino de História como um mecanismo atuante nessa desconstrução.

Precisamos destacar que analisaremos os rios e igarapés existentes no espaço urbano da cidade de Santa Izabel do Pará e o rio Caraparu no trecho urbanizado da vila de mesmo nome, como sendo espaços onde os moradores antigos apresentam as diversas relações e usos que faziam dessas águas. Sobre esse assunto, Bruno Capilé nos afirma que

A cidade é o melhor exemplo de como forças antrópicas, de transformar o próprio ambiente em que vive, está intrinsecamente conectado com as diferentes maneiras do ser humano reconstruir a si mesmo, e também de como a transformação do ambiente urbano gera novos tipos de relações. (CAPILÉ, 2016, p. 82).

Podemos perceber assim a relevância de um estudo que reflita historicamente sobre as diversas relações estabelecidas pelos sujeitos que viveram em temporalidades passadas com os rios, haja vista que isso possibilitaria a reflexão sobre as experiências vivenciadas por esses sujeitos e como nos dias atuais essas relações, usos e percepções sobre

esses rios se transformaram, perdendo a condição de natureza, resultado das transformações empreendidas pelas ações antrópicas ao longo do tempo.

Capilé (2016) refere que as transformações sofridas pelos rios nos espaços urbanos do Rio de Janeiro “desempenharam importantes papéis no crescimento da cidade”, por serem estes “integrantes, ativos e dinâmicos” dentro da paisagem urbana. Podemos então entender que o estudo dos rios poderá permitir que os alunos compreendam as transformações realizadas na paisagem da cidade e como isso influenciou diretamente na forma como esses rios são percebidos hoje no espaço urbano.

O que mais nos aproxima das análises de Bruno Capilé é que o objeto central de apreciação são os rios que cortam a cidade do Rio de Janeiro, assim como nós pesquisamos sobre os rios que cortam Santa Izabel do Pará, destacando que os rios no século XX sofrem com a ação humana, mas que, entretanto, são detentores de “vida própria” e não estão sob o controle social. Assim como Capilé (2016, p. 85) entendemos que à medida que “as cidades cresceram no entorno destes, modificaram seus cursos e suas margens, transformaram também suas relações e suas idiossincrasias”.

Sendo assim, são de extrema relevância os estudos sobre os rios urbanos, tendo em vista que permitem que a natureza figure como parte integrante da experiência social humana no espaço das cidades. De acordo com José Augusto Drummond (2007, p. 107), a cidade é o lugar de predomínio da cultura sobre a natureza, onde os humanos teriam mais controle e interferência sobre o meio natural<sup>33</sup>, e precisam ser conhecidas e estudadas para o entendimento das transformações e interações estabelecidas nestes espaços, uma vez que em concordância com o que nos propõe Capilé

Embora o rio urbano não seja um agente, um personagem consciente na história, e tenha perdido grande parte das funções ecológicas naturais, consideram-se os rios urbanos atuais tanto como construtos sociais que possuem uma história comum a ser investigada, como entidades autônomas, ainda que não independentes, que realizavam atividades fora do controle humano. (CAPILÉ, 2016, p. 86).

Capilé (2016, p. 87) aponta que existem maneiras distintas de se perceberem os rios e as bacias hídricas nos estudos historiográficos e que estas estão diretamente

---

<sup>33</sup> O texto citado é onde Drummond, de maneira abstrata, tenta construir uma discussão conceitual para definir uma distinção entre patrimônio natural e patrimônio cultural e, para tanto, apresenta algumas distinções entre natureza e cultura seguindo uma classificação ternária dos espaços: cidade/urbano, campo/rural e terras incultas ou selvagens. Para conhecer mais, ver: DRUMMOND, José Augusto. Patrimônio Natural e Cultural: endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. *In*: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Org.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas: Papirus, 2007. p. 103-114.

relacionadas com a forma como vemos, descrevemos e entendemos a natureza. Para o autor, os rios podem ser entendidos como “*o lugar*”, o cenário no qual as ações humanas acontecem, o pano de fundo, a paisagem imóvel. Por outro lado, os rios podem figurar como “protagonistas, numa perspectiva ativa”, fazendo parte desse processo não como agentes dotados de consciência, mas considerados dentro de uma abordagem descritiva e ao mesmo tempo analítica, considerando-se que a “interação dos rios com a cidade possui relações próprias que são distribuídas de forma heterogênea no seu curso, apresentando diferentes causas e consequências de acordo com as circunstâncias históricas e particularidades locais” (2016, p. 87).

Compreendemos que o estudo dos rios de Santa Izabel do Pará como elemento norteador para o conhecimento da história local permitirá que os alunos – dentro do processo de pesquisa – passem a identificar os mesmos como agentes que, em temporalidades diversas, sofreram intervenções e interagiram com os sujeitos que com ele se relacionaram.

Esta abordagem possibilitará um estudo que seja tanto do meio ambiente na identificação dos rios e do seu curso, suas denominações, quais alterações e intervenções antrópicas sofreram, mas também social, à medida que através das memórias dos moradores antigos os alunos percebam as diversas racionalidades existentes nas interações e usos estabelecidos entre os entrevistados da cidade e da vila de Caraparu com essas águas.

Essa observação nos permite tecer alguns esclarecimentos relacionados ao campo da história ambiental. Vemos que na obra de Minervina Souza (2012) o período analisado é bem semelhante ao que fora abordado por Carlos Araújo (1981) e Nestor Ferreira (1984), relacionando a colonização da área ao caminho dos Tupinambás que corta as terras que hoje fazem parte da cidade se Santa Izabel, como a sua primeira rua<sup>34</sup>, a formação do povoado e da vila como parte do processo de instalação da Colônia de Benevides, a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro e a elevação da vila a condição de município.

No entanto, Minervina Souza (2012) não se limita a destacar em sua obra apenas as ações dos grandes personagens, apresentando ao lado destes uma análise que realça a importância da natureza existente na região como relevante para a formação deste município e para as atividades econômicas e culturais organizadas pelos sujeitos que formaram Santa Izabel do Pará, apontando aspectos históricos que iniciam no século XIX e chegam aos dias atuais no século XXI.

---

<sup>34</sup> Hoje chamada Rua Matta Bacelar ou de forma popular “Rua do Cemitério”.

Vemos isso quando a autora apresenta questões ambientais atuais em sua obra. Ela destaca a necessidade de preservação da bacia hidrográfica do rio Caraparu, enfatizando que preservar a vegetação que está à margem desses rios e igarapés é de extrema importância para sua manutenção, usando para tanto um estudo da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará - EMATER/Santa Izabel do Pará publicado em 1991, o qual diz “que esse rio havia perdido 15% da sua cobertura vegetal e que foram encontradas represas em seu curso, no Distrito de Americano”.(SOUZA, 2012, p. 27).

Apresenta ainda que somente no trecho que vai da BR-316 (onde fica sua nascente) até a altura do balneário Porto de Minas na PA-140, é possível identificar cinco represas, além de vários pontos onde a vegetação não cobre mais o leito do rio, deixando-o exposto. Conclui que, sem os devidos cuidados e preservação, em poucas décadas esses rios, que mesmo com todos esses problemas ainda são “oásis izabelenses”, se tornarão apenas canais de esgoto (SOUZA, 2012, p.27).

Para fomentar tais argumentos a autora define o que é poluição ambiental, destacando, entre os vários exemplos, os “esgotos jogados diretamente na via pública, córregos, igarapés e rios”, corroborando com a ideia de que o homem é o maior poluidor e responsável pela destruição do meio ambiente (SOUZA, 2012, p. 35). Entretanto, a escrita de Minervina Souza ainda não se aproxima efetivamente do que chamamos de história ambiental. Precisamos apontar como os debates ambientais na história ajudaram a romper alguns paradigmas e como a compreensão e o olhar sobre a natureza se transformam junto com a mudança da noção de tempo.

José Augusto Pádua (2010) nos propõe considerar as mudanças ocorridas nessa noção de natureza e como elas se conectam com as transformações ocorridas no âmbito das ciências naturais, o que teria influenciado a transformação do pensamento humano. Para ele, a explosão cronológica empreendida com as afirmações da física e das ciências da natureza rompe com a dominação do tempo linear e bíblico, apresentando a natureza como detentora de uma temporalidade que vai além daquela compreendida pelo entendimento cristão.

Nesta nova percepção, a Terra se apresenta cada vez mais antiga, sendo espaço para variadas formas de vida, onde a espécie humana seria uma das mais recentes e essas mudanças cronológicas nas ciências naturais “produziu grande impacto nos historiadores ambientais, que vêm buscando metodologias que permitam investigar a história humana em um marco temporal mais amplo” (PÁDUA, 2010, p. 88) e, dessa forma, refletindo o papel da humanidade em relação à história do planeta.

José Augusto Drummond (1991), em artigo clássico no Brasil onde apresenta os temas, as fontes e possíveis linhas de pesquisa para a história ambiental, argumenta sobre a noção de tempo que surge com os estudos influenciados pelas ciências naturais, usando seus conceitos e relacionando-os às ciências sociais. Destaca que isto precisa ser considerado como uma mudança de paradigmas, já que

Precisa ficar claro que pensar sobre a relação entre o “tempo geológico” e o “tempo social”, combinar a história natural com a história social, colocar a sociedade na natureza, enfim - implica *necessariamente atribuir aos componentes naturais “objetivos” a capacidade de condicionar significativamente a sociedade e a cultura humanas.* (DRUMMOND, 1991, p. 180).

As considerações de Drummond (1991) nos permitem reforçar a ideia de que a natureza precisa possuir, dentro dos estudos historiográficos, um papel que anteriormente era dado apenas aos sujeitos sociais, como um agente que condiciona ou modifica a vida e as ações humanas, assumindo, assim, os estudos da história ambiental, novos paradigmas. Para esta dissertação, esse papel fica a cargo dos rios izabelenses.

Outra mudança evidenciada por Pádua (2010, p. 88) seria o fato de que a explosão cronológica colocou a natureza em um patamar no qual a mesma aparece em constante “construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada”, sendo então a própria natureza vista como histórica, já que

[...] as formações da natureza estão sendo entendidas como configurações momentâneas de uma história de mudanças ao longo do tempo, cujo destino final é desconhecido, mesmo que muitas vezes elas pareçam infinitamente sólidas na sua temporalidade específica, por existirem numa escala muito superior ao do limitado “tempo social” humano. (PÁDUA, 2010, p. 89).

A perspectiva de historicizar a natureza nos permite refleti-la de acordo com as demandas e racionalidades próprias de cada tempo histórico e, ao mesmo tempo, amplia a possibilidade de reflexão sobre a percepção que os moradores antigos de Santa Izabel tinham da natureza, fomentando os jovens do ensino médio a formar sua visão e o reconhecimento da natureza presente no espaço em que vivem.

José Augusto Pádua (2010) enfatiza que, para romper com o dualismo entre natureza e cultura, é preciso entender a dimensão natural e a dimensão cultural dentro de uma historicidade, compreendendo os significados e usos relacionados a tais elementos naturais em tempos históricos diversos, sendo necessário considerar que a percepção humana sobre o meio biofísico será direta, positiva e imediata, já que

O ser humano age sempre a partir de sentidos e compreensões, estando imerso na linguagem, nos mecanismos de cognição e na presença de visões culturais historicamente construídas. A apropriação dos recursos da natureza e a valorização das paisagens, nesse sentido, possuem uma clara historicidade (CRONON, 1996; ASDAL, 2003 *apud* Pádua, 2010, p. 93).

Worster (1991) e Pádua (2010) convergem então quanto a seu entendimento sobre o campo de análise dos historiadores dentro da perspectiva da história ambiental, que não está vinculada à prática de descrever o meio ambiente ou afirmar que dele partem todas as explicações para se compreender a sua relação com o social, fugindo dos determinismos, pois seu estudo

Não se trata, portanto, de reduzir a análise histórica ao biofísico, como se esse aspecto fosse capaz de explicar todos os outros, mas de incorporá-lo de maneira forte – junto com outras dimensões econômicas, culturais, sociais e políticas – na busca por uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva da investigação histórica. (PÁDUA, 2010, p. 94).

Entendemos que a proposta de analisar o processo de formação do município de Santa Izabel do Pará, feito por Minervina Souza (2012), apesar de apresentar uma abordagem que visa compreender o meio ambiente e as mudanças ocorridas nesses espaços, baseada de forma robusta em fontes e estudos anteriormente realizados<sup>35</sup>, ainda esbarra em uma escrita descritiva das características da natureza que formam a região, inclusive dos rios e igarapés, mas que não historiciza os rios e as relações estabelecidas pelos indivíduos com essas águas através dos anos, deixando possibilidades de uso das suas contribuições para um estudo que se aprofunde nas interações estabelecidas entre a sociedade izabelense e esses rios.

O grande desafio, então, seria o de produzir uma história ambiental de Santa Izabel do Pará que supere a visão dualista entre natureza e sociedade, possibilitando uma leitura mais aberta e de interação entre as sociedades humanas e os sistemas naturais, sem reducionismos causais ou as visões estereotipadas sobre construtores/destruidores, e que considere os aspectos culturais presentes nessas relações, primando sempre pela integração.

Não podemos deixar de descartar que este olhar sobre as questões culturais não deve fundamentar uma disjunção entre história, cultura e natureza, ao contrário, para que a

---

<sup>35</sup> Destacamos que o livro de Minervina Souza cumpre de forma louvável o papel ao qual a autora se propõe na sua elaboração, sendo sem sombra de dúvidas uma referência para pesquisadores que, como nós, visam realizar estudos locais sobre o município de Santa Izabel do Pará, pela quantidade de fontes primárias que apresenta (documentais, jornalísticas), pela quantidade de obras e autores referendados (inclusive muitos pesquisadores locais) e pelo grande número de imagens que a autora utiliza em suas obras (fotografias, gravuras).

história ambiental cumpra seu papel social ela precisa fazer com que as pessoas construam um olhar crítico e de pertencimento à natureza, entendendo que as relações estabelecidas entre ambos variam de acordo com os vários tempos históricos que foram vivenciados.

Ely Bergo de Carvalho (2012) analisa a natureza nas aulas de história a partir das memórias de ex-professores da educação básica e destaca que, a partir das demandas próprias do século XX, surgem a história ambiental e a educação ambiental, mas que, apesar destas romperem em parte com a disjunção cultura *versus* natureza, ainda existe uma história ambiental de penitência e uma educação ambiental que é mais um adestramento<sup>36</sup>. No tocante à produção brasileira sobre história ambiental, Carvalho cita Warren Dean<sup>37</sup> como exemplo de produção da chamada “história ecológica”. Segundo Enrique Leff (2005), essa “história ecológica” reforçaria a ruptura entre cultura e natureza, pois:

Nesta visão não se consegue conceber a complexidade ambiental, como um processo enraizado em formas de racionalidade e de identidade cultural que, como princípios de organização social, definem as relações de toda sociedade com a natureza; a história ambiental se limitaria a estudar as formas como diversos modos de produção, formações sociais e estruturas de classe se apropriam, transformam e destroem os recursos do seu entorno. (LEFF, 2005, p. 13 *apud* CARVALHO, 2012, p. 114).

Ainda segundo Carvalho (2012, p. 115), Leff aponta que a história ecológica falha ao desconsiderar o tempo, ignorando-o em suas análises e, assim, tais produções “narravam a história da relação entre sociedades humanas e seus ambientes como um *continuum* temporal, sem cortes, sem diferenças”. Para Leff (2005 *apud* CARVALHO, 2012, p. 115), “perceber diferentes racionalidades no passado e no presente abre o futuro para outras racionalidades possíveis, para outras relações com o mundo natural, para a construção de uma racionalidade ambiental”.

Baseados em Ely B. de Carvalho (2012) afirmamos que as análises e pesquisas ambientais devem ser produzidas com reflexões que destaquem a variação do tempo histórico, ou melhor, que façam a historicização da relação sociedade-natureza ou cultura *versus* natureza, reconhecendo que o estudo da história ambiental investiga várias questões e que

---

<sup>36</sup>Carvalho explica que a história ambiental passa a ter um tom de “penitência” quando “ênfatisa o processo de destruição da natureza e tende a silenciar a respeito das diferentes racionalidades presentes nas relações entre seres humanos e ambiente (s).” (CARVALHO, 2012, p. 113-114). Ao fazer referência ao “adestramento ambiental” no ensino, Carvalho (2012, p. 118) aponta que a “educação ambiental é entendida, primeiramente, como o repasse de informações sobre o funcionamento dos ecossistemas. Compreendida dessa forma, não caberia realmente muito espaço para a atuação dos professores de História” cabendo a mesma aos professores de Geografia e Biologia.

<sup>37</sup> A obra referendada por Carvalho é: DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

numa mesma investigação se entrecruzam natureza, sociedade, economia, pensamentos e desejos, tratados como um todo, levando-se em conta que “esse todo muda conforme mudam a natureza e as pessoas, numa dialética que atravessa todo o passado e chega até o presente.” (WORSTER, 1991, p. 202).

Mas, para completarmos nossas análises, precisamos conhecer melhor sobre o rio Caraparu e a vila de mesmo nome como espaços componentes desta pesquisa. Para tanto, a melhor referência é o professor-pesquisador Raimundo Franciel Paz (2012), que em sua dissertação defendida no PPHIST (Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia) objetiva relacionar a produção agro extrativa das comunidades localizadas à margem do rio Caraparu e o comércio de batelões<sup>38</sup> realizado através deste rio, considerado a “estrada fluvial”<sup>39</sup> que foi substituída pelas estradas terrestres<sup>40</sup>, analisando suas “correntezas e contra-correntezas”<sup>41</sup>.

Ao mesmo tempo, Franciel Paz (2012)<sup>42</sup> constrói uma análise que leva em conta a relevância da natureza e a sua relação com a criação de símbolos que aproximam as comunidades que margeiam o rio como as irmandades de Nossa Senhora da Conceição e de São João Batista, por exemplo, e como, ao mesmo tempo, estas comunidades que vivem na margem dos rios que formam a bacia hidrográfica do rio Caraparu estabeleceram um imaginário associado às práticas da pajelança cabocla concomitante com a prática de um catolicismo de devoção aos santos católicos através das irmandades.

A proposta teórica que Franciel Paz (2012) nos apresenta, reflete amplamente a respeito da relação que as comunidades que margeavam o rio Caraparu estabeleciam com o meio ambiente, e como isso influenciou no “processo de organização de micro sociedades que, após a abolição da escravidão, se deu na forma de povoações. Este foi o caso das populações de habitavam o espaço circunscrito pelo rio Caraparu” (p. 14). Focaremos em

---

<sup>38</sup>São canoas grandes, feitas de um único tronco de pau, diferente de outras canoas e montarias pelo fato de não existir bancos, pois servia apenas para transporte de produtos agro extrativos como farinha de mandioca, carvão vegetal e lenha. Cf. PAZ, Raimundo Franciel. **Nas correntezas e contra correntezas do rio Caraparu: memória e história em comunidades tradicionais na Amazônia Oriental (1912 – 1950)**. Dissertação (Mestrado). Belém: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - UFPA, 2012.

<sup>39</sup>Termo usado pelo autor em sua dissertação para se referir ao rio Caraparu até 1950.

<sup>40</sup>Período marcado pela abertura de estradas vicinais que ligaram várias comunidades a uma estrada terrestre principal, aberta com a finalidade de permitir o percurso entre a sede do município de Santa Izabel e o rio Guamá.

<sup>41</sup>O autor explica que “Os termos correntezas e contra correntezas significam que, se por um lado o rio Caraparu possibilitou o acesso no processo de ocupação das terras no século XVIII, além de servir de *elo* entre os vários sítios e povoados, por outro, dificultava as viagens de batelões, por conta do movimento das marés e da falta de ventos constantes.” (PAZ, 2012. p.13).

<sup>42</sup>Esta é a forma como comumente o referido autor é conhecido por todos em Santa Izabel do Pará e na sequência da escrita desta seção é desta forma que iremos nos reportar a ele.



compreender o que esse trabalho nos apresenta sobre o rio Caraparu e como aborda os rios urbanos que cortam a cidade.

Ao falarmos do distrito de Caraparu e sua vila, a sua formação e como esta passa a compor o município de Santa Izabel do Pará, destacamos que Minervina Souza (2012) aponta que a ocupação da região do rio Caraparu remonta ao mesmo período da colonização das áreas que margeavam o caminho dos Tupinambás, fortalecendo-se a partir do século XVIII, quando a região passou a ser distribuída em sesmarias, cujos donos visavam desenvolver atividades de lavoura trabalhadas por mão de obra escrava.

Franciel Paz (2012), usando documentos oficiais, aponta que na região do rio Caraparu houve a doação de 24 sesmarias feita a moradores de Belém entre os anos de 1727 e 1821, e que estes usavam como argumentos para adquirir essas terras “a existência de terras devolutas no rio Caraparu, o desejo de desenvolver lavouras e as possibilidades de adquirir escravos” (PAZ, 2012, p. 64). O autor enfatiza que “o Distrito de Caraparu era uma microrregião vinculada à Comarca de Belém, que recebia este topônimo por conta da relação histórica com o rio do mesmo nome” (p. 74) e que já existia desde 1891, bem antes da fundação do povoado com o mesmo topônimo.

O autor afirma que a formação da vila de Caraparu ocorre a partir de 1904 quando houve a doação de um terreno feito “por uma senhora chamada Helena Pará, o que constatamos analisando o índice dos títulos de terras levantados por Palma Muniz entre os anos de 1901 a 1908” (PAZ, 2012, p. 74), e que se formou a partir dos laços de parentesco estabelecidos entre os indivíduos que ocupavam o distrito.

Aponta ainda que, entre os anos de 1891 e 1912, vários povoados estavam em fase de formação no referido distrito, dentre eles o de Caraparu, que irá se destacar dos demais devido à influência exercida pela família Ferreira que passa a residir no povoado e atuar como comerciantes, principalmente através das figuras de José Ferreira de Souza e depois de Lino Ferreira Faro que passam a “controlar o comércio dos produtos agro-extrativos no Distrito de Caraparu, revendendo-os em Belém, tornaram o povoado de Caraparu em centro comercial” (PAZ, 2012, p. 76).

Para Franciel Paz (2012, p. 77), a transição da nomenclatura para povoação de Caraparu “significa que, a partir de 1918, o dito lugar já se configurava como um dos mais importantes em termos de localização geográfica e referência econômica para todo o Distrito”. Foi elevado à categoria de povoado pela Lei n. 1.793 de 4 de novembro de 1919 e instalado em 21 de dezembro de 1919 pelo Decreto n. 3.591, tomando assim o seu lugar de centro de uma rede comercial que interligava os povoados, sítios e retiros daquele distrito. Até

então, estando localizado entre o rio Guamá e a estrada de Ferro de Bragança, não possuía nenhum vínculo formal com a vila de Santa Izabel somente passando a fazer parte deste município com um decreto de 1934 que instala o município de Santa Izabel.

A medida que Franciel Paz apresenta o espaço que compõe as comunidades ao longo do rio Caraparu, ele enfatiza que visa “fazer uma descrição do espaço, mas como fruto de longas e complexas interações do homem com o meio natural” (PAZ, 2012, p. 49), abordando aspectos da fisiografia<sup>43</sup> para estabelecer uma relação “entre natureza e construção social” (PAZ, 2012, p. 50).

Destaca o relevo, a hidrografia e a vegetação, apontando as ligações existentes entre os grupos que ocupam a região, os usos que fazem da mesma e as adaptações que estes fazem para viver, produzir e se deslocar neste espaço. Percebemos ao longo de sua análise fortes diálogos com a história ambiental. No entanto, precisamos enfatizar o que o autor apresenta sobre os rios e igarapés que cortam a área urbana da cidade de Santa Izabel do Pará e sua ligação com o rio Caraparu.

Franciel Paz compartilha da mesma premissa dos outros autores já citados, Carlos Araújo, Nestor Ferreira e Minervina Souza, de que a ocupação da área que dá origem ao povoado de Santa Izabel, criado por Valentim José Ferreira, é motivada pela existência de um rio, que permite a ligação desta área com o rio Guamá. Percebemos isso quando o autor fala que

[...] a existência de igarapés na altura do quilômetro 42 da Estrada de Bragança, importante para uso cotidiano, e como possibilidade de transporte em direção aos povoados de Caraparu e, por conseguinte, ao rio Guamá, influenciou para que ali viesse a ser o povoado Santa Izabel, um lugar conhecido pelas belezas de seus cursos d'água. (PAZ, 2012, p. 55).

Observamos que o autor aponta a importância desses igarapés para o uso cotidiano como elemento que influencia a formação do povoado de Santa Izabel e tece uma aproximação da vila fundada com o povoado de Caraparu por meio desses igarapés; no caso, o autor se refere ao rio Izabelense. Contudo, a perspectiva de compreender a relação estabelecida entre os sujeitos e os rios da vila de Santa Izabel não é o foco de sua análise, pois no centro de seu estudo está o rio Caraparu e como o mesmo é usado entre os anos de 1912 e 1950 para transporte e para a realização do Círio de Nossa Senhora da Conceição, que

---

<sup>43</sup>Sua definição seria geografia física; descrição dos aspectos ou fenômenos naturais; representação ou detalhamento da natureza (vegetação, recursos hídricos e relevo) ou dos produtos naturais. Retirado de: [www.dicio.com.br/fisiografia](http://www.dicio.com.br/fisiografia). Acessado em 18/04/2019.

paralelamente, vão ajudando a fortalecer a influência do povoado de Caraparu sobre as demais vilas da região, na condição de centro comercial, mas também de centro religioso<sup>44</sup>.

Para apontar a formação do rio Caraparu, Paz (2012) apresenta a característica do relevo da região, destacando que as nascentes deste rio se encontram na parte mais elevada da região bragantina, onde está localizada a cidade de Santa Izabel do Pará<sup>45</sup>, correspondendo às partes mais baixas às margens do Rio Guamá. Tendo as partes mais elevadas da região cerca 20 a 30 metros,<sup>46</sup> e aquelas que margeiam o rio Guamá em torno de 4 metros, no máximo, entende-se que

[...] por conta da declividade e de uma concavidade existente no terreno, os igarapés que nascem a leste, no limite com o município de Benevides, os que nascem a oeste, no limite com o município de Castanhal, e os que nascem ao norte, na sede do município de Santa Izabel do Pará, seguindo os traçados da BR 316, convergem na direção central, o que dá origem à bacia hidrográfica do rio Caraparu. (PAZ, 2012, p. 53).

Podemos perceber que a bacia do rio Caraparu se forma, então, de várias nascentes localizadas em Benevides, na vila de Americano (distrito de município já identificado na Figura 5) e por rios que nascem na sede de Santa Izabel do Pará fazendo, portanto, parte do espaço urbano. Podemos observar na figura a seguir:

---

<sup>44</sup> Para melhor entender essa transformação pela qual passa o povoado de Caraparu ao longo da primeira metade do século XX e a importância por ele adquirida no aspecto econômico e político, orientamos a leitura do capítulo 2: **Espaço, Trabalho e Poder**. Já para compreensão da ampliação da importância do povoado associado ao aspecto religioso sugerimos a leitura do capítulo 3: **O Círio de Nossa Senhora da Conceição em Caraparu**. Ver: PAZ, Raimundo Franciel. **Nas correntezas e contra correntezas do rio Caraparu: memória e história em comunidades tradicionais na Amazônia Oriental (1912 – 1950)**. Dissertação (Mestrado). Belém: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - UFPA, 2012.

<sup>45</sup> Santa Izabel do Pará está localizado na microrregião Bragantina, que compõe a mesorregião do Nordeste Paraense, entre as coordenadas geográficas de 01° 11' 27'' e 01° 32' 54'' de latitude sul e 47° 59' 38'' e 48 15' 38 de longitude oeste de Greenwich.

<sup>46</sup> Paz (2012) cita Rocha Penteadado para afirmar que “entre Benevides e Americano, a altitude do terreno oscila entre 20 a 30 metros em relação ao nível do mar”. (PAZ, 2012, p. 52).

Figura7 - Bacia Hidrográfica do Rio Caraparu



Fonte: SANTOS *et al.*, 2017, p. 68.

É possível visualizarmos na Figura 7, em cor laranja, toda a extensão que forma a bacia hidrográfica do Rio Caraparu. Em azul, vemos a hidrografia, os rios que a compõem. Podemos perceber que alguns desses rios nascem no município vizinho, Benevides, e seguem em direção às terras do município izabelense. Outros nascem dentro dos limites do município de Santa Isabel (como no distrito de Americano, que fica localizado entre Santa Isabel e Castanhal). Com isso, compreendemos o processo apontado por Franciel Paz (2012) e Minervina Souza (2012) sobre o percurso feito pelos rios dentro da bacia hidrográfica do Caraparu em direção ao rio Guamá, cruzando inclusive a cidade de Santa Isabel do Pará seguindo em sua direção.

Os rios e igarapés sempre foram muito significativos para os munícipes, tanto que a expressão “cidade dos igarapés” passou a ser utilizada em Santa Isabel “pois até a década de 1980, ainda era possível tomar banho, nadar e lavar roupas nesses riachos”, o que hoje não se pode fazer nos rios Izabelense e Jordão que cortam o centro da cidade (PAZ, 2012, p. 55).

Para o autor, fatores como o crescimento populacional<sup>47</sup> e o desmatamento das cabeceiras são os responsáveis pela poluição, represamento e até desaparecimento de alguns

<sup>47</sup> Em sua pesquisa, Paz (2012) aponta dados do IBGE que mostram que a população de Santa Isabel do Pará era composta de 60.000 habitantes, mais ou menos, no ano de 2010, o que contrasta com a média de 11.000 habitantes da década de 1980. Apontamos que também segundo os dados do IBGE em 2018 a população de Santa Isabel do Pará é de 69.746 habitantes distribuídos em 717.662 km<sup>2</sup>, o que significa ter 82,86 hab/km<sup>2</sup>, apontando um aumento em torno de 10.000 habitantes. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/santa-izabel-do-para.html?>, acessado em 19/04/2019.

desses igarapés<sup>48</sup>. Entretanto, esses rios só ficam poluídos ao adentrar o espaço urbano “uma vez que as suas nascentes ainda se encontram em área de matas, preservados, portanto” (PAZ, 2012, p. 55). Para Franciel Paz isso explicaria “que os igarapés que não atravessam a parte urbanizada da cidade, como o Maguari, o Mucuiambá e o Itá, entre alguns outros, garantem que o rio Caraparu ainda esteja propício para as atividades balneárias de fins de semana” (2012, p. 55-56).

O autor aponta que os afluentes que cortam a área urbana de Santa Izabel do Pará despejam águas contaminadas na bacia do rio Caraparu, mas que os rios que ainda tem seu percurso por áreas de mata, em contato com os organismos em decomposição, e por isso apresentam suas águas de cor escurecida, garantem que as águas utilizadas pelos moradores e, principalmente, por visitantes que usam o balneário da vila de Caraparu para lazer nos finais de semana<sup>49</sup> ainda não esteja comprometida.

Entretanto, apesar de termos apontado anteriormente algumas considerações que o autor fez sobre os rios que cortam a área urbana de Santa Izabel do Pará, não era a intenção de Franciel Paz propor um estudo que levasse em conta as demandas de uso e que, portanto, destacasse as relações que os moradores da área urbana tanto da cidade quanto da própria vila de Caraparu estabeleceram com os rios em seu cotidiano. Fica aí a deixa para justificarmos a relevância do estudo por nós desenvolvido.

Franciel Paz (2012) continua apresentando as características do rio Caraparu e destaca os aspectos geológicos no fundo rio – que dificultavam a navegação com a baixa da maré - e a vegetação no seu entorno, a qual criava uma barreira natural para a circulação de ventos mais fortes para ajudar na navegação à vela, originavam as contra-correntezas que dificultavam o uso desta “estrada fluvial”, que fora sendo substituída a partir de 1950 pela estrada de rodagem.

A história ambiental é um campo de produção que, por levar em conta a interação entre sociedade e meio ambiente, amplia seus debates num processo interdisciplinar, no qual a

---

<sup>48</sup> O igarapé citado por Franciel Paz (2012) que desapareceu na cidade era chamado de Tatu e, para o autor, isso ocorreu porque a sua nascente também se encontrava dentro do espaço urbano da cidade. Minervina Souza (2012) cita o mesmo igarapé como um dos que cortam a área urbana e se ligam a bacia do Caraparu sem destacar que este tivesse desaparecido.

<sup>49</sup> A proposta do destaque ao turismo ligado às águas, rios e igarapés das vilas do município de Santa Izabel do Pará aparece em destaque nas redes sociais oficiais da prefeitura municipal com o título de “Trilhas das águas”. Existe um trabalho da pesquisadora Mariléia Nobre que versa sobre as mudanças nas dinâmicas econômicas realizadas pelos moradores da vila de Caraparu, apontando a introdução de uma nova atividade econômica gerada pelo turismo, a chamada “venda na beira”. Para maior entendimento, ver: NOBRE, Mariléia da Silveira. **Entre o “trabalho na roça” e a “venda na beira”**: um estudo da dinâmica no modo de vida das famílias de Caraparu-Pará. Dissertação de Mestrado, UFPA (Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2007.

natureza possa ser compreendida na sua relação com o social, utilizando elementos que possam partir destas outras ciências. Victor Leonardi em seu estudo da região amazônica por meio dos rios e sua bacia hidrográfica tem como característica ser um trabalho multidisciplinar, segundo palavras do autor, pois precisa basear sua argumentação no auxílio de “ecologistas, botânicos, zoólogos, geólogos, economistas, engenheiros florestais, antropólogos e muitos outros profissionais” (LEONARDI, 2013, p.16).

Franciel Paz apresenta em sua obra debates pautados em discussões da Geografia, Geologia e Antropologia para fundamentar suas argumentações, caracterizando assim a interação necessária para fomentar o campo da história ambiental, aproximando-se do que é proposto por Victor Leonardi. Podemos, então, afirmar que das obras até então analisadas sobre Santa Izabel do Pará, a dissertação de Raimundo Franciel Paz é a única que contempla os debates da historiografia ambiental em vários de seus aspectos de análise, seja pela interação apontada entre os homens e o rio Caraparu, seja para o uso comercial ou religioso e suas águas, ou pela descrição das ações e modificações empreendidas nas margens dos rios devido à necessidade das lavouras ou mesmo pelos autores e debates teórico-metodológicos da área ou interdisciplinares.

Paulo Martinez (2006) entende que o meio ambiente pode ser objeto de investigação do historiador e afirma que a história ambiental é um “campo aberto a experimentações” (p. 20) já que ela pode dialogar de forma interdisciplinar com outras ciências para o estudo das relações entre ser humano e natureza. No entanto, chama atenção para a necessidade do historiador se apropriar primeiramente da abordagem que pretende fazer do passado da relação entre sociedade e natureza, na qual

Esta última concebida como parte do processo social, ou seja, a dimensão física e material que adquire valor e significado pela sua inserção na vida cotidiana dos seres humanos, pois o ambiente é, necessariamente, uma construção social. Uma natureza com face humana. (MARTINEZ, 2006, p.21).

Para Martinez (2006, p. 23) o meio ambiente permite uma ampliação no campo de atuação do historiador na medida em que as problemáticas ambientais permitem o desenvolvimento de “projetos de ação educativa e para o ensino de História, ambos requeridos para a Educação Ambiental”, permitindo também um grande leque de possibilidades de interrogações sobre as questões do presente e do passado.

O papel do historiador, neste sentido, seria o de aproximar seus debates e produções da sociedade, produzindo análises que respondam às demandas dos sujeitos,

aproximem a universidade e a sociedade, a escola com a comunidade local por meio de estudos das ciências humanas e da própria história ambiental para “subsidiar ações e programas de transformação, conscientes e voluntários, na direção que a sociedade brasileira, desde o âmbito local até o nacional, identificar e reivindicar.” (MARTINEZ, 2006, p. 25).

Seguindo esta mesma perspectiva, podemos perceber que os debates da história ambiental são mais do que inovações teórico-metodológicas, e sim uma modalidade da história intimamente ligada a questões e demandas atuais, e por que não dizer, presentes. Donald Worster (2004) ao refletir sobre a necessidade de se realizar estudos de história ambiental destaca que nas universidades existia pouco interesse dos historiadores por essa temática.

Para Worster (2004), não existem culpados nesse processo de ausência, mas é fundamental o papel do professor em promover a reflexão sobre tal temática, haja vista que a crise ambiental será o problema mais relevante do mundo durante o século XXI. Para Worster o papel da história é reinventar a si mesma se deseja continuar relevante para a humanidade. Assim, o autor destaca que

[...] Ignorando o mundo natural quando estudam o passado, os historiadores encorajam outros a ignorar o mundo natural no presente e no futuro. Assim, eles oferecem pouca ajuda a qualquer um que tente entender por que essa destruição está ocorrendo ou por que ela se acelerou com o tempo. (WORSTER, 2004, p. 119)<sup>50</sup>.

As obras tratadas neste tópico foram utilizadas pelos alunos como fonte para que, juntamente com as entrevistas dos moradores antigos da cidade que tiveram experiências com os rios de Santa Izabel do Pará em temporalidades distintas, se realize um estudo ambiental nas aulas de História, por meio de uma análise que aponte a natureza como um documento, que deve ser lido e entendido de acordo com suas particularidades, e que com isso os jovens possam construir uma memória ambiental dos rios izabelenses, juntamente com uma consciência ambiental sobre a relação que necessitamos estabelecer com o meio ambiente.

Compreendemos que a temática ambiental permite que no ensino da história possamos estabelecer o debate sobre as interações da natureza com a sociedade e vice-versa, ao mesmo tempo em que possibilita que os alunos do ensino médio se apropriem da história do seu lugar e, a partir das reflexões que estabeleçam com tal temática, se percebam sujeitos com direito a um meio ambiente saudável e com deveres de cuidar e propor estratégias para uma mudança na realidade do espaço de sua cidade.

---

<sup>50</sup> Tradução feita por nós.

### 2.3 Natureza e Ensino de História em Santa Izabel do Pará

Levando em conta a relevância da temática ambiental, não podemos deixá-la afastada do ensino da história. Ely Bergo de Carvalho (2011, p. 3) analisa os modos como a sociedade vem se relacionando com a natureza a partir da forte influência do mundo moderno, que abarca diferentes racionalidades para o seu entendimento, e afirma que o ensino de história tem um lugar significativo no momento em que os historiadores, no papel de educadores, produzem narrativas que incluam a natureza e que possam superar o que o autor elenca como “problemas práticos de aplicação dos temas transversais em sala de aula”, que seriam agravados pelo fato de que em geral, os professores de história não estariam preparados para lidar com o debate ambiental.

O meio ambiente consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) como um dos cinco temas transversais<sup>51</sup> que devem aparecer na educação nacional, por ser identificado como uma questão do cotidiano dos brasileiros. Segundo José A. Freitas Neto (2008, p. 59), nos PCN’s estes temas transversais terão de ser trabalhados “em todas as disciplinas, aproximando-as do cotidiano dos alunos, para que se evite, de alguma forma, o distanciamento entre os conhecimentos apresentados pelo professor, a expectativa e as necessidades dos alunos”.

Para José Neto (2008) os temas transversais não podem ser encarados como um entrave ou uma oposição aos conteúdos e saberes ditos clássicos e que compõem a grade curricular das escolas, mas sim como “necessidades e questões do presente, de grande importância, que não podem ser ignorados pelos educadores”. (p. 64). Na compreensão do autor, da qual também compartilhamos, os temas transversais auxiliam na aproximação dos saberes clássicos com as ações do cotidiano, com a realidade dos alunos, à medida que

A busca da compreensão da realidade e a efetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a escola passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas disciplinas e de sua nova abordagem o aluno seja capaz de ver e vislumbrar-se como construtor de sua própria história (FREITAS NETO, 2008, p. 66).

Partindo da compreensão de Freitas Neto (2008), e que é também nossa, crendo que o espaço escolar deve ser um lugar de conhecimento e reconhecimento, realizamos com os alunos, nas aulas de história, análises das obras produzidas sobre Santa Izabel, buscando o

---

<sup>51</sup> Além do meio ambiente, a ética, a pluralidade cultural, a saúde e a orientação sexual fazem parte dos temas transversais apontados pelos PCN’s.



que elas falam sobre a natureza como uma metodologia que valorize aquilo que já fora produzido sobre a história do município, mas que também desperte nos alunos um olhar aguçado e sensível para temáticas relacionadas ao meio ambiente ao seu redor, fazendo dele um agente na produção de novas narrativas sobre seu lugar, pois concordamos com Donald Worster (2004) quando afirma que a crise ambiental será um dos principais problemas mundiais do século XXI e que nós, professores de história, não podemos estar à parte desses debates.

Fazer tal atividade com os alunos proporcionou a eles conhecer obras como as de Carlos Araújo (1981), Nestor Ferreira (1984), José Moura Filho (1989), Minervina Souza (2012) e Raimundo Franciel Paz (2012), que de formas distintas apontam os rios em sua escrita, mas que ainda deixam espaços possíveis de reflexão sobre os rios que cortam a parte urbana de Santa Izabel e da vila de Caraparu e debater sobre as práticas cotidianas dos moradores com estas águas. Destarte, estamos estimulando a produção nas aulas de história de um novo olhar dos alunos sobre o município, significativo para eles e pautado no meio ambiente, resultando em novas escritas sobre a história do seu lugar, tendo como referência os rios.

Mas nem sempre tal tarefa é fácil. Ely Bergo de Carvalho (2016) aponta algumas das dificuldades em abordar a temática do meio ambiente nas aulas de história e algumas possibilidades de trabalho a partir da análise de proposições feitas por outros pesquisadores. Das contribuições de Circe Bittencourt<sup>52</sup>, ele destaca que a falta de métodos para introduzir o estudo do meio ambiente nas aulas de história é muito recorrente. Carvalho aponta também Gilmar Arruda, o qual propõe que para realizar o estudo da história ambiental no espaço escolar “os professores de História devam aprender a sair da sala de aula e ‘usar os pés’ em suas aulas” (ARRUDA, 2008 *apud* CARVALHO, 2016, p.61).

Circe Bittencourt (2011) destaca que trabalhar o meio ambiente no ensino de História requer a utilização da chamada interdisciplinaridade no trabalho escolar, pois assim como na construção dos debates historiográficos, o meio ambiente ainda era visto como algo que deve ser analisado por outras áreas, e no ambiente escolar era trabalhado somente nas aulas de Geografia ou de Biologia.

Com o intuito de realizar nas aulas de História os debates sobre meio ambiente é indispensável à superação de vários obstáculos para que as atividades interdisciplinares não se limitem aos trabalhos em projeto e possam ser pensadas nos vários níveis de ensino, de forma

---

<sup>52</sup> Cf. BITTENCOURT, Circe M. F. Conteúdos históricos: como selecionar? In: BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

contínua e integradas. Bittencourt (2011, p. 268) aponta que para haver um processo interdisciplinar, existem dois princípios que podem articular essa prática: um seria a percepção de que a natureza é dinâmica e, por isso, se faz necessário compreendê-la dentro de sua dinâmica; e o outro é o de estabelecer o homem como parte integrante da natureza.

Os princípios apontados por Bittencourt aparecem explícitos dentro dos objetivos desenvolvidos nesta dissertação. Os alunos, além de compreenderem a relação estabelecida pelos sujeitos com os rios e igarapés, precisaram, sobretudo, entender que a natureza está presente no espaço urbano em que vivem e, percebendo que se hoje não existe uma relação tão próxima dos sujeitos com os rios e igarapés que cortam a cidade, as experiências vivenciadas em outras temporalidades podem ter sido diferentes e, assim, reconheçam a natureza como agente significativo na relação com a sociedade no passado e entendendo-a em constante mudança e, por isso, racionalizada de forma diferente pelos sujeitos no decorrer do tempo.

Renato Carola (2009) ao falar sobre o meio ambiente no estudo da história aponta que ao se fomentarem os debates historiográficos da história ambiental no Brasil, em estudos como os de Donald Worster e José Augusto Drummond, essa linha de debates contribuiu para “mostrar às pessoas que nunca houve uma atitude única dos homens em relação ao meio natural”, o que nos permite pensar em historicizar a natureza e as formas como as pessoas se relacionam com a mesma no decorrer do tempo. Para Carola, “o homem não é um ser naturalmente destrutivo nem ‘essencialmente’ predisposto a aderir às causas ecológicas. Sua relação com o meio ambiente muda ao longo da história”. (2009, p. 177).

Carola aponta que a História Ambiental pode ser uma ferramenta muito apropriada para a Educação Ambiental e que para ensinar e fazer história ambiental o professor precisará, dentre outras coisas, desenvolver “projetos de pesquisa visando conhecer a história da sua escola, comunidade ou país relacionada ao ambiente natural”(CAROLA, 2009, p. 179). Para isso, seria possível o uso de uma variada quantidade de fontes e muitas obras que vão desde os autores clássicos da antiguidade até os viajantes, missionários e autoridades que fizeram a colonização na América. Carola aponta que os estudos recentemente vêm utilizando

[...] de informações coletadas em obras autobiográficas ou nas várias formas de resgate de memória, individual e coletiva, que trazem à tona recordações sobre animais, matas, caçadas, pescarias, aventuras em ambientes ainda selvagens e tantos outros cenários modificados ou não com o tempo. (CAROLA, 2009, p. 190).

No espaço escolar, Carlos Carola (2009) nos afirma que a história ambiental vem a contribuir sobremaneira com a educação ambiental, pois além de estimular a leitura e pesquisa em obras já existentes, ela permite que o professor venha a adequar duas outras tradições metodológicas à sua ação, a saber: a saída de campo, em parceria com outras disciplinas e professores como Biologia e Geografia “e o trabalho com a História Oral aproveitando-se do fato de que todos os seres humanos guardam vestígios que podem se constituir em uma *memória ambiental*”.<sup>53</sup> (p. 199).

A proposta feita por Carola se conecta à nossa visão de pesquisa já que, juntamente com os alunos, buscamos novas fontes por meio de entrevistas com os moradores antigos e, com suas análises, pudemos produzir para a história de Santa Izabel do Pará novas narrativas que levaram em conta o meio ambiente, especificamente, os rios e igarapés, apontando assim as memórias ambientais que os sujeitos possuem sobre estas águas.

Outra possibilidade para aproximar as abordagens ambientais no ensino de História (CARVALHO, 2016, p. 65) seria por meio da reformulação ambiental dos livros didáticos para que o tema deixe de ser apresentado apenas como apêndice de outra temática como a cidadania, ou no contexto contemporâneo, por exemplo, no pós Segunda Guerra Mundial. Circe Bittencourt (2011, p. 267), citando Artur Soffiati, destaca que o debate pela inclusão nos livros didáticos de História da temática ambiental vem sendo travada no Brasil desde a década de 80 do século XX, pois para Soffiati é preciso “que a história ensinada, ao lado de outras disciplinas escolares, pudesse efetivamente contribuir para a educação ambiental das novas gerações”.

Em nossa pesquisa nos aproximamos da perspectiva de produção de uma obra de história que supere a ausência da natureza nos livros que falam sobre Santa Izabel do Pará. Ao pensarmos a produção de um produto em formato de *e-book* idealizamos que o alcance de tal obra possa ser maior e que seus textos cheguem a outros professores, alunos e à sociedade em geral, para que se tenham outras formas de narrar a história do município, utilizando rios e igarapés como parte das relações e processos históricos.

Acreditamos na relevância da história ambiental no ensino de História já que através dos seus debates é possível que o aluno desenvolva uma consciência sustentável e se veja como um agente importante dentro do processo histórico em que vive. Blenda Vale (2018) enfatiza que os debates sobre meio ambiente no ensino de História permitem que os

---

<sup>53</sup> O conceito de Memória Ambiental apontado por Carlos Carola será desenvolvido no segundo capítulo, onde faremos debates com outros autores para melhor compreensão deste conceito dentro da pesquisa realizada nesta dissertação.

alunos se sintam parte desse meio natural e, também, sujeitos atuantes no seu lugar, preocupando-se e olhando o meio natural como parte integrante deste. As aulas de História devem ser espaços para o debate e análise do meio ambiente, pois segundo Wesley Kettle (2018, p. 45) “a dimensão ambiental da história, além de essencial, garante a ampliação de nossas interpretações”.

Irineu Tamaio (2002, p.22), ao refletir sobre o conceito de natureza em sua pesquisa, aponta que para sua compreensão total é impossível dissociar o meio físico do meio social, cultural, político, sendo fundamental para sua compreensão considerarem-se as “inter-relações do meio natural com o social” (p. 22). Entendemos, assim, que o contexto contemporâneo está repleto de uma complexidade sócio ambiental, na qual a educação passa a ter um papel imprescindível para a criação de soluções ligadas aos problemas ambientais.

Desta forma, Tamaio (2002, p. 23) aponta que a Educação Ambiental passa a ser vista como um campo pedagógico relevante, com “uma importância fundamental para a *obtenção de resultados* em favor da conservação e melhoria do meio ambiente”, sendo entendida como uma ferramenta de mediação para que as diferentes culturas, comportamentos e interesses de grupos sociais sobrepujem as condições históricas ambientais atuais e se chegue às transformações desejadas.

Realizando seu estudo com professores da Secretaria de Educação do estado de São Paulo, Tamaio (2002) aponta quais seriam as quatro metodologias mais usadas pelos professores para fundamentar suas atividades em Educação Ambiental: a primeira estaria ligada ao grupo que associa as ações relativas ao meio ambiente à programação pré-definida no calendário (como dia dos pais, feira científica e outras); o segundo grupo usa das atividades práticas como coleta seletiva, jardinagem, horticultura e outras que estejam voltadas para os problemas concretos.

Já o terceiro grupo prioriza os trabalhos voltados para um contato com a natureza nas chamadas áreas naturais (parque, horto, etc.) e por último um grupo que prioriza a Educação Ambiental dos “estudos da realidade” (p. 25) em ambientes próximos, ligados às realidades locais, dos bairros, do município, da região, na busca de soluções que se aproximem mais de um amplo exercício de cidadania, envolvendo estudos da relação sociedade-natureza, resgate e reconstrução histórica, aspectos econômicos e sociais, dentre outros.

Essa concepção apresentada por último se aproxima bastante das reflexões de Tamaio (2002) e daquela proposta na presente dissertação, pois, como o autor afirma essa visão “possui alguns elementos de interpretações de meio ambiente que são vinculados a uma

relação histórica, cujo homem é sujeito de ações que transformam o seu meio ambiente” (p. 25) e, nesse sentido, o estudo dos rios em Santa Izabel do Pará pode, por meio da educação ambiental no espaço escolar,

[...] contribuir para desvendar a realidade local, evidenciando a compreensão dos movimentos que criam e modificam o espaço local, para no plano pedagógico realizar a construção do conhecimento elaborado pela escola no/com lugar vivido concretamente pelos alunos. (TAMAIIO, 2002, p. 26).

Levando adiante a mesma premissa, Elenita Malta Pereira (2017, p. 10) ressaltando a importância da temática ambiental na educação básica, cita Gerhardt e Nodari, que apontam uma possibilidade de trabalhar em sala de aula com a temática ambiental “por meio do estudo da história local, da toponímia e de fontes visuais e arquivísticas”. Por isso, entendemos que estudar a história de Santa Izabel do Pará amplia a possibilidade dos alunos compreenderem seu entorno, “identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho, lazer - e igualmente por situar os problemas significativos da história presente” (BITTENCOURT, 2011. p. 168).

No Ensino de História, a história local pode se tornar uma prática pedagógica que auxilie na superação das limitações curriculares existentes e que dificultam o trabalho com temas transversais, tornando as aulas de história mais interessantes e atrativas. Selva Guimarães Fonseca (2006) segue a mesma linha de entendimento que Circe Bittencourt (2011), ao aproximar a história local e o cotidiano, considerando que ambos podem ser extremamente relevantes na formação dos saberes escolares, já que em muitos momentos os professores da educação básica, mesmo realizando várias atividades pedagógicas e projetos, interdisciplinares ou não, acabam deixando de produzir registros e desconsideram suas ações como saberes analisáveis e, por que não, científicos. Essa afirmativa de Selva Fonseca (2006) reforça a necessidade de tornarmos as nossas ações pedagógicas, feitas muitas vezes de maneira informal, exemplos de saberes ligados ao ensino da história e próprios do ambiente escolar, assim como essa dissertação que vem tomando forma.

A autora sinaliza também algumas dificuldades em materializar no ensino o uso da história local e regional, e que tais problemas se estendem também para o campo da pesquisa. Dentre as dificuldades apontadas, duas nos chamam atenção: uma seria o espaço que ainda é reservado para os estudos dos aspectos políticos locais e, a outra, seriam as fontes que quase sempre privilegiam a memória de grupos ligados a elite local. Nesta pesquisa, as memórias que buscamos analisar e utilizar como fontes não são oriundas de um único grupo

social e seriam diversificadas, como entrevistas, a bibliografia produzida sobre Santa Izabel do Pará e as iconografias presentes na mesma (gravuras, fotografias, mapas), tendo como foco central os rios, nada comum nas produções mais tradicionais.

Circe Bittencourt (2011) aponta que o estudo da história local se aproxima do estudo do cotidiano por incluir as pessoas comuns como sujeitos com uma história relevante, pois passam a ser relacionadas com outros grupos sociais diversos, estabelecendo relações que entrecruzam histórias do passado e do presente.

Fonseca (2006) afirma que defende o estudo da história local na educação básica obrigatória, propondo a prática de uma “pedagogia de memória”<sup>54</sup> para combater os problemas de identidade, pertencimento, pluralidade cultural, étnica, religiosa e exclusão social que ainda marcam nossas escolas. Dentro desta perspectiva,

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante. (FONSECA, 2006, p. 132).

Sem dúvida o trabalho pedagógico com a história local ajudará a tornar os debates das aulas de História mais próximos da comunidade, construindo a identidade dos alunos, permitindo que os mesmos passem a interagir com as demandas que são vivenciadas pela comunidade.

Todavia, a história local nesta pesquisa é o campo pelo qual os alunos têm a possibilidade de se aproximar dos debates ambientais, desconstruindo a disjunção entre sociedade e natureza por meio de um trabalho pedagógico que estimule os alunos a pensar os rios historicamente, mas que também permitam que se caminhe “no sentido de romper com as dicotomias, a fragmentação, a separação entre espaços, tempos e sujeitos”. (FONSECA, 2006, p. 135).

---

<sup>54</sup> Selva Guimarães Fonseca usa as proposições de Manique e Proença, autores portugueses, chamada de “pedagogia da memória”. Para eles, esta pedagogia promoverá uma nova relação do aluno com a duração e a tolerância face ao outro; como uma pedagogia do sujeito com estratégias de ensino ativas. Nas palavras dos autores, a pedagogia da memória é aquela que “tenha em conta a pluralidade de tempos e de culturas” ocupando lugar privilegiado nos estudos da história local. (MANIQUE e PROENÇA, 1994, p. 28 *apud* FONSECA, 2006, p. 131-132).

Não negamos a relevância da história local como campo de conhecimento por meio do qual a natureza adentrou as aulas de história e, por isso mesmo, apresentamos vários argumentos justificando seu uso, não produzimos um trabalho tendo-a como foco central, mas também nos são caras as contribuições da mesma para esta pesquisa, pois sua aplicação no ensino de história facilita a absorção e compreensão dos conteúdos pelos alunos, fugindo da memorização e despertando a visão crítica, já que torna possível ao aluno enxergar as relações entre o local e as outras regiões do país e até do mundo (PAIM; PICOLLI, 2007, p. 114).

A dimensão do debate ambiental associado ao estudo local desenvolve nos alunos uma percepção de pertencimento ao lugar, preservando e valorizando a memória e a história de sua cidade. Luiz Reznik (2002) constata que o exercício da história local está relacionado à noção de pertencimento, num processo de identificação que constitui o sujeito moderno fragmentado, múltiplo e instável. A identidade local seria fundamentada pelo “exercício da memória, o desejo da convivência e a perpetuação de símbolos e imagens” (p. 3). Seria, então, a história local “a ‘costura’ de um retalho dos processos de identificação do sujeito” (REZNIK, 2002, p.3).

Para Márcia de Almeida Gonçalves, a história local seria o “conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências”. (GONÇALVES, 2007, p. 177). Na sua concepção, história local seria o “conhecimento histórico produtor de uma consciência acerca das relações entre as ações de sujeitos individuais e/ou coletivos em um lugar” (GONÇALVES, 2007, p. 178), entendido como o lugar onde se vive por ser caracterizado pelas experiências históricas vividas e nas quais os sujeitos podem se identificar e localizar.

Nesta dissertação compartilhamos do mesmo entendimento proposto por Márcia Gonçalves (2007). No entanto, diferimos ao não fazermos análises sobre o prisma da construção da consciência histórica, mas sim visando perceber a importância do estudo do lugar e das experiências ali vivenciadas, tornando-o um espaço de construção de identidades que podem ser fomentadas através do uso das memórias, que permitam novas narrativas da história do lugar e da relação dos sujeitos que nela viveram com os rios.

Compreendemos que, ao realizar tais pesquisas, constroem-se mecanismos que podem aproximar esses jovens às temáticas do passado, ressignificando o próprio ensino de história a partir de questões do presente e possibilitando que, nesse processo, o aluno faça uso de problematizações para compreender a realidade que o cerca, tendo a sala de aula como espaço de construção de debates que envolvam a percepção que os alunos têm a respeito da natureza, sua relação com esta, sua interação como parte do meio ambiente e o entendimento

de demandas sociais delicadas, como a questão do abastecimento e da má qualidade da água fornecida na cidade de Santa Izabel do Pará.

Ao analisarmos várias narrativas históricas de linguagens diversas que servem de suporte para a realização desta dissertação, visamos que os alunos possam perceber as relações existentes entre a sociedade e as águas, bem como as transformações que essas paisagens sofreram e que resultam na poluição e destruição dos rios no espaço urbano, ao mesmo tempo em que ampliem seus conhecimentos sobre a história de Santa Izabel, pois, como afirma Maria Auxiliadora Schmidt (2007), a história local pode ser vista como uma estratégia de ensino, já que

Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, suas vivências culturais; com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão completa de problemas mais amplos. (SCHIMIDT, 2007, p.190).

Segundo Márcia Gonçalves (2017), o desafio da história hoje é produzir uma historiografia didática, na qual seja incorporado o local, partindo dele e com ele, sensibilizando crianças, jovens e adultos e que, a partir das reflexões sobre o local, esses alunos atuem “historicizando e problematizando o sentido de suas identidades, relacionando-se com o mundo de forma crítica, mudando, ou não, como sujeitos, a própria vida.” (GONÇALVES, 2017, p. 182).

Para tratar da natureza do local nesta pesquisa, o uso da memória terá um papel fundamental através dos depoimentos coletados nas entrevistas feitas com os moradores antigos, posto que estes tiveram contato e usufruíram de maneiras variadas de rios e igarapés urbanos e da vila de Caraparu em seu cotidiano. Como nos afirma Circe Bittencourt (2011), ao tratar da relação entre história local e memória:

A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares de memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo. (BITTENCOURT, 2011, p. 169).

A memória é tida como aquela que torna o passado presente, através de uma representação seletiva, no dizer de Henry Rousso, “um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar, social, nacional”



(ROUSSO, 2006, p. 94). Citando Maurice Halbwachs, Rousso (2006) nos diz que a memória é “coletiva”, por constituir-se elemento essencial da identidade, da percepção dos outros e de si mesmo. Entretanto, Rousso nos alerta da necessidade de vermos que, se em escala individual a memória é coletiva, ao irmos para o campo de grupo social ou nação, não existe uma “memória coletiva”, ou seja, uma representação do passado compartilhada por uma coletividade. Para Rousso, visando superar esse obstáculo teórico,

[...] os historiadores em geral admitem, de maneira mais ou menos declarada, que as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contanto que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais clara de uma “memória coletiva”. (ROUSSO, 2006, p. 95).

Michael Pollak (1992), ao fazer suas proposições sobre a memória e a relação com a identidade, nos afirma que

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães (2015) ressaltam que a memória, “que é dinâmica, individual (porque única) e coletiva (porque remete a experiências sociais) é a fonte que abastece as lembranças” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 37), e essas lembranças que nascem individualmente, de um narrador e de suas particularidades, também é composta pela memória, vivências e experiências de seu meio social. Este pertencimento a uma coletividade faz com que ele consiga criar uma identificação com um grupo, ou seja, que tenha uma identidade. Para Santhiago e Magalhães,

A sensação de fazermos parte de um grupo vem, entre outras coisas, da memória coletiva. Lembrar coletivamente une os indivíduos e permite que eles compartilhem vivências. A ideia de pertencimento à coletividade é reforçada por recordações comuns. Identificamo-nos uns com os outros porque podemos dividir tais experiências. (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 41).

No trato das memórias, as entrevistas foram usadas como fonte e recurso pedagógico, algo que ultrapassa a perspectiva das definições teóricas ou metodológicas próprias da ciência histórica e adentra o campo dos debates sobre as práticas e experiências escolares. Transformando a concepção tradicional do ensino, pautado na memorização, onde

o aluno seria o receptor de conhecimentos prontos, o uso das entrevistas leva os alunos a desenvolver novas habilidades e capacidades antes não estimuladas, a fortalecer sua autonomia e a se interessar mais pelo objeto de aprendizagem. Como ferramenta de ensino, aproxima o aluno da condição de produtor de um conhecimento relevante, pois está ligada à história de seu lugar.

Através do estudo da natureza e, neste caso, das memórias das águas (rios e igarapés da cidade) pretende-se aproximar os alunos da história de seu lugar, permitindo que se reconheçam como sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem, já que a escola para muitos destes alunos passa a ser o lugar onde eles podem encontrar inspiração e possibilidade de desenvolver seu potencial e transformar sua realidade. Inserir, então, nas aulas de História debates sobre questões relacionadas à natureza e à história local parece fundamental para possibilitar aos alunos a construção de uma consciência crítica e um resgate das histórias do seu lugar.

Os argumentos construídos neste capítulo visaram apontar os caminhos trilhados e os elementos teóricos e metodológicos norteadores desta dissertação e que parecem pertinentes e de grande relevância para o ensino da história. Primeiramente, por desenvolver nos alunos uma percepção de pertencimento ao lugar, preservando e valorizando a memória e a história de sua cidade, principalmente por levar os alunos a refletirem sobre as histórias do seu lugar contidas nas obras apresentadas, analisadas e lidas por eles durante o processo de pesquisa e produção.

Em segundo lugar, pela organização de uma estratégia de ensino que possa ser utilizada por outros professores de história na educação básica da cidade de Santa Izabel do Pará ou em outras cidades do Brasil, para que venham a perceber como as demandas sociais presentes podem servir de ponto de partida para o estudo do passado e da relação deste com o presente, valorizando o uso de fontes diversas na sua produção, como as obras já produzidas anteriormente por outros autores, estimulando a sua leitura e compreensão pelos alunos, além do uso da memória, por meio da história oral, com a qual os alunos puderam extrapolar o espaço escolar e produzir conhecimento, produzir história.

Um terceiro fator seria a relevância de colocar em debate nas aulas de história a questão da natureza, representada aqui pelos rios e igarapés, suscitando debates atuais como os interligados às modificações da paisagem, poluição e a relação entre a sociedade e a natureza, que muitas vezes são trazidos em outras disciplinas no espaço escolar, mas que podem ser feitos pela história de forma inovadora e interessante, focando na compreensão de

como a natureza é vista pelos alunos hoje e como ela era percebida no passado, seja nas obras analisadas, seja na fala dos moradores entrevistados, pois, como nos afirma Wesley Kettle,

[...] ignorar o debate sobre os impactos ambientais ao longo da história é não estar atento às demandas sociais do presente, transformando a ciência histórica em um conhecimento pouco crítico, sem vida e que não estimula ações capazes de transformar a sociedade. (KETTLE, 2018, p. 47).

Poder apresentar as obras de vários autores que vem norteando a escrita da história do lugar em que os alunos vivem, focando em um tema ainda pouco analisado por eles nas aulas de história, os rios, e propor que façam entrevistas com moradores para conhecer as memórias desses sujeitos que não aparecem ainda apontadas por alguns desses autores, nos possibilitou refletir sobre a história ambiental no ensino de história e como ela nos apresenta um leque de possibilidades de reflexões, propondo ações para que o aprendizado sobre o passado se construa de forma abrangente, a partir das demandas de hoje, de forma crítica, por meio de uma análise a respeito das relações entre social e natural.

Cabe também pensar estratégias que desnaturalizem o comportamento atual de disjunção existente entre sociedade e natureza, de forma transformadora, possibilitando aos jovens e a todos que desta pesquisa se apropriem, terem argumentos e fundamentos para a construção de novos olhares e ações a respeito da relação sociedade e natureza, por meio de uma nova escrita sobre a história de Santa Izabel do Pará, tendo a relação com os rios como ponto central. Fica o convite para que o leitor siga conosco para entender como essa atividade se desenvolveu.

### 3 MEMÓRIAS DAS ÁGUAS IZABELENSES: PENSANDO O LUGAR E OS RIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha.

(SCHAMA, 1996, p. 16-17).

Os rios como parte da paisagem estavam afastados das discussões no espaço escolar. Conhecer as memórias que os moradores de Santa Izabel do Pará têm sobre seus rios é o modo pelo qual também descobrimos a percepção que tem sobre a natureza, o que nos ajuda a construir para os alunos um novo olhar sobre a história do seu lugar, fazendo das aulas de história um caminho pelo qual procuramos diminuir a disjunção entre natureza e sociedade.

Para isso, realizamos esta pesquisa em um espaço escolar e necessitamos fazer uma reflexão sobre o local e o público com o qual trabalhamos. Quando o pesquisador possui mais de um local de trabalho, é preciso compreender os fatores que o levaram a escolher um desses espaços e não o outro, sem contar que, com um número tão vasto de alunos<sup>55</sup>, precisamos conhecer o que motivou a escolha de uma turma específica para a realização da pesquisa em detrimento a tantas outras turmas. Essas reflexões são fundamentais quando passamos a olhar o espaço onde a pesquisa foi desenvolvida não apenas como campo de análise e sim como elemento singular para entendermos o local pesquisado e a temática ambiental trabalhada. Iniciaremos tratando dessas questões no item “*Do lugar e de quem se fala: a Escola Marieta Emmi e a turma do 2º Ano A*”.

Já no tópico seguinte “*Memória das Águas Izabelenses: metodologia e construção*” discutimos como foi feita a organização e orientação dos alunos, o encaminhamento das escolhas e decisões tomadas quanto à produção das entrevistas e as devidas orientações a serem seguidas no passo a passo da produção das memórias e no seu trato, após coleta. Abordamos a importância dessas memórias como metodologia para a compreensão e a percepção da natureza no lugar em que os alunos vivem e reforçamos a

---

<sup>55</sup> Tal afirmativa é feita levando em conta que a professora responsável pelo projeto possui 14 turmas de ensino médio em duas escolas estaduais diferentes, o que deve totalizar, aproximadamente, 560 alunos. Esses números estão baseados na média 40 alunos por turma que a professora identifica em suas salas de aula no ano de 2019.

importância de colocá-los na condição de protagonistas do processo de produção de conhecimento.

Encerramos com o tópico “*Os rios nas memórias izabelenses: analisando as entrevistas*”, onde adentramos as falas dos moradores antigos de Santa Izabel do Pará, com isso buscamos conhecer quem eram esses entrevistados e quais usos, práticas e experiências vivenciaram com os rios Jordão, Izabelense e Caraparu. Analisando essas entrevistas, pudemos estabelecer a construção das memórias ambientais izabelenses, ausentes nas obras analisadas anteriormente, e com isso, traçamos as práticas sociais vivenciadas de lazer, trabalho, alimentação, navegação, banhos e até de “crise” gerada pela poluição e destruição desses rios que levam ao seu desuso para posteriormente possibilitar aos alunos a produção de outras narrativas sobre seu lugar através dos contos usando tais memórias.

### **3.1 Do lugar e de quem se fala: a Escola Marieta Emmi e a turma do 2º Ano A**

A Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi - EEEMPME, fundada em 1999, no Bairro Santa Terezinha, área urbana da cidade de Santa Izabel do Pará, atende uma média de 700 alunos da área urbana da cidade e de várias comunidades rurais que acessam a escola através do uso do transporte escolar e que até o final do ano de 2019 estavam distribuídos entre o ensino regular (1º, 2º e 3º anos) e no Projeto Mundiar<sup>56</sup>. Dentre os alunos matriculados na escola no ensino regular, a média de idade varia entre 14 e 35 anos e no projeto Mundiar a faixa etária varia entre 17 a 40 anos. Dentre os discentes da escola, existem 11 com variadas necessidades educacionais especiais<sup>57</sup>.

A escolha da Escola Estadual Professora Marieta Emmi como local de aplicação desta pesquisa está relacionada diretamente a dois fatores. O primeiro tem ligação direta com os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o qual aponta que o processo ensino aprendizagem nesta instituição tem como um dos objetivos específicos “Buscar a práxis pedagógica – combinação entre teoria e prática – como instrumentos para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos socialmente úteis” (2018, p. 6).

---

<sup>56</sup> O Projeto Mundiar é desenvolvido pela Secretaria Estadual de Educação em parceria com Fundação Roberto Marinho a partir do ano de 2014 e visa combater a distorção idade/série e a evasão escolar tanto do ensino fundamental para os alunos a partir de 13 anos como do ensino médio para alunos a partir dos 17 anos. Em 2020 o projeto não terá mais continuidade nas escolas de nível médio, permanecendo apenas nas escolas de ensino fundamental, o que significa que na Escola Marieta Emmi não mais se iniciará turmas do Projeto Mundiar.

<sup>57</sup> Dentre esses alunos, destacamos que a maioria apresenta surdez, alguns com dislexia e outros com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade). Todas as informações aqui inseridas foram retiradas do Projeto Político e Pedagógico da escola (PPP – 2018/2020).

O objetivo anteriormente descrito nos fez perceber que a instituição prima por uma *práxis* pedagógica que permita o pleno desenvolvimento dos alunos para a formulação de conhecimentos que sejam relevantes para sua vida social. A identificação entre o que propomos em nossa pesquisa e o objetivo proposto no PPP da Escola Marieta Emmi dialogam, inicialmente, na perspectiva de propor aos alunos metodologias de ensino que estimulem a reflexão e o pensamento crítico sobre temas que sejam de relevância social e ligados à sua realidade, ao seu lugar, neste caso, o meio ambiente.

O mesmo documento aponta que as ações e práticas dos profissionais que ali atuam devem se apoiar neste instrumento como “um ponto de partida para ações emancipadoras e não para ações de controle” (EEEMPME, 2018, p. 12). Por mais que tenha a função norteadora, o PPP não é um documento fixo, e mesmo com uma aplicabilidade de dois anos, poderá sofrer alterações que visam atender as reais necessidades da escola. Seria esse o segundo fator para a escolha da escola, já que levando em conta essa base legal pudemos apresentar nossa proposta de trabalho com a turma, abordando a perspectiva ambiental nas aulas de história, pois, mesmo que o projeto não esteja registrado no documento oficial (PPP), o corpo gestor responsável no momento da elaboração e aplicação da pesquisa sempre esteve de acordo que tal atividade ocorresse nesta escola.

Esse respaldo para a proposição da atividade com a turma se fortaleceu na medida em que o PPP aponta como responsabilidade social da escola “Exercer a cidadania contribuindo, por meio da educação, para o desenvolvimento da sociedade e respeito ao meio ambiente” (EEEMPME, 2018, p. 14). Assim sendo, a escola Marieta Emmi garante a autonomia para que os seus professores possam organizar suas aulas e ensinar na escola não apenas temas que atendam as demandas curriculares formais, mas sim garantam também aos alunos autonomia para se desenvolver enquanto sujeitos críticos e conscientes das questões ambientais que estão presentes em seu município. Logo, os alunos podem estabelecer uma formação integral, pois eles têm a possibilidade de refletir sobre seu espaço, seus rios, tendo a escola como lugar para o exercício de seu protagonismo e desenvolvimento de sua cidadania.

“A Marieta”, como é conhecida e chamada na cidade a escola, apresenta como proposta estimular a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, que possam desenvolver suas habilidades com um processo de aprendizagem que não esteja pautada na educação bancária, onde o professor transmite e o aluno absorve o conteúdo, sem

criticá-lo. A proposta do PPP (EEEMPME, 2018, p. 15) é assumir “como linha filosófica, predominante, a tendência de Educação Emancipadora<sup>58</sup>”.

Nesse processo o aluno é estimulado a construir seu conhecimento por meio de um diálogo entre o conhecimento historicamente construído e o saber da comunidade, sendo o papel do professor mediar à construção crítica do conhecimento. Por tais premissas de orientação, a escolha da escola foi realizada já que a mesma permite que o processo ensino aprendizagem seja pensado para estimular o aluno como sujeito crítico a desenvolver sua cidadania e a produzir conhecimento, sendo assim o espaço mais apropriado.

Optar pelo 2º ano A dentre as três turmas de segunda série do ensino médio que trabalhamos nesta escola não está relacionado somente com os aparatos legais do PPP, mas com o entendimento de que estes alunos teriam uma aceitação maior sobre a proposta feita, apresentando maturidade para compreender a proposta de trabalho e a ligação desta com o mestrado em andamento. Outro ponto relevante foi a experiência construída no cotidiano de sala de aula com a turma, na relação professora – alunos e em debates realizados ainda no ano de 2018, quando os jovens ainda cursavam o 1º ano do ensino médio.

Surgiram em sala de aula, ainda em 2018, discussões sobre a dificuldade de abastecimento de água potável em alguns bairros da cidade e como esta questão parece ser algo bastante contraditório se levarmos em conta que nosso município, assim como outros da região, dispõe de uma grande bacia hidrográfica (do rio Caraparu) que inclui o espaço urbano da cidade e as várias comunidades que compõem seus distritos, o que podemos observar na Figura 5 apresentada no 1º capítulo. A turma demonstrou bastante interesse na temática apontando que nos bairros em que residem existe uma falta de água constante e que muitas vezes a água que abastece suas residências é de péssima qualidade. Foi demonstrado à turma que essa realidade precária contradiz a imagem que se busca construir de Santa Izabel do Pará como “cidade dos igarapés”.

Foi então destacado para a turma que isso é ainda mais contraditório, pois nem sempre os rios que cortam a zona urbana da cidade de Santa Izabel do Pará foram poluídos, sendo utilizados pelos moradores antigamente para várias finalidades. E qual não foi a surpresa ao perceber que os alunos não identificavam no espaço urbano a existência de rios. Fora preciso então apontar e localizar quais eram esses rios e explicar que ainda no final da

---

<sup>58</sup>O próprio PPP explica o que é essa tendência: “Na perspectiva da Educação Emancipadora, alunos e professores são vistos como construtores do conhecimento. Os dois são agentes ativos e cooperam para o aprendizado mútuo, estabelecendo uma relação de troca de experiências, em que o educador é educando, e o educando também é educador. Os conhecimentos já adquiridos pelo educando são valorizados e explorados, permitindo que ele reflita e tenha suas próprias conclusões”. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi**. Santa Izabel do Pará, p. 16, 2018.

década de 80 do século XX vários desses rios eram banháveis e serviam à população em caso de falta d'água ou mesmo para realizar atividades em suas margens. Era o caso do rio Izabelense e do rio Jordão.

Compreendemos que para aqueles alunos a presença da natureza na cidade era algo muito limitado e quase irreconhecível, principalmente ao fazermos referência aos rios. Os alunos reconheciam apenas como rios aqueles que banham as comunidades no interior do município e que são suas referências turísticas como, por exemplo, o Rio Caraparu, que banha a vila de Caraparu, e o Rio Itá, que passa nas vilas de São Francisco do Itá e Conceição do Itá. A distância via estrada entre o centro de Santa Izabel do Pará e a vila de Caraparu é de quase 11 km. Já à distância para a vila de Conceição do Itá é de quase 17 km e para São Francisco do Itá são quase 18 km. Essa distância entre as vilas com seus rios e o espaço da cidade fez os alunos identificarem a presença da natureza sempre associada às áreas rurais mais afastadas da cidade.

Estudiosos como Regina H. Duarte (2013) destacam que esse olhar distante em relação ao meio ambiente se fortalece com a noção construída desde a colonização do Brasil de que a destruição ou modificação da Mata Atlântica teve início somente com a chegada dos colonizadores europeus, pois a mata seria “virgem” até esse momento<sup>59</sup>. Essa visão que associa a natureza apenas como o que seria intocado pelas mãos humanas, preservado, parece estar presente na compreensão que os alunos têm do que é natureza no seu lugar, já que apontam como rios apenas aqueles que ainda são banháveis e utilizados para o lazer nos finais de semana por não estarem poluídos.

Esse pensamento demonstrado pelos alunos pode ter seu fundamento nos modelos de compreensão da natureza surgidos no decorrer dos séculos e que vão afastando os seres humanos dos animais, das plantas, dos rios, etc. Para João Naves e Maria Bernardes (2014, p. 17) esse processo de separação entre a humanidade e a natureza vai se dando a partir do crescimento do cristianismo como “um movimento em direção à separação da natureza como natureza humana e não-humana, atribuída por uma supremacia do homem em relação à natureza”. Esse processo ganhou ainda mais corpo com os avanços do pensamento racional do século XVIII, que alicerça a superioridade humana sobre a natureza, fundamentada no

---

<sup>59</sup> Nos apontamentos feitos por Regina H. Duarte, a autora destaca que esse processo de intervenção na natureza não teve início no território do Brasil apenas com a chegada dos europeus, pois os povos nativos que habitavam a região já agiam sobre esse território aplicando práticas variadas de uso e modificação do meio em que viviam. Esse processo foi “invisibilizado”, pois ao próprio nativo foi atribuída a condição de ser parte da natureza, o “bom selvagem”, que precisava ser civilizado, igualando esse sujeito ao meio onde habitava. Para compreender melhor essa questão ver: DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.



“caráter prático e utilitário dos conhecimentos e uma visão antropocêntrica cientificista do mundo em relação à natureza” (NAVES; BERNARDES, p. 19).

Para Naves e Bernardes (2014, p. 21), com o avanço da tecnologia e a Revolução Industrial, esse processo se fortalece, assim como a visão que o homem tem da natureza como algo inesgotável e que deve ser usado para o desenvolvimento “evidenciado por uma nova relação do homem com a natureza: homem *versus* Natureza, ou numa outra linguagem: desenvolvimento *versus* meio ambiente”.

Vemos que as transformações citadas nos ajudam a entender a ausência da compreensão dos rios urbanos da cidade de Santa Izabel do Pará como exemplos de natureza pelos alunos, pois as cidades tendem a serem os lugares nos quais a humanidade mais exerce controle e interfere na natureza, sendo a mesma extremamente transformada (CAPILÉ, 2016; DRUMMOND, 2007). Então, identificamos que era necessário realizar com esses alunos uma pesquisa que contemplasse dois pontos muito relevantes: primeiro o estudo da história da cidade a partir da perspectiva da natureza e da relação estabelecida entre a sociedade izabelense e os seus rios em uma temporalidade pretérita, para que os jovens possam conhecer mais sobre os rios, como eles já foram, quais as mudanças que eles sofreram e qual a influência dessas transformações na forma como eles são vistos hoje. E, em segundo, a construção de uma memória ambiental que inserisse nas narrativas os rios como agentes centrais, estreitando a relação entre os sujeitos e o meio, tendo as aulas de história como espaço de produção.

Os argumentos defendidos nessa pesquisa com os alunos da escola Marieta Emmi se aproximam dos defendidos por Durval Muniz Albuquerque Junior ao refletir sobre o conceito de região e o papel dos historiadores ao produzirem suas pesquisas sobre o regional, na medida em que

O historiador do regional é aquele que trata do que lhe é mais próximo, do que lhe é mais caro, do que lhe é mais visto e sentido como sendo seu, para deles se afastar, conseguindo estranhá-los, torná-los estrangeiros, tratá-los como algo estranho, nunca visto, nunca conhecido (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, 64).

Seria então dessa forma que se poderia realizar um estudo voltado para a questão ambiental, levando para as aulas de história discussões e reflexões que abordem os rios izabelenses e despertando nos alunos um interesse sobre um tópico muito importante que é a questão da água em pleno século XXI, problematizando o local, estranhando-o, e assim produzindo novas narrativas e entendimentos sobre a história do seu lugar, complementando

ou acrescentando novas informações sobre o que se conhece da história de Santa Izabel do Pará, mas também ampliando seu olhar para uma questão que não é somente local e sim nacional e mundial.

Feita a escolha da turma, o trabalho iniciou com a aplicação de um questionário diagnóstico para os alunos, onde os mesmos responderam perguntas com dados pessoais, como nome, idade, sexo, onde mora (se é área urbana ou rural) e se é nativo de Santa Izabel do Pará. Outras perguntas abordavam qual o conhecimento deles sobre a história de Santa Izabel do Pará, se reconheciam a natureza existente na cidade, o que eles já haviam estudado sobre o tema e sua opinião sobre a relevância ou não do estudo do meio ambiente nas aulas de história. A maioria das perguntas do questionário exigia que o aluno escolhesse opções entre sim ou não e em algumas, após optar, o aluno deveria justificar sua resposta<sup>60</sup>.

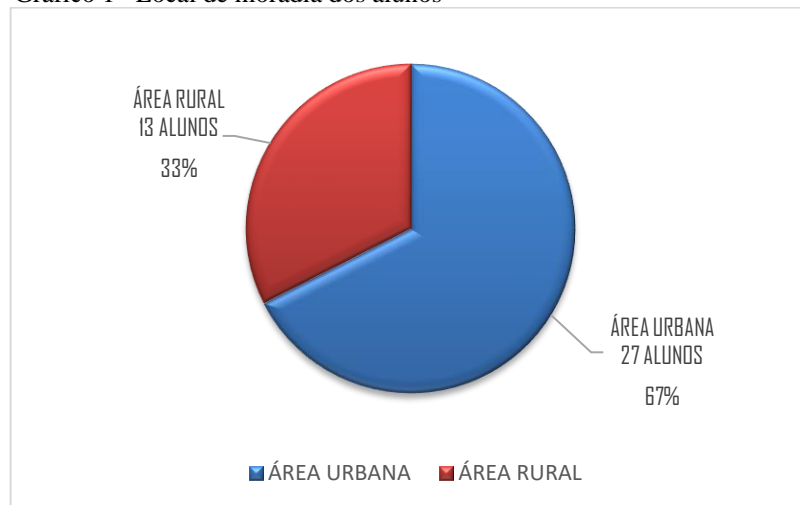
A turma do 2º ano A, no primeiro bimestre do ano letivo de 2019, era composta por 40 alunos, sendo 20 mulheres e 20 homens, distribuídos entre 14 e 23 anos. Ao observarmos a média de idade dos alunos, percebemos que a metade da turma, 20 alunos ou 50%, estão cursando a série correta para a sua idade. Entre os demais, 14 alunos estão com idade menor que a prevista para a série (1 aluno com 14 anos e 13 alunos com 15 anos). A perspectiva é que os alunos terminem o ensino médio com 17 anos, por isso detectamos que apenas seis alunos, ou seja, 16% da turma apresentam alguma distorção em relação à idade/série. Isso demonstrava que a maioria dos alunos tinha um rendimento e aprovação anuais satisfatórios e que demonstravam muito interesse e comprometimento, tanto dos jovens quanto de suas famílias com os estudos, sendo isso outro fator relevante para a escolha dessa turma para a pesquisa.

Na sequência, buscamos conhecer quem são nossos alunos pela identificação de onde moram. Sabemos que a escola Marieta Emmi possui uma clientela formada por alunos da área urbana e da área rural. Então iniciamos nossa diagnose por identificar de onde os alunos da turma do 2º ano A vinham. O gráfico a seguir nos ajuda a fazer tal análise:

---

<sup>60</sup> O questionário diagnóstico completo aplicado aos alunos está disponível no Apêndice D desta dissertação. Por hora nos concentraremos em apresentar a análise dos dados da turma participante da pesquisa.

Gráfico 1 –Local de moradia dos alunos



Fonte: Elaborado pela autora.

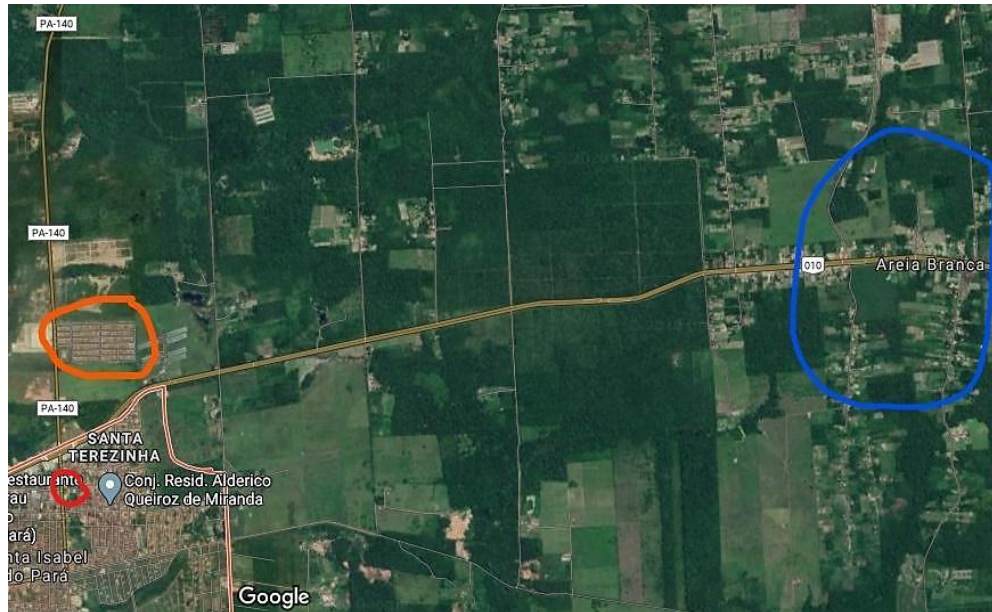
A maioria dos alunos da turma são moradores da área urbana da cidade, segundo sua própria informação. Os alunos que apontaram suas moradias na área urbana citaram vários bairros da cidade, inclusive alguns estão fisicamente bem distantes da escola onde estudam. Os bairros citados foram<sup>61</sup> Santa Terezinha, Juazeiro, Triângulo, Sagrada Família, Jardim Paraíso, Jardim Mirai, Jardim das Acácias, Jardim das Garças, Bairro Novo, Jardim Florestal e Santa Lúcia I<sup>62</sup>.

Os alunos que se identificaram como moradores da área rural apontaram várias comunidades, tanto da área que tem acesso pela BR 316, como por exemplo, Areia Branca, Vila Sorriso e Santa Rosa (cinco alunos), quanto da área que se tem acesso pela PA 140 como a Vila de Caraparu (cinco alunos). Três alunos indicaram que seu bairro é o Conjunto Kato que fica localizado as margens da PA 140 no sentido de quem vai para o município de Santo Antônio do Tauá. Desses três alunos, dois consideram o bairro como área rural e uma aluna dentre eles fez referência a esse bairro como sendo parte da área urbana. Vamos consultar a figura abaixo, para entendermos tal localização, apontando que o destaque em laranja é do conjunto habitacional Mario Kato, a margem da PA 140, em azul aparece a comunidade areia branca e em vermelho a localização da escola Marieta Emmi:

<sup>61</sup> Vou apresentá-los organizando os bairros do mais próximo à escola, em que os alunos acessam a mesma andando, para os bairros que são mais afastados, nos quais para seu deslocamento até a escola os alunos fazem uso de bicicleta, moto táxi, carros e motos particulares.

<sup>62</sup>Vale ressaltar, a título de curiosidade neste momento, que vários bairros apontados pelos alunos se chamam Jardim: Paraíso, das Acácias, Mirai e Florestal. Acreditamos que essa coincidência se deve por serem os bairros mais novos da cidade, todos surgidos a partir de ocupações irregulares de terra, a exceção é o Jardim das Garças que, assim como o Conjunto Kató – mais recente, é um conjunto habitacional do programa do governo federal “Minha Casa, Minha Vida”.

Figura 08 - Mapa da área de localização das comunidades da Areia Branca e do Conjunto Mario Kato



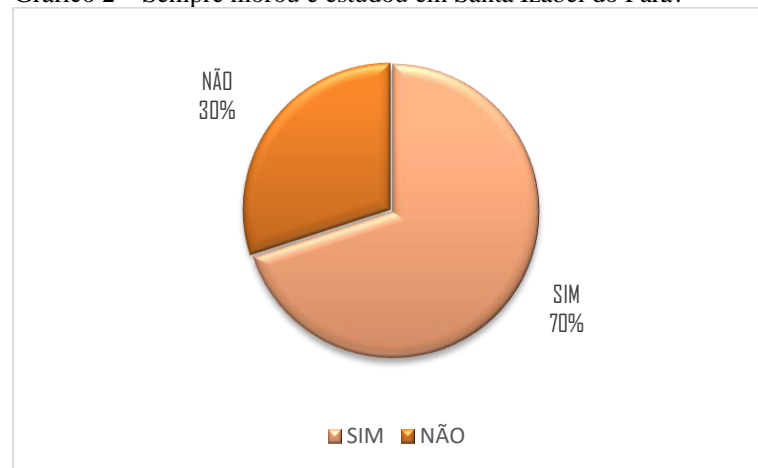
Fonte: Google Maps, 06/07/2020.

Tal confusão entre os alunos talvez tenha ocorrido por este bairro ser recente na cidade, inaugurado há poucos anos, como parte do programa habitacional do Governo Federal “Minha Casa, Minha Vida”. Além disso, muitos alunos para irem de lá até a escola usam o transporte escolar que passa pela PA 140, que traz os alunos que moram no km 05, gerando certa confusão entre os mesmos quanto à sua localização de moradia, se é área rural ou urbana. A busca desses alunos que residem em bairros afastados por uma vaga na escola Marieta Emmi se justifica devido à fama na cidade de que a escola apresenta um bom ensino e um índice alto de aprovações em vestibulares.

Inicialmente, a pesquisa focaria as memórias dos moradores da área urbana do município, destacando as memórias que tinham sobre os usos e as relações estabelecidas com os rios da cidade. Mediante o resultado desta diagnose, no qual 33% dos alunos da turma vêm das comunidades do interior, tivemos a iniciativa de perguntar aos alunos quais rios gostariam de pesquisar e, por solicitação de um grupo que mora na Vila de Caraparu, ocorreu à inclusão do rio Caraparu e de seus moradores na pesquisa, o que facilitaria a realização das entrevistas e o encontro dos alunos do grupo para a produção do seu conto, já que não precisariam se locomover para a cidade.

Quando percebemos que a turma tinha pouco conhecimento sobre a história da cidade de Santa Izabel do Pará e da natureza que nela existe ou existiu, resolvemos incluir na diagnose a pergunta: “Sempre morou e estudou em Santa Izabel do Pará?”. As respostas foram as seguintes:

Gráfico 2 – Sempre morou e estudou em Santa Izabel do Pará?



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho.

Dos quarenta alunos da turma, 12 (doze) responderam que nem sempre moraram/estudaram em Santa Izabel do Pará, o que nos ajudou a entender que talvez esse aluno nunca tenha ouvido histórias antigas da cidade por não ter parentesco com moradores antigos da cidade ou por não terem estudado o ensino fundamental (1º ao 5º ano) nas escolas do município, e assim, não estudaram sobre a história local, já que é principalmente nessas séries iniciais que essa temática é abordada.

Maria Aparecida Toledo (2010) nos diz que a ampliação da história local vem sendo debatida tanto dentro dos recortes historiográficos nacionais quanto nas diretrizes curriculares nacionais. Apontando os PCN's, a autora enfatiza que essas propostas curriculares são focadas no ensino fundamental (1º e 2º ciclos) e devem ser realizadas “por meio da construção da história do lugar” (2010, p. 744), feitas a partir de dois eixos de análise temporal: a dos movimentos das populações e a do cotidiano dos grupos presentes na localidade, o que permitiria “encaminhar o trabalho escolar para a construção do conhecimento do passado ao valorizar a memória local” (2010, p. 745). Para obtenção de informações, seriam usados entrevistas e depoimentos dos atores locais. Maria Toledo (2010) refere que, com tais orientações das propostas curriculares, “a história local e do cotidiano é o núcleo dos estudos históricos nesse período da escolaridade das crianças brasileiras” (2010, p. 745).

No entanto, é preciso destacar que nossa pesquisa não é realizada com crianças que estão no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental e sim com jovens entre 14 e 23 anos que cursam a 2ª série do ensino médio, sendo motivada pelo desconhecimento de muitos alunos sobre a história do seu lugar e, mais ainda, sobre os rios que cortam a cidade. Abordando a temática da natureza, propusemos uma nova possibilidade de estudar a história do lugar em

que o aluno está inserido, refletindo sobre um tema tão atual como as questões ambientais nas aulas de história e trabalhando de acordo com a proposta da escola dentro do seu PPP, de contribuir para a formação de um sujeito crítico, preocupado com as questões ambientais do seu lugar e também produtor de conhecimento. Precisamos analisar as respostas dos alunos que apontaram virem de outros domicílios para Santa Izabel do Pará. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 1 - Locais apontados pelos alunos como domicílios anteriores

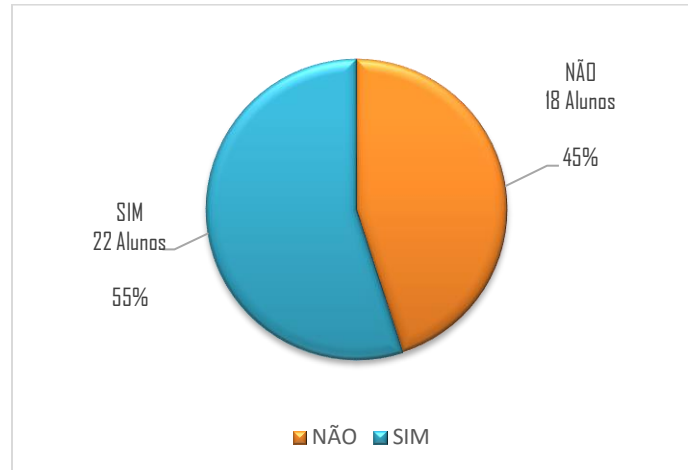
<b>LOCAL</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Belém	4 alunos
Ananindeua	4 alunos
Mãe do Rio	1 aluno
Piauí	1 aluno
Santa Catarina	1 aluno
Areia branca	1 aluno

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho.

É preciso destacar na diagnose que, entre os doze alunos, um identificou que morou fora de Santa Izabel do Pará apenas um ano (em Santa Catarina) e um outro apontou que veio para a cidade ainda bebê, o que pressupõem que mesmo não tendo nascido na cidade estudou em alguma escola da mesma desde a infância. Mas, para nossa surpresa, um aluno aponta que veio de Areia Branca, uma das comunidades que fazem parte do distrito de Americano em Santa Izabel do Pará. No caso dos demais, quatro vieram de Ananindeua, quatro de Belém, um de Mãe do Rio e um de outro estado, o Piauí.

Para a pesquisa, foi muito importante saber se esses alunos já haviam estudado sobre a história de Santa Izabel do Pará e, caso a resposta fosse positiva (que já estudaram sobre a história de Santa Izabel), deveriam citar os temas ou assuntos que lembravam ter estudado, podendo ser mais de um. Vejamos o que responderam:

Gráfico 3 – Já estudou a história de Santa Izabel do Pará?



Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Aos alunos que responderam à pergunta anterior dizendo que vieram de outras cidades e estados brasileiros, juntaram-se mais alguns, totalizando 18 alunos que responderam nunca terem estudado nada sobre a história da cidade, ou seja, 45% dos estudantes do 2º ano do ensino médio desconhecem a história do seu lugar.

Esses números também nos permitiram refletir se a negativa de alguns desses alunos não está no fato de não lembrarem os temas trabalhados e, por isso, resolveram marcar que nunca estudaram sobre a história da cidade ou se apenas não quiseram responder, pois pretendiam terminar a resolução do questionário mais rapidamente, já que sabemos que mesmo com a exposição de motivos sobre a importância do questionário para o estudo e a pesquisa, alguns alunos não demonstraram interesse e comprometimento com as atividades propostas.

Os 55% (ou 22 alunos) que responderam à pergunta afirmando ter estudado sobre a história da cidade, citaram temas e assuntos variados. Vejamos na tabela abaixo aqueles que os alunos citaram:

Tabela 2 – Temas já estudados pelos alunos sobre a história de Santa Izabel do Pará

TEMAS	QUANTIDADE DE ALUNOS
Fundação da cidade	10 alunos
Pontos turísticos	5 alunos (1 citou Igarapés)
Não lembra	4 alunos

Cont.

Monumentos históricos (Praça da Matriz <sup>63</sup> , Retiro de Moema <sup>64</sup> , Colégio Antônio Lemos <sup>65</sup> )	3 alunos
Formação populacional	2 alunos
Sobre as construções <sup>66</sup>	1 aluno
Lendas izabelenses	1 aluno
Sobre o trem <sup>67</sup>	1 aluno
Carroça de osso <sup>68</sup>	1 aluno
Sobre os igarapés	1 aluno
Comidas típicas	1 aluno
Poluição dos rios e igarapés	1 aluno

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Os temas citados pelos alunos podem ser encontrados e abordados de várias formas e em vários componentes curriculares. Os próprios alunos destacaram que algumas dessas temáticas e assuntos por eles citados foram estudados em outras disciplinas como Geografia e Estudos Amazônicos. Sabemos que boa parte dessas temáticas devem ter sido trabalhadas nas aulas de história, pois tem relação com a fundação e formação da cidade e da sua população, os patrimônios materiais (monumentos e construções), o Trem (da extinta Estrada de Ferro Belém-Bragança), comidas típicas, pontos turísticos e as lendas izabelenses. Também identificamos alunos que sabem que estudaram sobre a história de Santa Izabel, mas alegaram não lembrar quais os temas (três alunos, especificamente) e também um que simplesmente não informou o que estudou.

<sup>63</sup> Essa praça fica na parte central da cidade, ao lado da Igreja Matriz de Santa Izabel de Portugal, padroeira da cidade, e tem por nome Praça do Expedicionário, em homenagem aos soldados brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial. Ver: FERREIRA, Nestor Herculano. **História do Município de Santa Izabel do Pará**. Belém: Editora Farângola, 1984. p. 269-270.

<sup>64</sup> Área que fica às margens da BR 316 e pertencia ao intendente de Belém Antônio Lemos, sendo o local para onde ele trouxe seu filho Manoel Tibiriçá para morar afastado do centro da capital, pois era portador de lepra e que hoje é uma propriedade particular. FERREIRA, Nestor Herculano. **História do Município de Santa Izabel do Pará**. Belém: Editora Farângola, 1984. p. 200-201.

<sup>65</sup> Prédio que teve sua construção iniciada no governo do intendente Antônio Lemos e que visava servir para abrigar o orfanato que funcionava na capital, mas que foi inaugurado apenas na década de 1920.

<sup>66</sup> Ao usar a expressão “sobre as construções” provavelmente o aluno estava se referindo aos prédios históricos da cidade como o Colégio Antônio Lemos, a escola Silvio Nascimento, a antiga Estação da ferrovia Belém Bragança, dentre outros.

<sup>67</sup> O aluno está se referindo às locomotivas que faziam parte da Estrada de Ferro Belém Bragança e suas histórias que estão entrelaçadas com a história da cidade.

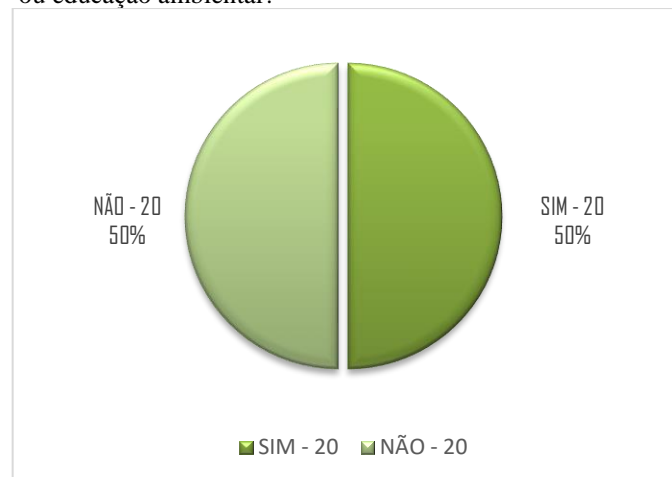
<sup>68</sup> Certamente a expressão “carroça de osso” fez referência ao carro que transporta ossos para uma fábrica de produção de graxa que funciona na parte urbana deste município e é responsável por exalar um mau cheiro no ar da cidade durante a sua produção.



No entanto, as respostas de três alunos nos chamaram mais atenção. Sem ainda ter sido abordada a questão da natureza, os mesmos responderam ter estudado sobre o elemento principal da nossa pesquisa, os rios e igarapés. Um deles nos disse de maneira genérica, sem mais explicações que estudou “sobre os rios”. Outro foi mais específico e disse que estudou sobre “poluição dos rios e igarapés” e um terceiro apontou o rio como um “ponto turístico” da cidade que ele estudou. Por meio destas respostas, entendemos que a natureza ou o meio ambiente vem sendo um tema presente nas salas de aula, mas ainda não posso afirmar que esses estudos sobre a natureza, os rios e igarapés, foram feitos durante as aulas de história ou se em outras disciplinas.

Desta percepção vem a necessidade da próxima pergunta feita à turma e analisada. Perguntamos se os alunos já estudaram na disciplina de história temas relacionados à natureza, meio ambiente ou educação ambiental. As respostas nos mostram o seguinte:

Gráfico 4 – Já estudou temas sobre natureza, meio ambiente ou educação ambiental?



Fonte: Elaborado pela autora do trabalho.

Metade da turma respondeu à pergunta afirmando que sim, já estudou nas aulas de história a temática da natureza ou meio ambiente. Já os outros 50% responderam de forma negativa, afirmando que nunca estudaram a temática. Observamos que à medida que o questionário da diagnose vai sendo preenchido, uma porcentagem maior de alunos vai respondendo as questões de forma negativa. Uma explicação para entendermos isso pode ser o desinteresse ou mesmo a pressa no preenchimento que já fora mencionado anteriormente, ou mesmo que esses alunos não tenham conseguido lembrar alguma temática ligada à natureza ou ao meio ambiente que tenha sido abordada nas suas aulas de história do ensino fundamental ou do 1ª ano do ensino médio.

Dos vinte alunos (ou 50%) que responderam positivamente à pergunta, vários temas foram citados. Vejamos na tabela a seguir:

Tabela 3 - Temas já estudados sobre natureza ou meio ambiente<sup>69</sup>

TEMAS	QUANTIDADE
Cuidados com a água	2 alunos
Elementos naturais	2 alunos
Desmatamento	3 alunos
Agricultura e pecuária do município	2 alunos
Rios e a poluição das nascentes izabelenses	8 alunos
Mudanças climáticas	1 aluno
Construções antigas	1 aluno
Importância da natureza	1 aluno
Meio ambiente e sociedade	1 aluno
Nada informado	7 alunos

Fonte: Elaborado pela autora do trabalho.

Dentre os temas que foram apontados, dois tem ligação direta com a água e um especificamente com a questão dos rios e a poluição das nascentes. A poluição das nascentes é muito preocupante já que o título “cidade dos igarapés”, mencionado no capítulo anterior por alguns autores izabelenses, é validado pelos vários balneários que existem nas vilas que fazem parte do município, no entanto, há algum tempo os igarapés que cortam o centro da cidade estão poluídos, e pesquisar sobre os esses rios deve possibilitar uma conscientização sobre a preservação dessas nascentes para a manutenção de toda a bacia hidrográfica da região.

Além destes dois temas, foram apontados outros como, por exemplo, o desmatamento, os elementos naturais (não especificados quais), as mudanças climáticas, a importância da natureza, meio ambiente e sociedade. Vemos que a presença dessas temáticas nas aulas, ou de história ou dos outros componentes curriculares, é uma grande vitória, pois podemos realizar debates contemporâneos que abordem questões centrais em escala mundial, como a questão climática, a relação entre a sociedade e meio ambiente, o desmatamento, e a preservação das nascentes e dos rios. Só não sabemos afirmar se estas abordagens levam em conta a natureza como foco central dos debates ou esta aparece como um apêndice, agregada a outros assuntos, ou mesmo, se a abordagem dada ao tema leva em conta as orientações

<sup>69</sup> É preciso destacar que os alunos poderiam citar mais de um tema como resposta.

metodológicas e teóricas da chamada história ambiental. Dada as limitações da pesquisa, isso são conjecturas que não conseguimos responder aqui, mas que considero importante.

Destacamos que dois temas nos chamaram atenção: o primeiro foi agricultura e pecuária do município (citado por dois alunos) e o outro fora construções antigas (citado por um aluno) que aparecem apontados como elementos da natureza estudados nas aulas de história. É muito provável que os alunos tenham estudado esses dois temas como processos de transformação dos espaços naturais ou como mudança da paisagem por meio da ação humana, a chamada paisagem cultural, fruto das intervenções antrópicas, como formas de interação entre sociedade e meio ambiente. Outros sete alunos não informaram nenhum tema.

Posteriormente, buscamos identificar quais as percepções de natureza que os alunos possuem, ou melhor, o que eles identificam tanto na cidade de Santa Izabel do Pará como nas comunidades onde moram que pode ser citado como exemplo de natureza. Dos quarenta alunos da turma, trinta e seis citaram vários exemplos do que eles consideram como natureza presente nesses espaços. Vejamos quais foram:

Tabela 4 - Exemplos de natureza em Santa Izabel e nas comunidades

<b>EXEMPLOS</b>	<b>QUANTIDADE</b> (cada aluno citou mais de um exemplo)
Florestal	12 alunos
Vale da Porangaba <sup>70</sup>	12 alunos
Igarapés	11 alunos
Florestas	6 alunos
Árvores e plantas	6 alunos
Sítios	2 alunos
Areia Branca (comunidade)	2 alunos
Matadouro	1 aluno
Não deu exemplos	2 alunos

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Pelos exemplos citados, vemos que os alunos destacam prioritariamente a flora como exemplos de natureza ou espaços em que esta esteja em evidência. Doze alunos citaram

<sup>70</sup> Segundo o dicionário, a palavra *Porangaba* significa planta borraginácea (*Cordiasalicyfolia*), também chamada chá-de-bugre, uma planta medicinal que ficou conhecida no Brasil como uma poderosa planta emagrecedora e inibidora de apetite. A Porangaba é frequentemente utilizada como diurético, auxiliando no combate às impurezas do organismo e no emagrecimento. Disponível em <https://www.dicio.com.br/porangaba/> Acesso no dia 07/07/2020. Mas ao falarmos de Santa Izabel do Pará, “A Porangaba” era uma grande propriedade rural que ficava nas cercanias da vila de Santa Izabel e que só vai deixar de existir na primeira década do século XXI quando é vendida para uma empresa imobiliária que cria um bairro planejado chamado “Vale da Porangaba”, citado pelos alunos e apontado na Tabela 4.

o Florestal, área composta por muita vegetação, algumas naturais e outras cultivadas e que, mesmo sem ter um tratamento ou cuidado do poder público, ainda é tido como uma das poucas áreas verdes com vegetação preservada na cidade. Outros seis alunos citam florestas, apontando as áreas de mata que ainda existem em suas comunidades, pois todos os que usaram esta expressão como exemplo são moradores da área rural.

Esses exemplos citados pelos alunos reforçam a noção de que a natureza seria apenas as áreas “virgens”, intocadas, sendo então os espaços naturais para eles aqueles que apresentam uma vegetação conservada. Outros seis alunos apontaram árvores e plantas, sem detalhar quais espécies. Podemos supor que apontam árvores com frutas comestíveis que ainda existam na cidade, plantas ornamentais e a vegetação que nasce nos terrenos sem construções na cidade.

Continuando na linha dos que citam mais a flora, doze alunos destacaram o Vale da Porangaba, um loteamento residencial que surgiu há poucos anos na cidade e que foi construído em uma área que correspondia a um sítio remanescente do final do século XIX com muita mata nativa e com igarapé, mas que, com a urbanização dos lotes para venda, teve a maior parte de sua vegetação retirada e as águas do igarapé que ainda cortam o residencial estão poluídas há muitos anos em função de uma ocupação irregular de uma área próxima onde passam as águas que formam o igarapé da Porangaba<sup>71</sup>. Neste território, mesmo com a derrubada expressiva da vegetação, a área que circula o igarapé foi preservada, bem como outros trechos dos lotes que eram cobertos por uma plantação de açaí. Mais uma vez podemos inferir a percepção dos alunos sobre a natureza como aquela associada às áreas com existência predominante de vegetação.

Outros exemplos citados foram a Comunidade da Areia Branca e os sítios – cada um foi apontado por dois alunos, todos da área rural, por serem os sítios bem como as áreas que os cercam possuidores de vegetação nativa preservada e, mesmo dentro das propriedades, os alunos identificam certamente as plantações como exemplos de natureza, não é à toa que na resposta à pergunta anterior eles identificaram como tema referente à natureza (trabalhado em sala de aula) a agricultura.

Apenas um aluno citou o espaço Matadouro como exemplo, talvez querendo se referir a uma área de vegetação mais rasteira, que comumente chamamos de capoeira, que existe hoje no terreno que antes era coberto por vegetação nativa e pertence à antiga fábrica

---

<sup>71</sup> O igarapé da Porangaba está localizado antes do rio Jordão tendo, portanto, suas águas poluídas como umas das que escoam para o rio estudado nesta pesquisa.

de sabão, entre os bairros Jardim Mirai e Bairro Novo. Outros dois alunos não citaram exemplos.

Um número significativo de alunos, onze, citou os igarapés como exemplo de natureza. Para nós, isso foi muito bom, já que nosso foco na pesquisa é trabalhar com os rios, mas fez-se necessário entender quais são esses igarapés citados e onde eles se localizam. Para responder essas indagações, observamos quem foram os alunos que citaram igarapés e onde moravam. Todos, sem exceção, são moradores das comunidades rurais, ou seja, provavelmente esses alunos falam de igarapés e balneários conhecidos e que são referências de Santa Isabel do Pará como ponto turístico: Caraparu, Itá, Porto de Minas, Sossego, da Mata, dentre outros que ficam nas comunidades onde residem.

Nenhum aluno que reside na área urbana fez referência aos rios ou aos igarapés, algo que nos parece compreensível se levarmos em conta que refletir sobre a natureza não era algo tão usual para esses jovens ou mesmo rotineiro nos debates promovidos no espaço escolar, reforçando a disjunção existente entre sociedade e natureza, principalmente no espaço urbano.

No primeiro capítulo, discutimos sobre a identificação de Santa Isabel como a “cidade dos igarapés” e que uma parte da renda de algumas comunidades, como a Vila de Caraparu, vem do turismo de final de semana em seu balneário no Rio Caraparu. Isso nos ajuda a entender o que faz os alunos citarem como natureza exclusivamente esses “igarapés” e não os rios que cortam o espaço urbano, tratando-os como valas para águas pluviais e esgoto, já que não servem para a finalidade primordial que a eles é atribuída hoje, o turismo/lazer. O problema maior é que esses rios poluídos que cortam a cidade são partes da bacia hidrográfica do Rio Caraparu, como também já apontamos no capítulo anterior, e que deságuam “seu esgoto” nos rios que ainda não estão poluídos porque tem uma parte significativa de sua bacia fluindo em áreas de mata fechada<sup>72</sup>.

Essas constatações fundamentaram a relevância desta pesquisa, pois apresentamos aos alunos os rios e igarapés que cortam o espaço urbano da cidade para que entendam que, em outras temporalidades, os sujeitos tinham outras relações e faziam usos diferentes dessas águas, da mesma forma que o Rio Caraparu também teve suas funções cotidianas em outros períodos conhecida.

---

<sup>72</sup> Para conhecer mais sobre o Rio Caraparu, ver: PAZ, Raimundo Franciel. **Nas correntezas e contra correntezas do rio Caraparu: memória e história em comunidades tradicionais na Amazônia Oriental (1912 – 1950)**. Dissertação (Mestrado). Belém: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - UFPA, 2012.

Dando continuidade à diagnose da turma, perguntamos se eles gostariam de tratar nas aulas de história de temas sobre natureza e meio ambiente. Dos quarenta alunos, trinta e nove disseram que sim, que gostariam de incluir essa temática nas aulas de história e ainda justificaram dizendo o porquê. Vejamos seus argumentos na tabela abaixo:

Tabela 5 - Por que os alunos gostariam de estudar sobre natureza e meio ambiente nas aulas de história?

<b>ARGUMENTOS APONTADOS PELOS ALUNOS</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Os alunos aprenderiam sobre natureza	5 alunos
Abririam os olhos sobre os temas da comunidade	2 alunos
Porque é bom cuidar do meio ambiente	2 alunos
Importante para a sobrevivência, para a nossa vida, para a consciência ambiental e para preservação da natureza	12 alunos
Porque eu gosto da natureza	1 aluno
Porque é bom falar em natureza	4 alunos
Aulas de história mais interessantes	2 alunos
Porque o meio ambiente faz parte da nossa vida	2 alunos
Não disseram o porquê	9 alunos

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Apontamos que nove alunos não justificaram sua resposta, apenas fizeram a afirmação que gostariam de estudar sobre a natureza ou meio ambiente nas aulas de história. Na sequência, optei por dinamizar a análise e separar as justificativas em três categorias: a primeira, que aponta como justificativa os seus gostos e aquilo que lhe dá satisfação; a segunda, que aponta a aprendizagem e a qualidade das aulas e a terceira, que aponta como argumento a preservação da natureza e a necessidade de uma conscientização. Vamos entendê-las individualmente.

Na primeira categoria, os alunos apontam que é bom falar em natureza (quatro alunos), que é bom cuidar do meio ambiente (dois alunos) e que gosta de natureza (um aluno) por isso gostariam de estudar esses temas voltados para a natureza e meio ambiente, onde como justificativa prevalece a representação afetiva, sentimental, daquilo que é do seu agrado e que iria, portanto, lhes satisfazer nas aulas.

Na segunda, o destaque maior vai para a possibilidade dos alunos aprenderem sobre natureza (cinco alunos) e porque as aulas de história se tornariam mais interessantes (dois alunos), o que demonstra que esse grupo já estava preocupado com a sua aprendizagem, com o que estava sendo ensinado e a relevância dos conteúdos trabalhados em sala, além de

destacar que havia uma preocupação em tornar as aulas mais atrativas e interessantes, algo que também buscávamos dentro dos objetivos desta pesquisa.

A terceira categoria destacava elementos muito significativos para a dinâmica da nossa pesquisa. Os alunos justificam que estudar esses temas seria importante para a sobrevivência, para a nossa vida, para a consciência ambiental e para preservação da natureza (doze alunos) o que nos fez perceber a preocupação que os jovens já apresentavam sobre a necessidade de se fortalecer uma consciência ambiental, reforçando a importância que a preservação da natureza tem, os reflexos desse cuidado em suas vidas e na sobrevivência da humanidade.

A outra justificativa aponta que seu estudo abriria os olhos sobre os temas da comunidade (dois alunos) e que o meio ambiente fazia parte da nossa vida (outros dois alunos) demonstrando uma preocupação com a preservação da natureza porque a sua comunidade também tem sua história ligada à natureza e por isso é parte integrante das suas vidas, do seu cotidiano, ratificando os argumentos que nos levaram a usar o estudo local como campo para a realização da pesquisa já que a natureza é parte significativa do lugar e das memórias e experiências dos sujeitos que ali vivem, sendo necessário um exercício de estranhamento do que lhe é comum como afirma Albuquerque Júnior (2008).

Finalizando a diagnose, perguntei aos alunos se achavam possível estudar a história de Santa Izabel do Pará por meio da natureza e das relações desta com a sociedade e a resposta dada por 39 (trinta e nove) alunos foi positiva e apenas um respondeu de forma negativa à pergunta. Infelizmente, o aluno que disse não achar possível tal estudo não justificou sua resposta.

Podemos afirmar que a diagnose realizada nos permite chegar à conclusão de que 50% da turma em algum momento estudou sobre a história de Santa Izabel do Pará, mas que o foco desses estudos não estava no meio ambiente ou em elementos da natureza, pois na maioria dos casos ao citarem os temas que trabalharam nas aulas de história sobre natureza reforçavam que muitas dessas aulas foram em outros componentes curriculares, como Geografia, Estudos Amazônicos, Ciências (no fundamental) e Sociologia (no ensino médio).

Barros (2006) nos aponta que, a partir de meados do século XX, a tendência de estudo do que ficou conhecido na França como história local se utilizou das contribuições da Geografia advindas de Vidal de La Blache<sup>73</sup> por meio da qual os historiadores realizariam

---

<sup>73</sup>Barros (2006) aponta que o modelo geográfico de Vidal de La Blache surge como uma oposição ao modelo do determinismo geográfico de Ratzel, que atribuía uma influência direta do meio sobre o destino humano e que o novo modelo de La Blache seria um “possibilismo geográfico”, no qual, ainda que o meio geográfico fosse o

estudos dos micro espaços ou espaços localizados, sendo um contraponto as histórias dos macro espaços, propostas nas histórias nacionais, na qual

A História local – ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico – surgia precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das dimensões nacionais. (BARROS, 2006, p. 470)

Ao analisarmos a história de Santa Izabel do Pará, destacamos um aspecto não apontado por Barros, o ambiental, e, assim, compreendemos que esse aspecto de análise sobre o local ou regional é muito importante por tratar em uma proporção reduzida temáticas que tem uma relevância em aspectos nacionais.

A água, seus usos e conservação, é um item de extrema importância nos dias atuais, e analisar as relações entre sociedade e natureza, estimulando os alunos a se questionarem sobre os usos e interações feitos pelos moradores de Santa Izabel do Pará e os rios que cortam a cidade e que hoje são vistos pelos alunos apenas como valas e esgotos, faz do local um fator para estimular a reflexão e o pensamento crítico sobre o valor dos rios e de se repensar as relações existentes entre o ser humano e o meio ambiente.

Usando as premissas que nos levaram a propor tal estudo com os alunos da Escola Marieta Emmi, como as demandas debatidas em sala de aula sobre a irregularidade no abastecimento de água e o desconhecimento dos alunos sobre a existência de rios que cortam a cidade e que há poucas décadas ainda eram utilizados para várias finalidades, podemos entender que o estudo local, ou regional, é aquele que vai buscar estudar o que está mais próximo, naturalizado, mas que também deve ser refletido nas narrativas construídas e cristalizadas anteriormente sobre Santa Izabel do Pará.

Existe uma lacuna que esta pesquisa ajuda a reduzir ao aproximar a natureza do ensino de história, abordando as memórias juntamente com as análises presentes nas obras escritas anteriormente sobre Santa Izabel do Pará, produzindo um novo olhar sobre a história dos rios de sua cidade, conhecendo como a natureza fez e ainda faz parte desse processo histórico de constituição, apresentando, de acordo com a sua temporalidade, elementos característicos de cada momento e, concomitante a isso, abrindo espaço para a conscientização dos alunos sobre a importância da natureza e de que é preciso que a sociedade



repense a sua relação com o meio ambiente em prol das gerações futuras e na sua sobrevivência.

### **3.2 Memórias das Águas Izabelenses: metodologia e construção**

Era comum que os alunos que iniciassem o 1º ano em uma determinada turma permanecessem estudando juntos por todo o ensino médio, o que significa dizer que, dos alunos que em 2018 estudaram no 1º A, quase 95% estariam no 2º ano A em 2019. No entanto, nos surpreendemos ao chegar às turmas no primeiro dia de aula e constatar que houve uma grande modificação na composição das mesmas.

O critério usado para a formação das turmas em 2019 não levou em conta nem a idade nem mesmo o período em que os alunos fizeram sua confirmação de matrícula, foi usado o critério de ordem alfabética. Isso fez com que vários alunos de uma turma agora estivessem em outra. Por conta disso, foi preciso repensar a aplicação da pesquisa apenas para uma turma, já que o 1º ano A, que parecia ser a turma mais disposta e possivelmente mais comprometida em realizar a pesquisa, agora estava desfeita. A solução então foi propor a atividade para as duas turmas do turno da manhã: 2º A e B.

O ano letivo de 2019 iniciou na rede estadual paraense no dia 19 de fevereiro, o que significou para minha proposta de trabalho um atraso de mais ou menos duas semanas, já que, inicialmente, o calendário proposto pela 11ª Unidade Regional de Ensino - URE<sup>74</sup> para as escolas que administra e, especificamente, para as escolas da cidade de Santa Izabel do Pará, sugeria o início do ano letivo na primeira semana de fevereiro de 2019.

Enquanto no ano de 2018 várias escolas da rede estadual de diversos municípios paraenses pararam suas atividades por conta de uma greve de professores que durou mais de 40 dias<sup>75</sup>, o mesmo não ocorreu nas escolas de Santa Izabel do Pará, pois a ampla maioria dos docentes decidiu não interromper as aulas e continuar com a proposta de calendário feita no início do ano letivo.

Entretanto, com a mudança da gestão estadual, fomos surpreendidos com o envio ainda no mês de janeiro de 2019 de uma proposta de calendário unificado para todas as unidades de ensino do estado do Pará, o que fez com que tivéssemos que atrasar em alguns

---

<sup>74</sup> A 11ª URE (Unidade Regional de Ensino) é responsável por administrar 8 municípios que compõem a Secretaria Estadual de Ensino, estando localizada na cidade sede, Santa Izabel do Pará, administra também Santo Antônio do Tauá, Colares, Vigia, São Caetano de Odivelas, Bujaru, Concórdia e Tomé-Açú.

<sup>75</sup> Ver informações na página do G1: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/professores-da-rede-estadual-suspendem-greve.ghtml>. Acessado em 10/03/19 às 16:04h.

dias o início das nossas aulas. Outro fator que levou também a esse recuo no início do período letivo é o fato de que o transporte escolar que atende aos alunos da rede estadual, dentre elas a Marieta Emmi, só começaria a funcionar no período em que se inicia o ano letivo da rede municipal, o que só aconteceria no dia 18 de fevereiro de 2019.

Assim sendo, a pesquisa foi iniciada na primeira semana do período letivo, no dia 22 de fevereiro, uma sexta-feira<sup>76</sup>, momento em que apresentei a proposta de trabalho para ambas as turmas, destacando que a mesma seria de extrema relevância, pois usaríamos de um elemento pouco destacado tanto no ensino de história quanto nas referências escritas e apresentadas sobre Santa Izabel para seu estudo, que é a natureza, mais especificamente os rios e igarapés, e possibilitaria aproximá-los da história da cidade em que vivem.

Apresentamos a metodologia a ser aplicada na pesquisa, na qual os alunos organizados em grupos fariam entrevistas com moradores antigos da cidade, registrando suas memórias e depoimentos em formato audiovisual (com uso dos celulares). Também foi destacado que como finalização do projeto seria realizada a criação e divulgação de um repositório virtual (que poderia ser no formato ou de *site* ou de um *blog*) no qual os alunos, como co-autores, iriam apresentar os resultados de suas pesquisas, criando assim um espaço público na rede para divulgação de pesquisas e fontes relacionadas à história da cidade de Santa Izabel do Pará.

Para encerrar apresentamos para os alunos o método de avaliação que seria usado, onde as atividades desenvolvidas bimestralmente seriam avaliadas dentro do processo de aprendizagem e, portanto, não haveria prejuízo para os objetos do conhecimento que deveriam ser trabalhados visando à preparação dos mesmos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os grupos seriam acompanhados semanalmente para verificar o andamento de sua pesquisa e, na semana antecedente ao período de culminância das avaliações, deveriam entregar o resultado de suas atividades do período, sendo avaliados pela sua participação e pelo resultado de suas produções. A cada bimestre um determinado valor em pontuação lhes seria atribuído por avaliação<sup>77</sup>.

Os três primeiros horários de aula foram no 2º ano A, para quem a proposta foi apresentada primeiramente, e na qual percebemos que muitos alunos se sentiram bastante interessados em participar, prontamente se organizando em grupos e começando a relacionar

---

<sup>76</sup> Esse dia corresponde ao dia da semana em que a turma tem suas aulas de história ministradas, com carga horária correspondente a 3 horas aula por semana.

<sup>77</sup> Na Escola Marieta Emmi, sempre foi dada aos docentes liberdade para organizar seus métodos avaliativos, principalmente por estes se basearem, como já fora apontado no subitem anterior, nos princípios de uma educação emancipadora e, para que esta fosse efetivamente realizada, se primava pela autonomia do professor em organizar sua avaliação bimestral com os alunos.

entre eles possíveis moradores para serem entrevistados. Algo importante ao destacar a reação da turma para a proposta de trabalho foi que, entre os alunos que reagiram positivamente, a ampla maioria tinha sido aluno do 1º ano A, ou seja, da turma que pensamos em trabalhar desde 2018.

Os demais alunos, que no ano de 2018 foram alunos do 1º ano B, do 1º ano C ou D (no turno da tarde) ou eram alunos desistentes e reprovados em 2018 – destacando que todos eles mesmo que em outro turno, em outro ano letivo ou mesmo em outra escola já haviam sido nossos alunos – não demonstraram o mesmo interesse pela atividade proposta, tendo que ser várias vezes interpelados para que se organizassem em grupos e começassem a pensar sobre qual rio iriam pesquisar e seus possíveis entrevistados.

Do quarto ao sexto horário fomos para o 2º ano B e, assim como na turma A, também fizemos a apresentação da proposta de pesquisa, sua metodologia e o processo avaliativo envolvido na mesma e de imediato já pudemos perceber uma indiferença na reação da maioria da turma. Apenas poucos alunos demonstraram interesse em se organizar em grupos voluntariamente ou mesmo se propor a pensar em possíveis pessoas a serem entrevistadas. Nesta turma existiam três alunos com necessidades de atendimento especializado, o que não seria impedimento algum para sua participação na pesquisa em grupo já que neste momento ainda havia na escola uma professora que realizava o atendimento destes alunos em sala de aula<sup>78</sup>.

É importante apontar que fora esclarecido aos alunos que todo este processo de produção da pesquisa seria organizado e orientado paralelamente ao trabalho com o conteúdo referente ao currículo escolar exigido. Houve uma grande preocupação em deixar isso bem esclarecido para as turmas, principalmente ao propor que das três aulas que temos semanalmente, uma delas seria usada para orientações aos grupos e encaminhamento das atividades do projeto e, nas demais aulas, faríamos as atividades referentes à grade curricular.

Para a pesquisa, os alunos deviam apresentar no primeiro bimestre e segundo bimestre as seguintes atividades como requisito avaliativo: as entrevistas realizadas, em áudio visual e as suas transcrições. Já para o segundo bimestre, as atividades seriam de produção textual das Memórias das Águas Izabelenses, juntando debates e leituras sobre as obras escritas por Araújo, Ferreira, Moura Filho, Souza e Paz<sup>79</sup> e as entrevistas, seguidas da

---

<sup>78</sup> A professora ficou atuando na escola até o mês de junho de 2019, quando acabou o seu contrato de 24 meses com a Secretaria de Estado de Educação e, desde então, os alunos ficaram sem esse atendimento e sem suporte para interagir e compreender as aulas (no caso do aluno que necessita da intérprete de libras) e ter um auxílio mais direto nas suas atividades no caso dos outros dois alunos.

<sup>79</sup> Analisadas no 1º capítulo desta dissertação.

primeira leitura e correção dos textos, a possível reescrita dos alunos, a socialização dos resultados para a comunidade escolar e, finalmente, a publicação dos textos com sua inserção no repositório virtual: “Histórias Izabelenses”. No primeiro bimestre a realização das atividades exigidas seria avaliada com a atribuição de 3,0 pontos. Já no segundo bimestre, aonde os alunos realizariam uma quantidade maior de tarefas, os pontos atribuídos corresponderiam a 4,0. Observe o quadro abaixo:

Quadro 1 - Atividades do projeto no primeiro semestre

<b>BIMESTRE</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>NOTAS</b>
1º Bimestre	Entrevistas e suas transcrições	3,0 PONTOS
2º Bimestre	Produção textual; Culminância com socialização para a comunidade escolar; Publicação de textos no repositório virtual.	4,0 PONTOS

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho.

Algo que encantou a maioria dos alunos das turmas, além da pontuação atribuída, foi a proposta de que todos seriam considerados co-autores do repositório, tendo seus nomes diretamente citados nas publicações. Já que a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagem são os principais meios de comunicação, divulgação e socialização de informações para estes jovens, a possibilidade de aparecer citados como autores e co-autores de textos na rede interessou a maioria.

Outro ponto que agradou muito foi a proposta de que os alunos que desenvolvessem as atividades do projeto durante os bimestres estariam livres de realizar a culminância da avaliação bimestral em formato de prova, sendo necessário apenas realizar as demais atividades avaliativas feitas em sala e que somariam pontos para as notas bimestrais. A possibilidade de não precisar fazer as provas escritas no modelo tradicional foi um fator que sem dúvida teve um peso significativo para adesão dos alunos ao projeto.

Entre a apresentação da pesquisa para as turmas e a organização dos grupos houve um processo de reflexão sobre a realização ou não da mesma envolvendo uma ou as duas turmas de 2º ano do turno da manhã. Alguns elementos foram determinantes para a decisão tomada. Ambas as turmas tinham em média quarenta alunos e realizar a atividade com mais ou menos oitenta alunos, divididos em grupos de cinco a sete alunos em cada turma, demandaria um tempo e uma atenção maior para a produção e orientação de suas atividades.

Para essa proposta, teríamos uma média de quatorze a dezesseis grupos. Se cada grupo fizesse apenas uma entrevista e repassasse essas fontes para serem analisadas e

discutidas, teríamos então dezesseis entrevistas, uma quantidade grande de fontes para analisar, levando-se em consideração o tempo de duração do mestrado e a necessidade de conclusão do trabalho. Se todos os grupos fizessem as duas entrevistas, como sugerido, teríamos o dobro de material, trinta e duas entrevistas. Sem contar que a pesquisa também era composta de outras fontes a serem analisadas, que foram as obras apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação.

Decidimos focar o trabalho em apenas uma das turmas e ter um volume menor, no entanto, consistente e significativo de entrevistas para poder realizar as análises, sem contar que com uma quantidade menor de grupos, a atenção dispensada para os alunos e para realizar reuniões auxiliando-os na hora da produção de suas narrativas escritas seria maior.

Com a decisão tomada, partimos para um bate papo informativo com o 2º ano B, deixando bem claro que o fator mais determinante para a não realização da atividade com a turma fora o tempo para analisar o volume de informações, fontes e registros. Para uma parte da turma B a notícia foi recebida com pesar, para outros com alívio. Mas, seguimos então com as atividades da pesquisa apenas no 2º ano A.

Já no mês de março, aplicamos um questionário visando ter uma diagnose sobre o público que está participando do projeto e detectar que experiência esses alunos já tiveram com a natureza nas suas aulas de história e o que conhecem sobre a natureza em Santa Izabel do Pará<sup>80</sup>. Neste mesmo dia os alunos organizaram os grupos, usando como critério principal a afinidade e incluindo os alunos ausentes, totalizando sete grupos, que ficaram com a tarefa de escolher sobre qual rio ou igarapé gostariam de pesquisar e quais os possíveis moradores a serem entrevistados, comprometendo-se a trazer esses tópicos decididos na semana seguinte.

Chegada a próxima semana, a maioria dos grupos não apresentou as informações solicitadas. Infelizmente, os alunos sentiram dificuldade em selecionar os rios e igarapés para sua pesquisa. Isso se deve pelo fato já apresentado anteriormente, de que muitos não identificavam essas águas no espaço urbano como exemplos de natureza, e para solucionar essa questão fomos auxiliando os grupos a identificarem os rios e igarapés, nomeá-los e assim delimitar o que pesquisariam. Apenas um grupo formado por alunos que são moradores da vila de Caraparu apresentaram a proposta de pesquisar o rio Caraparu e de entrevistar os moradores da vila com o mesmo nome, já que para eles essa escolha facilitaria a produção de sua pesquisa e as reuniões do grupo no contra turno, algo que foi imediatamente aceito.

---

<sup>80</sup> Os dados recolhidos com a pesquisa diagnóstica foram analisados no subitem anterior.

Ainda havia a dúvida nos grupos sobre quem seriam seus entrevistados, pois essa escolha estava relacionada com o rio ou igarapé que o grupo faria sua pesquisa. Na medida em que foram selecionando os espaços a serem pesquisados foi possível partir para a escolha dos entrevistados, sempre orientados por nós, que chamamos a atenção para a possibilidade de que alguns funcionários e professores da escola também poderiam ser selecionados para a entrevista ou então poderiam indicar possíveis entrevistados, e que os alunos poderiam levar em conta primeiramente o grupo de pessoas mais próximas, como a família e vizinhos para selecionar seus entrevistados. Com isso, os alunos se sentiram mais confiantes e foram apresentando suas sugestões.

Para esta dissertação vamos identificar os grupos por numeração, que seguirá do número 1 ao 7. O grupo 1 apresentou como escolha de pesquisa o Igarapé do Jardim das Acácias<sup>81</sup>, que é um trecho do Rio Izabelense<sup>82</sup> e como entrevistadas foram selecionadas duas moradoras do bairro. O grupo 2 é composto pelos alunos do Caraparu e, por conseguinte, como já apresentamos anteriormente, a pesquisa será feita sobre o Rio Caraparu e a entrevista foi realizada com moradora antiga da vila. O grupo 3 escolheu o igarapé Mirai para sua pesquisa, esse identificado como um trecho do Rio Jordão<sup>83</sup>, e como entrevistadas escolheu uma funcionária da escola e uma professora aposentada.

O grupo 4 apontou para sua pesquisa o igarapé chamado Maria Pinto, também um trecho do Rio Jordão e para entrevista selecionou uma moradora antiga da rua Antônio Pontes, próxima ao igarapé e uma outra moradora antiga da cidade. O grupo 5 selecionou inicialmente o igarapé do Tatu, apontado no primeiro capítulo da dissertação como sendo um igarapé que teve a sua nascente comprometida pela ocupação realizada no seu entorno e por isto está seco<sup>84</sup>. Após argumentação que realizamos com o grupo, eles optaram por pesquisar o Rio Izabelense, no trecho que passa no centro da cidade e a entrevistada seria uma professora e pesquisadora aposentada.

O grupo 6 também apresentou como espaço de pesquisa o Rio Izabelense, mas esse grupo destacou que faria uma pesquisa com um funcionário da escola que é morador antigo do bairro do Jurunas e por isso faria uma abordagem do trecho final do rio. O grupo 7, apesar de muita argumentação e proposições feitas, não apresentou proposta de nenhum rio ou

---

<sup>81</sup> Os igarapés dos Rios Izabelense e Jordão citados pelos grupos serão identificados em figuras que estarão no próximo subitem.

<sup>82</sup> O Rio Izabelense e o Rio Jordão aparecem identificados na Figura 6 que está na seção 2.

<sup>83</sup> Ver Figura 7 na seção 2.

<sup>84</sup> Conferir maiores informações em: PAZ, Raimundo Franciel. **Nas correntezas e contra correntezas do rio Caraparu: memória e história em comunidades tradicionais na Amazônia Oriental (1912 – 1950)**. Dissertação (Mestrado). Belém: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - UFPA, 2012.

igarapé para pesquisa e foi então dado ao grupo um prazo maior, até a semana seguinte para apontar seu espaço de pesquisa e quem seriam seus entrevistados.

Quadro 2 - Relação dos grupos, dos rios pesquisados e dos entrevistados (as)

GRUPO	RIO/IGARAPÉ	ENTREVISTADO (A)	PROFISSÃO
1	Igarapé do Jardim das Acácias	Moradoras do bairro Jardim das Acácias	Uma é dona de casa e a outra é
2	Rio Caraparu	Moradora da vila	Aposentada
3	Igarapé Mirai	Uma Moradora do bairro São Raimundo e outra do bairro triângulo	Uma funcionária da escola e a outra professora aposentada
4	Igarapé da Maria Pinto	Moradoras antigas da cidade	Uma aposentada e uma dona de casa
5	Rio Izabelense	Moradora antiga da parte central da cidade	Professora e pesquisadora aposentada
6	Rio Izabelense	Morador antigo do bairro Jurunas	Funcionário da escola
7	NÃO ESCOLHEU	NÃO ESCOLHEU	-----

Fonte: Elaborada pela autora.

Para não ocorrer atrasos, na semana seguinte foi entregue para um aluno de cada grupo o material que seria utilizado na realização das entrevistas. Dentre eles, estavam: a carta convite (serviria para formalizar o convite aos futuros entrevistados), a ficha de dados do entrevistado (deveria ser preenchida no momento antecedente à entrevista) e a carta de cessão das entrevistas (por meio da qual os entrevistados autorizam o uso de suas memórias na pesquisa)<sup>85</sup> e uma proposta de roteiro para a entrevista<sup>86</sup> (que poderia ser alterada de acordo com a necessidade do grupo e o desenrolar da pesquisa).

Os grupos foram orientados sobre como proceder e utilizar cada um dos materiais e foram encaminhados para iniciar a pesquisa. Importante destacar que o grupo 7, que ficou com a incumbência de entregar a sua proposta de espaço para pesquisa e os possíveis entrevistados, mesmo sendo cobrado novamente, não apresentou nenhuma informação nova sobre suas atividades.

<sup>85</sup> Todo este material utilizado com os grupos para sistematizar as entrevistas são modelos sugeridos por Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães em seu livro. Para maiores informações ver: *Ouvidos atentos: a entrevista como prática pedagógica*. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Org.). **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 55-152, 2015.

<sup>86</sup> O roteiro da entrevista aparece como Apêndice E no final desta dissertação.

Os alunos partiram, então, para um período de duas semanas realizando a entrega da carta convite, agendando as entrevistas, realizando-as e organizando-as para entrega em formato audiovisual como critério avaliativo do 1º bimestre. A cada semana de aula, encaminhávamos o conteúdo da grade curricular e fazíamos no horário final um momento para orientações por grupo, recolhendo informações do andamento da atividade e retirando possíveis dúvidas. Para facilitar o contato entre professora e alunos, criamos um grupo no aplicativo *WhatsApp* por meio do qual os alunos tiravam possíveis dúvidas que surgissem, solicitavam orientação para encaminhar suas atividades e usaram como meio de envio do arquivo com as entrevistas finalizadas na semana anterior a 1ª avaliação bimestral, tudo isto feito em comum acordo com os alunos.

A escolha desta metodologia de trabalho, por meio do uso da História Oral, e, por conseguinte, da produção de memórias, não foi aleatória. Esta é uma ótima ferramenta para modificarmos a concepção tradicional de ensino que é marcada por uma prática de memorização de conteúdos prontos e o aluno é percebido apenas como um receptor de informações. A História Oral, segundo Santhiago e Magalhães,

[...] diversifica caminhos em direção ao conhecimento, porque valoriza a autonomia do aluno e proporciona um aprendizado ativo, participativo e colaborativo. Ela permite que o aluno não seja apenas um receptáculo de dados – e que passe para a condição de sujeito ativo, criativo, do conhecimento. Ao produzir fontes de informação e consolidar conhecimento, o interesse do estudante pelo objeto de aprendizagem tende a aumentar. (SANTHIAGO; MAGALHÃES. 2015, p. 10).

Cabe apontar que essa proposta de potencializar o papel do aluno no processo de ensino aprendizagem é presente no PPP da escola e, sem dúvida alguma, é primordial para estimular a participação dos alunos e sua identificação com aquilo que é estudado, à medida que a produção, surgindo como fruto das pesquisas realizadas pelos discentes, estimula para que os mesmos se sintam parte do processo da elaboração de conhecimento e queiram socializar aquilo que foi por eles produzido.

Ao tratarmos dos rios e igarapés de Santa Izabel do Pará, usamos um tema relevante para o cotidiano dos alunos, tanto por serem os balneários a referência turística do município, quanto por possibilitar o conhecimento do que levou os rios e igarapés urbanos a não serem mais banháveis. Usamos dessa proposta para estimular os alunos a refletir mais sobre o meio ambiente e, especificamente, a questão da água em nossa cidade.

Estes trabalhos coletivos nem sempre são conduzidos de forma tranquila, surgindo algumas questões nos grupos que necessitaram da intervenção da professora para que



ocorresse o melhor andamento e continuidade da pesquisa. O grupo 4, por exemplo, apresentou uma dificuldade em estabelecer a organização das entrevistas e, até na hora de distribuir os materiais (carta convite, roteiro, carta de cessão), não houve uma boa articulação, ficando uma das alunas muito deslocada na realização da atividade. Foi necessário, para facilitar a pesquisa, que uma parte do grupo fizesse uma entrevista juntos, pois poderiam se encontrar com mais facilidade e que a segunda entrevista fosse realizada apenas por uma aluna, mesmo que isso significasse memórias de entrevistados que não destacassem apenas o Igarapé que inicialmente tinham sugerido, no caso, o Igarapé Maria Pinto, mas outros trechos do mesmo Rio Jordão.

O grupo 5 demorou bastante para realizar a entrevista, posto que ficou algum tempo debatendo a escolha dos seus entrevistados. Isso fez com que tivessem uma dificuldade em cumprir os prazos estabelecidos para a entrega da pesquisa, mas, felizmente, não inviabilizou a sua conclusão. O grupo 7 chegou a decidir que fariam sua pesquisa sobre o Igarapé da Porangaba, mas não escolheu de forma definitiva seus entrevistados, o que atrasou sua produção.

As semanas seguintes foram dedicadas à realização das entrevistas pelos grupos. Os alunos mantinham comunicação conosco via grupo do aplicativo e informavam dos seus progressos na pesquisa. Cada entrevista realizada era informada e pudemos perceber que alguns grupos tiveram mais autonomia na hora de encaminhar as entrevistas. Outros precisaram de um pouco mais de atenção e de intervenção da professora para entrar em contato com os entrevistados, já que a mesma mora em Santa Izabel do Pará desde o seu nascimento e poderia sugerir e direcionar o processo de convite e agendamento da entrevista para os grupos.

O uso das entrevistas nessa pesquisa também nos parece importante por ser um processo de produção de conhecimento baseado em perguntas e não em respostas prontas, que é fruto de uma maior interação do aluno com o outro o que, segundo Santhiago e Magalhães (2015, p.10), vai estimulando “o relacionamento do aluno com sua comunidade; que registra informações ausentes em outros tipos de documentos; que revela visões destoantes sobre fatos já conhecidos” ajudando sobremaneira a responder as lacunas existentes na história contada sobre Santa Izabel do Pará, principalmente no que diz respeito ao meio ambiente, assim como “ela planta dúvidas sobre o saber instituído e assim estimula o debate e a prática de pesquisa, tão necessários na cultura escolar.” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 10).

A História Oral criaria os vínculos, faria a “relição”, as aproximações entre os estudantes e sua comunidade, ajudando os mesmos a refletir sobre os rios e as relações que os

sujeitos com ela estabeleceram, refletindo sobre o seu lugar, pois a mesma “relegaria as pequenas e singulares histórias ao fluxo da sociedade; os alunos (na qualidade de pesquisadores) às suas comunidades; o conhecimento escolar à sociedade” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 11).

Cabe-nos ressaltar que o uso das entrevistas como ferramenta pedagógica não é recente e que suas origens estão ligadas a década de 60 do século XX, nos Estados Unidos, em uma experiência chamada projeto *Fox Fire*<sup>87</sup> que, de tão exitosa resultou na sua extensão e na criação de uma série de outras ações como publicações, a fundação de um museu e uma organização não governamental<sup>88</sup>.

No Brasil, as experiências e usos da entrevista como ferramenta pedagógica nas aulas de história se multiplicam, e em muitos casos (como em nossa pesquisa), essa abordagem se aproxima do estudo local e isto nos permite enfatizar que o grande diferencial da nossa pesquisa está no fato do objeto de estudo ser o meio ambiente, ou seja, os rios de Santa Izabel do Pará. Voltemos a analisar o processo de pesquisa para percebermos essas questões apontadas na prática.

Foi dado prosseguimento às aulas com o conteúdo curricular paralelamente às orientações e lembretes via grupo de aplicativo sobre os prazos a serem cumpridos. Na semana que antecedeu a 1ª avaliação bimestral, como acordado, foi realizado por cinco dos sete grupos a entrega dos arquivos com as entrevistas produzidas. Foram entregues alguns arquivos apenas de áudio e outros audiovisuais. Como em alguns grupos houve uma divisão entre eles para realizar as duas entrevistas, os alunos foram autorizados a enviar em arquivo pelo grupo do *WhatsApp* a entrevista realizada, identificando o grupo que estava entregando a mesma.

Como resultado, foram entregues nove entrevistas. Os grupos 1, 3 e 4 apresentaram duas entrevistas cada. O grupo 2, 5 e 6 apresentaram apenas uma entrevista. Apesar da diferença entre a quantidade de entrevistas realizadas por cada grupo, algumas questões foram levadas em consideração. Os grupos que entregaram um número maior de entrevistas foram aqueles que os alunos se anteciparam no convite aos entrevistados e no agendamento das entrevistas.

---

<sup>87</sup> Projeto que usava a História Oral na sala de aula criado pelo professor de inglês do estado da Geórgia chamado Eliot Wigginton em 1966, criando um trabalho de história local com seus alunos entrevistando a comunidade a respeito da cultura dos montes Apalaches e a partir das quais os alunos criaram revistas semestrais com os materiais recolhidos.

<sup>88</sup> Para conhecer melhor um pequeno histórico sobre processo de uso da história oral em sala de aula, nos Estados Unidos, alguns países europeus e no Brasil, ver: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Org.). *O uso pedagógico da história oral*. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Org.). **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 29-34, 2015.

Os grupos que produziram apenas uma entrevista foram os que encontraram dificuldades em entregar as cartas convite ou mesmo em confirmar se o convidado (a) teria interesse em agendar a entrevista. Por conta disso, esses grupos foram demorando a produzir o seu material e ficaram com o tempo curto para conseguir mais de uma entrevista.

A entrega presencial ou envio pelo grupo criado no *WhatsApp* deveria ser acompanhada da entrega dos materiais utilizados para organizar a atividade com os entrevistados (a ficha com os dados do entrevistado e a carta de cessão devidamente assinada). Infelizmente, alguns grupos apresentaram esse material incompleto ou não apresentaram o material no dia devido. Para os alunos que por algum motivo atrasaram a entrega do material devidamente preenchido, foi dada uma semana a mais para que isso fosse realizado.

Percebemos que a maioria dos alunos estava bastante interessada em participar das atividades e demonstravam compreender a proposta da pesquisa, pois passaram a voltar seu olhar para as questões ambientais durante o trato com os conteúdos abordados nas aulas de história. Os alunos passaram a indagar e questionar as temáticas trabalhadas nas aulas tentando entender a interação entre os sujeitos com a natureza. O olhar dos alunos para o meio ambiente invadiu as aulas de história e os debates propostos no decorrer do ano de 2019.

Trabalhamos durante o primeiro semestre com conteúdos como: Povos Pré-colombianos: Maias, Astecas e Incas; Colonização portuguesa no Brasil; Sociedade Açucareira e Mineração, dentre outros, e pudemos perceber que os alunos ficaram mais sensíveis as questões ambientais nas temáticas tratadas nas aulas, sendo isso reflexo das ações realizadas durante na pesquisa e durante o desenrolar do projeto.

Infelizmente, o grupo 7 não entregou o resultado de sua pesquisa, ou seja, não realizou as entrevistas, argumentando que não conseguiram se reunir para fazer a atividade e com isso não escolheram os entrevistados e não chegaram a um consenso sobre que rio pesquisariam. O grupo foi orientado que, se não realizasse as entrevistas, não teriam como continuar participando do projeto, por isso precisariam com urgência fazer as atividades para se manterem inseridos no mesmo método de avaliação do restante da turma, já que neste bimestre, por não cumprirem os prazos, teriam que fazer a prova com os conteúdos estudados em sala para cobrir os pontos perdidos da pesquisa.

Os mesmos, em conversa rápida, decidiram que não iriam mais fazer as atividades e que preferiam não participar mais do projeto. Com isso, não houve prejuízo para nenhum dos alunos já que as atividades realizadas com o conteúdo da grade curricular bimestral foram somadas a nota da atividade do projeto para os grupos que entregaram as mesmas no prazo

e, para os que saíram do projeto, as atividades foram somadas a nota obtida em uma prova avaliativa. Assim, ficaram participando da pesquisa seis grupos.

Estando com as entrevistas feitas, os alunos aguardaram o encaminhamento da docente para a continuidade do projeto. No entanto, houve uma modificação na proposta inicial feita aos alunos no início do primeiro bimestre. A proposta de produção de um site ou blog como produto final da pesquisa foi modificada e, no lugar, surgiu a proposta de incentivar a escrita dos alunos por meio da produção de um *e-book*. Tal decisão foi tomada em função da necessidade de delimitar os debates teóricos da dissertação, já que o site levaria a inclusão do debate da história pública, tornando mais difícil a tarefa de produzir a mesma em tempo hábil e de forma satisfatória.

Foi apresentada tal alteração para a turma e argumentado que, por conta dessa mudança parcial do projeto, as atividades que seriam desenvolvidas somente no primeiro semestre precisariam sofrer alterações e seriam estendidas para o segundo semestre. Essa conversa foi seguida do questionamento à turma sobre a sua disponibilidade para continuar as atividades, o que implicaria que a participação nas atividades substituiria a necessidade de fazer as provas bimestrais de 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> avaliações, assim como já estava acordado para o primeiro semestre. Vejamos como ficaram reorganizadas as atividades com a turma:

Quadro3 - Atividades do projeto para o 1º e o 2º semestre A

BIMESTRE	ATIVIDADES	NOTAS
1º BIMESTRE	Entrevistas (entrega em formato áudio visual)	3,0 PONTOS
2º BIMESTRE	Análise e transcrição das entrevistas;	4,0 PONTOS
3º BIMESTRE	Produção textual dos contos	5,0 PONTOS
4º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Culminância com socialização para a comunidade escolar;</li> <li>✓ Publicação do <i>e-book</i>.</li> </ul>	5,0 PONTOS

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Os grupos que estavam participando da pesquisa concordaram, apesar de algumas alunas terem apresentado reclamações quanto ao fato de não serem mais autores de publicações na internet, o que foi logo superado quando tiveram o entendimento de como funcionaria o *e-book* e sua divulgação<sup>89</sup>.

Como houve a necessidade de reorganizar as ações bimestrais, o segundo bimestre teve como grande foco para o trabalho dos grupos que eles se debruçassem sobre a fonte produzida, as entrevistas. Começamos organizando em parceria com a professora Geli

<sup>89</sup> O *e-book*, como produto desta dissertação, será apresentado e analisado na próxima seção.

Cordeiro Correa<sup>90</sup>, que era neste momento a intérprete que acompanhava os alunos com necessidades especiais matriculados na escola, uma proposta de aula de orientação sobre “Transcrição de Entrevistas” com a finalidade de apresentar para os grupos como poderiam transformar as fontes orais em fontes escritas.

Mediante comunicação e autorização da coordenação pedagógica da escola e em data pré-estabelecida, fizemos a aula com o mesmo mecanismo de organização que já vínhamos trabalhando, sempre utilizando duas aulas semanais para o trabalho com o conteúdo programático para o ENEM e uma aula para a apresentação da aula ligada ao projeto.

Durante a aula de orientação feita pela professora Geli Correa, destacou-se a importância de realizar a transcrição da fonte oral, por estas tornarem-se parte da análise e produção da dissertação a qual a pesquisa está ligada, além do uso das mesmas pelos alunos para leitura e produção das narrativas a serem escritas sobre os rios em Santa Izabel do Pará. Em seguida, a professora Geli Correa mostrou um modelo de transcrição que foi usado pelos grupos e orientou os mesmos sobre a forma correta de realizar a transcrição das falas, abordando o uso de elementos gráficos para tornar a transcrição inteligível, a necessidade de revisar a transcrição e destacar quais são as operações que os alunos poderiam fazer ao transcrever entrevistas e as que não poderiam fazer em hipótese nenhuma<sup>91</sup>.

Após essa aula, fizemos orientações e tiramos dúvidas dos grupos nas aulas semanais e pelo celular, via grupo de aplicativo. Cada grupo escolheu a melhor forma para trabalhar, se em reuniões com todos os integrantes ou de forma separada, em grupos menores. No entanto, sempre eram realizadas em sala de aula, com os alunos de cada grupo, análises sobre as entrevistas, para que eles percebessem o que as memórias produzidas nas entrevistas contribuíam para o conhecimento dos rios em Santa Izabel do Pará.

Como já era de se prever, em um dos grupos houve um problema detectado bem antes do prazo estipulado para a entrega das transcrições. No grupo 4 estava ocorrendo um

---

<sup>90</sup>A professora Geli Cordeiro Correa é ex-aluna da Escola Marieta Emmi e desta docente que coordena a pesquisa, tendo participado durante o ensino médio, sob a coordenação desta mesma docente, de uma equipe que participou da Olimpíada Nacional de História, organizada pela UNICAMP. Graduada em Letras-Libras, tem experiência como voluntária no Instituto Filipe Smaldone. Participou do grupo de Pesquisa Juventude, Educação e Sociabilidades (JEDS) e do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), ambos da Universidade do Estado do Pará. Trabalhou como estagiária - cuidadora de alunos com necessidades educativas especiais na Escola Estadual General Gurjão, em Belém. Possui Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Inclusão. Trabalhava conosco na escola mediante PSS (Processo Seletivo Simplificado) ocupando o cargo de Intérprete de Libras por um período de dois anos que teve início em agosto de 2017 e término em junho de 2019, poucas semanas após ministrar essa aula para a turma.

<sup>91</sup>Esses itens têm ligação direta com o respeito que o estudante precisa aprender a ter com a entrevista e o que está gravado, jamais podendo incluir no texto editado palavras que o entrevistado não disse, alterar os termos utilizados, excluir trechos longos e significativos e manter na versão editada trechos não autorizados pelos narradores. Para maiores detalhes sobre o trabalho coma entrevista pronta ver: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Org.). **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

problema grande entre os alunos. Dos cinco alunos que formavam o grupo, apenas três se reuniam com facilidade para produzir as atividades. Os outros dois, um rapaz e uma moça, sempre apresentavam alguma dificuldade para participar. O que percebemos é que o rapaz acabava sumindo bastante, inclusive das aulas semanais ministradas pela professora, sendo pouco assíduo. A moça era extremamente tímida e quase não interagiu com os demais alunos da turma e, por conseguinte, com os alunos do seu grupo também. Para tentar mobilizar o rapaz a participar mais da produção, foi passado para a sua responsabilidade fazer a revisão final da transcrição e sua organização em formato World ou PDF.

Como consequência, ao chegar o prazo para a entrega das transcrições, produção exigida no segundo bimestre, o grupo 1, 2, 3 e 5 estavam com a atividade pronta e enviaram via grupo do aplicativo a produção, como fora solicitado. Já o grupo 4, por ter esses problemas, não conseguiu entregar e os alunos iniciaram um pequeno embate. Foi então que a docente os orientou a organizar sua atividade até o dia anterior a prova e, assim, estariam isentos da avaliação, o que foi feito pelos três alunos mais empenhados. A moça e o rapaz acabaram não participando desta parte da produção e tiveram que fazer a avaliação bimestral. Isso resultou em uma separação entre o grupo, onde a moça optou por não mais fazer parte da pesquisa e o rapaz pediu para usar as entrevistas do grupo e fazer individualmente as outras etapas da pesquisa, o que foi negociado com a professora e aceito.

O grupo 6 também não entregou a atividade de transcrição das entrevistas em tempo hábil e por isso os alunos tiveram que fazer a avaliação bimestral em formato de prova. Em conversa reservada com o grupo, os alunos demonstraram não estar mais interessados em continuar participando da pesquisa e foram desligados do projeto. A entrevista por eles realizada foi entregue aos alunos do grupo 5, que trabalhava com o mesmo rio, para que usassem em sua atividade. Sendo assim, ficaram participando seis grupos, sendo que o grupo 6 passou a ser composto por apenas um aluno.

Nessa experiência de produção de fontes orais, bem como na fase da produção de transcrições, pudemos detectar que alguns alunos ainda apresentam muita dificuldade em trabalhar em grupo, mesmo estando no ensino médio, sempre tentando organizar as atividades separadamente, sem debates conjuntos ou mesmo produzindo em partes separadas para depois um aluno apenas juntar as partes e organizar a produção para a entrega final.

Por outro lado, percebemos que nessa pesquisa em grupo, o trabalho de produção de fontes orais, e principalmente o tema dos rios e as histórias dessas águas estimularam nos alunos muitas outras práticas e ações que são extremamente importantes para superar as dificuldades e divergências do trabalho em equipe, melhorando sua aprendizagem e condição

enquanto sujeito atuante, que produz conhecimento e que reflete sobre o conhecimento produzido, seguindo as próprias orientações do PPP da escola, já apresentadas anteriormente.

A maioria dos grupos apresentou um interesse imenso na produção das entrevistas haja vista que logo no início se preocuparam em buscar esses possíveis narradores e perceberam, na medida em que realizaram as entrevistas, que estavam produzindo algo que poderia ajudar outras pessoas a conhecer sobre a história de sua cidade e conhecer a relação dos sujeitos do lugar com a natureza, destacando o quanto as águas de rios e igarapés foram importantes para esses narradores. Foi ficando cada vez mais evidente para esses alunos seu papel de produtor de conhecimento, abandonando o papel passivo de uma educação tradicional e descobrindo a autonomia na produção das narrativas sobre seu lugar.

Os alunos perceberam que estudando a história do meio ambiente do seu lugar, conhecendo os usos pretéritos feitos pelos moradores antigos dos rios e igarapés de Santa Izabel do Pará e as mudanças sofridas por eles e que levaram a uma disjunção característica do contexto atual entre sociedade e natureza, iniciaram um processo de transformação da percepção que tinham antes sobre a mesma, compreendendo a importância dos rios para contar a história do lugar e ajudar na compreensão de como as relações estabelecidas entre os sujeitos sociais e esses agentes naturais são relevantes para se poder ter um entendimento mais completo sobre a história da cidade de forma mais atenta e crítica, compreendendo melhor a importância de se construir uma memória sobre esses rios e tendo os mesmos como um documento a ser investigado.

### **3.3 Os rios nas memórias izabelenses: analisando as entrevistas**

Após traçarmos um panorama apontando as especificidades da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, da turma que participou do projeto e tratarmos da metodologia e da produção das entrevistas, apontando a importância do uso da história oral para o processo desenvolvido na pesquisa, apresentamos os entrevistados e o que eles nos falam sobre os rios em Santa Izabel do Pará.

Ao orientarmos os grupos na escolha de moradores antigos, sugerimos que eles viessem a realizar o convite para pessoas que estivessem mais próximos dos seus espaços de convivência cotidiana como, por exemplo: na escola, em seu bairro, nas suas famílias, nas igrejas que frequentam e assim por diante. Com isso, os alunos poderiam fazer uma seleção de pessoas com as quais já possuíssem algum tipo de relacionamento e pudessem sentir-se mais à vontade na hora da entrevista.

Vamos apresentar, então, esses entrevistados iniciando com o Quadro4:

Quadro 4 - Relação dos grupos e seus entrevistados (as)

GRUPO	NOME	IDADE	NATURAL	PROFISSÃO
1	MARIA HELENA CORRÊA DE SOUZA	55 ANOS	São Francisco Do Pará	Autônoma
	ELIDIANE PIMENTEL RIBEIRO	43 ANOS	Santa Izabel do Pará	Autônoma
2	LINA BORGES CÂNCIO DA SILVA	71 ANOS	Vila de Caraparu – Santa Izabel do Pará	Dona de casa
3	KÁTIA NOGUEIRA	44 ANOS	Santa Izabel do Pará	Servente terceirizada da Escola Marieta Emmi
	EMÍLIA DA CONCEIÇÃO BARROS RIBEIRO	73 ANOS	Santa Izabel do Pará	Professora aposentada
4	RAIMUNDA RODRIGUES DA SILVA	88 ANOS	Não Informado	Dona de casa
	MARIA DE NAZARÉ	43 ANOS	Santa Izabel do Pará	Dona de casa
5	MINERVINA SOUZA	71 ANOS	Vila de Americano – Santa Izabel do Pará	Professora aposentada e pesquisadora
6	MILTON NUNES MONTEIRO	43 ANOS	Santa Izabel do Pará	Porteiro terceirizado da Escola Marieta Emmi

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

O grupo 1 selecionou duas moradoras do bairro Jardim das Acácias. A primeira, Maria Helena, 55 anos, solteira, autônoma, natural de São Francisco do Pará e moradora de Santa Izabel do Pará há 26 anos. A outra foi Elidiane Ribeiro, 43 anos, solteira, também autônoma, nascida e criada em Santa Izabel do Pará.

O grupo 2 selecionou Dona Lina Silva, uma moradora nascida e criada na Vila de Caraparu, com 71 anos, viúva e dona de casa.

O grupo 3 entrevistou Kátia Nogueira, 44 anos, nascida em Santa Izabel do Pará, viúva e que hoje é funcionária contratada na Escola Marieta Emmi na função de servente. A



outra entrevistada do grupo foi Dona Emília Ribeiro, 73 anos, professora aposentada, casada e que nasceu e cresceu em Santa Izabel do Pará, aos 20 anos mudou-se para Tomé Açu, onde permaneceu por 14 anos por motivo de trabalho e retornou em 1980 para Santa Izabel do Pará onde mora até os dias de hoje.

As entrevistadas do grupo 4 foram a Dona Raimunda Silva, 88 anos, dona de casa, casada e residente em Santa Izabel desde o início da década de 60 do século XX. A outra entrevistada foi Maria de Nazaré moradora de Santa Izabel do Pará há 43 anos, nascida e criada na cidade, hoje moradora do bairro Novo Horizonte e da qual não temos muitas informações pessoais, pois a aluna responsável pela entrevista não nos entregou a ficha com os dados da mesma.

O grupo 5 apresentou a entrevista com Minervina Souza, professora aposentada, solteira, com 71 anos e nascida na Vila de Americano. Os leitores mais atentos já perceberam a coincidência. A entrevistada do grupo foi a mesma autora que teve sua obra analisada na seção 2 desta dissertação. No entanto, mesmo já tendo escrito e publicado muito sobre o município, Minervina sempre surpreende em suas abordagens e apontamentos e isso não seria diferente ao fazer uso de suas memórias para uma pesquisa realizada por alunos da educação básica.

O grupo 6 foi o único que entrevistou um homem. O senhor Milton, nascido e criado em Santa Izabel do Pará, morador do bairro do Jurunas, 43 anos de idade e hoje trabalha como porteiro em uma empresa terceirizada que presta serviço à Escola Marieta Emmi<sup>92</sup>.

Os moradores selecionados pelos grupos foram entrevistados em dias e horários previamente agendados e responderam às perguntas que foram sugeridas em um roteiro entregue pela professora aos grupos junto com a carta convite e com a carta de cessão das entrevistas, sendo estudado em conjunto na sala de aula, seguido da observação de que era um roteiro aberto, que poderia sofrer alterações e que os alunos, à medida que as entrevistas acontecessem, poderiam incluir ou excluir perguntas<sup>93</sup>.

Os entrevistados estão na faixa etária dos 43 aos 88 anos de idade, o que nos permitiu conhecer memórias de moradores que vivenciaram sua infância em Santa Izabel do Pará entre a década de 40 e 80 do século XX e estenderam suas memórias até os dias de hoje. Com isso, os alunos puderam rememorar uma cidade e uma Vila de Caraparu onde as

---

<sup>92</sup> Lembramos que esta é a entrevista feita pelo grupo 6, que ainda no mês de junho de 2019 pediu para se desligar da pesquisa tendo sua entrevista analisada pelo grupo 5.

<sup>93</sup> O roteiro da entrevista pode ser encontrado no Apêndice E desta dissertação.

necessidades do dia a dia estavam ligadas ao uso dos rios e igarapés, além de conseguirem perceber como as transformações ocorridas nesses espaços foram acontecendo.

Os alunos não buscaram pessoas que desempenhassem especificamente alguma atividade, o que fica evidente nas variadas ocupações que esses entrevistados possuem. São professoras aposentadas, trabalhadoras autônomas, donas de casa, servente e porteiro o que possibilitou aos alunos, por meio das falas destes entrevistados, conhecerem uma abordagem que não privilegie apenas as elites ou os discursos oficiais, mas apresente as memórias dos sujeitos mais simples e não da elite local, que não apareciam na maioria das obras analisadas na seção 2, nos ajudando a construir as narrativas sobre os rios e seus usos em Santa Izabel do Pará.

Observando o Quadro 4<sup>94</sup> com a descrição feita dos entrevistados percebemos que mesmo não sendo uma orientação do projeto ou da professora, a ampla maioria das entrevistas foi concedida por mulheres. Assim, foi possível conhecer memórias sobre os rios e igarapés fortemente marcadas pelos usos e práticas cotidianas realizadas pelos moradores e que estavam ligadas a atividades de trabalho e/ou econômicas, mas que também apontavam traços profundamente saudosos.

Isso fica claro nas falas de alguns moradores como Emília Ribeiro, que ao acionar suas lembranças dos igarapés e rios de sua infância e adolescência, nas décadas de 50 e 60 do século XX, rememora de forma saudosa que “as lembranças são muitas, muitos banhos, muita diversão”<sup>95</sup>. Ou na fala de Kátia Nogueira que nas décadas de 80 do mesmo século, tem “muitas lembranças boas”<sup>96</sup>. Também Elidiane Ribeiro, contemporânea de Kátia, afirma: “Tenho muitas lembranças!”<sup>97</sup>, nas quais se destacam memórias muito positivas e recheadas de lembranças familiares, de pessoas queridas em lugares especiais. Reportam a momentos da infância e adolescência dessas mulheres e que lhes trazem recordações cheias de sentimento.

Aline Carvalho e Luciana Souza (2019) em estudo realizado no litoral norte de São Paulo, usando a metodologia das entrevistas para conhecer as memórias dos moradores da região sobre a natureza a partir da construção da rodovia Rio – Santos (BR 101)<sup>98</sup>, objetivam compreender a relação estabelecida entre natureza e cultura ao ser

<sup>94</sup>Que encontrasse na página 111.

<sup>95</sup> Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>96</sup> Kátia Nogueira, Santa Izabel do Pará, 29 de Março de 2019.

<sup>97</sup> Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>98</sup> Em seu artigo, Aline Carvalho e Luciana Souza apontam a importância dos estudos das narrativas histórico-sociais na construção das memórias ambientais, baseadas em um estudo de história oral e das memórias dos moradores do litoral norte de São Paulo a partir da construção da Rodovia Rio-Santos (BR 101). A região é uma área de proteção ambiental (APA) e nela vivem comunidades tradicionais e não tradicionais, além de possuir uma rica biodiversidade em seu interior, o que lhe garante a condição de patrimônio natural. As

reconstituída nas escalas de memória individual e coletiva as chamadas memórias ambientais, feitas com as falas dos indivíduos que, inseridos em seus grupos identitários, expõem a forma como se relacionam com a natureza e quais mudanças essas práticas sofreram.

Para as autoras, as narrativas sociais de memória são a chave para as reflexões sobre as relações humanas com o meio ambiente (CARVALHO; SOUZA, 2019, p. 171). Na pesquisa desenvolvida para esta dissertação, as memórias apontadas pelos entrevistados nos permitiram iniciar a construção de uma memória ambiental izabelense por meio de suas narrativas sobre as práticas, usos e relações estabelecidas pelos moradores com as águas de rios e igarapés em seu cotidiano. Carvalho e Souza (2019) apontam essa possibilidade de construção ao afirmarem que

As questões sobre as relações entre o ser humano e a natureza, que existem no imaginário e nas práticas cotidianas, também estão impressas nessas narrativas, formando o que se pode denominar de Memórias Ambientais; narrativas sobre as relações entre os seres humanos e a natureza, produzidas como referentes ao passado (memória), e, que são constantemente ressignificadas no tempo presente, de acordo com os contextos e com os projetos políticos de futuro. (CARVALHO; SOUZA, p. 179-180).

Usar as entrevistas para analisar as práticas sociais vivenciadas por vários sujeitos com os rios e igarapés permitiu o exercício por parte dos alunos de compreensão de que nem sempre as experiências vivenciadas no cotidiano com essas águas foram semelhantes as que são realizadas hoje ou apareciam registradas nas obras escritas anteriormente sobre Santa Izabel do Pará.

Ao mesmo tempo, partindo das falas pesquisadas, os alunos puderam compreender que as racionalizações feitas da natureza sobre seu lugar no passado apresentam outras experiências, presentes nas memórias dos moradores entrevistados, que aproximam mais a sociedade e a natureza, possibilitando novas escritas das narrativas das memórias ambientais izabelenses. Nas palavras de Ismênia Martins (2007),

Os estudos sobre a memória se universalizam no momento em que, como nunca, o passado está distante do presente, quando as pessoas não mais identificam sua herança, pela perda dos antigos padrões de relacionamento social e desintegração dos antigos laços entre as gerações. (MARTINS, 2007, p. 14)

---

autoras focam seus estudos em compreender as mudanças das memórias ambientais das diversas comunidades que se relacionam cotidianamente com esse patrimônio natural. Para conhecer mais, ver: CARVALHO, Aline; SOUZA, Luciana Cristina de. Patrimônio Cultural e o Litoral Norte de São Paulo: perspectivas abertas pela história oral. In: RIOS, Kênia Sousa (Org.) **História Oral e Natureza: resistência e cultura**. São Paulo: Letra e Voz. Coleções História Oral e dimensões do público. 2019. pp. 171 - 181.

Para esta pesquisa, a busca pelas memórias dos moradores ajudou a reconstruir laços entre as gerações, principalmente porque com suas narrativas pudemos iniciar a construção de uma memória ambiental ainda não partilhada pela maioria dos jovens envolvidos nesta pesquisa e que em sua maioria não são apresentadas nas obras analisadas na seção 2, fazendo, assim, com que as aulas de história assumam sua função de ser espaço reflexivo para as questões ambientais e superando o que Ely Bergo de Carvalho (2012) chama de educação ambiental de “adestramento”.<sup>99</sup>

Nunes, Rocha e Figueiredo em seu estudo das trajetórias sociais dos sujeitos que estavam vinculados à indústria do couro na região do vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul (RS), estabeleceram uma discussão “acerca da relação de trabalho industrial com a paisagem e as águas urbanas” (NUNES; ROCHA; FIGUEIREDO, 2019, p. 174) dando um enfoque para os conflitos ambientais e as crises e rupturas geradas no mundo do trabalho, usando como inspiração os estudos de Rafael V. Devos sobre o arquipélago de ilhas de Porto Alegre/RS, no qual o autor apresenta o conceito de memória ambiental. Segundo Nunes, Rocha e Figueiredo, Rafael Devos aponta que

A memória ambiental abarca a compreensão das formas pelas quais a experiência de vida urbana em um determinado território expressa, nos fios do tempo, os saberes e fazeres por meio dos quais os sujeitos interagem com o seu ambiente e a forma como um determinado ecossistema reage a eles. (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 175).

Rafael Devos (2009, p. 293) permite vislumbrar memórias ambientais das cidades, discutindo questões ligadas às crises ambientais que estão diretamente relacionadas “a perda do rio”, da qualidade das águas que fazem parte do caminho dos moradores das ilhas do arquipélago de Porto Alegre/RS e como isso se reflete em perdas na sua condição de vida na cidade. Seus estudos sobre memória ambiental dialogam com nossa pesquisa principalmente por fazer uma narrativa que realiza estudos relacionados aos rios e à crise que gera escassez de água nas cidades, já que

A escassez de água doce e as alterações climáticas são processos que “ambientalizam” a construção social da realidade, ou seja, que englobam em um mesmo ambiente as dinâmicas sociais de cidade e ecossistemas, problematizados em regiões como bacias hidrográficas, florestas, áreas litorâneas, etc. (DEVOS, 2009, p. 294).

---

<sup>99</sup> Apresentamos a percepção do autor sobre a noção da educação ambiental enquanto um “adestramento” na seção 2 desta dissertação.



Os igarapés citados no Rio Jordão tinham uma particularidade. Alguns deles eram acessados pela margem que ficava pela Rua Antônio Pontes<sup>101</sup>, como é o caso do Igarapé Maria Pinto, Jordão e Pebinha. O igarapé do Buraco tinha acesso pelo bairro São Raimundo<sup>102</sup>. Já para o acesso ao Igarapé Miraí eram usados dois caminhos, um pela Rua Antônio Pontes e outro pelo bairro São Raimundo. Isto mostra que nessas águas era fácil o acesso e a circulação de moradores de vários bairros buscando lazer, diversão e um banho, fosse para matar o calor ou para suprir a necessidade de água encanada em falta.

Já no Rio Izabelense, foram citados os seguintes igarapés: Galho Grande, da Juíza, do Conexão, do bairro Jardim das Acácias, da rua do Cemitério, do Arame e o do Paca. Vamos conhecer visualmente essas localizações:

Figura 10 - Rio Izabelense e seus igarapés



Fonte: Mapa de Santa Isabel do Pará. <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-santa-isabel-do-para.html>, acessado em 27/02/2020

Além destes rios, ampliamos a pesquisa para o Rio Caraparu atendendo às necessidades dos alunos residentes na vila e que optaram por pesquisar a memória de uma moradora antiga de lá, Lina Silva, que relatou suas memórias sobre o Rio Caraparu (que

<sup>101</sup> Usando a Figura 09 é possível identificar a Rua Antônio Pontes na parte superior ao Rio Jordão.

<sup>102</sup> Na Figura 09 o bairro São Raimundo aparece na parte inferior ao Rio Jordão.

chama de beira, ou o balneário<sup>103</sup>, como chamam aqueles que visitam a vila hoje) como vemos na figura abaixo:

Figura 11 – Rio Caraparu



Fonte: Mapa de Santa Izabel do Pará.  
<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-santa-isabel-do-para.html>, acessado em 27/02/2020

Alguns entrevistados, em suas memórias, nos permitem compreender como os rios tinham seu percurso dividido em igarapés que se localizavam em sequência, como podemos perceber na fala de Emília Ribeiro quando descreve os igarapés que frequentava durante sua infância e adolescência:

Tinha o Jordão, mais abaixo do Jordão tinha a Prainha, aí tinha o igarapé dos homens, chamavam de Pebinha, tudo nesse estirão do Jordão, tinha todos esses igarapés, da parte de baixo, descendo né. Aí depois... aí pra parte de cima tinha

<sup>103</sup> Expressão carinhosa, costumeiramente usada pelos moradores das vilas, e até da cidade, para se referir à margem do rio/igarapé. Cabe ressaltar que o nome dado a cada um desses igarapés pode ter várias origens. Uma delas era a referência ao nome ou apelido dos donos dos terrenos por onde as pessoas acessavam o rio, como o caso dos igarapés Maria Pinto, Mirafá, Pebinha, da Juíza, do Conexão (neste caso é o nome da escola que ficava no terreno) e o Igarapé do Paca. Em outros casos, o nome é dado de acordo com as ruas que são cortadas pelos igarapés e que acabam se tornando locais onde os moradores passam a usar livremente os igarapés ou pelo nome do bairro cortado pelo rio como, por exemplo, Igarapé da Rua Alto do Bode, Igarapé da Cabrita e igarapé do bairro Jardim das Acácias. Em outros casos, nomeia-se de acordo com os espaços significativos localizados nas vias pelas quais o rio passa, como no caso do igarapé da rua do cemitério. Pode ser também associado o nome do igarapé de acordo com elementos da natureza, como o igarapé galho grande e o igarapé do buraco na cidade de Santa Izabel e “a beira” na vila de Caraparu, como referência à margem do rio. Outros podem ser nomeados pelos limites que dificultavam o seu acesso como o caso do igarapé do arame. O Senhor Milton nos relata que frequentava “os igarapés próximos a minha casa é... a gente dava até os nomezinhos lá né? É... o igarapé do arame, o igarapé do Paca onde a gente jogava bola, depois da bola a gente ia pro banho”. (Entrevista cedida em 31/03/2019).

Maria Pinto, tinha outros igarapés... pra cima<sup>104</sup>. (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal).

Emília Ribeiro continua afirmando que não utilizava apenas os igarapés localizados na rua onde morava, já que a casa de sua família ficava em frente ao Rio Jordão, na Rua Antônio Pontes, mas também fazia uso de outros igarapés que eram continuidade desse mesmo rio, ela afirma que

[...] ainda ia pra outros, outros igarapés assim como... passando ali do alto do bode, pra lá tinha outros igarapés e os amigos da gente ia tomar banho pra lá também, tudo fazia parte que descia direto né [...] É o mesmo igarapé só que ele descia e ficava em outros quintais, aí como era tudo amigo, a gente ia tudo tomar banho, passear[...]<sup>105</sup>. (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal).

Além de Emília Ribeiro, Maria de Nazaré também aponta que frequentava os igarapés que eram continuidades do Rio Jordão no trecho localizado após a PA 140, que é recortado na transversal por várias ruas, dentre elas, uma que era conhecida como cabrita<sup>106</sup>. Maria de Nazaré afirma que também era frequentadora da Prainha, trecho do rio Jordão quando é cortado pela Rua São Raimundo já que, afirmando que “é o igarapé grande que ele desce escorre pra cá pra esse da cabrita e outros igarapés mais lá pra baixo”<sup>107</sup>. (MARIA DE NAZARÉ, Informação verbal).

A entrevista feita pela equipe 5 chamou nossa atenção, pois sem o conhecimento prévio da professora o grupo entrevistou a autora de uma das obras analisadas em nossa seção 2, a professora e pesquisadora Minervina Souza. Isso reforça a importância que esta mulher tem nos estudos sobre Santa Izabel do Pará. Sempre solicitada por alunos de escolas municipais e estaduais para pesquisas<sup>108</sup>, está sempre disposta a colaborar com a aprendizagem dos estudantes izabelenses. Dona Minervina sempre atende, na medida do possível, aos pedidos de entrevista que lhe são feitos frequentemente.

Minervina Souza faz um relato muito interessante falando do igarapé que é vizinho à sua casa

<sup>104</sup> Emília Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>105</sup> Emília Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>106</sup> O nome oficial da rua é Rua Mestre Rocha.

<sup>107</sup> Maria de Nazaré, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>108</sup> Fazemos tal afirmativa levando em conta que não é a primeira vez que a Professora Minervina colabora com pesquisas que desenvolvemos na Escola Marieta Emmi. Em outra oportunidade, desenvolvíamos um projeto chamado “Memórias Izabelenses” e os alunos pesquisavam sobre os Patrimônios Materiais e Imateriais de Santa Izabel do Pará, e foram gentilmente atendidos pela pesquisadora em sua residência. Por isso, quando escreve o livro analisado na seção 2 desta dissertação, Minervina Souza tem como objetivo que sua obra seja uma referência para pesquisadores do município, tanto em nível superior quanto na educação básica.



O Igarapé Galho Grande está a uma quadra aqui da minha casa. Esse Igarapé ele... atualmente ele é um esgotão, ele é o esgotão da cidade. Chamam Igarapé da Juíza, Igarapé do Conexão, Igarapé do bairro Jardim das Acácias porque ele vem de lá, atravessa a BR, passa aqui no centro da cidade levando o esgoto para o Rio Caraparu<sup>109</sup>. (MINERVINA SOUZA, Informação verbal).

Nas memórias relatadas, Minervina destaca o igarapé Galho Grande e é apontado pela primeira vez dentre as várias entrevistas feitas. Na verdade, este igarapé nomeado por Minervina é o mesmo Rio Izabelense, ou “antigo rio da boca, depois igarapé bragantino” (SOUZA, 2012, p. 26), e que assim aparece identificado na obra da autora que analisamos anteriormente. Os alunos, por sua vez, demonstraram uma grande curiosidade em entender como a entrevistada poderia fazer tal afirmativa, indicar outro nome para o rio. Para corroborar sua afirmativa, Minervina recorre às fontes históricas, apontando que a identificação com esse nome é antiga, bem anterior que a denominação de Rio Izabelense, apontada nesta dissertação. Vejamos o que ela nos diz:

O nome dele é antigo, que está nos documentos da estrada de ferro de Bragança, lá do século XIX, o nome dele aparece como "Igarapé Galho Grande". Depois ele recebeu vários nomes, geralmente, o rio ele assim, por onde ele passa, ele recebe nome do proprietário da terra lá. Então ele já recebeu vários nomes. Aí em determinado momento colocaram nome de Rio Izabelense, então muita gente chama de Izabelense, o Igarapé Izabelense é o Igarapé que corta a cidade. (MINERVINA SOUZA, Informação verbal)<sup>110</sup>.

Temos a condição de afirmar que Minervina Souza, usando seus conhecimentos de pesquisadora da história izabelense, aponta aos alunos entrevistadores uma nova informação que ainda não constava em sua obra publicada em 2012<sup>111</sup>. O que convém destacarmos é que a fala de Dona Minervina Souza permite aos alunos uma reflexão voltada para uma construção da memória ambiental, apontando a partir da sua percepção dos dias atuais a condição de desuso pelo qual o rio se encontra, pois mesmo o rio, tendo sido fundamental no processo formativo e das práticas sociais e econômicas do município, sofreu com as ações estabelecidas entre a sociedade e o rio, levando-o a uma crise ambiental que aparece refletida na disjunção entre os sujeitos e os agentes naturais, próprias do século XIX.

Passou a ser muito apontado pelos alunos após as entrevistas, e ao longo do período de transcrições e análise das entrevistas, o quanto os rios eram agentes usados e

<sup>109</sup> Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>110</sup> Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>111</sup> Não temos neste momento o acesso aos documentos citados pela entrevistada, e também não objetivamos nos aprofundar nessa busca, mas podemos perceber que esta é uma informação que nos ajuda a compreender melhor as identificações feitas dos rios da região da estrada de ferro Belém - Bragança e que em pesquisas futuras isso possa servir para facilitar o estudo da região e do município.

relevantes para os moradores da cidade, pois as águas que Minervina Souza afirma ser hoje esgoto levaram as entrevistadas Kátia Nogueira, Emília Ribeiro e Elidiane Ribeiro a ter lembranças saudosas e cheias de sentimentos sobre os igarapés que conheceram e frequentaram. Para os alunos, ocorria nesse processo de pesquisa a descoberta de um novo olhar sobre os rios da cidade e para os usos feitos desses rios, ficando cada vez mais evidente que o processo de transformação nesses rios foi o responsável pelo seu desuso nos dias atuais.

Conhecendo melhor os rios e igarapés apontados pelos moradores, partiremos para identificar quais os usos e experiências feitos pelos entrevistados dessas águas. Ao relatarem suas memórias, os moradores citaram livremente quantos usos eles faziam ou viam outras pessoas fazendo dessas águas. Para termos uma noção inicial destas falas vamos observar a tabela abaixo.

Tabela 6 - Usos feitos pelos moradores dos rios e igarapés izabelenses

<b>USOS E PRÁTICAS</b>	<b>QUANTIDADE DE CITAÇÕES</b>
BANHOS	9
LAVAR ROUPAS	8
LAZER	5
PESCAR	2
LAVAR LOUÇA	2
ÁGUA PARA BEBER	2
PIQUINIQUE DA ESCOLA	1
ANDAR DE BARCO/CANOA	1
ABASTECER O TREM	1
COMÉRCIO/NAVEGAÇÕES FLUVIAIS	1
ESCOAMENTO DE PRODUTOS	1
AFAZERES/LIMPEZA DOMÉSTICA	1
BANHAR ANIMAIS	1
TURISMO	1
FAZER FARINHA	1
*Os entrevistados citaram mais de um uso.	

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

A maioria dos entrevistados apresentou em suas memórias usos e práticas cotidianas, profundamente enraizadas na afetividade, daquilo que marcou sua infância, sua adolescência e, para alguns, a fase adulta. Entre essas memórias, Emília Ribeiro nos fala do rio Jordão e aponta o principal uso citado pelos entrevistados:

Eram bonitos, largos, grandes, todo limpinho, só areia que as crianças tomavam muito banho, todos os adultos também, homem, mulher [...] eram bem limpo, bonito, amplo igarapé muito grande, e tinha mais, tinha outros igarapés perto também, a gente tomava banho, as crianças iam tomar banho. (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal)<sup>112</sup>.

De acordo com Emília Ribeiro que mora desde seu nascimento em 1946 até se mudar para outro município da década de 60 do século passado na rua em frente ao rio, os banhos de igarapé eram rotineiros e, como já mostramos anteriormente, feitos por moradores de vários bairros da cidade. As descrições feitas pela entrevistada do que ocorria no igarapé Jordão aponta que esses banhos além de frequentes ocorriam ao mesmo tempo em que era realizada outra prática cotidiana das mulheres, que era a lavagem de roupa, que aparece nas memórias como o segundo uso mais citado. Vejamos essas ações apresentadas em outros trechos da sua entrevista:

As mulheres iam lavar roupa, era livre, nesse tempo que eu era criança lá, até mocinha [...] A finalidade era as mulheres lavar roupa... era próprio pra elas, até a hora de meio dia, uma hora, era só elas lavando roupa... e as crianças tomando banho e se divertindo, enquanto elas estavam lá as crianças iam, todos ali, os vizinhos, porque não tinham medo né, porque a pessoa não ia ficar sozinha, as crianças com medo aí aquela mulherada ficava até tarde lavando roupa ali, a função era essa, banho e lavação de roupa. (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal)<sup>113</sup>.

Os alunos evidenciaram bastante, quando debatíamos sobre as entrevistas feitas, que a lavagem de roupa foi um uso muito relacionado ao cotidiano dos moradores nos rios e igarapés. Essa memória fortalece a compreensão de que essa atividade era parte de uma prática que poderia compor as funções domésticas, do lar, mas também atividades de trabalho que marcam as experiências das mulheres com os rios.

Cabe a ressalva que Emília Ribeiro enfatiza que os moradores tinham poço em seus quintais que auxiliava nas atividades cotidianas da casa e “igarapé só era pra banho”<sup>114</sup> (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal). A presença da água no espaço particular, dos poços nos terrenos, também aparece na obra de Moura Filho (1989, p. 21), quando aponta que cada casa dispunha “de um poço construído pelo proprietário para o seu abastecimento, sendo o banheiro e a sentina na maioria das residências, construídos em local distante do poço e da casa”. Os alunos afirmavam perceber, a partir da fala da entrevistada, que em meados do século XX os rios eram utilizados com várias finalidades pelos moradores.

<sup>112</sup> Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

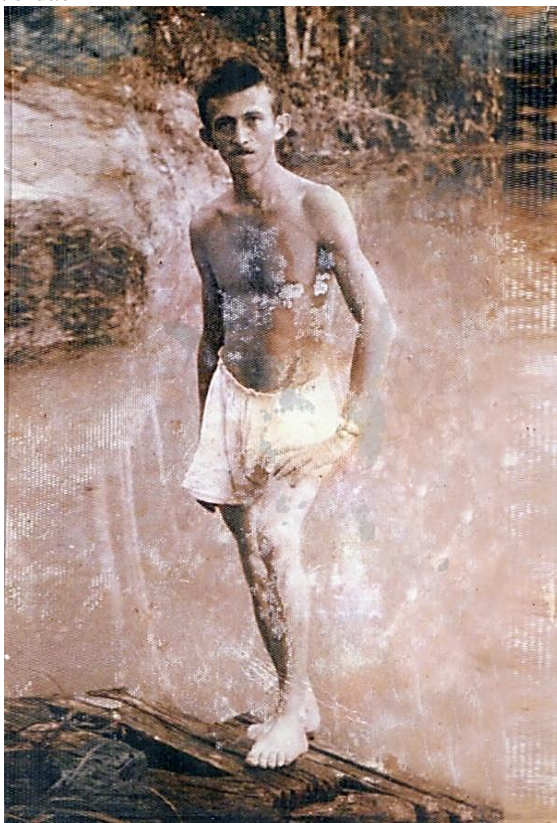
<sup>113</sup> Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>114</sup> Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

Vários alunos, após a análise das entrevistas e a leitura da obra de Moura Filho (1989) concluíram que a lavagem de roupas era uma atividade laboral para várias das mulheres que frequentavam os rios e igarapés em Santa Izabel do Pará e que tal experiência, fosse no espaço de sua casa, com seu poço, fosse no espaço público dos igarapés, tinha uma importância imensa para a obtenção do sustento dessas famílias. Seria uma relação diferente com os rios, de uso comum, e que hoje os alunos perceberam não existir mais, pois as ações antrópicas no decorrer do século XX transformaram essas paisagens.

Podemos ver essas mudanças percebidas pelos alunos observando a fotografia abaixo:

Figura 12 – Joaquim Barros as margens do Rio Jordão



Fonte: Maria Helena Barros - parte do acervo de família.

A imagem acima foi a única que conseguimos do período citado pelos moradores em suas memórias, ou seja, da segunda metade do século XX. O homem na foto é Joaquim Barros, irmão da entrevistada Emília Ribeiro que, nessa ocasião, estava às margens do rio Jordão e se deixou fotografar. Podemos perceber as matas à margem do rio que eram bastante preservadas, o que garantia a sua conservação e, por conseguinte, seu uso por todos os

moradores, tanto por mulheres, com a lavagem de roupa, quanto por homens, jovens e crianças com seus banhos de lazer, que foi o terceiro uso e prática mais apontada pelos moradores.

Essas lembranças dos banhos e das lavagens também são apontadas por Dona Raimunda ao mencionar que no rio Jordão “era uma beleza os igarapés aí, agente lavava roupa, todo mundo tomava banho... vinha gente todo lado do rio tomava banho”<sup>115</sup> (RAIMUNDA SILVA, Informação verbal).

A fala de outra entrevistada, Elidiane Ribeiro, que morou a sua infância entre as décadas de 70 e 80 do século XX no bairro São Raimundo, transmite um saudosismo dos banhos de igarapé na companhia de amigos ou da sua família, demonstrando a mesma lembrança das lavagens de roupas nos igarapés, mas acrescenta que, quando ocorria falta de água, era a esses rios que a população recorria. Vejamos o que nos diz Elidiane:

Sempre morei na São Raimundo... Então ali na São Raimundo aquela parte do Jardim Mirai, que agora é hoje... Tinha o igarapé do Mirai, tinha a Prainha, a antiga Prainha, ok. Nós, nossos amigos vinham da escola e sempre a gente parava pra tomar um banho, né?! São nossas histórias, e o igarapé do Mirai que era muito conhecido... E tinha o igarapé do buraco que era onde as mulheres lavavam roupa, nessa época eu era muita criança ainda, mas eu ainda lembro, ainda. Que tinha um igarapé, minha mãe levava nós. Muitas crianças, muitos pais, iam pra tomar banho, mesmo... Faltava água nas suas casas, muitas não tinham, e com isso a gente se [...] se servia dessa água, sabe? Mas, é essa lembrança que eu tenho. É uma lembrança muito boa, da época que a gente morou lá, dos igarapés, né? (ELIDIANE RIBEIRO, Informação verbal)<sup>116</sup>.

Elidiane aponta em suas memórias algo muito interessante que é o fato de que, na ausência do abastecimento regular de água no bairro que morava em sua infância, eram as águas desses igarapés que a população recorria, tanto para seu banho quanto para recolher água para uso nas atividades domésticas da casa. Vale lembrar que, nos debates iniciais levantados com a turma do 2º Ano A no ano de 2018, um dos temas que mais incomodava os alunos era a frequente falta de água em seus bairros e na fala da professora há algumas décadas atrás, entre as décadas de 80 e 90 do século XX, era nos rios que cortavam a cidade que os moradores que não dispunham de poço em suas casas supriam a ausência de água potável. Os alunos conseguiram detectar isso nas memórias ambientais em construção como algo muito importante, pois os rios que cortavam a cidade tinham uma função essencial para muitas famílias, mas que infelizmente, nos dias de hoje, não é mais possível se usufruir devido à contaminação das águas desses rios.

<sup>115</sup> Raimunda Silva, Santa Izabel do Pará, 08 de Abril de 2019.

<sup>116</sup> Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

Minervina Souza (2012, p. 25) já sinalizava em suas considerações as transformações sofridas pelos rios urbanos de Santa Izabel do Pará, destacando sua poluição, que os tornaram esgotos e valas, e que isso pode inclusive levar à poluição da bacia do Rio Caraparu e, nas memórias de Elidiane Ribeiro, essa noção de mudança experienciada pelos rios e pelos sujeitos que dele usufruíam, ficou evidente para os alunos, apontando as mudanças nas experiências dos sujeitos izabelenses com essas águas.

Nos igarapés do Rio Izabelense, os usos e práticas também eram os mesmos, sendo destacados os banhos e a lavagem de roupa. Nas palavras de Milton Monteiro, aparecem as mulheres:

Lavando roupa e tinha muita das pessoas que levavam água pro próprio consumo também, nessa época aí. [...] Eu ia tomar banho, eu via as mulheres né? Tomar, lavar roupa lá, banhar as crianças também, tinha gente que não tinha é... água encanada e iam dar banho nas crianças nos igarapés (MILTON MONTEIRO, Informação verbal)<sup>117</sup>.

O entrevistado frequentava os igarapés do Paca e do Arame que estavam localizados no bairro do Jurunas, na rua conhecida como “Juruninha”<sup>118</sup>, que fica ao lado do Rio Izabelense nas décadas de 80 do século XX. Mesmo se tratando de outro rio em outro bairro da cidade, percebemos que as necessidades e dificuldades com o abastecimento de água são semelhantes, pois Milton Monteiro aponta que as crianças eram levadas para tomar banho no igarapé por não terem em suas casas água encanada, sem contar que ao apontar que a água servia para consumo, nos deixa a dúvida se era para realizar as atividades cotidianas da casa ou para beber.

Na vila de Caraparu, Lina Silva aponta que as práticas e usos feitos do Rio Caraparu eram muito semelhantes àsquelas realizadas na cidade de Santa Izabel do Pará. A entrevistada descreve que

[...] eu lavava roupa lá no igarapé, enchia água pra beber de lá do igarapé. Esse igarapé daqui a gente ia buscar água de lá para beber e... tomava banho, lavava roupa, tudo isso no igarapé. Porque aqui essa redondeza todinha era só de igarapé. Era para beber e lavar roupa... Tempo de inverno a gente ia, quando tava muito feia a água, pegava a canoa aqui e ia embora encher [...] Nós chegava e levava vasilhas e

<sup>117</sup> Milton Monteiro, Santa Izabel do Pará, 31 de Março de 2019.

<sup>118</sup> Segundo Nestor Herculano Ferreira (1984) e Minervina Souza (2012) esse bairro teria sido um dos primeiros a serem ocupados na Vila de Santa Izabel, ainda no século XIX, pois ficavam às margens do Rio da Boca, que teria um porto onde havia uma rota navegável para serem escoados os produtos e os moradores até o Rio Guamá e, em seguida, até Belém.

vasilhas, levava pra beber, agora pra banhar era esse igarapézinho aí dessa beirada pra ali (LINA SILVA, Informação verbal)<sup>119</sup>.

Na vila de Caraparu, o banho e a lavagem de roupa aparecem novamente citados. No entanto, Lina Silva nos aponta que nessa vila durante muitos também se usava a água do rio para beber, e que em períodos de grande cheia os moradores saíam de barco para buscar a água em outro ponto do rio com a água mais limpa. Outra atividade citada pela moradora era a lavagem de louça feita em pontos diferentes do rio Caraparu que cortavam a vila, deixando a percepção nas memórias ambientais de Lina Silva a profunda ligação no decorrer da segunda metade do século XX entre os moradores e suas atividades e necessidades cotidianas e o rio Caraparu.

Os banhos apontados pelos moradores tinham tanto a função de preencher a ausência da água potável quanto preencher o tempo e proporcionar alegria e divertimento, para crianças e adultos. A fala de Elidiane Ribeiro, citada anteriormente, aponta que ela e seus amigos, ao voltarem da escola, sempre paravam nos igarapés do bairro onde morava, ou na Prainha ou no Miraf, para tomar banho antes de chegar às suas casas. Outros exemplos de lazer apontados por nossos entrevistados ocorrem na fala de Maria de Nazaré, ao lembrar que o igarapé da Prainha e da Cabrita era onde

[...] a gente tomava banho, a professora fazia piquenique né? Trazia as crianças, os meninos pescavam [...]. Outras utilidades era o banho né? [...] eles pescavam também bastante, a gente via muito as pessoas né? Os rapazes pescando (ELIDIANE RIBEIRO, Informação verbal)<sup>120</sup>.

Vemos o uso dos igarapés como espaços de socialização entre professora e alunos, entre os amigos de infância e entre meninos, rapazes e homens que faziam da pescaria uma atividade de distração, mas podemos acreditar que também se pescava nesses rios como parte de uma dieta complementar, acrescentando os peixes conseguidos nessa pescaria à refeição das famílias.

Ao analisarem essas falas, muitos alunos refletiram que ainda hoje, quando querem se confraternizar ou comemorar o término do ano letivo, eles se organizam para ir a algum balneário, público ou privado, fazendo dos banhos seu lazer e momento de socialização em grupo. Os alunos perceberam nas memórias ambientais as experiências desses sujeitos no decorrer do século XX, compreendendo como suas experiências com essas águas é diferente devido à mudança sofrida pelos rios em função do que já apontamos como uma crise de

<sup>119</sup> Lina Silva, Vila de Caraparu, 04 de Abril de 2019.

<sup>120</sup> Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

poluição de suas águas e agora, para usarem de rios ou igarapés, os alunos precisam se deslocar para fora da área urbana e central da cidade.

Apesar das memórias de Minervina Souza sobre o rio Galho Grande ou Izabelense aparecem muito marcadas pela sua experiência enquanto pesquisadora do município, também contribuem com pontos variados e relevantes para a construção das memórias das águas de Santa Izabel do Pará.

Ficam evidentes em suas memórias, os usos e práticas cotidianas feitas pelos moradores e que já conseguimos identificar nas falas de outros entrevistados, tanto para o Rio Izabelense quanto para o Rio Jordão. Vejamos o que a entrevistada nos diz:

É... e eu... quando conheci esse Igarapé ele era bem limpo. Eu não cheguei a andar de barco nesse Igarapé, de Canoa, mas muita gente de Santa Isabel, muitos amigos meus, andaram de barco e canoa [...] ele era lindo, bem arborizado e bem navegável de barcos e canoas.

As pessoas fazem de tudo nesse igarapé, lavavam roupa, lavando louça, passeavam, fazem lazer, muita pescaria, tinha muita gente que pescava. E chamavam Igarapé de... é.. Igarapé Galho Grande, que é onde eles pescavam, o pessoal ali do Jurunas pescavam muito lá no ponto...

Ele serviu pra tudo isso pros afazeres, pra limpeza doméstica [...] pra banhar os animais, pra tomar muito banho também, as pessoas tomavam muito banho nele, muita natação. Então, as pessoas mais antigas têm memórias maravilhosas desse rio (MINERVINA SOUZA, Informação verbal)<sup>121</sup>.

Quando Minervina Souza fala sobre o igarapé ser arborizado e navegável por barcos e canoas, ela descreve rios e igarapés que remontam à segunda metade do século XX, pois faz referência aos seus amigos que navegaram por essas águas. Como recurso para reforçar seus argumentos, indica aos alunos que a entrevistavam para que consultem, na obra por ela publicada e analisada em na seção 2 (SOUZA, 2012), a imagem de uma tela pintada por um amigo seu e que ilustra bem como era o rio na segunda metade do século XX. Vejamos tal imagem na figura a seguir:

---

<sup>121</sup> Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.



Figura 13 – Rio Izabelense segundo Moura Filho



Fonte: SOUZA, 2012, p. 41.

Ao visualizar a pintura, os alunos afirmavam estar convencidos que era possível realizar diversas atividades que são citadas pela entrevistada nos Rio Galho Grande ou Izabelense como, por exemplo, as atividades cotidianas de lavagem de roupa, de louça, limpeza doméstica, banhar animais e as atividades de lazer como pescaria, passeios de canoa e de barco, natação e muitos banhos.

Mas a entrevistada usou também dos conhecimentos ameadados durante muitas décadas de pesquisa sobre o município e apresentou em sua entrevista as memórias que ligam as águas dos rios izabelenses às necessidades econômicas locais e do estado, a sua criação e participação no processo de desenvolvimento regional no final do século XIX e XX. Segundo Minervina:

Dentre tantas coisas que foram realizadas aproveitando as águas desse igarapé, a que mais me chamou atenção em todo o período que eu estudei esse Igarapé, é que ele abastecia os trens a vapor, os trens da estrada de ferro...

... Então é isso, eu acho que a memória assim mais clara que eu tenho é dessa caixa d'água que ainda hoje conserva os pilares [...] mas ele serviu pra tudo isso pra o lazer, pro comércio, pra navegações fluviais do município, escoamento dos produtos que vinham daí do lado do Caraparu, do Itá, escoavam pra cá pra colocar na estação do trem, o trem levar o... a mercadoria pra Belém, pra Bragança, Castanhal<sup>122</sup>. (MINERVINA SOUZA, Informação verbal).

Sobre a relevância e a participação de Santa Izabel no processo de desenvolvimento regional nos séculos XIX e XX, vemos sua fala sobre a função do rio Galho Grande ou Izabelense para o abastecimento dos trens que circulavam pela Estrada de Ferro Belém-Bragança até a década de 60 do século XX. Esse debate das águas dos rios como

<sup>122</sup>Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

elemento fulcral no processo de modernização e desenvolvimento foi feito na seção 2, abordando as obras publicadas na década de 80 do século passado por Carlos Araújo e Nestor Herculano Ferreira, que constroem uma memória da natureza como um obstáculo que deveria ser superado e serviria para manter, através do abastecimento, os trens que simbolizavam o progresso ligando a capital do Pará até a cidade de Bragança.

Minervina Souza também aponta aos alunos a importância das águas dos rios para a produção familiar, base da economia da região que tivera e ainda tem um vínculo muito forte com a agricultura, algo que fica evidente ao afirmar que

Aqui nessa rua, e a água o pessoal ia buscar lá no Igarapé para tudo, "incurusive" também pra... fazer a nossa farinha puba de mesa, o que era chamada a "farinha d'água", porque a farinha da água é a água... a mandioca ficava lá de molho até ficar puba, aí tem esse processo a farinha... d'água ela passa por esse processo, eles colocam a mandioca na água até que ela fique puba e aí tira mistura com a mandioca fresca e fazem a farinha d'água, que é a misturada, né? E o pessoal usava muito, porque aqui sempre a agricultura familiar prevaleceu como a... principal fonte econômica (MINERVINA SOUZA, Informação verbal)<sup>123</sup>.

Sua fala também aproxima a memória que ela tem do Rio Galho Grande como aquele que vai possibilitar a criação da vila de Santa Izabel às suas margens, explicação também analisada a partir das obras de Nestor Herculano Ferreira (1984) e da própria Minervina Souza (2012), para compreendermos que era fundamental um rio navegável para escoar a produção da região da colônia agrícola recém fundada. Minervina fala que:

Então, o topógrafo que estava na empreita de fazer esse loteamento, ele veio traçando fazendo esse loteamento de 20 em 20 km, então ele fez em Benevides, ele fez mais para lá para o lado de Marituba, quando chegou em Santa Isabel ele fez o traçado aqui... a beira desse Rio, veio pelo caminho... e fez o seu traçado de uma vila aqui na beira desse Rio... ali ele construiu...e trazia uma namorada de Belém a Isabel, e a Isabel veio e ficou morando com ele na boca da sexta; sexta porquê sexta? Aí tem gente que pensa assim "a sexta é a Aratanha", de fato a sexta travessa é a Aratanha, mas a boca dessa sexta, quer dizer, o início dessa sexta travessa é aqui onde a gente chama de Juruninha, na beira desse Igarapé Galho Grande<sup>124</sup>. (MINERVINA SOUZA, Informação verbal).

Podemos concluir, ao analisarmos tais memórias, que os usos e práticas cotidianas feitas nos rios Jordão, Izabelense e Carapuru eram banhos, lavagem de roupa e de louça, limpeza e afazeres de casa, além do lazer de crianças, jovens e de famílias com passeios de canoa e barco, natação e pescaria, onde esses igarapés tornavam-se espaços de socialização de alegria e divertimento, mas também de solução para questões diárias de abastecimento de

<sup>123</sup>Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>124</sup>Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

água da cidade e da vila de Caraparu. Todavia, o rio também fora fundamental para o surgimento da vila, como rota para navegação e escoamento de produtos agrícolas, além de abastecer os trens que interligavam a região de Belém à Bragança.

Precisamos esclarecer que as memórias que nos aponta Minervina Souza se entrelaçam com perspectivas já detectadas nas obras analisadas na seção 2 desta dissertação e que apontamos possuir algumas lacunas quanto ao que diziam sobre as interações entre os rios e a sociedade izabelense. Porém, a fala da entrevistada foi além destas memórias já escritas e instigou nos alunos uma reflexão acerca das experiências vividas por esses depoentes no passado com os rios e a relação vivenciada pelos alunos hoje, o que fez com que muitos alunos relatassem que a memória da entrevistada acrescentava argumentos quanto às práticas realizadas nos rios e que eles não identificavam anteriormente em sua obra escrita em 2012.

Para os alunos, as memórias ambientais também permitiram que compreendessem o processo de ruptura que leva ao distanciamento entre os sujeitos e os rios em Santa Izabel do Pará, refletido em seus desusos. Os entrevistados ao longo de suas falas narram as experiências vivenciadas entre os anos 50 e 90 do século XX, mas também apontam sobre as causas da ruptura de suas experiências com os rios. Quando perguntados sobre o que os levou a deixar de usar esses igarapés e rios, os entrevistados apontaram vários argumentos.

Dentre as falas, citamos Raimunda Silva, a qual acredita que os igarapés não existam mais, pois a mata à sua margem foi derrubada e com isso “quando desmata a água vai secando”<sup>125</sup> (RAIMUNDA SILVA, Informação verbal). Outras moradoras também apontam o desmatamento como um fator que levou o igarapé a virar um pequeno córrego, dentre elas, Dona Maria de Nazaré, que refere uma mudança grande entre os igarapés no passado e como estão hoje:

Os igarapés aqui da cidade né? Do centro eram igarapés tinha uma natureza de qualidade né? [...] Hoje eu vejo que é um igarapé morto né? Não tem mais aquele é... aquela natureza né? Uma água saudável né? Não tem mais natureza ao lado dela, eu vejo que as árvores, muito desmatamento, casas pelos lados e um igarapé poluído<sup>126</sup>. (MARIA DE NAZARÉ, Informação verbal).

A outra moradora a citar o desmatamento foi Emília Ribeiro, apresentando que as árvores à margem do igarapé tornavam o espaço muito agradável e propício para as brincadeiras das crianças. E hoje, ela aponta que

<sup>125</sup>Raimunda Silva, Santa Izabel do Pará, 08 de Abril de 2019.

<sup>126</sup>Maria de Nazaré, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

[...] tiraram todo o arvoredo que tinha muito aquele... que a gente faz vinho, como é o...buriti... Isso era muito lindo, a gente brincava a gente brincava por cima dos paus, brincava ali embaixo, era muito bonito lá quando tinha, mais foi tudo destruído com a sujeira e a imundície, morreu todas as plantas (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal)<sup>127</sup>.

Emília Ribeiro também reforça que esses igarapés ficaram poluídos devido ao crescimento desordenado da cidade e a invasão dos terrenos que margeavam o Rio Jordão no trecho que fica na Rua Antônio Pontes, dando origem ao bairro Miraí. Ela diz que

[...] depois que o povo invadiu aqueles terrenos ali do Miraí que foi invadido, aí o povo fez imundície, sujeiras, jogavam porqueira, tudo era jogado no igarapé, destruíram tem canto que tá até entupido, já. Aterraram “tudinho” pra fazer casa, como ali por trás, perto de onde eram o Jordão foi tudo aterrado, fizeram casa. Só desce um córregozinho malmente (EMÍLIA RIBEIRO, Informação verbal)<sup>128</sup>.

Kátia Nogueira também associa a ocupação desordenada das margens do rio a sua poluição, afirmando que “hoje em dia tá todo poluído né? Não tem mais, acabou entendeu? Devido a uma grande invasão que teve ali no Miraí, acabou os igarapés de lá, ficaram poluídos”, afirmando que o que resta desses igarapés é “só os córregozinho, bem pouquinho”<sup>129</sup> (KÁTIA NOGUEIRA, Informação verbal).

Elidiane Ribeiro que, assim como Kátia, frequentava os igarapés do Rio Jordão também aponta esse fator como determinante para a poluição que levou a população a abandonar os igarapés urbanos:

Que muito progresso, muitas coisas aconteceram, poluição, e que hoje em dia se a gente for nesse lugar não tem mais... Não tem Prainha, que se tornou uma rua, o, o igarapé ficou impróprio. E o Miraí também [...] a cidade vai crescendo, vão se tornando bairros e bairros e acaba com isso tudo (ELIDIANE RIBEIRO, Informação verbal)<sup>130</sup>.

Para essas moradoras o crescimento urbano levou à poluição e ao desuso dessas águas que por décadas foram utilizadas para muitas atividades. Christiane Laís da Silva<sup>131</sup> em

<sup>127</sup>Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>128</sup>Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.

<sup>129</sup>Kátia Nogueira, Santa Izabel do Pará, 29 de Março de 2019.

<sup>130</sup>Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>131</sup> Cabe ressaltar com grande felicidade que a autora citada é ex-aluna da professora que coordena esta pesquisa, tendo concluído o seu ensino médio na Escola Estadual Professora Marieta Emmi que também é o espaço de realização desta dissertação. Foi sempre uma excelente aluna, Christiane, ou Chris, como sempre a chamávamos, apresentou um trabalho significativo para a comunidade izabelense, levantando questões pertinentes aos recursos hídricos e como este vem sofrendo com a modernidade e a ocupação desordenada do espaço urbano. É necessário tornar trabalhos de jovens professores/pesquisadores como Christiane Silva conhecidos da população, para que percebam a necessidade urgente de conscientização sobre a importância

seu trabalho de conclusão de curso, utilizando-se de recursos do geoprocessamento, fez uma análise de um trecho da bacia do Rio Caraparu, que corresponde ao Rio Jordão, e tem como objetivo caracterizar o processo de crescimento urbano horizontal ocorrido na cidade com a construção de moradias às suas margens, o que tem causado modificações na sua dinâmica e visa “identificar os impactos ambientais decorrentes da ocupação irregular e da instalação proveniente de empreendimentos imobiliários” (SILVA, 2017, p. 12).

Segundo Silva (2017), as cidades são os espaços em que “muitos ecossistemas são poluídos e impactados, porque o processo de urbanização que a cada dia intensifica-se, não preza pelos limites entre a demanda de uso e o grau de vulnerabilidade da natureza” (2017, p. 16). Para a autora, o crescimento urbano sofrido pela cidade de Santa Izabel entre os anos de 2010 e 2016 levou a um processo de degradação da natureza presente nos espaços da cidade, onde a mesma perderia sua importância simbólica e econômica passando a sofrer com as ações antrópicas realizadas:

O crescimento das cidades e a ocupação do solo nas proximidades dos recursos hídricos, como rios e igarapés, têm causado grandes impactos ambientais, como assoreamento e desmatamento da mata ciliar. Fazendo com que grande parte desses rios seja poluído por meio de depósitos de lixos, moradias sem saneamento básico que ficam próximas prejudicando os lençóis freáticos e a retirada da mata que ajuda a proteger o seu equilíbrio hidrológico. (SILVA, 2017, p. 50)

No caso do Rio Jordão analisado por Silva (2017), fica evidente em vários trechos percorridos pela autora na sua visita de campo que “é possível encontrar o acúmulo de lixo e resíduos depositados nas margens do rio Jordão, o que acaba também impactando de forma negativa o ambiente” (2017, p. 53).

As memórias ambientais dos entrevistados amalhadas nesta pesquisa nos permitem afirmar que esse processo de ocupação e destruição das margens dos rios Jordão e Izabelense é um processo que vem se encaminhando desde a década de 90 do século XX, no mínimo mais ou menos duas décadas antes do período pesquisado por Christine Silva. A ocupação das margens dos rios Izabelense, que hoje correspondem ao bairro Jardim das Acácias, e Jordão, onde surge o bairro Jardim Mirai, caracteriza esse processo de poluição, desmatamento e desuso dos rios que vem sendo relatado por todos os entrevistados ao longo deste texto.

Capilé (2016) reforça a relevância de refletir sobre o papel dos rios nos espaços urbanos e as interferências que sofrem e que realizam nesses espaços. O lixo apontado por Silva (2017) fica também presente nas percepções que os alunos construíram desses espaços dos rios que vivenciam hoje<sup>132</sup>. Ao se reportar especificamente ao bairro Miraí, Silva (2017) aponta elementos que vinculam à ocupação desse bairro a poluição do rio Jordão

O bairro Jardim Miraí, que é uma ocupação irregular do município, também possui pouca estrutura como saneamento básico adequado à população, o que tem também contribuído significativamente para a degradação dos recursos hídricos e gerado indicadores de impactos no rio analisado. (SILVA, 2017, p. 62).

Podemos, então, inferir que a poluição é um elemento presente nos rios e igarapés urbanos de Santa Izabel do Pará, chegando também ao Rio Caraparu, balneário em uso pela população, e isso corrobora a compreensão de que a ambientalização feita de questões como a escassez de água e a falta de uso dos rios que cortam a cidade torna essa realidade, fruto das dinâmicas sociais sobre o meio ambiente, como algo permanente e contínuo, dando a falsa impressão de que essas crises sempre existiram sobre os ecossistemas (DEVOS, 2009). Vemos isso no caso da bacia do Rio Caraparu, da qual os Rios Jordão e Izabelense fazem parte.

Sendo assim, que a construção dessa memória ambiental nos permite refletir sobre essas “crises ambientais” que reverberam nas experiências cotidianas e da interação entre sociedade e natureza e o quanto elas podem comprometer a própria existência desse ecossistema. Neste sentido, é muito apontado pelos moradores entrevistados como argumento que os levou a abandonar o uso e prática de atividades nesses rios a poluição e o lixo. Dentre eles, o senhor Milton narra com tristeza como vê os igarapés hoje

Hoje os igarapés tão muito poluídos em Santa Izabel [...]. Esse igarapé aqui que corta a cidade na Matta Bacelar, que é a Rua do Cemitério aí. Sim, era bem limpinho na época né? A gente tomava bastante banho aí, e hoje a gente passa lá é uma tristeza né? Poluído, poluído mesmo, bastante poluído [...]. É triste! É triste porque eu tive a oportunidade de ver eles né? A água bastante limpa na época né? E hoje a gente encontra os igarapés totalmente poluídos. A gente passa aí nos igarapés, a gente vê bastante lata, tudo, bola, é fogão velho, tudo o pessoal joga no igarapé, poluiu de modo geral, geral (MILTON MONTEIRO, Informação verbal)<sup>133</sup>.

<sup>132</sup> Veremos com mais detalhes como o lixo também é apontado pelos alunos como parte de um processo de destruição e intervenção negativa nos rios de Santa Izabel do Pará na seção seguinte, quando nos determos em analisar os contos escritos pelos alunos e esse elemento poluidor aparece em destaque em um dos textos.

<sup>133</sup> Milton Monteiro, Santa Izabel do Pará, 31 de Março de 2019.

Maria Helena também traz de forma saudosa que o igarapé que toda a comunidade usava no bairro Jardim das Acácias hoje está impróprio para uso:

Tenho lembranças desse aqui atrás que era um igarapé muito bom, e hoje em dia está todo entupido de mato, lixo, tudo [...]. Agora... não presta mais [...] mana, as águas estão tudo... né? Tudo sujas, tudo cheia de lixo [...] não presta mais pra gente usar (MARIA HELENA, Informação verbal)<sup>134</sup>.

Para a vila de Caraparu, Lina Silva nos conta que os moradores deixaram de usar o rio para as suas atividades e consumo por causa da água encanada. Segundo Dona Lina, a ativação na vila de Caraparu dos serviços de abastecimento de água realizados pelo poder público fora determinante para mudar a relação dos moradores com o rio em seus usos cotidianos. Mas, em suas considerações, a moradora reflete que o rio hoje está diferente. Ao arguir sobre a condição atual das águas do Rio Caraparu, faz uma ressalva que essas águas sofrem com a poluição que vem da cidade, ou seja, fruto do crescimento desordenado e da falta de cuidado dele resultante. Dona Lina nos diz que

De primeiro era uma água, um igarapé grande, mas agora não tá, é tudo quanto é troço velho, é plástico, é... não vou nem explicar [...]. Cada vez mais vai ficando pior, quando vem água daí vem tudo, vem de Santa Izabel, vem daqui, corre tudo junto (LINA SILVA, Informação verbal)<sup>135</sup>.

Lina Silva afirma que o rio Caraparu sofre com a poluição gerada pelo processo de crescimento urbano acelerado que não é acompanhado por uma estruturação dos espaços para a população e que se reflete na destruição e desuso dos rios. Sua fala vem corroborar o que nos aponta Minervina Souza quando inicia a sua entrevista relatando aos alunos que o igarapé Galho Grande ou Izabelense “atualmente ele é um esgotão, passa aqui no centro da cidade levando o esgoto para o Rio Caraparu. Então ele é o principal canal de esgoto, hoje a situação dele é assim”<sup>136</sup> (MINERVINA SOUZA, Informação verbal). Como consequência, são os recursos hídricos que mais sofrem com essas mudanças, mesmo que essas águas, como é o caso do Rio Caraparu, sejam apontadas como referência para o turismo e percebidas como elemento de identidade do município<sup>137</sup>.

<sup>134</sup> Maria Helena, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>135</sup> Lina Silva, Vila de Caraparu, 04 de Abril de 2019.

<sup>136</sup> Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>137</sup> Afinal, já apontamos com a fala do professor-pesquisador Raimundo Franciel Paz na seção 2 desta dissertação que Santa Izabel é identificada como “cidade dos igarapés”, sendo os balneários existentes nas comunidades do distrito de Caraparu (Vila de Caraparu, Conceição do Itá, Vila do Carmo, por exemplo) uma das atividades econômicas existentes para o município.

As memórias desses moradores apareceram repletas de afetividade, de saudosismos e de tristeza pela forma como os rios e igarapés urbanos e da vila de Caraparu se encontram hoje. Alguns desses entrevistados falam dessas águas como se elas estivessem condenadas a não ter mais solução, entendendo que a poluição e as mudanças realizadas nas dinâmicas dos rios Izabelense, Jordão e até no Caraparu<sup>138</sup> não fossem reversíveis.

Se as nascentes desses rios ainda estão conservadas, poderíamos pensar em projetos ambientais que visassem amenizar a poluição realizada nos dias de hoje, ao menos é o que pensa uma das moradoras entrevistadas. Mesmo enfatizando que tem pouco estudo e não entende muito de tratamento de água, a entrevistada Elidiane Ribeiro acredita que as pessoas que trabalham com projetos ambientais podem fazer algo para restaurar esses igarapés. Outra solução proposta pela moradora seria que a população se reunisse e cobrasse do poder público municipal uma solução para a poluição desses rios, onde a prefeitura investisse mais em saneamento e cuidasse mais do meio ambiente.

Elidiane Ribeiro também aponta que se faz necessário conscientizar a população da importância dos rios e igarapés para que ajudem também na preservação e conservação dessas águas, inclusive, destaca que projetos como este que os alunos estão desenvolvendo, buscando conhecer como eram os rios e igarapés que hoje estão poluídos, são de extrema importância e podem ajudar na formação e conscientização dos jovens.

Enfim, os alunos conseguiram amearhar memórias que se mostraram muito significativas por alguns fatores. Um deles seria a semelhança nas falas dos entrevistados que possibilitou a construção de narrativas sobre os usos, experiências e práticas realizadas nessas águas, estimulando a compreensão e o conhecimento da história da cidade de Santa Isabel e da vila de Caraparu a partir de um prisma diferente, o da relação sociedade e natureza, colaborando com a construção da memória ambiental izabelense, fundamental para o fortalecimento de uma consciência ambiental, pois como nos afirma Eurípedes Funes (2019)

A memória, mesmo sujeita a influências e novos valores mantém um vínculo entre o presente e o passado. Referências repetitivas de fatos, nomes, lugares e atitudes são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo. (FUNES, 2019, p.15).

---

<sup>138</sup>Podemos ressaltar que o professor-pesquisador Raimundo Franciel Paz em trecho apontado por nós na seção 2 desta dissertação, afirma que o Rio Caraparu não se encontra impróprio para uso como balneário nos finais de semana, pois alguns afluentes desse rio ainda passam por área fechada, não sofrendo interferência direta das ações antrópicas e as suas águas, em contato com os organismos em decomposição, acabam garantindo que o rio possa ser usado. Franciel Paz também ratifica que mesmo os rios que cortam o espaço urbano de Santa Isabel ainda têm suas nascentes preservadas e por isso só ficam poluídos ao adentrarem o urbanizado da cidade.



Isso permite aos alunos reforçar sua relação com seu lugar, mas, principalmente, ampliar seu repertório de experiências e estender seu olhar para a importância de se estudar os rios e a natureza em geral nas aulas de história, pois por meio desses estudos é possível se tecer um conhecimento mais amplo ligado às questões socioambientais e levando os alunos a refletir sobre como essas questões são de extrema relevância nos dias de hoje.

Outro fator seria a reflexão das racionalizações feitas sobre os rios e igarapés em momentos distintos. Os alunos puderam compreender com as entrevistas realizadas e os debates sobre as memórias construídas que os espaços que eles desconheciam como natureza foram muito utilizados diariamente pelos moradores antigos de sua cidade e da vila de Caraparu. Foram vivenciados e aproveitados com finalidades diferentes das que são a eles atribuídos hoje, devido às transformações sofridas por esses rios e suas dinâmicas, como nos aponta Christiane Silva (2017) ao pesquisar o Rio Jordão.

E, por último, a pesquisa e a produção dessas memórias ambientais possibilitaram aos alunos uma experiência diferenciada no ensino de história, onde os mesmos, ao produzirem as entrevistas, tiveram um papel de protagonismo na produção do conhecimento, exercitando habilidades e competências que lhes permitem um pensamento científico, crítico e criativo sobre a história de Santa Izabel do Pará, reconhecendo a importância dos rios e igarapés para a história de vida dos moradores comuns da cidade durante o século XX e podendo, assim, desenvolver aspectos ligados a responsabilidade e cidadania, reconhecendo a importância da natureza e sua total interação com a sociedade.

#### 4 CONTOS DE RIOS: AS MEMÓRIAS AMBIENTAIS NO PRODUTO

“[...] se o mundo natural interfere no rumo da História humana, a História contada pelos seres humanos também interfere no mundo natural. A natureza sempre esteve na História, pois, entre outros, a disciplina tem um papel ativo no jogo de produção da memória social”.

(CARVALHO, 2013/2014, p. 179)

A afirmativa nos ajuda a refletir sobre a importância de se escrever a História levando em conta os agentes naturais existentes e que interagem com as sociedades, bem como o papel importante das aulas de História nesse processo. Vimos no capítulo anterior que teve início a produção de uma memória ambiental izabelense quando os alunos realizaram entrevistas e perceberam por meio destas, que os sujeitos e os rios em Santa Izabel do Pará estabeleceram formas diferentes de interação no passado gerando experiências que nos dias contemporâneos não são vivenciadas por esses alunos.

Dessa forma, a memória ambiental surge baseada na memória social de práticas e experiências relatadas, bem como na compreensão das relações entre os sujeitos e os rios construídas no passado e presente. Mas, chegamos a uma questão: o que se poderia fazer para que essas memórias fossem mais conhecidas e pudessem ajudar a contar uma História do espaço em que os alunos vivem, tendo os rios como agentes centrais, renovando a noção que esses alunos e outros jovens possuem sobre a natureza e ao mesmo tempo, fazendo deles produtores de conhecimento, exercitando a escrita e construindo uma consciência da necessidade de reflexão quanto à interação e a relevância dos rios e suas águas para a sua vida e de toda a sociedade?

Apresentamos neste capítulo o produto resultante desta pesquisa, o *e-book* intitulado “Contos de Rios: Histórias Izabelenses”, no qual os alunos/escritores tiveram a missão de produzir os contos tendo os rios, ou seja, a natureza, como agente central e que interage constantemente com os personagens, dialogando também com as histórias contadas pelos autores trabalhados no primeiro capítulo desta dissertação, elaborando, assim, novas narrativas sobre a História de Santa Izabel do Pará.

Em um primeiro momento, trataremos da produção dos contos, destacando as orientações feitas aos grupos, sempre discutindo a importância da temática ambiental no ensino de história e a necessidade de tornar os rios espaços significativos nas novas narrativas a serem escritas, usando para tanto as memórias ambientais construídas e as narrativas existentes nas obras dos autores que escreveram sobre Santa Izabel do Pará anteriormente.

Logo em seguida, buscamos analisar como a construção das memórias dos rios levou os jovens envolvidos nesta pesquisa a transformarem sua concepção sobre a natureza ao seu redor, fortalecendo sua relação e interação com os rios por meio do amadurecimento de uma consciência ambiental, bem como demonstrando o papel fundamental das aulas de história e da escola como espaços de debate, reflexão e transformação de perspectivas na vida e na formação desses alunos.

Posteriormente abordaremos os temas tratados nos contos e nas ilustrações publicados no *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses”, visando identificar se os alunos/escritores apresentam em suas narrativas sobre as histórias de Santa Izabel do Pará as memórias ambientais por eles produzidas juntamente com as referências dos autores analisados nesta obra para falar sobre seu lugar, estabelecendo narrativas baseadas na perspectiva de sua consciência ambiental, primando pelos conhecimentos adquiridos, para destacar nestes contos não somente aspectos sociais, mas sobretudo a interação entre a sociedade e a natureza.

#### **4.1 A obra em construção: a escrita e a ilustração dos contos**

A produção dos textos que fazem parte do *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses”<sup>139</sup> foi realizada no decorrer do segundo semestre letivo de 2019, sendo iniciadas nas primeiras semanas iniciais de agosto, após o retorno das férias ocorridas no mês de julho. A escolha desse formato para o produto teve algumas motivações, sendo uma delas a de levar os alunos a exercitar a escrita na aula de história, utilizando de uma metodologia diferenciada, fugindo ao modelo de exposição oral e memorização de conteúdos.

Marcos Gerhard e Eunice Nodari (2010, p. 60) afirmam que o uso da pesquisa no ensino da história ambiental faz com que os alunos se coloquem na condição de “participantes da história vivida, autores da história escrita, aprendem a pensar historicamente e tornam-se responsáveis pela preservação da memória individual e coletiva”. Desenvolver a pesquisa nas aulas de história permite aos alunos que estudem a natureza do lugar “em diferentes séries do Ensino Fundamental e Médio, com atenção para as mudanças e permanências no ambiente e na paisagem que a ação humana produziu”. Assim, eles se sentem parte do processo ensino-aprendizagem realizado como sujeitos atuantes.

---

<sup>139</sup>Convidamos o leitor a conhecer o *e-book* que está disponível na Biblioteca Digital da página do Laboratório Virtual de Ensino de História (LVEH), que pode ser acessado pelo link a seguir: [www.lveh.ufpa.br](http://www.lveh.ufpa.br).

Outra motivação estava na possibilidade de contribuir com a história de Santa Izabel do Pará. A produção de contos pelos alunos, que apontassem os rios como agentes naturais em constante relação com os sujeitos, pareceu uma boa forma de colaborar com a história do lugar, utilizando-se de narrativas com linguagens mais joviais e que tenham as memórias ambientais interligadas como fontes referenciais, que ao serem confrontadas com as informações e estudos apresentados nas obras já escritas e analisadas no primeiro capítulo desta dissertação, ajudem a contar uma história que ainda não estava presente nas produções anteriores ou ao menos não haviam ainda recebido a devida abordagem.

Sendo assim, demos prosseguimento à construção desses contos, encaminhamos as atividades a serem realizadas por cada grupo e destacamos que os alunos que faziam parte da pesquisa continuariam a ser avaliados pelas atividades desenvolvidas, como leitura e análises das memórias coletadas, apresentação de sugestões para o uso das obras discutidas sobre a História de Santa Izabel do Pará, participação na produção das narrativas, na criação das ilustrações e na formatação final do texto, além da frequência e participação nas aulas de orientação a serem realizadas. Os alunos que não estavam participando dos grupos da pesquisa realizariam outras atividades ao longo do bimestre<sup>140</sup>, conforme já explicitamos anteriormente.

A coordenação pedagógica da Escola Marieta Emmi orientou os professores sobre o processo avaliativo do 3º bimestre, onde ocorreria um simulado que corresponderia a 3,0 pontos do total da nota, ficando a cargo de cada professor organizar as atividades complementares à nota bimestral. Como já havíamos organizado as atividades do bimestre, aos alunos que participavam do projeto a nota relativa às atividades de produção do *e-book* corresponderia aos 7,0 pontos restantes da avaliação bimestral, o que modificou a proposta de pontuação feita no semestre anterior, como pode ver no quadro a seguir:

Quadro 5 - Atividades do projeto para o 1º e o 2º semestre B<sup>141</sup>

<b>BIMESTRE</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>NOTAS</b>
1º Bimestre	Entrevistas (entrega em formato áudio visual)	3,0 Pontos
2º Bimestre	Análise e transcrição das entrevistas;	4,0 Pontos

Cont.

<sup>140</sup>Foram realizadas ao longo do 3º e do 4º bimestres as seguintes atividades com os alunos que não participavam da pesquisa: exercícios em sala de aula com o auxílio de fontes e trechos de textos historiográficos, o uso de atividades propostas pelo livro didático e mesmo a realização de pesquisa com socialização dos resultados em sala de aula para a turma, além de simulado ou prova bimestral como culminância de cada avaliação.

<sup>141</sup>Em caso de dúvida, pode ser feita a comparação entre o Quadro 2, que está no segundo capítulo desta dissertação, e o Quadro 4 apresentado acima, onde é possível ver que a pontuação atribuída aos grupos no 3º bimestre sofreu alteração de dois pontos.

BIMESTRE	ATIVIDADES	NOTAS
3º Bimestre	Produção textual e das ilustrações dos contos	7,0 Pontos
4º Bimestre	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Culminância com socialização para a comunidade escolar;</li> <li>✓ Publicação do <i>e-book</i>.</li> </ul>	5,0 Pontos

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

A alteração da nota do terceiro bimestre foi um fator que agradou a todos os alunos que participavam do projeto, pois afirmaram que sem a obrigatoriedade de realizar outras atividades para a disciplina poderiam dedicar uma atenção maior à produção dos contos. Isso nos motivou bastante e antes de findar o mês de agosto realizamos a primeira aula de orientação com todos os grupos. Nela, apresentamos aos alunos a proposta para a escrita dos textos, que deveriam seguir algumas normas. Elencamos abaixo os itens exigidos para a produção das narrativas:

- 1º - Usar os rios na escrita (sempre apontando as relações estabelecidas entre os sujeitos e os rios);
- 2º - Utilizar das memórias ambientais izabelenses por eles produzidas;
- 3º - Apontar tópicos referendados pelos outros autores sobre Santa Isabel do Pará e Caraparu (falar dos rios ou igarapés, patrimônios materiais ou imateriais, falar dos balneários em variados períodos – passado ou presente);
- 4º - Produzir e incluir ilustrações no texto;
- 5º - Ter no mínimo 5 (cinco) laudas (incluindo as ilustrações).

O mais importante era sempre ter os rios como agente central, onde as narrativas aconteceriam e daí os alunos deveriam construir suas histórias usando das memórias feitas a partir das entrevistas, relacionando-as com as memórias que os autores analisados no primeiro capítulo apresentam sobre a História de Santa Isabel do Pará e da vila de Caraparu, usando as referências utilizadas pelos autores para construir o espaço das narrativas, destacando os lugares, prédios, clubes, escolas, ruas, dentre outros aspectos que esses autores já apresentaram como parte do espaço que compõem a cidade.

Pensamos esse conceito de espaço levando em conta as reflexões de Michel de Certeau (1998) que propôs em sua obra “A invenção do cotidiano” uma distinção entre “lugar” e “espaço”, levando-nos a refletir sobre as operações que esses conceitos estabelecem. O historiador francês especifica nesta obra a cidade como lócus de suas reflexões. A cidade em sua materialidade plasmada em ruas, praças ou jardins, no sentido estrito de seu

planejamento e construção, por exemplo, pode ser lida como um lugar, sem significações simbólicas relevantes para os sujeitos, que não estabelecem com ele qualquer vínculo relacional. É a partir do habitar a cidade que ela passa a ser significada e pode ser transmutada em espaço. Assim, podemos dizer que o espaço é aquele lugar ocupado, apropriado e transformado pelos sujeitos que ali transitam e o (res) significam a partir de suas vivências particulares e sociais. Espaço que nunca é um dado natural e é sempre construído.

Podemos pensar ainda sobre este trânsito entre o lugar e o espaço, resultante da ação dos sujeitos, como um ato socialmente compartilhado. Criam-se aí permissões e interdições, tácitas ou explícitas, conflitos e harmonizações que se inserem nas disputas de poder pelo discurso significativo e hegemônico do lugar. Então, se fazem escolhas que determinam memórias e interpretações sobre as vivências ali realizadas. O espaço é, portanto, resultante de um campo de disputas, interações, barganhas, conquistas e derrotas. O espaço, apesar de vivido individualmente pelos sujeitos, vai se configurando num lugar comum, compartilhado, possibilitando uma referência cultural que possa significar o coletivo e não apenas o sujeito individual.

Pensamos então o espaço como aquele que foi modificado e (re) significado em Santa Isabel do Pará e na vila de Caraparu e que fora apropriado pelos alunos, figurando em seus textos por meio dos prédios, costumes, festas, dentre outros espaços e manifestações com os quais eles se identificam e apontam como significativos no lugar em que vivem. A intenção é que os rios também passem a ser vistos como um espaço relevante e figurem nessa classificação para os alunos por conta da memória ambiental em construção. A lacuna ambiental deixada em algumas obras escritas sobre Santa Isabel do Pará ou o enfoque limitado a áreas específicas do município é o que visamos suprir por meio destes contos, construindo novos discursos e histórias sobre o lugar, pautado na questão ambiental.

Junto aos textos escritos, era obrigatório que todas as narrativas viessem acompanhadas de ilustrações produzidas pelos alunos. Houve uma inquietação geral, pois alguns alunos afirmaram que não existia em seu grupo ninguém que dominasse a arte do desenho e, assim, mediante a solicitação, foi autorizado que quatro grupos fizessem suas ilustrações com o auxílio de terceiros<sup>142</sup>.

Quanto à escrita dos textos, houve de imediato o questionamento dos alunos sobre o tamanho que os mesmos deviam ter. Uma das alunas do grupo 1 destacou que eles teriam

---

<sup>142</sup>Todos os ilustradores aparecem referenciados no *e-book*. Dentre eles, vamos encontrar irmãos, primos, sobrinhas e amigos dos componentes dos grupos, chamando atenção para o fato que alguns foram ou são alunos da Escola Marieta Emmi.

dificuldade em escrever textos muito longos, já que a maioria dos alunos de seu grupo não tem o hábito de exercitar frequentemente a escrita. Argumentamos que a proposta para o texto é de que ele tivesse no mínimo cinco e no máximo dez laudas, incluindo aí as ilustrações, que ficariam dispostas no texto de acordo com o desejo do grupo. E assim, havendo o entendimento da questão, seguimos com as atividades.

Continuamos a aula de orientação apresentando as obras que os grupos deveriam utilizar nas suas escritas. Falamos dos textos de Carlos Araújo (1981), Nestor Herculano Ferreira (1984), José Tavares de Moura Filho (1989), Minervina Souza (2012) e Raimundo Franciel Paz (2012) já analisados na seção 2. Destacamos aos alunos o que cada autor aborda sobre os rios e a natureza em suas obras, refletindo que a maioria delas não apontava em suas análises aspectos sobre a relação entre sociedade e natureza, sendo exceções as obras de Minervina Souza e Raimundo Franciel Paz, enfatizando as particularidades de cada uma das obras. Preocupamo-nos em direcionar o olhar dos alunos para a compreensão de que as memórias produzidas com as entrevistas deviam ser utilizadas juntamente com as obras já existentes na produção dos contos, para que, com criatividade e inspiração, os alunos realizassem a escrita.

Na semana seguinte, organizamos com o auxílio da professora de Língua Portuguesa Thaís França<sup>143</sup> a aula de orientação sobre a produção de contos, que foi solicitada pelos alunos que argumentaram precisar conhecer melhor esse gênero textual. A aula foi realizada em um dia da semana que não era a aula semanal da turma, pois na sexta-feira, dia em que a aula de História ocorria, a professora de Língua Portuguesa não estava na escola. Mediante negociação com a coordenação pedagógica e com a gestão da escola, foi possível fazer a aula em uma quarta-feira, aproveitando os horários finais da manhã que estavam livres naquele dia.

A professora Thaís França apresentou o gênero textual dos contos como narrativas ou histórias que tem como ponto central uma ação<sup>144</sup>. Já pensando em nossa pesquisa e nas produções dos grupos, a orientação era que essa ação se desse no rio. Outra característica dos contos é que tanto podem ser baseados em histórias reais como em histórias fictícias. Levando em conta as normas por nós apontadas para a produção dos contos, a professora Thaís

---

<sup>143</sup> Professora efetiva da SEDUC que atua nas Escolas de Ensino Médio Professora Marieta Emmi e Antônio Lemos. Licenciada Plena em Letras pela UFPA (2002). Especialista em Língua Portuguesa – Uma abordagem textual (UFPA) e mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Texto informado pela professora Thaís França.

<sup>144</sup> Para preparar a aula de orientação aos alunos, a professora Thaís França usou as seguintes referências: ABAURRE, Maria Luiza. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007. SOARES, Angélica Maria Santos. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1993.

explicou que, mesmo optando por fazer histórias com personagens fictícios, os grupos poderiam utilizar como pano de fundo a cidade de Santa Izabel do Pará ou a vila de Caraparu, seus espaços e tudo que os alunos considerassem relevante e significativo do local, principalmente os rios.

A mesma expôs aos alunos os estilos textuais em que poderiam ser escritos os contos, tais como o drama, o romance, a aventura, o mistério, o fantástico ou o memorialístico, sempre lembrando que o conto deve possuir uma estrutura com início, meio e fim. Outra característica do conto é que o narrador pode estar em primeira pessoa, como protagonista/personagem principal, ou em terceira pessoa, como observador.

Chamou a atenção dos grupos que, ao escreverem os contos, poderiam fazê-lo com discurso direto, no qual os personagens são conhecidos por suas próprias palavras, ou usar o discurso indireto, onde o narrador “conta” o que o personagem disse. Além do que, a escrita dos contos exige uma linguagem culta, formal, para que o texto siga as normas e padrões da língua. Antes de findar a aula, a professora Thaís França atentou novamente para o fato de que os contos são caracterizados por serem narrativas/histórias curtas e que se eles produzissem textos muito longos já deixariam de estar produzindo um conto e estariam produzindo uma novela<sup>145</sup>.

A professora Thais salientou ainda quanto ao tempo que os alunos poderiam escolher para sua escrita, explicando que tempo cronológico é o tempo em que a ação acontece, ou seja, é o tempo histórico que se refere à época ou momento histórico em que a ação se desenrola. Já o tempo psicológico é um tempo subjetivo, vivido ou sentido pela personagem, que flui em consonância com o seu estado de espírito, marcado pela memória e pelas lembranças do mesmo.

Os alunos foram tirando suas dúvidas no decorrer da aula de orientação e aproveitando a oportunidade para apresentar algumas das suas ideias para a escrita. Algo bastante questionado por alguns grupos tinha relação com o tempo em que deveriam escrever os contos. A maioria dos grupos optou por escrever os contos em tempo cronológico, levando em conta a história da cidade no decorrer do século XX, pois assim poderiam estabelecer um diálogo tanto com as memórias quanto com as obras existentes.

---

<sup>145</sup>Novela(do italiano *novella*: notícia; narração de acontecimento real ou imaginário), em português, é um gênero literário que consiste em uma narrativa de caráter breve, sendo, porém, considerado o gênero mediano entre o conto, de menor extensão, e o romance, de maior extensão. Disponível em:[https://pt.wikipedia.org/wiki/Novela#:~:text=Novela%20\(do%20italiano%20novella%3A%20not%C3%ADcia,o%20romance%2C%20de%20maior%20extens%C3%A3o.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novela#:~:text=Novela%20(do%20italiano%20novella%3A%20not%C3%ADcia,o%20romance%2C%20de%20maior%20extens%C3%A3o.) Consulta feita em: 20/07/2020.



Concluímos que a aula de orientação sobre os contos foi muito importante para que os grupos esclarecessem as dúvidas a respeito de como poderiam organizar os temas a serem trabalhados nos contos e isso se refletiu na continuidade do trabalho.

Nas aulas seguintes, encaminhamos as orientações nas quais definimos o estilo de conto de cada grupo, qual a ação central a desenvolver, quantos personagens teriam, em que espaço sua ação ocorreria e o tempo em que a ação se passaria para que escrevessem os seus contos. Os alunos solicitaram que organizássemos um horário no contra turno para fazer orientações separadamente com os grupos para que nós contribuíssemos com a escrita dos contos de cada um deles.

Os grupos enviariam um trecho já escrito de seus textos ao menos três dias antes da orientação pelo aplicativo *WhatsApp* para apreciação e, assim, na hora em que ocorresse a reunião presencial já seria possível apresentar propostas e sugestões aos alunos para sua escrita. Os encontros aconteceram na própria escola, na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no turno da tarde, divididos em três dias (na segunda, na terça e na quarta-feira) no horário das 14:00 às 15:30 horas para um grupo e, na sequência, das 15:30 às 17:00 horas para o grupo seguinte. Precisamos analisar no que essas reuniões de orientação foram importantes no que concerne à produção dos contos pelos grupos.

Fazemos a ressalva de que apenas quatro dos seis grupos realizaram o envio dos textos. O comparecimento para a orientação agendada no contra turno foi de apenas três dos quatro grupos que enviaram algo da sua produção antecipadamente. O grupo 2, que era composto pelos alunos da Vila de Caraparu e enviaram uma parte do texto já escrito, não conseguiu comparecer presencialmente devido à dificuldade em seu deslocamento para a escola no contra turno, por isso optamos por fazer as devidas orientações via aplicativo, com troca de mensagens.

Já os grupos 3 e 6 não compareceram para orientação e não enviaram nada escrito. Ao serem interpelados por nós, ambos utilizaram o argumento de que não haviam ainda escrito algo significativo e que, por isso, preferiram não comparecer. A professora fez para esses grupos uma observação importante, de que a presença deles teria ajudado a conversar sobre as dificuldades que estavam encontrando e, assim, dar início à escrita dos contos que seriam posteriormente finalizados. Com suas ausências, esses dois grupos tiveram que iniciar a escrita de forma atrasada e receber suas orientações somente pelo aplicativo ou no último horário das aulas semanais.

De maneira geral, observamos que os grupos apresentaram uma dificuldade semelhante, que foi a de iniciar a escrita. Foi habitual que iniciassem o texto colocando um

excesso de informações e de forma desordenada, o que tornava a sua escrita confusa. Buscamos orientá-los para construir inicialmente uma escrita que viesse contextualizar e localizar seus personagens no conto, apresentando os mesmos e fazendo com que eles fossem gradativamente mostrando interações com os rios.

Cabe lembrar que os contos poderiam ter estilos diferentes, então era preciso levar em conta que construir esses espaços envolvia pensar conjuntamente as ações dos personagens, que na maioria dos contos eram fictícios, fruto da imaginação e criatividade dos alunos, com a História de Santa Izabel do Pará e da Vila de Caraparu, presente tanto nos autores analisados como nas memórias construídas com as entrevistas, para assim escreverem novas narrativas da história izabelense. Isso foi um ponto que enfatizamos bastante nas orientações.

Outro ponto também muito relevante refere-se à linguagem utilizada nos textos. Todos os grupos faziam uso de uma escrita coloquial, com muitas gírias e expressões próprias das conversas e bate papos dos jovens. Isso ficava muito marcado nos primeiros parágrafos escritos pelos grupos. Foi necessário nessas orientações conversar bastante para que eles entendessem que precisavam usar uma linguagem mais culta em sua escrita. Percebemos que seria preciso acompanhar semanalmente a escrita dos textos de cada grupo, para orientá-los e ajudá-los, em alguns momentos, com a estruturação da linguagem utilizada nos textos. A grande felicidade foi perceber que a maioria dos grupos aceitava e respondia de forma positiva às orientações feitas.

Apenas o grupo 6, formado por um único aluno que saiu do grupo 4 e solicitou utilizar apenas as entrevistas do grupo para realizar sua escrita, apresentou um pouco de resistência, pois na compreensão dele se o texto não estivesse todo escrito com os diálogos coloquiais e com as gírias e expressões que os jovens usam, não traria a mensagem que ele, autor do conto, queria transmitir. Foi preciso algumas conversas para que o aluno compreendesse que era requisito do estilo literário que a linguagem fosse culta e que essa forma de escrita não impediria que algumas expressões que ele queria no texto fossem utilizadas, desde que aplicadas de maneira específica, em algumas falas diretas dos personagens e não em todo o decorrer da narrativa.

Quanto às ilustrações, chamamos a atenção que nenhum dos grupos apresentou nas orientações ao menos uma das ilustrações de seu conto. Os grupos se comprometeram em apresentar o mais rápido possível ao menos uma das ilustrações e aproveitavam as orientações para tirar dúvidas e pedir sugestões quanto às imagens, pois alguns grupos tinham que passar as informações aos ilustradores que não eram alunos participantes da pesquisa.

O ponto mais negativo das orientações no contra turno foi à ausência de alguns grupos na orientação, o que atrasou o início de sua escrita. Para os grupos que compareceram, as orientações foram muito satisfatórias e a escrita e produção das ilustrações ganhou um novo fôlego, pois os alunos começaram a perceber a importância do seu papel como produtores de conhecimento, apresentando os rios nas suas narrativas e reforçando a importância do estudo das questões ambientais nas aulas de História.

O ponto mais positivo percebido nas orientações feitas aos grupos é que todos os alunos sempre conseguiam apontar de forma muito satisfatória um diálogo entre as obras que analisamos para o projeto, e que eram até o momento as principais referências para se pensar a história do município, com as memórias ambientais. Ao pensar seus contos, os rios passaram a figurar ao lado dos prédios centenários, das ruas antigas, das praças, dos prédios públicos, das escolas, dos clubes e locais de lazer, como espaços significativos, segundo a perspectiva de Michel de Certeau (1998), e que deveriam ajudar a compor a história que se conhece do seu lugar. Logo os contos tomaram forma, apresentando uma história que incluía o meio ambiente.

Já apontamos que a produção dos contos foi o caminho pelo qual levamos os alunos a refletir sobre a natureza nas aulas de História, tendo os rios locais como agentes desse processo onde se considerou não somente as análises sociais, mas a interação entre o social e o ambiental como já fizeram Victor Leonardi (2013) e Bruno Capilé (2016), apontados como exemplos de debate historiográfico referente às águas, bem como respaldando a importância do estudo do meio ambiente no ensino de história por meio dos temas transversais como propunham os PCN's (FREITAS NETO, 2008).

Todavia, as novas diretrizes que devem orientar a educação básica no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também aponta em suas competências direcionamentos que enfatizam a importância do estudo do meio ambiente no espaço escolar:

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p. 9).

A competência geral apontada faz parte de um conjunto de dez que orientam a BNCC para todo o ensino básico, e nela consta o entendimento de que a preocupação com as questões socioambientais deve ser formada ao longo de todos os níveis do ensino básico, de forma ética e a consolidar a noção de preservação. Na continuação do documento que trata

das áreas do conhecimento, dentre elas, a das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia), vemos as Competências Específicas para o Ensino Médio, onde uma dessas competências direciona os componentes curriculares para a perspectiva de trabalhar com a natureza e as questões socioambientais.

3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global. (BRASIL, 2017, p. 558).

Vemos que a BNCC, como um documento orientador, traz em suas competências a preocupação de apontar nos currículos os objetos de conhecimento a serem tratados em sala de aula com os alunos da educação básica e, no nosso caso, com o ensino médio. Neste sentido, há o enfoque à natureza e à relação que a sociedade com ela estabelece, respondendo a uma demanda que é própria das questões ambientais contemporâneas, como nos afirma Donald Worster (2004) e que se refletem nos dias atuais nas chamadas crises ambientais, como aponta Rafael Devos (2009).

Desde o final do século XX, Heloísa D. Penteado (2000) já chamava atenção para o papel da escola enquanto o principal espaço de formação de uma consciência ambiental que, para a autora, só é alcançado com a aquisição dos conhecimentos sobre a humanidade por todos os alunos, e quando a escola fizer abordagens sociais desta temática, apontando uma “incorporação de condutas, em oposição a adesões momentâneas ou a modismos” (p. 17), ou seja, tratando os temas ambientais como parte integrante de todo o processo ensino aprendizagem. É o que vemos apontado na BNCC e que buscamos realizar nesse projeto. Lembramos, no entanto, que a BNCC, no tocante ao ensino médio, ainda é um documento em construção, mas esperamos que as competências apontadas sejam seguidas na prática, tanto no currículo obrigatório como nos itinerários formativos.

Por isso, entendemos que o espaço escolar, e especificamente as aulas de História, são os lugares por excelência da construção de uma consciência ambiental, pois somente no momento em que os alunos se apropriam dos conhecimentos produzidos pela humanidade e interagem com a realidade, é possível romper com um sistema de reprodução de desigualdades, gerando nos alunos uma consciência crítica construtiva que ajude a modificar a conjuntura de crise social e ambiental resultante do sistema capitalista contemporâneo.

Para Heloísa Penteado (2000, p. 52) o estudo das Ciências Humanas fortalece o conhecimento das questões sociopolíticas e, por consequência, a compreensão das questões

ambientais e é só assim que os alunos podem desenvolver uma consciência ambiental que prepare esses sujeitos para o pleno exercício da cidadania. Para que esse processo se desenvolva, a autora afirma que “*informação e vivência participativa*”<sup>146</sup> são dois recursos importantes do processo de ensino-aprendizagem”.

Os conhecimentos e conteúdos que a autora destaca como importantes para a construção da consciência ambiental são os seguintes: como é o meu meio ambiente imediato (onde vivo); como os elementos do meio ambiente se transformaram; como o meio ambiente reage à nossas ações (PENTEADO, 2017, p. 52). Essas mesmas questões foram levantadas e respondidas nas memórias ambientais izabelenses e, na escrita dos contos, elas foram brotando e sendo relacionadas pelos alunos com as memórias sociais construídas pelos autores analisados no primeiro capítulo, pois concordamos com a premissa de Ely Carvalho (2013/2014, p. 179) de que a história, e as aulas de história, têm um “papel ativo” na produção das memórias sociais.

Dessa forma, os alunos foram gradativamente, em suas escritas, apontando os elementos que os aproximavam dessa percepção de uma consciência ambiental ou, como nos sugere Gilmar Arruda (2006), uma “consciência histórico-ambiental” ou “consciência sócio-histórico-ambiental” (p. 114). Para tecer suas conjecturas, Arruda (2006) aproxima o conceito de consciência histórica proposto por Jorn Russen<sup>147</sup> com o processo educacional e a questão ambiental. Para compreender o que Arruda (2006) propõe, vejamos a afirmativa abaixo:

Voltando a RUSSEN, se a consciência histórica é composta de antes e depois, devemos acrescentar também um antes e depois do espaço concreto vivenciado por aqueles que estão no processo educacional. Ou seja, é necessário considerar o passado concreto do espaço onde o aluno viveu ou vive, a sua relação e a de seu grupo social com a natureza, vivenciada ou partilhada em termos de memória social. Parece que um dos grandes problemas da educação ambiental é a “descontextualização” ou a “estetização” da natureza. (ARRUDA, 2006, p. 117).

Seria, então, por meio de uma aproximação entre conhecimento do passado e a perspectiva construída pelos alunos sobre a natureza, que se pode construir uma consciência socioambiental, segundo a perspectiva de Gilmar Arruda (2006). Esse processo ocorre quando historicizamos a natureza dentro do espaço em que os alunos vivem para que percebam as várias relações, usos e experiências estabelecidas pelos sujeitos com a natureza, o que podemos chamar de consciência ambiental.

---

<sup>146</sup> Grifos da autora.

<sup>147</sup> Sobre o conceito de consciência histórica, ver: RUSSEN, Jorn. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UNB, 2001.

Gilmar Arruda (2006) ainda afirma que, para que os alunos consigam definir o que é natureza, seria determinante que a consciência ambiental se forme “pela experiência vivenciada pelos alunos na relação com a natureza de seu local de moradia e com o tempo contemporâneo” (p.117). Seria a consciência ambiental resultado da junção de “práticas ou memórias herdadas de seu grupo social”, mas também “do conjunto das informações disponíveis, que circulam intensamente no social através da mídia, do Estado, das ONGs, das empresas” (p. 118) que permitem aos jovens formar a sua noção do que é natureza, construir discursos em torno do tema e práticas e experiências cotidianas direcionadas ao meio ambiente.

Acreditamos que a proposta desenvolvida com os alunos, iniciada com a realização do questionário para conhecermos o que os alunos compreendiam como natureza no espaço da cidade de Santa Izabel do Pará e na Vila de Caraparu, assim como a produção das memórias ambientais realizadas com as entrevistas, juntamente com o processo de escrita dos textos e seus momentos de dúvidas, equívocos, descobertas e acertos, fez com que os alunos pudessem modificar sua consciência ambiental, à medida que passaram a perceber os rios como natureza, compreendendo as interações entre a sociedade e o meio ambiente e, especificamente, como as águas estão sofrendo com o crescimento da cidade, o aumento da poluição, o despejo irregular de lixo nas suas margens e, por conseguinte, a sua contaminação, como uma ameaça para a principal função atribuída aos rios, neste caso, o Rio Caraparu, que ainda é a referência de lazer e turismo.

Compreendemos que a escola e a educação histórica e ambiental são um meio pelo qual podemos não só detectar a consciência ambiental que os alunos possuem, mas buscar construir mecanismos para a reflexão e a transformação da perspectiva dos alunos quanto ao seu espaço e, por conseguinte, também de sua região, seu país e do mundo. Arruda (2006) corrobora nossa assertiva quando diz que

As relações homem/natureza historicamente construídas no espaço onde vive o aluno não podem ser ignoradas na inserção do campo da história na educação ambiental. Deve-se, portanto, antes de mais nada, refletir como se deu historicamente a relação e o processo de apropriação do entorno e, a partir daí, investigar como a “consciência ambiental” se apresenta. (ARRUDA, 2006, p. 118).

Entendemos que a perspectiva inicial dos alunos sobre a natureza passou por modificações mediante o conhecimento e produção de novas informações com o auxílio das experiências vividas, com as entrevistas e a leitura dos autores que já haviam produzido suas narrativas e memórias sociais izabelenses, sendo possível perceber, a partir desta pesquisa, o

antes e o depois do espaço em que vivem e dos rios que existem na cidade e na vila e, assim, construir uma nova consciência ambiental, pautada no conhecimento científico e em fontes confiáveis, características estas expressas em suas escritas. Decorre disto a importância da produção dos contos e de sua publicação em *e-book*.

Os alunos seguiram gradativamente produzindo seus textos e ilustrações e, concomitantemente, apresentavam para nossas considerações e contribuições. A entrega dos contos finalizados foi programada para a semana que antecedeu a 3ª avaliação bimestral. Os contos concluídos foram sendo enviados pelos grupos por aplicativo e, à medida que iam sendo recebidos, foram passando por correções.

Dos seis grupos que estavam fazendo a produção, os grupos 3 e 6 pediram um prazo maior para entrega, pois precisavam ainda receber ou finalizar as ilustrações e a escrita. Negociamos para que a entrega desses dois grupos fosse feita até a véspera da prova. Os grupos cumpriram o prazo e enviaram pelo grupo do aplicativo de mensagens o conto, porém, o trabalho não estava finalizado. Isso ocorreu porque esses dois grupos foram os que iniciaram sua escrita com atraso e tiveram dificuldades para concluir sua produção no prazo. O grupo 3 entregou o texto com as ilustrações, mas com o texto por concluir. Já o grupo 6 veio com o texto completo, mas com apenas uma ilustração. Ambos receberam mais uma semana para concluir tais pendências.

Essas questões significaram para os grupos que suas atividades do bimestre não foram realizadas totalmente, por isso, suas notas foram menores que as dos demais. Para a pesquisa, o atraso na conclusão dos contos significou que seus contos poderiam apresentar algum tipo de lacuna ou inconsistência que os grupos não teriam mais tempo hábil para refazer. Depois de entregue a versão final, os contos seriam encaminhados para a formatação necessária para a publicação, mas não teriam mais seus textos ou ilustrações modificados. Se o conto tivesse algum erro ou lacuna, não seria mais possível correção. Daí a importância de os alunos tentarem cumprir os prazos e, também, de tentar entregar a produção com antecedência para a nossa leitura e análise.

No desenvolvimento desta tarefa, a tecnologia foi nossa aliada. Usamos bastante o aplicativo *WhatsApp* para troca de mensagens, que foram sem dúvida importantes, pois ajudaram a superar a questão da distância entre nós e os grupos, assim como permitiu uma constante supervisão e cooperação entre as partes na hora da produção dos textos. Várias versões foram enviadas para apreciação da professora e devolvidas com sugestões e correções – sempre primando pela autonomia e liberdade de criação dos alunos – e buscando lembrá-los da importância dos rios nas ações desenvolvidas nos contos para poderem criar novas

narrativas que levassem em conta a interação sociedade-natureza na História de Santa Izabel do Pará.

A BNCC, em suas competências gerais, também destaca a importância das tecnologias digitais de informação e comunicação no espaço escolar para que os alunos possam ser autores, mas ao mesmo tempo protagonistas, tanto na vida pessoal quanto coletiva, como podemos ver a seguir:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2017, p. 9).

A escolha do formato da obra em *e-book* também foi motivada pela percepção de que, com o uso da tecnologia, por meio das mídias e redes sociais, seria possível disseminar a produção dos alunos, valorizando o seu protagonismo como pesquisadores e escritores, atingindo um público maior e que não esbarrasse nas limitações que a impressão do livro poderia gerar, ficando disponível na rede para livre consulta.

O *e-book* surge como um suporte pedagógico para as aulas de história e o estudo de Santa Izabel do Pará e dos seus rios, bem como servindo de inspiração para outros docentes da educação básica adaptarem a proposta de acordo com sua realizada e objeto a ser estudado, pois como nos afirma Fernanda Silva o *e-book* enquanto uma ferramenta digital se caracteriza por ser “de fácil manuseio tanto para docentes, como para os alunos, além de ser interativo e não dispendioso por não haver gastos com papel e nem outros custos” (SILVA, 2019, p. 11).

A escolha deste formato para o *e-book* aproximou o nosso produto dos debates sobre história e literatura<sup>148</sup>. A escolha dos contos de autoria dos alunos nos permitiu apresentar novas narrativas<sup>149</sup> que podem ser analisadas como fontes<sup>150</sup> a serem utilizadas tanto por professores/pesquisadores quanto por jovens que ao buscarem conhecer sobre a

---

<sup>148</sup>Apontamos dentre os historiadores que pensam a relação entre literatura e história para além de seu uso como documento ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

<sup>149</sup>Para maior conhecimento sobre as discussões existentes a cerca da narrativa histórica, sugerimos VASCONCELOS, José Antonio. A História e a sedução da narrativa. Revista Uniandrade (Impresso), v. 11, p. 19–29, 2010.

<sup>150</sup>Um autor que pode nos ajudar a refletir sobre o uso da literatura como fonte histórica é FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. IN: PINSKY, C.; LUCA. T. (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012.



história de Santa Izabel do Pará também o façam sob a perspectiva ambiental, pois como nos sugere Raul C. de Carvalho

[...] embora seguindo um processo diferente de construção, com menos liberdade criativa, o historiador pode e deve servir-se dos conhecimentos da literatura para sua construção textual. Esta tem muito a enriquecer e complexificar o argumento de seu discurso, permitindo pensar de outras formas, por exemplo, o conjunto variado de possibilidades que compõem a vida de seus personagens históricos, bem como as diferentes temporalidades que se entrecruzam nas trajetórias dos indivíduos (CARVALHO, 2016, p. 42).

Sendo assim, o público alvo desta obra é o infanto-juvenil, na faixa etária entre 10 e 17 anos, e que, pensado dentro do espaço escolar, estaria localizado entre as séries do ensino fundamental II e o ensino médio. Esse público na atualidade tem contato e utiliza diariamente a internet e as redes sociais, daí a importância de o livro estar publicado neste formato. Por isso, buscamos orientar que os alunos em sua escrita mantivessem as falas e ações dos seus personagens próximas daquilo que os jovens mais gostam, visando agradar aos leitores, o que também justifica a escolha dos estilos de escrita dados aos contos pelos alunos, conforme podemos visualizar no Quadro 6.

Quadro6 - Estilo de escrita dos contos

<b>GRUPO</b>	<b>ESTILO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
1 e 2	Mistério	2
3	Fantástico	1
4	Romance	1
5	Memórias	1
6	Aventura	1

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

A culminância do projeto ocorreria com a apresentação dos contos para a comunidade escolar em uma atividade que envolveria todos os projetos da escola e deveria acontecer antes da 4ª avaliação. Infelizmente, a atividade foi cancelada, pois houve a proposta de que ela fosse realizada apenas em janeiro de 2020, o que não foi aceito pelos grupos que participavam da pesquisa.

Decidimos que, para manter a culminância como parte da 4ª avaliação, as apresentações fossem feitas em sala para que toda a turma conhecesse os contos e o resultado do trabalho desenvolvido. Então, marcamos para o dia 06 de dezembro as socializações em

sala. Foi sugerido que os grupos escolhessem a metodologia que usariam para a apresentação, destacando tanto o processo de pesquisa e produção do conto quanto o seu conteúdo.

No dia acordado, do total de seis grupos, quatro apresentaram para a turma a sua produção. Dessas equipes, três – que foram os grupos 1, 5 e 6 – escolheram apresentar oralmente, narrando como foi feita a produção desde a coleta de entrevistas, as dificuldades encontradas pelo grupo, as questões inusitadas e engraçadas ocorridas na produção da atividade e o resultado em forma de conto, apresentando o conto (destacando a ação central, seus personagens e o rio que trabalharam). Apenas o grupo 3 organizou uma encenação para apresentar sua produção. Escolheram um aluno como narrador e demais eram os personagens. Deram destaque para o ser encantado que habitava as águas do rio em seu conto, o que chamou bastante atenção da turma, pois um aluno vestiu-se como a personagem chamada Mestiça.

O grupo 2 não apresentou alegando não ter se preparado adequadamente. Já o grupo 4 não apresentou a atividade alegando vergonha de fazer apresentação para os demais colegas da turma. Assim, encerramos as atividades feitas com os alunos, repassando as notas dos grupos após as apresentações e orientando aos que não apresentaram para que fizessem a prova bimestral com os demais alunos da turma que não participaram da pesquisa.

Percebemos que as atividades desenvolvidas no segundo semestre produziram resultados bastante positivos. O interesse dos alunos sobre os temas voltados ao meio ambiente e a natureza nas aulas de história e em todos os temas abordados durante as aulas cresceu, e isso foi percebido no dia-a-dia, nos debates realizados sobre os conteúdos da disciplina. Perguntas, deduções ou mesmo curiosidade relacionadas a natureza e à sociedade, em variadas temporalidades e lugares, passou a fazer parte das aulas semanalmente. Além disso, a socialização dos contos para a turma já ajudou muito no processo de divulgação da obra, fazendo com que os alunos ficassem curiosos sobre os textos produzidos pelos demais colegas e querendo ter acesso a obra após a publicação.

Ficou aparente a compreensão de que as atividades desenvolvidas no projeto despertaram nesses jovens um novo olhar sobre os rios, reforçando a necessidade e a relevância do trato com as temáticas ambientais para se construir um conhecimento mais amplo em relação à história do seu lugar e à história da humanidade. Por fim, tentando verificar nossas impressões e entender como os alunos sentiram e vivenciaram essa experiência, analisamos um pequeno questionário direcionado aos alunos participantes da pesquisa. Vejamos como esse processo ocorreu.

## 4.2 As memórias e os contos no ensino de história

Enviamos por meio do aplicativo *WhatsApp* para todos os alunos dos grupos um pequeno questionário que encerraria oficialmente as atividades do projeto, para que eles informassem seu ponto de vista sobre as atividades que realizamos no decorrer do ano e que eles deveriam enviar de volta respondido o mais breve possível. Esperávamos 28 questionários respondidos, o que correspondia ao número de alunos que terminaram o projeto produzindo os contos<sup>151</sup>. Porém, com o final do ano letivo, a maioria dos alunos da turma não visualizou a mensagem enviada por nós, sendo devolvidos apenas 14 questionários respondidos, correspondendo à metade dos participantes.

Pensamos em tentar contato após o início das aulas em 2020 para que os demais alunos respondessem ao questionário, mas a turma do 2º Ano A foi separada novamente, o que significava que os alunos não estudavam mais na mesma turma e isso dificultou a entrega individual do questionário para preenchimento. Outros alunos não estavam mais matriculados na escola, vários já haviam saído do grupo do *WhatsApp* e, para piorar, a professora não atendia mais às turmas de 3º Ano. Em decorrência destes fatores, não conseguimos que os demais alunos dessem suas respostas ao questionário.

O questionário era composto basicamente de três perguntas: a primeira perguntava se o aluno tinha gostado de participar do projeto “Memória das Águas Izabelenses” e pedia que ele comentasse sobre sua experiência nesse projeto e na produção dos contos. A outra pergunta era se o aluno gostou de fazer entrevistas e por quê. Finalizava indagando se estudar a natureza nas aulas de história e nesse projeto foi importante e por quê.

Em relação à primeira pergunta, sem exceção, todos disseram que sim, gostaram de participar do projeto e argumentaram de forma muito interessante como vivenciaram essa experiência. Vejamos no Quadro 7 o que os alunos responderam:

---

<sup>151</sup>Iniciamos o projeto “Memória das Águas Izabelenses” com a participação de 40 alunos, que correspondia ao total de alunos matriculados na turma do 2º ano A e que responderam ao primeiro questionário diagnóstico, analisado no segundo capítulo desta dissertação. Tal diminuição ocorreu devido às desistências de alguns grupos de alunos de participar do projeto e pela transferência de outros alunos para outros municípios, o que fez com que ocorresse uma mudança no público participante, restando ao final desta trajetória 28 alunos engajados na pesquisa.

Quadro7 - Pergunta 1 do questionário de avaliação

<b>COMENTE A SUA EXPERIÊNCIA NESSE PROJETO</b>	
<b>NOME DO ALUNO<sup>152</sup></b>	<b>RESPOSTA</b>
A. T. B. S.	<i>Foi bastante legal, bem prática e divertida em alguns momentos e ajudou os alunos a interagir com a natureza.</i>
A. F. L.	<i>Resumiria em pequenas palavras que se tornam grandes, isso foi inovador e gratificante para quem estava envolvido, sentimento de gratidão por tá ajudando a fazer algo bom.</i>
A. T. B.	<i>É um sentimento de gratidão, por fazer parte desse lindo projeto.</i>
A. B. F. F.	<i>Minha experiência com o projeto foi ótima, aprendi muitas coisas, como eram os igarapés a alguns anos. O projeto é ótimo para todos, aprender sobre sua cidade.</i>
A. L. T. R.	<i>Essa experiência foi bom para aprender mais sobre Santa Izabel.</i>
D. L. C. F.	<i>Com um sentimento de gratidão, por ter tido a honra de escutar boas lembranças da nossa cidade.</i>
D. C.	<i>Com poucas palavras: excelente, pois me possibilitou conhecer coisas que eu nunca imaginei que acontecia nessa pequena cidade.</i>
E. S. M.	<i>Experiência de conhecer as situações dos rios.</i>
E. A. A.	<i>Foi muito importante, eu aprendi sobre as águas do município, a gente procurou buscar como esses rios eram utilizados para várias coisas como tomar banho, lavar roupa, etc. e como eles estão agora, e com essas informações criamos um conto, então foi uma experiência muito boa.</i>
G. C. D. G.	<i>Bom, achei de suma importância o fato das aulas saírem das salas e fazer as entrevistas sobre a natureza.</i>
J. P. S. S.	<b>NÃO RESPONDEU<sup>153</sup></b>
K. M. C.	<i>Adquiri muita experiência com o projeto, até porque adoro escrever e o melhor de tudo para mim foi ter que criar a história, mesmo que eu tenha entregue depois do prazo.</i>
K. K. S. S.	<i>O projeto foi muito bom, dinâmico e engraçado. Aprendemos sobre várias coisas e vemos a realidade dos igarapés de Santa Izabel.</i>
M. H. B. B.	<i>Bom achei bem legal e importante os alunos saírem da sala de aula para falar da natureza e aprender a zelar a natureza.</i>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Os alunos A. T. B. e A. F. L. resumem a sua experiência em um sentimento de gratidão, explicado pela perspectiva de terem participado de um projeto lindo, inovador, e que

<sup>152</sup>Usaremos somente as iniciais dos nomes dos alunos, pois a maioria deles não tem 18 anos e, infelizmente, não foi feita uma carta de cessão ou mesmo autorização para que estes e seus responsáveis permitissem sua identificação completa na pesquisa.

<sup>153</sup>O aluno J.P.S.S. por não ter respondido essa pergunta não aparece nas análises feitas a seguir.

produziu algo de bom voltado para a história da cidade. Para os alunos A. B. F. F., A. L. T. R., D. L. C. F e D. C., sua experiência no projeto ficou marcada pela possibilidade de conhecer mais sobre as lembranças e a história do seu lugar. Tais afirmativas nos remetem ao argumento que nos levou a escolha dos rios de Santa Izabel do Pará e da vila de Caraparu como espaço para análise nessa pesquisa, que era fortalecer a construção do conhecimento local no espaço escolar como fez Irineu Tamaio (2002) estudando o meio ambiente local e diminuindo as disjunções existentes entre espaço, tempo e os sujeitos.

No caso da aluna K. M. C. fica evidenciado no quadro que o melhor da sua experiência no projeto foi poder exercitar a escrita, pois a mesma adora escrever. Vemos nesse sentido a importância de o projeto ter dialogado com a Língua Portuguesa, pois a conclusão da pesquisa se deu com o exercício da escrita pelos alunos na produção dos contos, algo que lhes é muito cobrado no ensino médio em função da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e que nos levou a uma prática interdisciplinar no ensino do meio ambiente e, como sugere Circe Bittencourt (2011), no espaço escolar.

G. C. D. G. e M. H. B. B. apontam algo bem interessante, destacando que a experiência foi muito legal e importante por ter saído do espaço da sala de aula e tomado outros espaços para a produção das entrevistas. Ainda no primeiro capítulo, analisamos várias metodologias para se proceder nas aulas de história o estudo do meio ambiente e, dentre elas, destacamos Gilmar Arruda quando fala que o professor de História precisa sair da sala de aula, buscar “usar os pés em suas aulas” (ARRUDA, 2008 *apud* CARVALHO, 2016, p.61) e percebemos que esta prática foi sentida pelos alunos como positiva à medida que usou como locus de produção de conhecimento o ambiente da comunidade, fora da escola.

Mais da metade dos alunos, a saber, A. T. B. S., A. B. F. F., E. S. M, E. A. A., G. C. D. G., K. K. S. S. e M. H. B. B., respondeu com adjetivos que afirmam que a experiência foi importante, muito boa, legal, dinâmica, prática, engraçada e divertida. No entanto, o mais relevante é que esses alunos conseguiram estabelecer uma ligação direta entre a ação prática da pesquisa e as experiências vivenciadas com a natureza, pois passaram a conhecer e a reconhecer os rios existentes no espaço urbano da cidade como significativos em função das memórias ambientais amalhadas e, com isso, fortaleceram sua percepção sobre as relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza em tempos passados, bem como as ações antrópicas exercidas sobre os espaços naturais que resultam na modificação, e no caso de alguns rios izabelenses, no desuso em função de sua destruição.

Vemos isso nas várias experiências apontadas por eles e presentes no quadro acima, como as afirmativas de que puderam conhecer a situação dos rios e aprender como

eram os igarapés há alguns anos, o que nos remete à perspectiva de historicização da natureza, advinda da história ambiental, a qual nos propomos a aplicar no ensino de história, tornando os rios agentes presentes e relevantes nas aulas para a compreensão mais ampla das experiências da humanidade e dos seres não humanos (DRUMMOND, 1991; KETTLE, 2018; PÁDUA, 2010).

Também fez parte das experiências apontadas por esses mesmos alunos a chance de ver a realidade dos igarapés de Santa Izabel, falar da natureza e zelar por ela além de aprenderem sobre as águas do município, buscando saber como esses rios eram utilizados para várias atividades como tomar banho, lavar roupa, entre outras, e também como eles estão agora, pois na medida em que as memórias ambientais foram sendo construídas foi possível vislumbrar uma janela por onde os alunos perceberam as diferentes racionalidades usadas na relação sociedade-natureza em Santa Izabel do Pará e na Vila de Caraparu. Vemos aí a noção de uma racionalidade ambiental (CARVALHO, 2012, p. 115) que permitiu aos alunos desenvolver sua consciência ambiental ao conhecer o passado e relacionar às condições presentes dos rios, estabelecendo outros olhares para o futuro dos rios izabelenses.

Também evidenciamos que, após a participação no projeto, os alunos passaram a perceber a natureza existente no seu entorno, pois um dos alunos (A. T. B. S.) afirma que o projeto foi legal e divertido e ajudou os alunos a interagirem com a natureza, ou seja, os alunos conseguiram identificar que a natureza é parte integrante do espaço em que vivem e, como nos afirma Donald Worster (1991), está em constante interação com a sociedade, influenciando e sendo influenciada.

G. C. D. G. apontou de forma voluntária, ainda respondendo à primeira pergunta, que fazer as entrevistas sobre a natureza foi algo muito importante na sua experiência com o projeto, pois serviu para a aluna como um exercício de autonomia por estar na condição de produtora dos conhecimentos, rompendo com o ensino apenas da sala de aula<sup>154</sup> como nos sugerem Santhiago e Magalhães (2015) e, por que não dizer, que aproximando mais essa jovem da sua comunidade e dos rios do seu lugar. Isso nos remete à segunda pergunta feita no questionário. Vamos ver a pergunta e as respostas dadas pelos alunos no Quadro 8.

---

<sup>154</sup>Lembremos que G. C. D. G. foi citada apontando que para ele algo importante no projeto foi o fato de que os alunos saíram do espaço limítrofe da sala de aula o que só confirma como para ela essa experiência foi significativa.

Quadro 8 – Pergunta 2 do questionário de avaliação

VOCÊ GOSTOU DE FAZER ENTREVISTAS? POR QUÊ?	
NOME DO ALUNO	RESPOSTA
A. T. B. S.	<i>Sim, porque se eu passar no ENEM o meu curso é Jornalismo então esse projeto me proporcionou uma experiência legal.</i>
A. F. L.	<i>Sim, porque foi muito bom fazer uma entrevista onde nós moramos para saber como está nossa comunidade.</i>
A. T. B.	<i>Sim, pois foi bem interessante ouvir as lembranças dos entrevistados.</i>
A. B. F. F.	<i>Sim, porque aprendi muito sobre os igarapés da nossa cidade e também aprendi sobre a cidade em si.</i>
A. L. T. R.	<i>Sim, bastante, porque eu aprendi bastante com a entrevista.</i>
D. L. C. F.	<i>Sim, pois é muito bom escutar histórias antigas da sua própria cidade.</i>
D. C.	<i>Sim, pelo fato de eu estar entrevistando uma pessoa, isso me possibilita saber o ponto de vista das pessoas.</i>
E. S. M.	<i>Sim, porque aprendi coisas sobre minha cidade natal.</i>
E. A. A.	<i>Sim, porque eu pude adquirir conhecimento das memórias das águas izabelenses.</i>
G. C. D. G.	<i>Gostei, pois achei importante o modo de se comunicar com o outro de uma forma de entrevista.</i>
J. P. S. S.	<i>Porque conheci pessoas novas.</i>
K. M. C.	<i>Sim. Acredito que tivemos uma visão diferente sobre as águas, cujo não tínhamos até a entrevista.</i>
K. K. S. S.	<i>Não participei das entrevistas<sup>155</sup>.</i>
M. H. B. B.	<i>Sim, pois é bem legal entrevistar pessoas e assim conhecer mais das águas izabelenses.</i>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho

Para A. T. B. S., a experiência das entrevistas foi algo muito ligado com seu projeto de vida, já que deseja cursar Jornalismo e o projeto veio como um aperitivo para a carreira que pretende seguir. J. P. S. S. afirma que as entrevistas permitiram conhecer pessoas novas. Para A. L. T. R. foi importante porque ela aprendeu bastante com as entrevistas. G. C. D. G. já destacou que fazer entrevistas sobre a natureza foi importante na sua experiência, pois gostou de se comunicar com os outros na hora da entrevista. Já D. C. aponta que ser entrevistador possibilita saber o ponto de vista das pessoas.

Fica evidente a importância da história oral nesse projeto, por aproximar os alunos desses sujeitos que contribuíram com suas práticas sociais para a construção da memória ambiental de Santa Izabel do Pará, além de reforçar o seu protagonismo na produção do

<sup>155</sup>Já que a aluna afirma não ter participado das entrevistas, seu nome não aparece entre as respostas analisadas para essa pergunta.

conhecimento e permitir que fora do ambiente escolar eles interajam com sujeitos que possuem experiências ainda desconhecidas por esses alunos.

O aluno A. F. L. afirmou ter sido muito bom fazer as entrevistas no lugar onde moram, posto que isso lhe possibilitou saber como está a comunidade, o que se relaciona com a perspectiva de que, com o estudo do local por meio das entrevistas, o jovem poderá fortalecer o sentimento de pertencimento, de identificação com seu lugar, conhecendo as experiências individuais ou coletivas dos sujeitos que ali viveram e vivem (GONÇALVES, 2007; REZNIK, 2002), perceptível a partir da fala deste aluno, que evidenciou a importância do estudo da sua comunidade em uma espécie de “relição” com as histórias da sua comunidade que ele descobriu na condição de pesquisador (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015).

Outras alunas como D. L. C. F., A. T. B. e E. S. M., destacam a relevância das entrevistas para a história do local, afirmando que é muito bom escutar histórias antigas da sua cidade e que foi bem interessante ouvir as lembranças dos entrevistados porque aprenderam coisas sobre sua cidade natal. Fica clara a importância que teve para essas alunas o estudo do lugar, conhecer outras histórias agora relacionadas aos rios da cidade para aproximá-las de algo afetivo e de sua vivência cotidiana, o que faz do projeto algo significativo à vida e à aprendizagem destas jovens (SCHIMIDT, 2007).

Percebemos como significativo que os alunos também apontaram que as entrevistas contribuíram para o conhecimento sobre o passado por meio dos rios izabelenses. E. A. A. diz que a entrevista foi importante porque pode adquirir conhecimento das memórias das águas izabelenses, assim como M. H. B. B., que diz que foi bem legal entrevistar pessoas e assim conhecer mais das águas izabelenses. A. B. F. F. afirma que aprendeu muito sobre os igarapés da sua cidade e sobre a cidade em si, reforçando que para esses alunos a história dos rios se entrelaça à história da cidade de Santa Izabel do Pará.

Mas a resposta da aluna K. M. C. resume bem a percepção que os alunos tiveram ao referirem-se às águas. A aluna diz acreditar que tiveram uma visão diferente sobre as águas, que não possuíam até a entrevista, demonstrando que participar do projeto foi importante por permitir ampliar o seu olhar sobre a natureza em sua cidade, demonstrando que a história ambiental aplicada ao ensino por meio de projetos que visem conhecer sua comunidade, a região ou o país, relacionado ao meio ambiente, pode ser uma ação pedagógica eficaz para a prática de uma educação ambiental realizada nas aulas de história (CAROLA, 2009, p.179).



A última pergunta feita aos alunos questionava se estudar a natureza nas aulas de História e nesse projeto foi importante e por quê. Vejamos Quadro 9 com as respostas.

Quadro 9 – Pergunta 3 do questionário de avaliação

<b>ESTUDAR A NATUREZA NAS AULAS DE HISTÓRIA E NESSE PROJETO FOI IMPORTANTE? POR QUÊ?</b>	
<b>NOME DO ALUNO</b>	<b>RESPOSTA</b>
A. T. B. S.	<i>Sim, porque estudar natureza sempre é importante e deveria se estudar nas demais matérias.</i>
A. F. L.	<i>Foi muito bom, porque é sempre bom lembrar a importância da preservação da natureza no dia de hoje e a disciplina História tem um pouco disso.</i>
A. T. B.	<i>Sim, porque a natureza está envolvida nas novas vidas e assim aprendemos mais sobre ela.</i>
A. B. F. F.	<i>Foi, porque a natureza é a base de uma cidade, os tempos passam e a natureza se modifica com o passar dos tempos, contribuindo para a história de uma região.</i>
A. L. T. R.	<i>Sim muito importante porque foi bom aprender esse projeto.</i>
D. L. C. F.	<i>Foi importante, pois a natureza está diretamente ligada com o ser humano, assim, é de suma importância a nossa relação com o meio ambiente.</i>
D. C.	<i>Sim, porque com essas aulas nós podemos conhecer a nossa cidade, a história dela, a história das pessoas que viviam aqui antigamente.</i>
E. S. M.	<i>Sim, porque aprender mais é sempre bom.</i>
E. A. A.	<i>Sim, porque agente fez uma pesquisa sobre a natureza do nosso próprio município, e isso foi muito importante.</i>
G. C. D. G.	<i>Sim, porque hoje o que mais importa é a natureza.</i>
J. P. S. S.	<i>Sim, porque eu aprendi a cuidar mais dela.</i>
K. M. C.	<i>Sim, porque acredito também que nos ajudou a ter consciência de muitos atos em relação a natureza.</i>
K. K. S. S.	<i>Sim, pois pude ver e aprender sobre os igarapés de Santa Izabel e como eram utilizados antigamente e atualmente.</i>
M. H. B. B.	<i>Foi bem importante sim, pois aprendemos mais a cuidar, zelar pela natureza, pois a natureza nos traz riquezas e é muito importante para nossa sobrevivência.</i>

Fonte: Elaborada pela autora do trabalho.

Como vemos no quadro, as respostas dos alunos A. L. T. R., E. S. M. e D. C. apontaram que metodologia do projeto foi muito boa porque com essas aulas puderam conhecer a cidade, a história dela, a história das pessoas que viviam nela antigamente, o que nos aponta para um olhar preocupado com a aprendizagem, ou seja, com a aquisição de conhecimentos ligados a história da sua cidade, que lhes ajude na sua formação, tanto por serem significativos para seu cotidiano e por tratarem do espaço em que vivem, mas também

por lhes permitir refletir sobre a questão ambiental que é um tema muito relevante para seus estudos e para sua vida.

Os demais alunos, com olhares diferentes, apontaram que foi bem relevante as aulas e o projeto ao abordarem o tema dos rios, ou seja, da natureza. E. A. A. nos diz que fizeram uma pesquisa sobre a natureza no seu próprio município, e isso foi muito importante, e nos chama atenção para a relevância de usar o campo da história local como referência para o estudo da natureza nas aulas de História e como esta estratégia se mostrou eficaz.

G. C. D. G. disse que hoje o que mais importa é a natureza, o que nos lembra a afirmativa de Donald Worster (2004), de que o papel da história e do historiador é de se reinventar e apropriar-se dos debates ambientais que são no século XXI extremamente relevantes. Já A. B. F. F. aponta que a natureza é a base de uma cidade, os tempos passam e a natureza se modifica com o passar dos tempos, contribuindo para a história de uma região, o que nos faz reportarmos-nos às afirmativas feitas anteriormente de que a natureza, sendo historicizada, permite que os alunos passem a reconhecê-la ao seu redor, mesmo no espaço urbano, que é o caso proposto na nossa pesquisa, e assim construa com a mesma uma nova relação e interação.

Assim, K. K. S. S. nos afirma que com as aulas e o projeto pode ver e aprender sobre os igarapés de Santa Izabel e como eram utilizados antigamente e atualmente, ou seja, nos diz que conseguiu, a partir das ações propostas e das memórias ambientais produzidas, refletir sobre os rios e entender que as sociedades estabelecem com essas águas interações diversas em tempos distintos, percebendo as diferentes racionalidades aplicadas na interação entre a sociedade e a natureza.

D. L. C. F. em sua resposta nos diz que as aulas e o projeto foram importantes, pois a natureza está diretamente ligada com o ser humano, assim, é de suma importância a nossa relação com o meio ambiente, o que nos reporta para à ideia de que o papel do historiador/professor ou do professor/pesquisador é estabelecer nas aulas de história possibilidades para que os alunos olhem a natureza como um produto da construção social e estabeleçam reflexões sobre as interações do passado com o presente existente entre a sociedade e os rios (MARTINEZ, 2006).

Um grupo de alunos nos respondeu destacando que as aulas e o projeto os fizeram pensar sobre a preservação, o cuidado e o zelo que se precisa ter com a natureza, bem como o papel que a disciplina de história e as outras disciplinas escolares têm sobre essa preservação. J. P. S. S. afirma que aprendeu a cuidar mais dela (a natureza). A. T. B. S. disse que estudar a natureza sempre é importante e que isso deveria ser feito nas demais matérias. Já A. F. L.

afirmou que é sempre bom lembrar a importância da preservação da natureza no dia de hoje e a disciplina história tem um pouco disso.

Tais respostas nos ajudam a entender que o olhar dos alunos sobre o meio ambiente mudou, que conhecendo o passado, ou melhor, as práticas e usos que os moradores tinham com os rios, a percepção e a projeção de que é preciso preservar e zelar pela natureza foi sendo fortalecida. M. H. B. B. reitera essa percepção quando diz que as aulas e o projeto foram bem importantes, pois aprenderam mais a cuidar e zelar pela natureza, pois a natureza nos traz riquezas e é muito importante para nossa sobrevivência, permitindo que pudéssemos ver esses alunos reconhecendo que as suas ações enquanto cidadãos críticos e conscientes sobre as questões ambientais têm um reflexo na forma como os rios e a natureza em geral são tratados.

Apontamos a resposta da aluna K. M. C. como extremamente relevante para os objetivos por nós almejados com a introdução do tema da natureza nas aulas de história e mediante a proposta da pesquisa feita no projeto, pois a aluna diz acreditar que as ações realizadas ajudaram os alunos a ter consciência de muitos atos em relação à natureza. Acreditamos que com a construção das memórias ambientais feitas no projeto, a análise das obras existentes sobre a História de Santa Izabel e a produção textual que os grupos realizaram, ocorreu uma potencialização do olhar destes sobre os rios, levando-nos a afirmar que os alunos conseguiram, com o domínio do conhecimento, das informações e por meio das vivências práticas, ter uma consciência ambiental formada.

Entendemos que o não reconhecimento dos alunos dos rios como natureza detectada inicialmente e discutido no segundo capítulo desta dissertação foi se modificando, pois os alunos não só passaram a conhecer sobre os rios e as histórias da cidade presentes nas relações entre os sujeitos e essas águas, como também apontaram uma projeção de preservação e cuidado necessário com o meio ambiente.

Gilmar Arruda (2006, p.121), ao definir o papel do conceito de consciência histórico-ambiental, alega que o mesmo “pode ser uma alavanca para pensarmos concretamente em ações educacionais que remetam ao real processo vivido de mudança da paisagem, da natureza” e nós, nesta pesquisa, percebemos que os alunos não só mudaram sua percepção sobre a natureza, mas também tornaram seu olhar mais atento para as interações entre a sociedade e os rios ao longo do tempo, percebendo que é preciso debater e refletir sobre essas questões frequentemente no espaço escolar, e que a escrita de novas narrativas sobre a história de Santa Izabel do Pará e da Vila de Caraparu, que inclua os rios, é uma

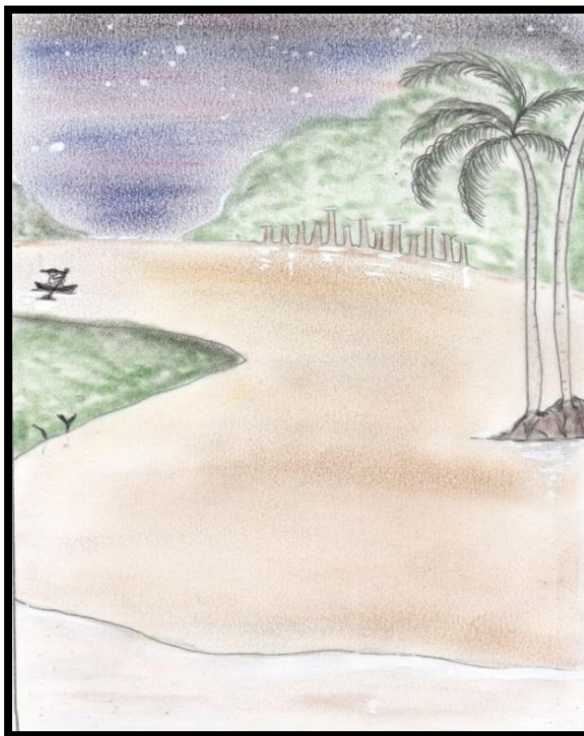
contribuição para a ampliação desses debates. Vamos, a partir de agora, analisar como os alunos expuseram isso em seus contos.

### 4.3 A memória ambiental nos textos e imagens: análise dos contos

Nesse momento, partimos para a análise sobre as produções entregues pelos grupos e que juntas deram origem ao *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses”, que é o produto resultante desta dissertação. Analisando os textos e as imagens que ilustram os contos, nos propomos a verificar como as memórias ambientais produzidas aparecem relacionadas às Histórias sobre Santa Izabel do Pará e à Vila de Caraparu, expressando uma apropriação da ideia de natureza por meio do uso das memórias em construção e a consciência ambiental demonstrada pelos alunos no subitem anterior.

Também perceberemos como as obras existentes sobre Santa Izabel do Pará foram utilizadas pelos alunos para auxiliar e reforçar a sua percepção sobre o espaço da sua cidade. A referida obra tem como capa uma imagem que representa um trecho do Rio Caraparu que corta o balneário que tem o nome de Porto de Minas. Vejamos a figura a seguir:

Figura 14 - Capa do *e-book* Contos de Rios



Fonte: RIBEIRO, Paolla Martins. **Contos de Rios: histórias izabelenses**, 2020.

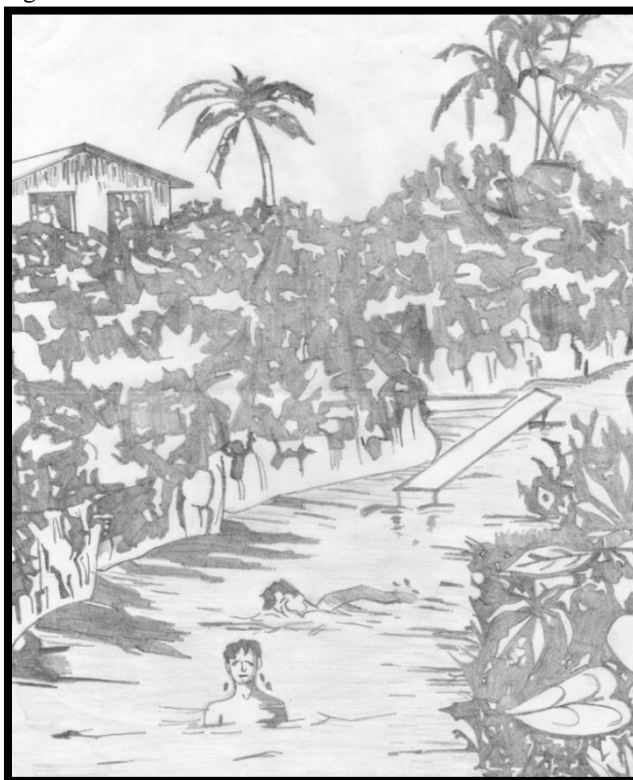
A escolha desta imagem para estar na capa do *e-book* foi feita levando em conta que o objeto central para a proposta de uma nova escrita sobre a história de Santa Izabel do Pará era falar da natureza, em especial os rios, e a grande referência contemporânea da cidade ao falarmos de rio é o Caraparu. Como a vila e seu balneário já aparecem representados em um dos contos, esse trecho do rio pareceu bem adequado, além de apontar uma das práticas de memórias ambientais que é o uso das canoas nos rios tanto para o lazer, com passeios, como para atividades econômicas como transporte de mercadorias ou pessoas.

Vamos fazer uma análise dos textos e das imagens usadas pelos alunos/escritores nos contos por meio de temas que nos ajudem a identificar os usos e práticas sociais realizadas e vivenciadas nos rios izabelenses. Assim, verificaremos como os alunos foram apontando em suas narrativas os rios e a natureza em interação com os sujeitos e espaços históricos já destacados pelos autores conhecidos desde a seção 2 desta dissertação, construindo novas escritas sobre a história de Santa Izabel do Pará e elevando a natureza ao mesmo patamar dos espaços historicamente reconhecidos.

Iniciamos apontando que em todos os contos as memórias dos banhos e do lazer nos rios e igarapés estão presentes. Fossem nos rios que cortam a cidade, o Izabelense e o Jordão, fossem no Rio Caraparu, cuja localização é mais afastada do centro, essas práticas cotidianas eram vivenciadas costumeiramente pelos moradores de Santa Izabel do Pará.

No conto intitulado “O mistério do Rio Izabelense”, para descrever a vila no final do século XIX e início do XX, os alunos/escritores apontam que as crianças faziam uso do rio “para tomar banho e nadar, refrescando-se do calor constante e ajudando a passar o tempo, já que o rio também era lugar de muitas brincadeiras e descobertas sobre as plantas aquáticas, os peixes, as árvores na margem do rio e muito mais” (BARRETO *et al.*, 2020, p. 16).

Figura 15 - Meninos no rio



Fonte: ARAÚJO, Arão Davi de Assis. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

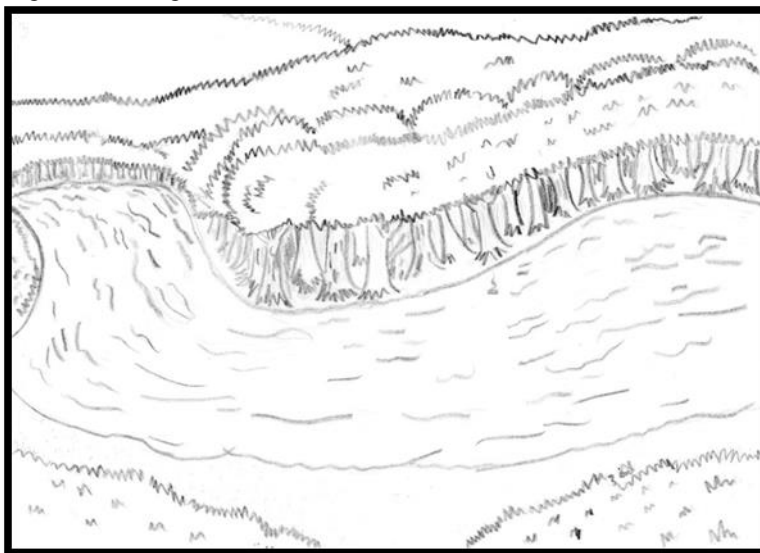
A ilustração que está no início do conto foi inspirada na capa da obra de José Tavares de Moura Filho (1989) e mostra o rio Izabelense, onde alguns meninos estão nadando, sendo representado com riqueza a vegetação às suas margens, o que nos reporta a perspectiva de um rio limpo e conservado, o qual podemos entender que fora usado para muitas práticas e atividades diárias. A ilustração em conjunto com as narrativas feitas pelos alunos/escritores nos remetem às memórias apontadas por vários entrevistados de que as águas do rio Izabelense eram banháveis, sendo aproveitadas para o lazer de crianças e adultos<sup>156</sup>.

No conto “O Garoto do Rio Caraparu”, os banhos de rio iniciam o conto misterioso narrado pelo personagem Raimundinho (um dos personagens principais) que trata da lenda do garoto que some “em um dos vários finais de tarde em que algumas crianças da família iam banhar-se no rio Caraparu” (LAMEIRA *et al.*, 2020, p. 31). O Rio Caraparu é retratado em uma das ilustrações, com traços muito característicos. Vemos um rio com suas margens arborizadas por uma densa floresta, uma mata alta nas duas margens, com apenas um

<sup>156</sup>Emília Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019; Raimunda Silva, Santa Izabel do Pará, 08 de Abril de 2019; Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019; Milton Monteiro, Santa Izabel do Pará, 31 de Março de 2019.

pequeno trecho sem as árvores, como se fosse um trecho que corresponde ao balneário da vila, “beirada” ou “beira”.

Figura16 - Margens do rio



Fonte: PASTANA, Ediel Gomes. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

Outro elemento que nos chama atenção na ilustração é como o rio é desenhado, dando a impressão de que as suas águas possuem uma correnteza muito forte. Como se o rio, sinuoso, e com as suas águas velozes, representasse um perigo, o que facilitaria o desaparecimento do garoto do conto. A reflexão sobre o rio representado nesta imagem é muito rica e nos permite conhecer um pouco do olhar dos moradores da Vila de Caraparu<sup>157</sup>, onde o rio é um agente importante e presente em suas vidas diariamente, principalmente pela proporção e grandeza dado ao rio em sua representação.

Além disso, quando os alunos/escritores citam no conto que Raimundinho diz que o garoto ao sumir tinha 08 anos e “estava sentado em um tronco de árvore bem na parte funda do rio” (LAMEIRA *et al.*, 2020, p. 31), nos faz refletir que a ideia de um rio perigoso, como foi representado na ilustração, justificaria que ele pudesse se afogar ou mesmo ter machucado a cabeça em algum tronco de árvore ao pular no rio e, por isso, sumiu nas águas.

Todavia, o mais interessante é que essa prática dos banhos aparece nas memórias ambientais de Dona Lina Silva, ao afirmar que os usos feitos das águas do rio Caraparu eram variados e que os moradores faziam uso diário para os banhos, pois na fala da moradora

<sup>157</sup>As ilustrações do conto “O garoto do Rio Caraparu” foram produzidas pelo irmão de uma aluna que fez parte do grupo e, assim, também é a visão de um morador da vila em relação ao rio.

entrevistada, as pessoas iam ao rio, “chegava e levava vasilhas e vasilhas, levava pra beber, agora pra banhar era esse igarapézinho aí dessa beirada pra ali”<sup>158</sup>.

O conto chamado “A Mestiça do Rio Jordão” apresenta a história fantástica do casal Rômulo/Romero<sup>159</sup> e Regina que resolvem viajar para passar férias na cidade de Santa Izabel do Pará em busca de diversão e de matar o calor nos igarapés da cidade. Vejamos uma das ilustrações usadas no conto e que mostra o rio:

Figura 17- Floresta e Luar



Fonte: SOUSA, Karolina Kellen Silva. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020

A ilustração associa os rios e o conto fantástico narrado, por isso a preocupação em retratar a noite, por ser o horário em que a mulher metade peixe, metade humana apareceria. Ao mesmo tempo, o grupo<sup>160</sup> se preocupou em agregar ao espaço outros elementos que representam a natureza (a lua e as árvores, por exemplo), assim como apontam a existência de uma moradia nas proximidades, expressando uma interação entre a sociedade e a natureza.

No conto, o banho de igarapé aparece descrito quando Regina adentra o Rio Jordão em plena noite para banhar-se querendo comprovar a existência ou não da “mestiça”

<sup>158</sup>Lina Silva, Vila de Caraparu, 04 de Abril de 2019. É importante destacar que o termo “beirada” usado por dona Lina Silva faz referência ao balneário da vila, trecho frequentemente utilizado pelos banhistas para lazer.

<sup>159</sup>Precisamos fazer uma ressalva: no conto, o personagem aparece inicialmente na trama com o nome de Rômulo, mas a partir de determinada parte do texto ele é chamado de Romero. Esta inconsistência acontece devido ao atraso na entrega do conto finalizado pelo grupo 3, o que fez com que o grupo não tivesse tempo para refazer sua escrita. Dessa forma, mesmo após a revisão e a formatação para publicação, optamos por deixar a escrita da forma como nos foi entregue pelo grupo.

<sup>160</sup>As ilustrações desse conto foram feitas por uma aluna que era do grupo 3. O mesmo aconteceu com as ilustrações apresentadas no conto produzido pelo grupo 4. Nos demais grupos, uma parte ou todas as ilustrações foram feitas por terceiros, sob encomenda.



(mistura de mulher e peixe que, segundo os moradores costuma surgir das águas do rio). O rio é apontado como um local que no período noturno não poderia ser frequentado, reforçando a ideia de que seu uso devia ser aquele, para matar o calor e ser uma opção de lazer da cidade nas manhãs e tardes quentes.

Os banhos são o uso mais recorrente nas memórias dos moradores<sup>161</sup> e aparecem apontados também nas narrativas de José T. de Moura Filho (1989, p. 20) quando seu personagem fazia dos banhos momentos de lazer e diversão com seus amigos. Então os banhos de rio são as memórias que afloram no conto tão recheado de fantasia e drama como no final dos personagens principais Romero/Rômulo e Regina.

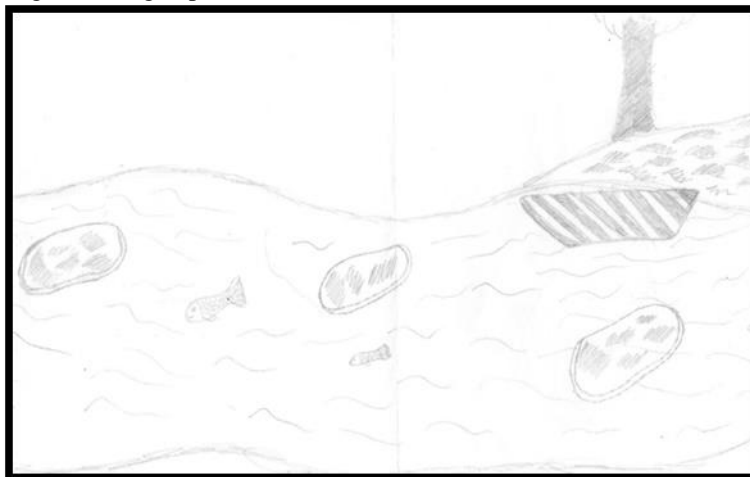
Os banhos também aparecem no conto “Águas do destino”, que é um romance que se passa na vila de Santa Izabel, na década de 20 do século XX e destaca os costumes próprios do período. Os alunos/escritores chamam a atenção para o fato de que os rios e igarapés que cortavam a então vila de Santa Izabel “marcavam o cotidiano dos moradores e dos visitantes que conheciam o lugar, pois em suas águas, as crianças em grupo ou acompanhadas de seus familiares, desfrutavam de momentos de lazer com muitas brincadeiras” (SOUZA *et al.*, 2020, p. 44). Os banhos e brincadeiras de rio e igarapé seriam hábitos cotidianos de crianças, jovens e adultos que usufruíam dessas águas e que reforçam o uso da afirmativa de que a cidade de Santa Izabel do Pará seria a “cidade dos igarapés” (PAZ, 2012, p. 55).

Para reforçar a percepção sobre a importância dos rios e dos banhos, os alunos/escritores apresentaram uma imagem na qual o rio aparece representado com árvores em sua margem, evidenciando como as águas eram limpas, existindo nelas até peixes, destacando a natureza presente na vila e interação dos moradores do lugar com esse espaço.

---

<sup>161</sup> Conferir no segundo Capítulo a Tabela 6, com os usos feitos pelos moradores dos rios e igarapés izabelenses.

Figura 18 - Igarapé



Fonte: SOUZA, Danilo Carvalho de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

Noutra ilustração do conto “Águas do destino”, a personagem Olívia é representada com roupas de banho<sup>162</sup> na frente do igarapé, local em que seu romance se iniciou, o que vem confirmar a importância que o igarapé da Prainha (trecho do Rio Jordão) terá no conto, tanto para o desenrolar de sua ação, quanto para a história de Santa Izabel do Pará.

Figura 19 - A bela jovem



Fonte: SOUZA, Danilo Carvalho de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

A representação da jovem à frente do igarapé mostra como os alunos/escritores foram ao longo do texto apontando a importância dos rios e seus usos, sempre fazendo

<sup>162</sup>A roupa de banho que o aluno representou a jovem Olívia trajando na margem do rio está baseada no vestuário que José Tavares de Moura Filho inclui em sua obra como sendo parte das roupas utilizadas na década de 1920 pelos habitantes da vila e que foram incorporadas como referências ao período. Ver: MOURA FILHO, 1989, p. 44.

referências às memórias ambientais construídas, como podemos ver no trecho em que explicam o significado que o igarapé passa a ter para os jovens personagens:

O local dos jovens no mundo passou a ser o igarapé da Prainha, de onde circulavam por dentro das águas em vários outros igarapés com nomes diferentes, pois eram todos interligados e conhecidos de acordo com o nome dos donos dos terrenos pelos quais eles passavam como, por exemplo: igarapé da Maria Pinto, igarapé Mirai, Rio Jordão. (SOUZA *et al.*, 2020, p. 48).

No conto “Memórias de Águas Passadas”, que se passa no tempo presente, o personagem central, João, foi levado pelos novos amigos Ívano e Andrey para tomar banho no Rio Caraparu, como podemos ver na Figura 20 a seguir:

Figura 20 - Banho no Rio Caraparu



Fonte: OLIVEIRA, William Andrade de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

O objetivo maior com a imagem era evidenciar a diversão e o prazer de nadar nas águas do rio Caraparu. Entretanto, conseguimos perceber que a ilustração mostra as margens do rio sem vegetação, o que pode prejudicar a sua existência, como já nos afirmou em sua obra Minervina Souza (2012, p.27), tendo em vista que a perda da cobertura vegetal nas margens do Rio Caraparu pode comprometer a manutenção do mesmo. Entendemos que não era o desejo do grupo fazer esse debate relacionado à derrubada da mata ciliar e à destruição do rio, mas sem dúvida essas questões todas precisam ser refletidas. Os alunos/escritores também referenciam neste mesmo conto como eram os rios que cortam o centro da cidade. Eles nos dizem o seguinte:

No passado, o centro da cidade era recortado por muitos igarapés banháveis como o igarapé da Feirinha, chamado oficialmente de Rio Izabelense [...]. além do Rio Jordão que ficava em uma rua pela qual os amigos estavam passando para ir à vila e que fora usado pela avó de Andrey e sua família para lavar roupas, tomar banho e brincar quando eram crianças na cidade. (FREITAS *et al.*, 2020, p. 55-56).

Foi destacada a importância que os rios urbanos tinham para os moradores de Santa Izabel do Pará, pois muitas atividades por eles realizadas tinham ligação direta com essas águas em seus usos mais variados e rotineiros. Contudo, no tempo em que o conto se passa, (dias atuais), não é mais possível se realizarem as mesmas atividades devido à destruição dos rios e igarapés em decorrência da ocupação desordenada e da poluição.

Os banhos e o lazer também estão presentes no conto “Os garotos e os rios de sua infância”, que trata das aventuras de Marcos e Pedro, cuja atividade que mais faziam na infância era ir aos igarapés da cidade. O aluno/escritor narrou uma das aventuras vividas pelos garotos, como veremos no trecho a seguir:

Uma das opções de lazer e fuga dos meninos era ir tomar banho no igarapé da Maria Pinto, nome dado a um trecho do rio Jordão que passava pelo terreno de uma senhora cujo nome era dado ao igarapé. Lá eles dividiam espaço com as senhoras que levavam suas bacias com muitas roupas para lavar e acabavam permanecendo a manhã inteira no igarapé aguardando a roupa quicar para depois enxaguar e ir para suas casas colocar para secar.

Era no final do trabalho dessas senhoras que Marcos e Pedro chegavam ao igarapé e se jogavam sujando a água que as senhoras usavam e, por isso, levavam sempre uma bronca. Mas nem os meninos e nem as senhoras ficavam com raiva, pois aprenderam a dividir aquele espaço natural e aproveitar, cada um à sua maneira, o que a natureza gentilmente lhes proporcionava tão próximo às suas casas. (VELOSO, 2020, p. 64-65).

A narrativa construída demonstra o quanto era comum para as crianças os banhos de igarapé na cidade. Esta atividade muitas vezes era feita diariamente, fossem sozinhos ou na companhia de adultos, como aparece descrito no trecho do conto. O importante é ressaltar que ao escrever suas narrativas os alunos foram apontando as memórias dos banhos e das brincadeiras contadas pelos moradores antigos de Santa Izabel do Pará. Foram reforçando a história do município com as atividades ligadas aos rios e que antes não foram destacadas anteriormente nas obras já existentes.

Podemos também identificar outro tema presente no mesmo trecho citado acima e que nos remete a um segundo uso e prática comum nos rios e igarapés da cidade e da vila de Caraparu, que era a lavagem de roupa. No conto “Os garotos e os rios de sua infância”, vemos que para usufruírem de momentos de lazer os meninos dividiam o espaço do rio com as senhoras “que levavam suas bacias com muitas roupas para lavar e acabavam permanecendo a

manhã inteira no igarapé aguardando a roupa quorar para depois enxaguar e ir para suas casas colocar para secar” (VELOSO, 2020, p. 64-65).

Podemos ver esse uso também citado indiretamente na Figura 15<sup>163</sup> que ilustra o conto “O mistério do Rio Izabelense”, na qual aparece uma tábua no rio. A finalidade deste item pode ser variada, no entanto, geralmente ela é usada pelas mulheres para lavagem de roupa. Os alunos/escritores mantiveram esse elemento na imagem já que assim reforçariam as memórias ambientais das lavagens de roupas diárias nos rios izabelenses.

Em “Memórias de águas passadas” os amigos de João em seu passeio a caminho do balneário na vila de Caraparu, lhe contam sobre os rios que existem na cidade falam que antigamente a parte central da cidade era cortada por igarapés limpos e banháveis, sendo citados na narrativa os rios que fizeram parte da pesquisa realizada: o Rio Izabelense e o Rio Jordão, no qual os amigos afirmam que “fora usado pela avó de Andrey e sua família para lavar roupas, tomar banho e brincar quando eram crianças na cidade”. (FREITAS *et al.*, 2020, p. 55-56). Destacamos, assim, a prática social citada pelos entrevistados sendo usada no conto como exemplo das memórias ambientais dos moradores<sup>164</sup>.

A lavagem de roupa nos rios também foi usada no conto “Águas do destino”. Ao apresentarem a vila de Santa Izabel onde os jovens personagens vivem, os alunos/escritores narram o espaço como um paraíso por conta da natureza exuberante de suas matas e rios, e destacam que essas águas eram tão importantes no cotidiano, pois “várias mulheres que precisavam melhorar sua renda usavam das mesmas águas para lavar roupas da família ou de outras famílias, sendo então os rios e igarapés um lugar de troca de experiências em grupo” (SOUZA *et al.*, 2020, p. 44).

O cotidiano dos moradores aparece retratado na narrativa com a ida de Bartolomeu (um dos personagens centrais do romance) ao igarapé para lavar suas roupas com a intenção de ajudar sua mãe que era bastante atarefada e lá avista a jovem Olívia (a outra personagem principal) acompanhada de sua avó, Dona Justina. As mulheres estavam em uma “lavagem para fora”, ou seja, prestando um serviço para conseguir um pagamento. Vemos que o fato de Bartolomeu também lavar roupas no rio caracteriza o olhar do tempo presente dos alunos sobre a narrativa. Para os alunos/escritores tanto as mulheres como os homens poderiam usar os rios para a lavagem de roupa, no entanto, nas memórias dos entrevistados, isso não apareceu evidenciado.

<sup>163</sup>A figura foi apresentada anteriormente neste subitem.

<sup>164</sup>Emília Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019; Raimunda Silva, Santa Izabel do Pará, 08 de Abril de 2019; Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019; Milton Monteiro, Santa Izabel do Pará, 31 de Março de 2019; Maria de Nazaré, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

Vemos que os contos fazem alusão às memórias ambientais construídas a partir das entrevistas que foram analisadas na seção 3 desta dissertação. A natureza representada pelas águas dos rios e igarapés seriam os espaços com grande significado para os moradores, pois seriam locais afetivos, das lembranças, da saudade, dos bons momentos, mas também seria o espaço onde as mulheres lavam roupa para melhorar a renda familiar ou sustentar suas famílias.

Temos até agora apontado nos contos os dois temas mais referenciados pelos moradores durante as entrevistas: os banhos e a lavagem de roupa<sup>165</sup>. Entretanto, nas narrativas dos contos outros temas também estão presentes. Se voltarmos à Figura 18, apresentada anteriormente, veremos que no conto “Águas do destino” a imagem que ilustra a natureza do lugar também tem a representação de um item que aparece destacado nas memórias ambientais: eram as canoas e seus possíveis usos nos rios para passeio e deslocamento de um lugarejo a outro<sup>166</sup>.

Esse uso também aparece referenciado no conto “O mistério do Rio Izabelense”, conectando as narrativas dos alunos/escritores com as memórias ambientais apresentadas pelos grupos. Foi explicado no conto que o Rio Izabelense “servia para a família de Maria e para várias outras famílias transportarem sua produção de farinha de mandioca, carvão vegetal e lenha através de suas águas até a capital, Belém” (BARRETO *et al.*, 2020, p. 16). Identificamos essas práticas nas memórias apontadas na entrevista de Minervina Souza, quando fala do rio como via navegável e de comércio<sup>167</sup>.

A canoa neste conto também serviu como transporte para a procura do tesouro escondido. A busca ao tesouro é feita pelo Rio Jordão em uma canoa, como vemos no trecho em que os alunos/escritores contam que “Usando a canoa, eles percorreram os principais igarapés da cidade, como o igarapé que passava pelo bairro Mirai, que era chamado de Prainha” (BARRETO *et al.*, 2020, p. 22). Esse trecho nos permite tecer relações novamente com as memórias ambientais suscitadas pelos alunos quanto ao uso das canoas para passeio e transporte nos rios, pois quando Minervina Souza aponta que “não cheguei a andar de barco nesse Igarapé, de Canoa, mas muita gente de Santa Isabel, muitos amigos meus, andaram de barco e canoa [...] ele era lindo, bem arborizado e bem navegável de barcos e canoas” (MINERVINA SOUZA, 2019).

---

<sup>165</sup> Conferir a Tabela 6 que consta na seção 3.

<sup>166</sup> Minervina Souza, Santa Isabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>167</sup> Minervina Souza, Santa Isabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

Além deste tema do uso das canoas, o conto “Memórias de águas passadas” também aborda o uso dos rios como rota para escoar a produção. Ainda na seção 2, chamamos a atenção para a expressão que Raimundo Franciel Paz (2012) utiliza para se referir aos rios da região, principalmente o Rio Caraparu, ao chamá-los de “estradas fluviais”, pela grande relevância que esses cursos d’água tiveram na colonização e no desenvolvimento econômico da região. Vejamos o trecho em que essa prática é apontada no conto:

No passado, o centro da cidade era recortado por muitos igarapés banháveis como o igarapé da Feirinha, chamado oficialmente de Rio Izabelense, que foi usado no início da colonização da vila de Santa Izabel para a navegação e escoamento dos produtos cultivados pelos primeiros colonizadores nordestinos que viveram no lugar. (FREITAS *et al.*, 2020, p. 55-56).

A memória ambiental presente neste trecho destaca que o Rio Izabelense foi uma referência para a colonização da vila de Santa Izabel, por conta do seu uso para navegação e escoamento de produtos dos colonos, argumento exposto nas memórias coletadas pelo grupo com dona Minervina Souza<sup>168</sup>mas que também está presente nas obras analisadas na seção 2<sup>169</sup>.

Tão importante quanto narrar em seus contos os usos e experiências dos moradores com os rios, é falar do desuso pelo qual os rios que cortam a cidade de Santa Izabel se encontram, causado pela transformação que ocorreu nesses espaços e pela poluição que levou a população a se afastar de suas águas. E esse tema aparece bem explorado no conto “Os garotos e os rios de sua infância” em dois momentos.

Primeiro em uma aventura onde os jovens Marcos e Pedro tentam fazer um passeio após o término da aula de educação física até uma piscina natural que ficava no terreno da escola, acompanhado por duas garotas que Pedro convidou. Entretanto, seus planos são frustrados com a interferência da professora que percebe a movimentação anormal dos jovens em direção aos fundos da escola. A professora argumentou para os jovens que:

Além da direção da escola não permitir o acesso ao local pelos alunos, já têm um longo tempo que o lugar não é usado para banho, então acredito que deva estar sujo e cheio de mato. Mas o pior é que há alguns anos ouvi dizer que o igarapé que abastecia a piscina com água corrente está contaminado. (VELOSO, 2020, p. 68).

<sup>168</sup>Minervina Souza, Santa Izabel do Pará, 06 de Abril de 2019.

<sup>169</sup>Ainda na seção 3, ao analisarmos as memórias produzidas nas entrevistas, chamamos atenção para o fato que a fala de Minervina Souza entrecruzava aquilo que suas memórias de moradora da cidade produziu em anos de vivência, interligando-se com o que a pesquisadora confirmou em seus estudos com as fontes analisadas e apresentadas em suas obras.

Na fala da professora, a questão da poluição passa a fazer parte do conto. Esse tema é também abordado nas memórias ambientais em várias entrevistas e fica evidente que, para os sujeitos que conheceram os rios e seus igarapés banháveis, com água limpa e uma natureza exuberante, a ideia da contaminação e da destruição vai sendo percebida com muita tristeza, como vemos nas palavras da entrevistada Emília Ribeiro:

[...] tiraram todo o arvoredo que tinha muito aquele... que a gente faz vinho, como é o...buriti... Isso era muito lindo, a gente brincava a gente brincava por cima dos paus, brincava ali em baixo, era muito bonito lá quando tinha, mais foi tudo destruído com a sujeira e a imundície, morreu todas as plantas<sup>170</sup>. (EMÍLIA RIBEIRO, Entrevista).

O segundo momento em que essa questão aparece é no reencontro dos amigos, quinze anos após as aventuras vividas durante o ensino médio na década de 90 do século XX. Ao ir à casa de Pedro, Marcos teve uma recepção muito calorosa e foi apresentado à família do amigo, assim como apresentou também sua família. Passaram então a conversar e falar das lembranças que tinham da cidade e principalmente dos igarapés. Marcos, tomado pela saudade, convida Pedro para irem ao igarapé da Maria Pinto, levar suas famílias e mostrar como eles se divertiam na infância. Demonstrando grande tristeza, Pedro responde:

Ah meu amigo, lembra do que nos falou a professora de Educação Física no Antônio Lemos sobre o igarapé que estava poluído e eu duvidei? Então, pouco tempo depois que você se mudou da cidade, começou a ocorrer a ocupação dos terrenos que ficavam à margem do igarapé, inclusive o terreno que pertencia a D. Maria Pinto e, com isso, o igarapé foi sendo poluído com esgoto doméstico, fossas e sendo aterrado para a construção de moradias em suas margens... (VELOSO, 2020, p. 70).

Com muita tristeza, os amigos saem para ver como estava agora o local de suas brincadeiras e aventuras. Chegando ao local, Marcos ficou de boca aberta estranhando as mudanças que haviam acontecido. O lugar em nada lembrava a paisagem que tinha em sua memória de infância e juventude, o que os amigos vêem é que “as duas margens do igarapé agora eram habitadas e o rio hoje mais parece um pequeno córrego ou até uma vala de esgoto” (VELOSO, 2020, p. 70).

O desuso também é abordado nas memórias ambientais assim como os usos feitos pelos moradores de Santa Izabel do Pará dos rios. As entrevistas compartilham de falas que apontam o crescimento urbano desordenado, a ocupação das margens dos rios, o esgoto despejado nas águas sem tratamento, o lixo despejado às suas margens e que acaba dentro do rio como fatores que transformaram os rios urbanos de Santa Izabel do Pará em esgotos ou

---

<sup>170</sup>Emília da Conceição Barros Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 04 de Abril de 2019.



valões, análise compartilhada por Minervina Souza (2012, p. 27) e também presente nas memórias relatadas aos alunos. Vejamos como a transformação dos rios pode ser observada nas ilustrações utilizadas no conto:

Figura 21 - Os passeios (caminhos na mata)



Fonte: RIBEIRO, Paolla Martins. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020

Figura 22 - Ocupação desordenada dos territórios (lixo nos rios)



Fonte: RIBEIRO, Paolla Martins. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020

As imagens refletem esse processo de desuso, o que fez com que os moradores não mantivessem suas práticas costumeiras nas águas desses rios, ajudando a reforçar nos alunos/escritores o olhar que possuíam no início da pesquisa, não reconhecendo essas águas existentes no centro urbano como natureza. As falas das entrevistadas nos apontam esse olhar que registra o quanto a poluição desconstruiu as práticas e usos de sociabilidade tidas entre os sujeitos e os rios em Santa Isabel do Pará, como vemos a seguir:

Que muito progresso, muitas coisas aconteceram, poluição, e que hoje em dia se a gente for nesse lugar não tem mais... Não tem Prainha, que se tornou uma rua, o, o igarapé ficou impróprio. E o Mirai também [...] a cidade vai crescendo, vão se tornando bairros e bairros e acaba com isso tudo<sup>171</sup> (ELIDIANE RIBEIRO, Entrevista).

Os igarapés aqui da cidade né? Do centro eram igarapés que tinha uma natureza de qualidade né? [...] Hoje eu vejo que é um igarapé morto né? Não tem mais aquele é... aquela natureza né? Uma água saudável né? Não tem mais natureza ao lado dela, eu vejo que as árvores, muito desmatamento, casas pelos lados e um igarapé poluído<sup>172</sup> (MARIA DE NAZARÉ, Entrevista)

Assim reforçamos que apresentar esse olhar sobre os rios, advindos das memórias ambientais produzidas, permitiu a escrita de novas narrativas que trazem momentos pretéritos de interação entre a sociedade izabelense e os rios, para que as gerações atuais possam compreender os rios como espaços de sociabilidade e experiências cotidianas desconstruídos pelo crescimento demográfico, pela ocupação desordenada das áreas que os margeavam e pela sua poluição por despejo de esgoto ou mesmo de resíduos sólidos nas suas margens.

Vemos, então, vários temas das memórias ambientais presentes nas narrativas dos contos e reforçados em algumas das ilustrações<sup>173</sup> utilizadas pelos alunos/escritores. Os banhos de lazer, as lavagens de roupa, os passeios de canoa, o transporte de mercadorias para escoar produção local e o deslocamento de pessoas foram apontados como exemplos dos usos dados aos rios pelos moradores, assim como também pudemos vislumbrar a presença do tema da poluição que levou ao desuso dos rios e a mudança na forma como os mesmos eram vistos pela sociedade local.

No entanto, a escrita dos contos seguiu normas<sup>174</sup>, apontadas por nós como necessárias para que os alunos produzissem narrativas onde os rios aparecessem como ponto central juntamente com as memórias ambientais. Mas, tais pontos não seriam os únicos itens que os alunos deviam apontar. Era obrigatório que eles fizessem relação da escrita sobre os rios e as memórias com tópicos presentes nas obras dos autores já analisados na seção 2 desta dissertação e que são as referências principais e mais conhecidas para o estudo de Santa Izabel do Pará.

Tal exigência fez com que a escrita e algumas das ilustrações dos contos também pudesse explorar vários prédios centenários, ruas, clubes, espaços públicos, referências

<sup>171</sup>Elidiane Ribeiro, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>172</sup>Maria de Nazaré, Santa Izabel do Pará, 28 de Março de 2019.

<sup>173</sup>Precisamos ressaltar que nem todas as ilustrações utilizadas pelos alunos em seus contos vão aparecer analisadas ou referenciadas nesse subitem. Isso se deve ao fato de que algumas dessas imagens tinham ligação direta com a ação desenvolvida no conto e por isso não caberia utilizá-las nas argumentações apresentadas nesta análise.

<sup>174</sup>As normas as quais nos referimos aparecem apontadas no subitem 4.1 desta seção.

históricas e costumes que aparecem nas obras de Carlos Araújo (1981), Nestor Herculano Ferreira (1984), José Tavares de Moura Filho (1989), Minervina Souza (2012) e Raimundo Franciel Paz (2012) e representem para os alunos/escritores elementos significativos para a história do município.

Os alunos/escritores usam a personagem Dona Maria Helena, avó de Joaquim, no conto “O mistério do rio Izabelense” para iniciar uma apresentação da cidade de Santa Izabel do Pará. Afirmam que a avó é filha de retirantes nordestinos que vieram para a vila no final do século XIX e instalaram-se nos lotes da colônia localizados as margens do Rio da Boca, como foi chamado o Rio Izabelense.

A importância do nordestino para a formação e ocupação da vila de Santa Izabel está presente nas obras de Carlos Araújo (1981), Nestor Ferreira (1984), José T. de Moura Filho (1989) e Minervina Souza (2012). Em “Águas do destino”, a figura do nordestino também aparece com o personagem Bartolomeu que era descendente de cearenses.

Já em “Memórias de águas passadas” temos um conto memorialístico e a história<sup>175</sup> narrada sobre os bisavós do personagem João, que eram nordestinos e chegaram ao Pará ainda no final do século XIX. A família de sua bisavó saiu do Nordeste por conta de uma enchente, que fez com que a família se visse motivada a migrar para o norte “onde se falava que o governo federal dava terras em troca de exploração da floresta amazônica em procura do látex que fabricava borracha”. (FREITAS *et al.*, 2020, p. 58-59). Chegando ao Pará receberam terras na vila de Santa Izabel que “é conhecida por estar bem próximo a muitos igarapés, principalmente pelo Rio Caraparu” (FREITAS *et al.*, 2020, p. 59).

Já o bisavô de João teria chegado ao Pará alguns anos depois, e teve como motivo para sua migração uma grande seca que assolou o Nordeste. Então a família Jaques, formada por quatro irmãos, dentre eles o bisavô de João, veio para o Norte em uma carroça puxada por burros<sup>176</sup>. Ao chegar ao Pará, o bisavô de João também vem para a vila de Santa Izabel e

---

<sup>175</sup>Precisamos informar que a história narrada pelo personagem João é a história da família Jaques, da qual o aluno que faz parte do grupo 5, J. V. J. S. é membro. Sua ideia logo quando apresentamos as normas que deviam ser seguidas para a escrita dos contos, foi usar a memória da história da sua família para servir de enredo dentro do conto, o que foi aceito de imediato tanto pela professora como pelos colegas do seu grupo. Assim, a história está apontando a memória da família Jaques e nela podemos identificar uma gama de elementos ligados a História de Santa Izabel do Pará, mas também à natureza.

<sup>176</sup>Muito interessante fazermos uma reflexão sobre os fatores que levaram os bisavós de João a migrarem para o Norte. Ambos tiveram na água sua motivação, seja pelo excesso de dela, como a enchente do rio próximo à casa da bisavó que teria dito que na partida “olha para trás, para o lugar onde nasceu e viveu até então, e viu sua casa sendo destruída pela força do rio que sempre esteve perto de sua família, desde que se entendia por pessoa” (FREITAS *et al.*, 2020, p. 58), seja pela falta dela, como no caso do bisavô que junto aos irmãos se vê obrigado a deixar sua terra natal e aventurar-se em um lugar distante fugindo da seca. A natureza aparece como um agente que faz com que os sujeitos mudem suas vidas e rompam com laços que lhe são significativos (CAPILÉ, 2016).

ganha terras que correspondem ao local onde seria construída a estação de trem que o jovem viu na cidade durante sua viagem.

Temos, assim, três contos apontando a figura do nordestino, muito trabalhada e referenciada na obra dos memorialistas que já escreveram sobre Santa Izabel do Pará, reforçando a construção do cenário e do enredo das histórias narradas pelos alunos/escritores. Contudo, outros temas também aparecem figurando e reforçando a história do lugar.

Entre eles, está o processo de surgimento da vila de Santa Izabel e sua relação com dois itens muito explorados na história contada sobre a origem do município que são o Caminho ou varadouro dos Tupinambás e o Rio da Boca, Galho Grande ou Izabelense. Esses pontos estão presentes na narrativa do conto “Mistério do rio Izabelense” onde os alunos/escritores se utilizam das informações presentes nas obras de Carlos Araújo (1981) e Nestor H. Ferreira (1984) sobre o caminho ou varadouro dos Tupinambás que cortava o território onde foi criada a vila de Santa Izabel por Valentim José Ferreira, as margens do rio da Boca, como sendo o local onde os índios haviam escondido o tesouro procurado na ação do conto.

Fica perceptível como o grupo constrói a ideia de que o rio foi relevante para a fundação da vila às suas margens, já que se precisava escoar a produção dos colonos até a capital, além de que a ação de contar histórias da avó de Joaquim é feita para que os jovens “conhecessem um pouco da história de sua cidade e a relação desta com os elementos naturais” (BARRETO *et al.*, 2020, p. 19), ficando evidente o uso dos autores analisados no decorrer da pesquisa e já apontando elementos que aproximem essas narrativas já existentes para a importância dos rios nesse processo.

Outro conto que apresenta ao menos um desses elementos é “Águas do destino”, onde a personagem Olívia é descrita no conto com características que fazem o personagem de Bartolomeu comparar a moça às jovens nativas que habitavam a região antes mesmo da colonização. Ele reforça isso recordando das suas aulas de história, onde a professora relatava que “a parte mais antiga da vila de Santa Izabel havia sido povoada nas proximidades do antigo caminho usado pelos índios Tupinambá para circular no território” (SOUZA *et al.*, 2020, p. 45).

No que tange ao distrito de Caraparu e à vila de mesmo nome, os alunos/escritores do conto “O garoto do rio Caraparu” iniciam chamando atenção para a função atual do rio Caraparu e pela qual a vila é referenciada nos dias atuais em que se passa o conto, estamos falando do turismo. As pessoas iriam à vila para tomar banho de rio e aproveitar a agitação da orla, ou beira do rio. Ao falar da história da vila, fizeram uso das afirmativas presentes na

obra de Raimundo Franciel Paz (2012), destacando que o surgimento do povoado de Caraparu precede a criação da vila de Santa Izabel, pois no século XIX:

[...] a região do Caraparu já era ocupada e povoada com várias propriedades onde seus donos realizavam atividades agrícolas e extrativistas, utilizando o trabalho escravo que, com o passar dos anos, formou a população de várias das vilas que compõem o distrito de Caraparu, como Boa Vista do Itá, por exemplo. (LAMEIRA *et al.*, 2020, p. 28).

A relação apontada pelo professor/pesquisador Franciel Paz também aparece no desenrolar da trama do personagem Raimundinho. Ao tecer suas narrativas os alunos/escritores usam das experiências apontadas por Franciel Paz (2012) para descrever como acontece a primeira aparição do garoto alguns meses após seu desaparecimento, justamente para um homem que utilizava o rio Caraparu para escoar sua produção, como podemos ver no trecho a seguir:

[...] um morador bem antigo da comunidade descia o rio Caraparu, em sua canoa chamada de batelão (que era uma embarcação feita de um tronco inteiro de madeira, com velas e que não tinha bancos, pois servia para transportar produtos de comércio), para alcançar o rio Guamá e levar sua farinha de mandioca e seu carvão vegetal até o Mercado do Ver-o-Peso, em Belém, onde fazia suas vendas. Navegando no rio alguns minutos, saindo da vila de Caraparu, o homem enxergou uma criança bem distante do seu barco que estava sentada em cima de um tronco à margem do rio. O homem foi se aproximando com a embarcação e percebeu que era um menino muito parecido com o que tinha sumido há alguns meses no rio. O menino era muito conhecido na vila e o homem o reconheceu. Ele tentou se aproximar da criança, mas cada vez que o barco se aproximava da criança, ela desaparecia. (LAMEIRA *et al.*, 2020, p. 32-33).

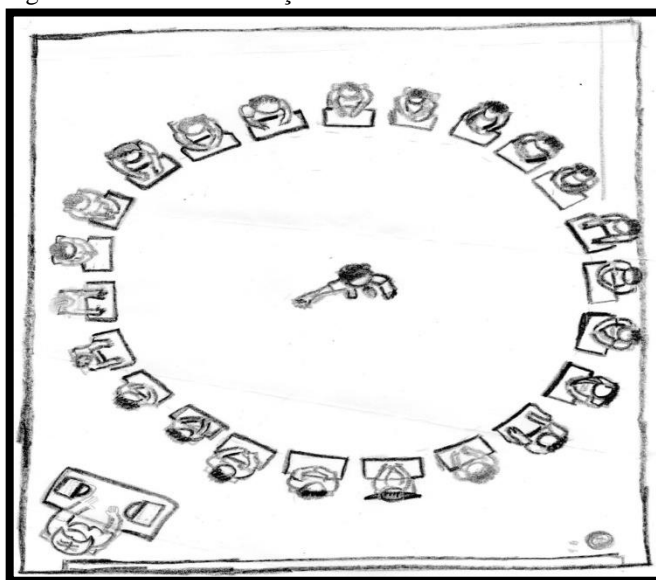
As referências históricas narradas por Raimundo Franciel Paz (2012), e que são apontadas no trecho acima, são as atividades desenvolvidas na primeira metade do século XX utilizando o rio Caraparu, considerado pelo autor como “estrada fluvial” por onde era escoada a produção da região nas embarcações apropriadas para esse transporte, os batelões. O uso das referências históricas presentes nas obras, como as de Franciel Paz (2012), ajuda os alunos a fazerem a escrita dos contos destacando os espaços relevantes para a história do município, aproximando os elementos sociais, econômicos e culturais das questões ambientais.

No entanto, os alunos/escritores não deixaram fora dos seus textos os chamados prédios históricos municipais institucionalizados e que representam, para esse grupo que realiza a escrita, um espaço singular de experiências, com significado imensurável. Para os alunos que falavam sobre a comunidade de Caraparu e seu rio, o espaço referendado foi a

escola de ensino infantil e fundamental Simplício Ferreira de Souza<sup>177</sup>, apontada no conto como o local onde os personagens principais – a professora Edith<sup>178</sup> e o aluno Raimundo de Jesus Faro – realizam a ação central do conto.

O grupo usou uma ilustração que representa o espaço da sala de aula, ou seja, a escola, que para os alunos que faziam parte do grupo produtor do conto tinha um significado próprio, por ter sido para esses jovens a escola onde estudaram até concluírem seu ensino fundamental, sendo o espaço por excelência de convivência e sociabilidade em que os laços de amizade e de formação aconteceram para esses alunos.

Figura 23 - Roda de contação de histórias



Fonte: PASTANA, Ediel Gomes. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

O que fica perceptível para nós é que tanto o texto quanto as ilustrações do conto “O garoto do rio Caraparu” foram muito influenciados pelas narrativas presentes na obra de Raimundo Franciel Paz (2012), mas também foram dialogando com as memórias construídas a partir da entrevista feita com Dona Lina Silva, que respondeu a questões que não aparecem na obra de Raimundo Paz, mas que figuram na memória ambiental coletada, como o cotidiano da vila e dos seus moradores, destacando as práticas e usos dados por eles ao rio, ao mesmo tempo em que apontavam os espaços importantes, como a Escola Simplício Ferreira de Souza.

<sup>177</sup>A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Simplício Ferreira de Souza foi fundada em 7 de setembro de 1950 e tem o nome de seu fundador o professor Simplício, tendo passado por uma ampliação e reforma no ano de 2012.

<sup>178</sup>É importante ressaltar que a personagem da professora Edith foi construída a partir da descrição e sugestão feita pela professora coordenadora do projeto. Ela surge como uma forma de homenagear a professora Dr.<sup>a</sup> Edilza Fontes, que na qualificação desta dissertação sugeriu a produção de um livro de contos. Eis aí uma singela e respeitosa homenagem a essa professora e pesquisadora da Amazônia.

Em se tratando de prédios históricos, vários outros foram apontados nos contos. Os prédios centenários das escolas Silvio Nascimento<sup>179</sup> e Antônio Lemos<sup>180</sup>, figuram nos contos “Memórias de águas passadas” e “Os garotos e os rios de sua infância” como os espaços nos quais os personagens reconhecem a história do lugar e/ou dividem experiências diárias. O prédio do Antônio Lemos<sup>181</sup> foi tão significativo para a ação do conto “Os garotos e os rios de sua infância” que teve uma ilustração nele representada, como vemos a seguir:

Figura 24 - Orfanato/Escola Antônio Lemos



Fonte: OLIVEIRA, William Andrade de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020

Essa representação demonstra a força que alguns espaços do município possuem, sendo considerados patrimônios materiais e parte da história do lugar que não pode ser esquecida ou apartada das novas narrativas em construção, dividindo, assim, as linhas e a participação nas ações desenvolvidas dentro de cada conto.

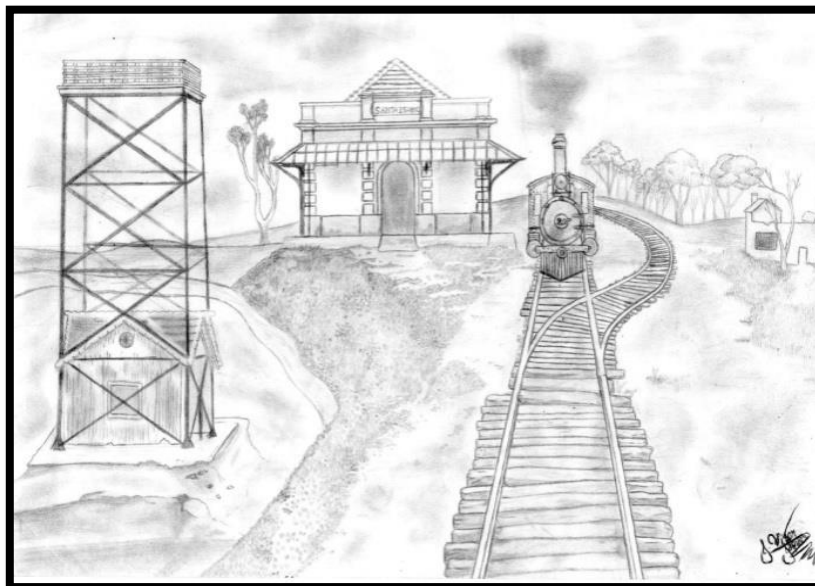
Outro prédio também apontado no conto “Memórias de águas passadas”, e que tem ligação direta com a memória da família Jaques narrada no texto, é a antiga estação ferroviária do trem que interligava Belém à Bragança. Ainda existe no centro da cidade o prédio da última estação do trem que foi construído no terreno que pertencia ao bisavô de João, personagem central do conto, e que hoje funciona como uma escola municipal de educação infantil. Vejamos o prédio da estação do trem que aparece ilustrando o conto:

<sup>179</sup> O grupo Escolar de Santa Izabel do Pará depois chamado de Silvio Nascimento foi criado pelo decreto nº 1370 de 06/04/1905 e inaugurado pelo Governador Augusto Montenegro em 22/06/1905. Citado por: SOUZA, 2012, p. 49.

<sup>180</sup> É uma das escolas em que a professora responsável pela pesquisa leciona desde 2016.

<sup>181</sup> Nestor Herculano Ferreira (1984, p. 142-146) apresenta um histórico da instituição que foi criada em 1893 ainda no município de Belém e que foi transferido para a ainda vila de Santa Izabel, no prédio histórico que hoje compõe o patrimônio do município, no ano de 1927.

Figura 25 - A Estação e a Maria Fumaça



Fonte: SOUZA, João Vitor Jaques de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020

A ilustração foi inspirada em uma fotografia da obra de Carlos Araújo (1981) e Nestor H. Ferreira (1984). A estação de trem representada não é a que foi construída no terreno do bisavô de João, mas a anterior, que ficava às margens do Rio Izabelense<sup>182</sup>. O espaço da estação e a sua representação no conto são relevantes para apontar não apenas a referência à história contada, mas por valorizar um local de interação entre o rio e as experiências dos sujeitos que viveram a dinâmica tanto de construção da ferrovia como de trabalho nas viagens feitas pela estrada de ferro, com seus abastecimentos feitos da caixa construída também às margens do rio Izabelense.

Já no conto “Águas do destino”, foram usadas muitas das referências apontadas pelo autor José Tavares de Moura Filho (1989). Dentre elas, referiu-se o prédio histórico do Clube Dramático Recreativo e Beneficente Thália<sup>183</sup>, local em que os personagens Bartolomeu e Olívia pretendiam ir ao baile de carnaval neste espaço tradicional da vila de Santa Izabel, onde aconteciam várias das principais festas do lugar.

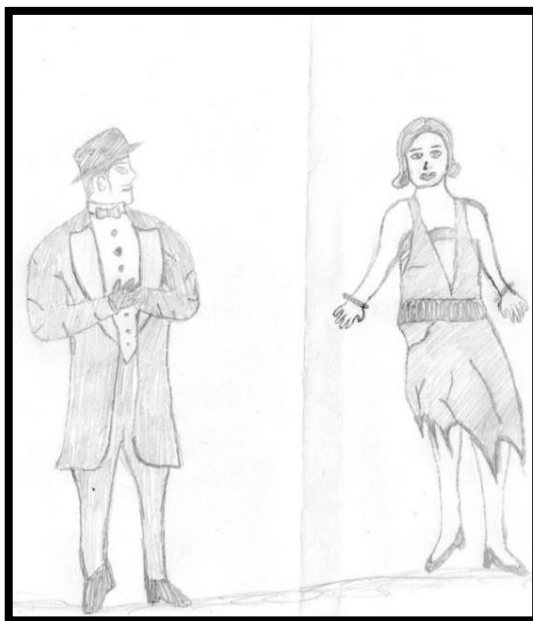
<sup>182</sup> Essas imagens são as Figura 1 e Figura 3 que estão na seção 2 desta dissertação.

<sup>183</sup> De acordo com Moura Filho (1984, p. 25), no Clube Dramático Recreativo e Beneficente Thália havia uma seleção das moças e das famílias que podiam frequentar os bailes, sendo vedada a entrada de pessoas com reputação duvidosa. Além deste autor, Nestor H. Ferreira (1984, p. 148-149) apresenta um histórico desta instituição.



Em outra ilustração do conto, os alunos/escritores representam as roupas<sup>184</sup> que eram características do período, usadas pelos jovens que frequentavam a festa no Clube Thália por serem pessoas com mais posses e, assim, podiam se vestir com trajes deste tipo. Já o jovem casal apaixonado, por ser de classe social inferior, não conseguia se trajar da mesma forma, o que fez com que na entrada do baile fossem barrados.

Figura 26 - Trajes de Gala



Fonte: SOUZA, Danilo Carvalho de. **Contos de Rios: histórias izabelenses**. 2020.

Sem sucesso na ida ao clube, os personagens seguem para o espaço do Mercado Municipal para o baile de carnaval onde a entrada era franqueada a todos os moradores da vila, independentemente de sua origem ou condição financeira. Seguiram pela “rua dos cearenses” (que hoje se chama Avenida Francisco Amâncio) até chegarem ao antigo Mercado Municipal<sup>185</sup>. Percebemos que os alunos/escritores recorreram a obra de Moura Filho (1989) e construíram em sua narrativa o espaço da vila com lugares, ruas e costumes comuns ao início do século XX e que foram conhecidos a partir da leitura deste autor.

Espaços como o Clube Thália, o antigo Mercado Municipal e a rua dos cearenses são referências conhecidas da história já contada da cidade e que passam a figurar juntamente

<sup>184</sup>Os trajes fazem parte da obra de Moura Filho (1989, p. 43), no tópico que trata sobre “Costumes e Curiosidades”.

<sup>185</sup> Atualmente, o mercado municipal fica localizado em outro ponto próximo ao antigo e, no lugar do antigo mercado, foi erguida uma praça, chamada Praça da Bandeira.

com as memórias ambientais construídas na pesquisa neste conto e que agora dividem uma narrativa com os rios.

Os contos que formam o *e-book* ressaltam tanto os usos quanto os desusos dos rios presentes nas memórias das experiências que são guardadas pelo povo do lugar. A história de uma cidade precisa agregar todos os seus elementos<sup>186</sup>, para assim tratar de uma maneira mais ampla sobre a história do local, fazendo uso de temas que não são somente locais, mas nacionais e mundiais.

Sendo assim, “Contos de Rios: histórias izabelenses” desponta como uma obra que agrega novas narrativas e olhares à história de Santa Izabel do Pará, incluindo dentre os elementos significativos para o conhecimento do espaço, das práticas sociais e experiências individuais e coletivas, as memórias ambientais. Assim, a presença da natureza, em sua interação com a sociedade, pode ser percebida e conhecida.

Ao explicitar a memória ambiental nas suas produções textuais, os alunos/escritores abriram uma janela para enxergar o seu lugar, partindo do conhecimento das experiências pretéritas que lhes permitiu refletir e agir de forma mais crítica com relação às práticas e ações direcionadas ao meio ambiente. Dessa forma, entendemos que a consciência ambiental ou mesmo uma consciência histórico-ambiental, segundo Arruda (2006), fora estabelecida com os alunos, pois por meio de um processo de aprendizagem pautado no protagonismo dos estudantes, pudemos ampliar sua compreensão sobre a natureza ao seu redor e sensibilizar seu olhar para que compreendam as rupturas a que foram e são submetidas as paisagens e os rios do seu lugar.

No *e-book* “Contos de Rios: histórias izabelenses”, o leitor vai conhecer os pormenores das narrativas elaboradas pelos alunos em contos escritos com muita fantasia, mistério, romance, recordações familiares e aventuras que os levará a conhecer as histórias variadas sobre Santa Izabel do Pará, mas, principalmente, que comprovam o que nos propusemos com a realização da pesquisa, que é demonstrar como é possível por meio do ensino de história, em aulas e projetos, realizar o estudo do meio ambiente e fortalecer a consciência ambiental e cidadã de crianças e jovens.

---

<sup>186</sup>Entendemos por elementos os espaços históricos tradicionais, o processo de formação, a influência dos fluxos migratórios, a cultura e as memórias ambientais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos o estudo da perspectiva ambiental com destaque para os rios nas aulas de história, pensamos em tornar os alunos mais sensíveis às questões pertinentes ao meio em que vivem como a sua cidade ou sua comunidade, mas que também são parte de uma crise regional, nacional e mundial, que é a destruição do meio ambiente, a contaminação e escassez da água, a poluição dos ecossistemas com resíduos, a transformação nas paisagens e nos espaços urbanos, por reconhecer que esses processos precisam ser refletidos no espaço escolar.

As memórias ambientais formadas pela reflexão acerca das águas, focando nos usos, experiências e práticas cotidianas realizadas pelos moradores de Santa Izabel do Pará e da vila de Caraparu, foi o campo escolhido para tornar a natureza um elemento presente nos diálogos e reflexões a serem feitas em sala de aula, e nos levou a fomentar nos alunos a percepção dos vínculos existentes entre as crises ambientais atuais da cidade e da Vila de Caraparu como resultado das ações antrópicas realizadas no decorrer do tempo nesses lugares.

Não realizamos nesta pesquisa a associação direta do tema abordado nas atividades do projeto com os temas curriculares trabalhados com a turma do 2º Ano A. No entanto, isto não diminuiu a relevância desta pesquisa, pois os resultados propostos foram alcançados por meio da sensibilização dos alunos para a percepção dos rios como agentes detentores de histórias e que tiveram interações diversas das que são experienciadas pelos alunos com os sujeitos que apresentaram suas memórias.

Com tal proposta de estudo, os alunos puderam ampliar sua compreensão sobre o que é a natureza e onde ela está, entendendo que ao seu redor ela se faz presente, representada pelos rios Izabelense, Jordão e Caraparu. No entanto, para que essa percepção dos alunos fosse ampliada, foi preciso historicizar essas águas através das memórias construídas com as entrevistas dos moradores antigos, o que permitiu uma apropriação da história sobre o passado da cidade e da vila e as interações entre os sujeitos com os rios.

A produção dessas memórias apresentou aos alunos um leque de informações que, por anos, não fora de seu conhecimento, por não aparecerem nas análises existentes sobre a história do lugar, como pudemos confirmar nas obras analisadas no decorrer desta dissertação e que nos levaram a retomar o diálogo com esses autores que já haviam escrito sobre Santa Izabel do Pará. Analisamos se os rios eram apontados nessas obras e como eram apresentados para assim convidarmos os alunos a refletir e compreender que outras formas de narrar a

história de seu lugar poderiam ser escritas, preenchendo as lacunas existentes e acrescentando os rios como agentes significativos para se conhecer a história local.

A autonomia e o protagonismo juvenil foram amplamente estimulados, pois tirando os alunos do espaço da sala de aula e propondo atividades em grupo, incentivamos o amadurecimento, bem como o desenvolvimento crítico desses jovens, à medida que era preciso refletir sobre espaços com os quais os mesmos já estavam adaptados, mas que para o desenrolar da atividade deveriam ser estranhados, observados com um olhar mais questionador e atento, o que os aproxima de um processo de investigação, bem divergente ao tradicional processo de repetição e memorização ao qual o ensino da história muitas vezes se vê amarrado.

Pesquisar sobre os usos e desusos dos rios em Santa Izabel do Pará trouxe aos alunos a possibilidade de pensar o ensino de história como algo mais amplo, que envolva temáticas que não tenham apenas no estudo do passado o seu fim, mas ao passo que dialoguem com as questões e crises do presente, estimule o seu autoconhecimento e a criticidade desses jovens, visto que no momento em que se apropriam do conhecimento sobre a história da humanidade e as experiências pretéritas vividas, podem desenvolver cada vez mais sua consciência ambiental e, com isso, passar a colocar em prática sua cidadania.

Construir essas memórias ambientais em Santa Izabel do Pará, sem dúvida, abre um leque de possibilidades de novos questionamentos sobre o meio ambiente, tanto nas aulas de história, quanto no diálogo com as outras disciplinas. As memórias que foram amealhadas são o início de um processo que nos permite afirmar que as “memórias ambientais izabelenses” ainda estão em construção, apresentando aos interessados sobre o tema da história ambiental e do ensino da educação ambiental nas aulas de história uma quantidade expressiva de caminhos que ainda podem ser explorados.

Essa constatação não se limita apenas ao estudo local, mas a proposta realizada nesta pesquisa, sua metodologia e seu campo de análise podem ser inspiração para muitos outros professores e professoras que pretendam explorar essa temática em suas aulas, podendo ser aplicada em outras cidades e por outros docentes, mesmo que com outros objetos centrais de pesquisa que não sejam os rios, mas sim as florestas, os animais, o solo e seus usos e as interações que as sociedades estabeleceram com estes agentes não humanos.

A obra “Contos de Rios: histórias izabelenses” surge como culminância, ou melhor, como produto das memórias ambientais identificadas por hora neste estudo, concretizando o trabalho de pesquisa e de escrita dos jovens estudantes de ensino médio que foram desafiados a contar novas histórias sobre o seu lugar. Banhos de rio, lazer, lavagem de

roupa e de louça, passeios de canoa, banho em animais, piquenique da escola, pescarias e uso para afazeres domésticos foram algumas das respostas dadas pelos moradores entrevistados e que fundamentaram a compreensão das interações ocorridas entre os rios e os moradores de Santa Izabel do Pará e da Vila de Caraparu.

Outros usos e práticas também foram apontados, como a função de abastecer com a água dos rios a máquina do trem da estrada de ferro Belém – Bragança, a prática de comércio e navegações fluviais, o escoamento da produção da região para a capital, a produção de farinha e o turismo. Esses temas não eram inéditos, tendo em vista já figurarem nas obras de Carlos Araújo (1981), Nestor Herculano Ferreira (1984), José Tavares de Moura Filho (1984), Minervina Souza (2012) e Raimundo Franciel Paz (2012). No entanto, foram novamente citados nas entrevistas reforçando a importância que tiveram para história do lugar e somando com as memórias mais próximas às práticas sociais e experiências cotidianas que estavam ausentes nessas produções anteriores, resultando em novas narrativas que tem os rios como agentes em destaque.

Pretendemos que a obra “Contos de Rios: histórias izabelenses” seja utilizada e lida pelo maior número possível de pessoas, principalmente crianças e jovens, graças à sua publicação em rede social com *download* liberado<sup>187</sup>. A ideia é que conheçam narrativas pautadas na preocupação com a introdução da natureza na história de Santa Izabel do Pará. Acreditamos que essa experiência tornou as aulas de história mais interessantes por ampliar o campo dos debates e das temáticas a serem abordadas, além de se tornar um exemplo motivador para outros professores (as) e pesquisadores (as) a continuar a escrever a história da cidade, da região ou do Brasil levando em conta as questões e crises ambientais.

---

<sup>187</sup>Para o *download* da e-book basta acessar o endereço: [www.lveh.ufpa.br](http://www.lveh.ufpa.br) e acessar a Biblioteca Digital.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.
- ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. **As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX**. 2010. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 2010.
- ARAÚJO, Carlos. **História de Santa Izabel do Pará**. Castanhal: Gazeta do Interior, 1981.
- ARRUDA, Gilmar. Consciência Histórica, ensino de história e a educação ambiental. **História & Ensino**, Londrina, v. 12, p. 113-122, Ago 2006.
- BARROS, José D'Assunção. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. História, Espaço e Tempo. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.460-476, Jul/Dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>.
- BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC\\_EnsinoMedio\\_embaixa\\_site\\_110518.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf). Acesso em: 08 de julho de 2020.
- CAPILÉ, Bruno. Rios urbanos e suas adversidades: repensando maneiras de ver as cidades. **HALAC**. Guarapuava, volume V, número 1, p. 81-95, setembro 2015-fevereiro 2016.
- CAROLA, Carlos Renato. Meio Ambiente. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, p. 173-200, 2009.
- CARVALHO, Aline; SOUZA, Luciana Cristina de. Patrimônio Cultural e o Litoral Norte de São Paulo: perspectivas abertas pela história oral. In: RIOS, Kênia Sousa (Org.) **História Oral e Natureza: resistência e cultura**. São Paulo: Letra e Voz, p. 171-181, 2019.
- CARVALHO, Ely Berço de; COSTA, Jamerson de Sousa. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. **História e Ensino**. Londrina, v. 22, n. 2, p. 49-73, jul./dez. 2016.
- CARVALHO, Ely Berço de. Uma História a serviço da destruição? Livros de História e a modernização de Mato Grosso, 1964 -1992. **HALAC**, Belo Horizonte, v. III, n. 1, p. 155 – 179, set 2013 – fev 2014.

\_\_\_\_\_. “A natureza não aparecia nas aulas de História”: lições de educação ambiental aprendida a partir das memórias de professores de História. **História Oral**, v. 15, n. 1, p. 107-129, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Uma história para o futuro: o desafio da educação ambiental para o ensino da história. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 14, p. 1-10, 2011. Disponível em: [http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=11916](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=11916). Acesso em 21 nov. 2018.

CARVALHO, Raul Costa de. **Ensino de História, Cotidiano e Literatura: Escravidão e Paternalismo em contos de Machado de Assis**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2016.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

DEVOS, Rafael Victorino. A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo. **Ambiente & Sociedade**, v. XII, n. 2, p. 293-306, Jul- Dez, 2009.

DRUMMOND, José Augusto. Patrimônio Natural e Cultural: endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. *In*: LUCHIARI, Maria Tereza Paes; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Org.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas: Papirus, p. 103-114, 2007.

\_\_\_\_\_. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p.177-197, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA MARIETA EMMI – EEEMPME. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Santa Izabel do Pará, 2018.

FERREIRA, Nestor Herculano. **História do Município de Santa Izabel do Pará**. Belém: Editora Farângola, 1984.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.- jun. 2006.

FREITAS NETO, José Alves de. A Transversalidade e a renovação no ensino de História. *In*: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, p. 57-74, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7. Ed. Rev. São Paulo: Global, 2004.

FUNES, Eurípedes. Oralidade e natureza na luta por terra e liberdade na Amazônia Brasileira. *In*: RIOS, Kênia Sousa (Org.). **História Oral e Natureza: resistência e cultura**. São Paulo: Letra e Voz, p. 13-32, 2019.

GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice Sueli. Aproximações entre história ambiental, Ensino de História e Educação Ambiental. *In*: BARROSO, Vera Lúcia Maciel [et al.] (Org.). **Ensino de história: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: ANPUH/RS, p. 57-72, 2010.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 175 – 185, 2007.

KETTLE, Wesley Oliveira. A perspectiva ambiental e o ensino de história: propostas para compreender o passado. *In*: NUNES, Francivaldo Alves; MACÊDO, Sidiana da Consolação F. (Org.). **Ensino de história: linguagens, abordagens e perspectivas**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, p. 43-64, 2018.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios**. Natureza e ruína na Amazônia brasileira. 2ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Paralelo 15, 2013.

MARTINS, Ismênia de Lima. História e Ensino de História: memória e identidade sociais. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p. 13-21, 2007.

MARTINS, Marcos Lobato. História e meio ambiente. *In*: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 65 – 77 2008.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria. Tempo Presente no ensino de História: mediações culturais no currículo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História– ANPUH**. São Paulo, p 1-16. Julho 2011.

MOURA FILHO, José Tavares de. **Vida interiorana dos anos 20 (Memórias)**. Belém: Graficentro/CEJUP, 1989.

NAVES, João Gabriel de Paula; BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira. A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 57, p 7-26, jan./jun. 2014.

NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla. Memória do Trabalho e Memória Ambiental: As indústrias de curtume do Vale do Rio dos Sinos/RS. **Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 173–188, jan - abr, 2019.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, nº 68, p. 81-101, 2010.



PAIM, Elison Antonio; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. **História & Ensino**: Londrina, 2007.

PAZ, Raimundo Franciel. **Nas correntezas e contra correntezas do rio Caraparu**: memória e história em comunidades tradicionais na Amazônia Oriental (1912 – 1950). Dissertação (Mestrado). Belém: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - UFPA, Belém, 2012.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio Ambiente e formação de professores**. 3ª Ed. São Paulo: CORTEZ, 2000.

PEREIRA, Elenita Malta. Meio ambiente na aula de história: Interações entre ensino de história, história ambiental e educação ambiental. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, n. 6, vol. 4, jan/dez.. p. 10-13, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, nº 10, p. 200-215, 1992.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local?. Apresentado no **V Taller Internacional de Historia Regional y Local**. Havana/Cuba, 2002. Disponível em [www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt\\_hsg\\_artigo\\_03.pdf](http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt_hsg_artigo_03.pdf).

RIBEIRO, Ligia Mara Barros (Org.). **Contos de Rios**: histórias izabelenses. 1ª edição. Pará de Minas/MG: VirtualBooks Editora, 2020.

ROUSSO, Henry, A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 93-101, 2006.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria (Org.). **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

SANTOS, Luma Lorena Moraes dos; RODRIGUES, Rodrigo Silvano Silva; BITTENCOURT, Germana Menescal. Morfometria das bacias hidrográficas dos rios Caraparu e Maguari-Açú, Região Metropolitana de Belém, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**. Pombal/PB, v.11,n. 01, p. 66-75, jan-dez, 2017.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. *In*: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de história**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187 – 198.

SILVA, Christiane Laís da Silva. **O geoprocessamento como ferramenta nos estudos hídricos na Amazônia**: um estudo de caso dos impactos ambientais no Rio Jordão, em Santa Isabel do Pará- PA. Monografia de Conclusão de Curso, Geografia, UEPA, Vigia, 2017.

SILVA, Fernanda Andrade. E-book multimídia como recurso didático para o ensino de história indígena em Alagoas. **Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/redin/article/view/1456>.

SOUZA, Minervina de Lourdes Soares de. **Santa Izabel do Pará** – caracterização sócio-histórica e ambiental. Santa Izabel do Pará: Edição Independente, 2012.

TAMAIIO, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza**: uma experiência de educação ambiental. São Paulo: Annablumme, 2002.

TOLEDO, Maria Aparecida. História Local, Historiografia e Ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. **Antíteses**, vol. 3, n. 6, p. 743-758, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>.

VALE, Blenda Carvalho do. **A Educação Ambiental para além da legislação**: uma perspectiva sobre o Ensino de História e Natureza. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História). Faculdade de História, Universidade Federal do Pará – Campus Ananindeua, Ananindeua, 2018.

WORSTER, Donald. Por qué necesitamos de La historia ambiental? **Revista Tareas**, Panamá, n. 117, p. 119-131, mayo-agosto, 2004.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, vol.4, nº 8, p. 198-215, 1991.

**APÊNDICES****APÊNDICE A – CARTA CONVITE**

Santa Izabel do Pará, \_\_\_\_\_ de março de 2019.

Prezado (a) Sr (a). \_\_\_\_\_

A Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi está desenvolvendo um projeto sob a coordenação da professora de História Lígia Mara Barros Ribeiro sobre a **MEMÓRIA DAS ÁGUAS DE SANTA IZABEL DO PARÁ**. Nossa intenção é coletar entrevistas com moradores antigos da cidade a respeito das **memórias dos usos e utilidades feitas dos igarapés e rios que cortam Santa Izabel do Pará**, a fim de que nossos alunos e nossa comunidade possam ampliar seus conhecimentos acerca da natureza presente no espaço de sua cidade e, por conseguinte da própria história dos sujeitos que aqui viviam.

Gostaríamos de convidá-lo (a) a fazer parte desse projeto que faz parte do projeto de mestrado em Ensino de História da professora citada, concedendo uma **ENTREVISTA** de história oral a um de nossos alunos. As entrevistas são gravadas e tem duração estimada de uma hora, podendo ser realizada em local que for mais conveniente para o (a) senhor (a). Após a entrevista, solicitaremos ao (à) senhor (a) a assinatura de um termo de cessão, para que ela possa ser usada em nosso projeto escolar e no projeto de estrado da professora Lígia Ribeiro.

Caso aceite nosso convite, nosso (a) aluno (a) irá marcar um horário para gravar essa entrevista e, se possível, solicitar algum material adicional que possa ajudar na execução do projeto (fotografias antigas). Nesse meio tempo, fico à disposição para quaisquer esclarecimentos e, em nome da nossa escola, agradeço desde já sua colaboração.

Cordialmente,

---

Professora Lígia Mara Barros Ribeiro

---

E. E. E. M. Professora Marieta Emmi

## APÊNDICE B - CARTA DE CESSÃO

Eu, \_\_\_\_\_  
(**CEDENTE**), autorizo que minha entrevista gravada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019 fique sob os cuidados da professora **Ligia Mara Barros Ribeiro (CESSIONÁRIA)**, professora de História na escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi, em formato gravado e escrito.

Autorizo também que minha entrevista seja utilizada para fins pedagógicos, de pesquisa, publicação e divulgação, podendo ser utilizada na íntegra ou em parte editada, em áudio, vídeo ou transposição, diretamente pela **CESSIONÁRIA** ou através de terceiros, podendo ser incluída em qualquer tipo de material ou produto, comercializado ou não, por quantas vezes a cessionária entender cabível, incluindo-se, mas não se limitando a mídia impressa (catálogos, impressos, artigos, jornais, revistas, capítulos de livros, livros, etc.), mídia eletrônica (internet, digital, televisão, rádio, banco de dados, etc.), apresentações públicas (seminários, palestras, debates, conferências, etc.) ou qualquer outro meio de divulgação, em todo o território nacional ou exterior, que exista ou venha a ser criado.

A cessão e a transferência de direitos autorais e patrimoniais da entrevista citada anteriormente são feitas a título gratuito, definitivo e irrevogável, estendendo-se aos meus descendentes, sem limitação territorial ou prazo de utilização.

Assinam o presente documento, em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Santa Izabel do Pará, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
**CEDENTE**

\_\_\_\_\_  
**CESSIONÁRIA**

## APÊNDICE C – FICHA COM OS DADOS DOS ENTREVISTADOS

**DADOS DO ENTREVISTADO**

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local de Nascimento: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2019.

Hora da entrevista: \_\_\_\_\_

Duração da entrevista: \_\_\_\_\_

Entrevistador (es): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Outras pessoas presentes: \_\_\_\_\_

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

Comentários adicionais:

## APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO APLICADO AOS ALUNOS

**NOME:** \_\_\_\_\_ **IDADE:** \_\_\_\_\_ **ANOS.**

**ESCOLA:** \_\_\_\_\_ **TURMA:** \_\_\_\_\_.

### PESQUISA DIAGNÓSTICA – PROJETO DE MESTRADO – PROFHISTÓRIA.

Responda ao questionário individualmente:

1. Você mora hoje:

Na área urbana (\_\_\_\_). Qual bairro? \_\_\_\_\_

Na área rural (\_\_\_\_). Qual comunidade?  
\_\_\_\_\_

2. Você sempre morou e estudou em Santa Izabel do Pará? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.** Se sua resposta for **NÃO**, conte de onde você vem e onde estudava.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Você sempre estudou em escola pública? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.**

4. Você estudou sobre a história de Santa Izabel do Pará? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.** Se sua resposta for **SIM**, relacione os temas que você estudou sobre Santa Izabel do Pará.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. Dentre os assuntos que você estudou em história, alguma vez foi abordado temáticas relacionadas à natureza ou meio ambiente? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.** Se a resposta for sim, cite o que foi trabalhado.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Ao observar a cidade de Santa Izabel do Pará você consegue identificar natureza? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.** Se sua resposta for **SIM**, CITE onde estão (se na área urbana ou nas comunidades) e quais são esses exemplos de natureza.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7. Você gostaria que suas aulas de história também tratassem de temas sobre a natureza ou o meio ambiente?

(\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.** Por quê?  
\_\_\_\_\_

8. Em sua opinião, seria possível estudar sobre a cidade de Santa Izabel do Pará através da natureza e das relações desta com sociedade? (\_\_\_\_) **SIM.** (\_\_\_\_) **NÃO.**

## APÊNDICE E – PROPOSTA DE ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

1. Identificação do entrevistado: Nome/idade/onde mora (bairro e cidade ou comunidade/cidade).
2. Há quanto tempo mora em Santa Izabel?
3. Você tem lembranças dos igarapés que existiam na cidade de Santa Izabel do Pará?
4. Comente como eram.
5. Qual ou quais igarapés você costumava frequentar?
6. O que você fazia nos igarapés?
7. Quais outras atividades você via as outras pessoas usando esses igarapés?
8. O que você fez você deixar de frequentar ou utilizar os igarapés urbanos de Santa Izabel do Pará?
9. Como você vê esses igarapés hoje em Santa Izabel?
10. Você acredita que há como melhorar a condição das águas desses igarapés hoje?

APÊNDICE F – AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES FEITAS NO PROJETO “MEMÓRIAS DAS  
ÁGUAS IZABELENSES”

Aluno (a): \_\_\_\_\_

1. Você gostou de participar do projeto “Memórias das águas izabelenses”?

(\_\_\_) Sim (\_\_\_) Não

Comente sua experiência nesse projeto e nas produções nele realizadas.

\_\_\_\_\_

2. Você gostou de fazer as entrevistas? Por quê?

\_\_\_\_\_

3. Estudar a natureza nas aulas de história e nesse projeto foi importante? Por quê?

\_\_\_\_\_



## ANEXOS

### ANEXO 1 – ENTREVISTA DA MORADORA KÁTIA NOGUEIRA

Entrevistado (a): Kátia Nogueira (K. N.)

Entrevistador (a): A. V. A. S. (A. S.)

Data da entrevista: 29/03/2019

Local: Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi

K. N.: Meu nome é Kátia... né? Moro em Santa Izabel desde quando eu nasci.

A. S.: Tá! Identificação [palavra inteligível], nome, idade, onde mora... A quanto tempo mora em Santa Izabel?

K. N.: Desde 1976

A. S.: Você tem lembranças dos igarapés que existiram na cidade de Santa Izabel do Pará?

K. N.: Lembro

A. S.: Quais?

K. N.: Muitas lembranças boas, tomava banho, lavava roupa, utilizava pra várias coisas né? [homem roçando] ah, hoje em dia tá todo poluído né? Não tem mais, acabou entendeu? Devido a uma grande invasão que teve ali no... Mirai [cadeira sendo arrastada] acabou os igarapés de lá, ficaram poluídos.

A. S.: Qual ou quais igarapés você costumava frequentar?

K. N.: Igarapé da Maria Pinto, que chamavam na época, tinha o igarapézinho ou então o igarapé do Mirai [palavra inteligível].

A. S.: Hum... O que você fazia nos igarapés?

K. N.: Ia tomar banho... outros os igarapés pequenos pra “lavari” roupa [pessoas cantando]

A. S.: Quais outras atividades que você via as outras pessoas fazendo, usando esses igarapés?

K. N.: [palavra inteligível], para o lazer né? Tomar banho e as pequenas pra “lavari” roupa [palavra inteligível], [homem roçando].

A. S.: O que fez você deixar de frequentar ou utilizar esses... igarapés urbanos de Santa Izabel do Pará?

K. N.: É porque acabou os igarapés, fecharam tudo, não tem mais, tudo poluído.

A. S.: Como você vê esses igarapés hoje em dia em Santa Izabel?

K. N.: Ah, a gente sente falta dos igarapés né? Dos igarapés que eram bom até...tem o igarapé da Prainha, também, que a gente atravessava, agora não... existe mais córregos, córregozinhos, bem... pouquinho.

A. S.: Você acredita que há como melhorar as condições das águas desses igarapés hoje?

K. N.: ...pouco... a recuperação [homem roçando].

A. S.: Você gostaria de fazer alguma consideração a mais sobre os igarapés e a questão da má qualidade da água, fornecidas em Santa Izabel? [Homem roçando].

K. N.: ... [risos e palavra inteligível], se a população se reunisse, [palavra inteligível], ajeitasse, iam buscar diretamente com o prefeito [palavra inteligível], mas não existe isso não.

A. S.: Tá bom!

## ANEXO 2 – ENTREVISTA DA MORADORA EMÍLIA RIBEIRO

Entrevistado (a): Emília da Conceição Barros Ribeiro (E. R.)

Entrevistador (a): D. R. P. (D. P.)

Data da entrevista: 04/04/2019.

Local: Residência da entrevistada.

E. R.: [criança falando] Emília da Conceição Barros Ribeiro [criança falando].

D. P.: A idade?

E. R.: A idade é... setenta e dois.

D. P.: E a profissão?

E. R.: Professora aposentada.

D. P.: A senhora sempre morou em Santa Izabel?

E. R.: Se... morei, de da idade de vinte anos, vinte e um anos fui pra Tomé-Açú, depois voltei pra cá de novo.

D. P.: Até vinte e um anos a senhora morava no mesmo endereço?

E. R.: Morava no mesmo endereço, sem mudanças, todo tempo lá desde quando nasci.

D. P.: Quais são as lembranças que a senhora tem sobre os igarapés que existiam em Santa Izabel?[som de grilos].

E. R.: As lembranças são muitas, muitos banhos, muita diversão.

D. P.: Como é... como eram esses igarapés?

E. R.: Eram...bonitos,largo,grandes[criança choramingando],todo todo limpinho, só areia que a, que as crianças tomavam muito banho to...todos os adultos também homem, mulher e aí está eram bem limpo, bonito, amplo igarapé muito grande, eu tinha mais, tinha outros igarapés perto também, a gente tomava banho, as crianças iam tomar banho.

D. P.: Qual era o igarapé que a senhora frequentava?

E. R.: Eu frequentava o Jordão.

D. P.: A senhora pode localizar pra gente que, em Santa Izabel o Jordão fica em qual rua?

E. R.: Na rua Antônio Pontes[grito abafado].

D. P.: Que é a rua da Lama né?

E. R.: É, que chamavam antigamente rua da Lama, Antônio Pontes.

D. P.: Esse, nesse igarapé do Jordão, ele só tinha esse igarapé ou tinha outros nomes dos igarapés?

E. R.: Tinha o Jordão mas, mais abaixo do Jordão tinha a Prainha, aí tinha os igarapés dos homens chamavam de Pebinha todo nesse “estirão” do Jordão, tinha todos esses igarapés, da parte descendo né. Aí depois... aí pra parte de cima tinha Maria Pinto, tinha outros igarapés... pra cima.

D. P.: E nesses igarapés tinham diferença, um que todo mundo pode frequentar era igarapés particulares ou todo mundo podia usar?

E. R.: Nesse tempo não era particular não, era, era de de...povo de Belém, mas era liberado, portão ficava aberto pra todo mundo entra homens, mulheres, crianças. As mulheres iam lava roupa, era livre, nesse tempo que eu era criança lá era tudo livre, não tinha dono assim de fechar não [suspiro].

D. P.: Dessas suas lembranças até [palavra inteligível] dessa, se jovem que, que as pessoas faziam nesses dias, nesses igarapés. O uso que elas davam qual era a maior finalidade?

E. R.: A finalidade era as mulheres lava roupa...era próprio pra elas, até a hora de meio dia, uma hora só elas lavando roupa... e as crianças tomando banho e se divertindo enquanto elas estavam lá.As crianças iam, todos ali,os vizinhos porque não tinha um medo né, porque a pessoa não ia ficar sozinha as crianças com medo aí aquela mulheradas ficava até tarde lavando roupa ali, a função era essa, banho e lavação de roupa.

D. P.: Água pra uso em casa não era do igarapé que era usado?

E. R.: Não, era poço, todos tinham, aqueles moradores lá em frente. Todos tinham poço, igarapé só era pra banho.

D. P.: Então era mais um lazer pras crianças e pra lavação de roupa pras mulheres.

E. R.: Era... era uma beleza né [palavra inteligível].

D. P.: Mas não tinha, por exemplo, ninguém que tivesse plantação ali por perto e usasse o igarapé?

E. R.: Não, era só mato mesmo. Mato que cobria o igarapé, não era tanto.

D. P.: A senhora disse que morou um tempo fora e depois voltou a morar em Santa Izabel, a senhora já tinha quantos anos?

E. R.: Voltei... Quando eu voltei eu tavacom... [Som da televisão] trinta e cinco.

D. P.: Quando a senhora voltou esses igarapés, esses mesmos igarapés que a senhora usava na infância eles já ele ainda era utilizado ele ainda era próprio pra banho?

E. R.: Era, só que o Jordão nessa época já tinha dono e fechava, tinha uma senhora que zelava tomava conta, já tinha outras pessoas que tinha comprado e já não era livre assim popular pra todo mundo entrar em controlado.

D. P.: O que fez a senhora deixa de frequentar esses igarapés aqui urbanos de Santa Izabel?

- E. R.: Porque eles foram tudo destruídos né...
- D. P.: Mais na sua infância a senhora tomava banho só nesses igarapés daqui da rua onde a senhora morava ou em outros também?
- E. R.: Não, ainda ai pra outros, outros igarapés assim como... passando ali do alto do bode pra lá tinha outros igarapés e os amigos da gente ia tomar banho pra lá também, tudo fazia parte que descia direto né...
- D. P.: Que é o mesmo igarapé...
- E. R.: É o mesmo igarapé só que ele descia e ficava em outros quintais ai como era tudo amigo a gente ia tomar banho, passear...
- D. P.: É aquele igarapé que chama igarapé izabelense hoje, senhora conheceu quando a senhora era criança?
- E. R.: O izabelense, qual é o izabelense?
- D. P.: É aquele que passa ali na rua Mata Bacelar, ali na descida do cemitério.
- E. R.: Ah que tinha ali, que ago hoje em dia não presta mais né, tá todo destruído, todo...
- D. P.: Aquele a senhora também usava pra tomar banho?
- E. R.: Aquele igarapé a gente tomava muito banho, quando era mais criança ainda no tempo que eu morava na casa do meu tio.
- D. P.: Como era aquele igarapé?
- E. R.: Ah ele era muito bonito, ele tinha uma ponte, a rua passava né, e ai tinhao tubo ai todas as crianças iam tomar banho,era ali de cima que pulava,era limpo, bonito também igarapé. Ai se divertiam muito lá naquele lá, igarapé.
- D. P.: Então a senhora deixava de usar esses igarapés. [criança falando] porque eles ficaram...poluídos.
- E. R.: Foi... Porque quando morei aqui, ainda tomei muito banho nesse que chamam de Maria Pinto [suspiro] ai depois que o povo invadiu aquele terrenos ali do Miraf que foi invadido, ai o povo fez imundície,sujeiras, jogavam porqueira, tudo era jogado no igarapé,destruíram, tiraram ao arvoredo que tinha muito aquele...que a gente faz vinho...como é o...buriti...
- D. P.: Buriti.
- E. R.: E ai aqueles pés de buriti ficavam muito bonitos, ficavam tudo na sombra...
- D. P.: Na margem do igarapé.
- E. R.: Isso era muito lindo, a gente brincava a gente brincava por cima dos paus, brincava ali em baixo,era muito bonito lá quando tinha, mais foi tudo distraído com a sujeira e a imundície, morreu todas as plantas.
- D. P.: Como é que a senhora ver esses igarapés hoje?[criança choramingando]
- E. R.: Tá só tristeza.
- D. P.: Parece ainda igarapé?
- E. R.: Não, só córrego quando tem, tem canto que tá até entupido, já. Aterraram tudinho pra fazer casa, como ali por trás, perto de onde eram o Jordão foi tudo aterrado, fizeram casa. Só desce um córregozinho malmente porque pela alga passa pelo outro lado...mas não tem uso, não tem nada. Muito “destiorado” que ficou muito feio.
- D. P.: A senhora acredita que hoje ainda da pra muda a condição desses igarapés aqui em Santa Isabel, esses igarapés urbanos?[suspiro].
- E. R.: Uh acho que não, porque tá muito poluído, aquela parte que vocês chamam de igarapé que tu falasse...
- D. P.:Izabelense.
- E. R.:Izabelense,aquele foi poluído pelo hospital, eles jogavam toda a descarga da água no...
- D. P.:No esgoto.
- E. R.:Naquele que tinha aquela ponte né, aquele que descia que...
- D. P.: O Tibiriçá.
- E. R.:...Tibiriçá e dali foi afetado os igarapés todinhos.
- D. P.:Então a ali a o esgoto do hospital ia para os Tibiriçá?
- E. R.:Era, então ficou tudo poluído, não prestou mais mesmo, destruiu tudo.
- D. P.: Ah, ta okey então dona Emilia, muito obrigado.
- E. R.: De nada.

## ANEXO 3 – ENTREVISTA DA MORADORA LINA SILVA

Entrevistado (a): Lina Borges Câncio da Silva (L. S.)

Entrevistador (a): G. C. D. G. (G. G.)

Data da entrevista: 04/04/2019.

Local: Residência da entrevistada.

G. G.: A quanto tempo você mora aqui na vila de Caraparu?

L. S.: Desde quando eu nasci.

G. G.: Você tem lembranças dos igarapé que existiam na cidade, que é no caso, o rio Caraparu?

L. S.: Não era assim como tá agora não. Era mais [palavra inteligível] agora tá “banar”.

G. G.: Tá muito modificado né?

L. S.: E muito. Agora tem que tá baixando sem contar de nada

G. G.: [risos]

L. S.: E olha o tempão!

G. G.: Você costumava frequentar muito esse igarapé?

L. S.: É... que eu lavava roupa lá no igarapé, enchia água pra beber de lá do igarapé. Esse igarapé daqui a gente ia buscar água de lá pa...para beber e... tomava banho, lavava roupa, tudo isso no igarapé.

G. G.: Quais outras atividades você via outras pessoas usando estes igarapés?

L. S.: Ah, se eu for contar escurece e não termina.

G. G.: [risos]

L. S.: Porque aqui essa redondeza todinha era só de igarapé. Era para beber e lavar roupa, lavar roupa [pausa curta]. Tempo de inverno a gente ia, quando tava muito fria a água, pegava a canoa aqui e ia embora encher. Água para beber a gente tirava daqui desse... [pausa longa] ponte, mas a água era bonita. Nós chegava e levava vasilhas e vasilhas, levava pra beber, agora pra banhar era esse igarapézinho aí dessa beirada pra ali.

G. G.: O que fez você deixar de frequentar ou utilizar os igarapés urbanos de Santa Izabel, no caso, aqui o rio Caraparu?

L. S.: [som de veículo] por causa da água encanada. Depois que botaram água encanada pra cá não precisava ninguém mais ir, difícil ir no igarapé. [som externo].

G. G.: Como a senhora vê esses igarapés hoje? Esse rio?

L. S.: Diferente e muito. [barulho externo]. De primeiro era uma água, um igarapé grande, mas agora não tá, é tudo quanto é troço velho, é plástico, é... não vou nem explicar [barulho externo].

G. G.: Você acredita que ainda há como melhorar as condições da água desse igarapé?

L. S.: Não acredito não. Eu morro e não acredito mais que isso vai endireitar, pra mim isso não muda não. Cada vez mais vai ficando pior, quando vem água daí vem tudo, vem de Santa Izabel, vem daqui, corre tudo junto.

G. G.: Você gostaria de fazer alguma consideração a mais sobre os igarapé, a questão da má qualidade da água fornecida?

L. S.: Não.

G. G.: A senhora acha que essa água é má fornecida para a população, aqui para a vila? L. S.: Não sei. Acho que não porque do jeito que tá não consegue mais não, daí é pra frente.

## ANEXO 4 – ENTREVISTA DA MORADORA MARIA DE NAZARÉ

Entrevistado (a): Maria de Nazaré (M. N.)

Entrevistador (a): L. M. S. C. (L. C.)

Data da entrevista: 28/03/2019.

Local: Rua Mestre Rocha – as margens do Rio Jordão.

M. N. : Meu nome é Maria de Nazaré, moro aqui em Santa Izabel a quarenta e três anos, no bairro Novo Horizonte [barulho externo].

L. C. : Você tem lembrança dos igarapés que existiam aqui em Santa Izabel do Pará?

M. N. : Sim. Tenho.

L. C. : Comente como eram.

M. N. : Os igarapés aqui do da cidade né? Do centro eram igarapés, era... tinha uma natureza de qualidade né? A água era de qualidade papa para utilizar.

L. C. : Qual e quais igarapés você costumava frequentar?

M. N. : Eu costumava frequentar ali o da prainha né? Que é o igarapé grande que ele desce escorre pra cá pra esse da cabrita e outros igarapés mais lá pra baixo.

L. C. : O que você fazia nos igarapés?

M. N. : Ah, a gente tomava banho, a professora fazia piquenique né? Trazia as crianças, os meninos pescavam.

L. C. : Quais as atividades você via as outras pessoas usando esses igarapés?

M. N. : Outras utilidades era o banho né? O banho o... eles pecavam também bastante, a gente via muito as pessoas né? Os rapazes pescando.

L. C. : O que fez você deixar de frequentar ou utilizar os igarapés urbanos?

M. N. : O que fez eu deixar e frequentar foi a poluição né? A poluição e tudo né? Hoje em dia essa água não de... não pode mais ser utilizada nem pra banho, nem pra fazer outras atividades, nem pra pescar.

L. C. : Como você vê esses igarapés hoje em Santa Izabel do Pará?

M. N. : Hoje eu vejo que é um igarapé morto né? Não tem mais aquele é... aquela natureza né? Uma água saudável né? Não tem mais natureza ao lado dela, eu vejo que as árvores, muito desmatamento, casas pelo lados e... e um igarapé poluído.

L. C. : Você acredita que há como melhorar a condição da água desses igarapés hoje?

M. N. : Não. Não posso dizer por que não tenho muito conhecimento sobre esses tipos de tratamento nas águas né? Mas eu acho que o meio ambiente né? Os que estudam e que trabalham com esses tipos desses projetos ambiental deve ter um jeito de restaurar esses igarapés. Mas eu mesmo acredito que é muito difícil restaurar um igarapé desse.

L. C. : Você gostaria de fazer alguma consideração a mais sobre os igarapés e a questão da má qualidade da água fornecida a Santa Izabel do Pará?

M. N. : Sim gostaria de dizer que a água em Santa Izabel não é uma água própria pra beber. Pode ser utilizada ou pode falar da água da torneira também? Pois é a água da torneira a gente não utiliza pra beber, mas a gente utiliza.

## ANEXO 5 - ENTREVISTA DO MORADOR MILTON MONTEIRO

Entrevistado (a): Milton Nunes Monteiro (M. M.)

Entrevistador (a): J. V. C. (J. C.)

Data da entrevista: 31/03/2019

Local: Escola Estadual de Ensino Médio Professora Marieta Emmi.

J. C. : Bom dia seu Miltom.

M. M. : Bom dia!

J. C. : No caso, a gente vai fazer umas perguntas aqui para o senhor.

M. M. : Certo.

J. C. : A gente quer saber a sua identificação. No caso, qual o seu nome? Idade? E onde o senhor mora?

M. M. : Meu nome completo é Miltom Nunes Monteiro. A minha idade é quarenta e três anos. O meu bairro é Jurunas.

J. C. : Ok.

M. M. : A quanto tempo o senhor mora em Santa Izabel?

J. C. : Quarenta e três anos.

M. M. : Quarenta e três anos.

J. C. : O senhor tem lembranças dos igarapés que existiam na cidade de Santa Izabel do Pará?

M. M. : Sim.

J. C. : No caso, comente como era.

M. M. : Os igarapés próximos a minha casa é... a gente dava até os nomezinhos lá né? É... o igarapé do arame, o igarapé da paca onde a gente jogava bola, depois da bola a gente ia pro banho.

J. C. : No caso, é... quais os mais outros igarapés que o senhor costumava frequentar?

M. M. : Eu cheguei na prainha né? Porque meus pais me levavam né? Eu não tenho muita lembrança da prainha assim... mas eu cheguei a tomar banho no igarapé chamado prainha.

J. C. : A prainha...

M. M. : No bairro do São Raimundo.

J. C. : Ah, tá no bairro São Raimundo. Mais algum outro assim [palavra inaudível].

M. M. : Dentro da cidade era esse aí o igarapé que corta a cidade né?

J. C. : Sim. É... no caso, o que o senhor fazia naquela época nos igarapés?

M. M. : Eu ia tomar banho, eu via as mulheres né? Tomar, lavar roupa lá, banhar as crianças também, tinha gente que não tinha é... água encanada e iam dar banho nas crianças nos igarapés.

J. C. : É... e quando o senhor chegava nesse igarapé assim, essa era as outras atividades que o senhor via as outras pessoas usando os igarapés?

M. M. : Sim [som de veículo].

J. C. : Lavando roupa?

M. M. : Lavando roupa e tinha muita das pessoas que levavam água pro próprio consumo também, nessa época aí.

J. C. : Ok. É... no caso, o que fez o senhor deixar de frequentar esses igarapés assim, urbanos de Santa Izabel?

M. M. : Foi por conta da poluição [pausa curta]. Hoje os igarapés tão muito poluídos em Santa Izabel.

J. C. : Assim, tem um específico que o senhor lembra que era muito e agora quando o senhor vê ele assim, o senhor... ?

M. M. : Esse igarapé aqui que corta a cidade na Mata Bacelar, que é a Rua do Cemitério aí. Sim, era bem limpinho na época né? A gente tomava bastante banho aí, e hoje a gente passa lá é uma tristeza né? Poluído, poluído mesmo, bastante poluído.

J. C. : No caso, hoje em Santa Izabel assim, como é que o senhor vê os igarapés em geral, assim?

M. M. : É triste! É triste porque eu tive a oportunidade de ver eles né? A água bastante limpa na época né? E hoje a gente encontra os igarapés totalmente poluídos. A gente passa aí nos igarapés, a gente vê bastante lata, tudo, bola, é fogão velho, tudo o pessoal joga no igarapé, poluiu de modo geral, geral.

J. C. : Assim, tanto assim no caso, desgraceira é... essa questão da poluição, no geral o senhor acredita que há como melhorar a condição da água desses igarapés hoje?

M. M. : É meio difícil!

J. C. : Difícil?

M. M. : É meio difícil!

J. C. : Por quê? Assim...

M. M. : É... a consciência né? De cada um cidadão né?

J. C. : Sim.

M. M. : É por conta disso aí, é muito difícil voltar ao que já foi um dia né?

J. C. : Sim.

M. M. : Pra poder tomar banho, é difícil voltar o que já foi um dia. Eu acho, na minha opinião que é difícil!

J. C. : Tinha que ter então uma questão mais consciência social?

M. M. : Consciência né? O bom senso né? De cada um.

J. C. : Sim.

M. M. : É muito difícil voltar o que já foi um dia.

J. C. : Ok.

M. M. : Eu penso que é difícil, é complicado voltar o que já foi um dia.

J. C. : O senhor é... gostaria de fazer mais uma consideração não só sobre como a água, no geral, aqui... é tanto pra pessoa, a pessoa consumir a água, como se aproveitar a água como igarapé? O senhor queria fazer uma consideração em relação a isso?

M. M. : [pausa longa] meu jovem era bom né? Seria bom que a água pro nosso consumo fosse bem melhor né? Porque a realidade de Santa Izabel aí, a água pro consumo é péssima! A realidade é péssima. Muito ruim a água pro consumo. Eu não sei se são todos os bairros né? Mas o bairro que eu moro lá pro consumo...

J. C. : A água tem gosto?

M. M. : Tem gosto. E na realidade, a água não é pra ter gosto.

J. C. : Sim. A gente aprende né? Foi uma das coisas que a gente aprendeu assim, ano passado que ela não... em geografia, que a água que tem gosto na verdade, ela já tá fora do padrão da sua pureza, no caso.

M. M. : Com certeza. Não é pra ter gosto nenhum. Não tem cor, nem gosto né? Sabor de nada né? Gosto de nada né? É pra ser totalmente pura né? Na realidade mesmo, é difícil encontrar água pura né?

J. C. : Sim. Sim, só [risos]. Então é isso tá?

M. M. Entrevistado(a): Tá certo.

J. C. : Obrigado!

## ANEXO 6 – ENTREVISTA COM A MORADORA RAIMUNDA SILVA

Entrevistador (a): RAIMUNDA RODRIGUES DA SILVA (R. S.)

Entrevistado (a): D. C.

Data da entrevista: 08/04/2019.

Local: Residência da entrevistada.

D. C.: Qual o seu nome ?

R. S.: De novo [palavra inteligível], [risos]...

D. C.: Qual a sua idade ?

R. S.: Assim não é eu que tô caducando aqui [risos] Oitenta e oito anos [cachorro latindo].

D. C.: Onde mora, bairro e cidade ou comunidade?

R. S.: Moro em Santa Izabel [risos], bairro Antônio Pontes, nº 1431.

D. C.: A quanto tempo mora em Santa Izabel?

R. S.: Agora você me pegou [risos]...pera aí, tempo, tempo acho que tem bem cinquenta, sessenta anos, põe sessenta.

D. C.: Você tem lembranças de alguns igarapés que existem em Santa Izabel do Pará?

R.S.: Tenho. Tenho. Tenho lembrança sim.

D. C.: Comente como era.

R. S.: Ah era uma beleza os igarapés aí, agente lavava roupa, todo mundo tomava banho...vinha gente todo lado do rio tomava banho [Cachorro latindo]. Isso aí.

D. C.: Qual ou quais os igarapés você costumava frequentar?

R. S.: Esse, [Cachorro latindo] que chamavam igarapé da Maria Ponte. [risos]

D. C.E: Maria Ponte?

R. S.: Ali, logo na entrada ali tinha um igarapé beleza.

D. C.: O que você fazia nos igarapés?

R. S.: Tomava banho e lavava a roupa [risos]...você não vai me pegar nenhuma vez [risos]

D. C.: Quais as outras atividades que você via as outras pessoas fazendo nesses igarapés ?

R. S.: Como?

D. C.: Quais as outras atividades que a senhora via as outras pessoas fazendo nesses igarapés?

R. S.: Só via isso mesmo. Um bocado de mulher lavando roupa, tomando banho, só.

D. C.: O que fez você deixar de utilizar esses igarapés? [Cachorro latindo]

R. S.: O quê? [Cachorro latindo]

D. C.: O que fez a senhora parar de usar, de frequentar esses igarapés?

R. S.: Ah, as pessoas foram vendendo né? E foram acabando com o igarapé aí [Cachorro latindo]

D. C.: Como você vê esses igarapés hoje em dia?

R. S.: Como é que eu vejo? Não tá tudo seco não? [risos]... [palavra inaudível]

D. C.: Você acredita que há como melhorar as condições das águas desses igarapés?

R. S.: Como melhorar?

D. C.: Sim. Você acredita que há alguma forma de melhorar? [Cachorro latindo]

R. S.: Sei lá. Eu acho né?O que é que vai fazer? Porque já desmataram, quando desmata a água vai secando. [Barulho de veículo].

D. C.: Você gostaria de fazer alguma consideração a mais sobre o igarapé, a questão da má qualidade de água fornecida em Santa Izabel do Pará? [Cachorro latindo]

R. S.: Continuo sem entender.

D. C.: Eu não sei como explicar essa pergunta não.

R. S.: Não sei como é isso.....[Não soube responder]

D. C.: Tá bom então.



## ANEXO 7 – ENTREVISTA DA MORADORA ELIDIANE PIMENTEL RIBEIRO

Entrevistada: Elidiane Pimentel (E.P.)

Entrevistadora: J. C. S. D (J. D.)

Data da entrevista: 28/03/2019.

Local: Residência da entrevistada.

Olá, boa tarde...

Estamos aqui, na casa da senhora... Elidiane Pimentel, para falar um pouco sobre as memórias das águas de Santa Izabel do Pará... e para o aprofundamento mais sobre o assunto, vamos falar com ela... Ela que tem 42 anos e sempre foi aqui de Santa Izabel, mesmo.

**J. D. :** Boa tarde senhora... Elidiane Pimentel

**E. P. :** Boa tarde

**J. D. :** Vamos para a primeira pergunta... Há quanto tempo você mora em Santa Izabel?

**E. P. :** Desde que eu nasci.

**J. D. :** Hum, desde que você nasceu; e você tem lembranças de igarapés que existiam na cidade de Santa Izabel do Pará?

**E. P. :** Tenho muitas lembranças!

**J. D.:** Tem! Tem algo a nos contar sobre eles?

**E. P.:** Tenho, é... Eu nasci... Mas... Aqui em Santa Izabel, mas sempre morei na São Raimundo... Então ali na São Raimundo aquela parte do Jardim Mirai, que agora é hoje, era... Tinha o igarapé do Mirai, tinha a prainha, a antiga prainha, ok. Nós, nossos amigos vinham da escola e sempre a gente... Parava pra tomar um banho, né?! São nossas histórias, e o igarapé do Mirai que era muito conhecido, que. E tinha o igarapé do buraco que era onde as mulheres lavavam roupa, nessa época eu era muita criança ainda, mas eu ainda lembro, ainda. Que tinha um igarapé, minha mãe levava nós. Muitas crianças, muitos pais, iam pra tomar banho, mesmo... Faltava água nas suas casas, muitas não tinham [Interferência no áudio] e com isso a gente se... [Interferência no áudio] se servia dessa água, sabe? Mas, é essa lembrança que eu tenho. [Conversa paralela dos outros integrantes do grupo] É uma lembrança muito boa, da época que a gente morou lá, dos igarapés, né? Que se passavam, e hoje a gente tá com falta deles, né? Que muito progresso, muitas coisas aconteceram, poluição, e que hoje em dia se a gente for nesse lugar não tem mais... Não tem prainha, que se tornou uma rua, o, o igarapé ficou impróprio. E o Mirai também... O, a cidade vai crescendo, vão se tornando bairros e bairros e acaba com isso tudo.

**J. D. :** Você acredita que há como melhorar a condição das águas desses [pausa curta] igarapés hoje?

**E. P.:** Sim, tudo há um jeito, né? Sendo que... Se... Os governantes da nossa cidade tomasse atitude, né? Ao invés de fazer festinha... Bandas em Ginásio de Esportes, eles podiam muito bem... Tá vendo isso, né? No meio do meio ambiente, como muitas pessoas [pausa curta] têm muitas pessoas que precisam. Antigamente se cavavam uma cacimba no quintal de casa, a gente tinha água... Saudável, hoje em dia a gente não pode fazer isso. Porque [inteligível] as águas estão tudo poluída, nossos igarapés estão tudo mal cuidados, essa é a verdade, a gente chega no inverno... Aqui onde eu moro, no Jardim das Acássias, hoje, enche a água, inunda essas casas... Quase que todas essas casas da rua principal. Então é uma forma que a gente está vendo, que não tem um saneamento básico de qualidade. Aí em vez de eles focarem na saúde, na [inteligível] no, no nosso meio ambiente e nos estudos das crianças, eles focam em festa, em outras coisas que não tem... E, não traz lucro pra gente, não traz é... Beneficiopra gente, né? Essa é a verdade.

**J. D. :** Você tem vontade de sair daqui e morar em outro lugar, ou você gosta de morar aqui mesmo?

**E. P.:** Não, sair daqui não.

**J. D. :** Não?

**E. P.:** Não, não tenho vontade não. A.. Apesar de que o trabalho tá muito precário, né? Muitas pessoas estão saindo pra outras cidades... Mas, agora no momento não, né?

**J. D. :** Bom... E quais são suas considerações finais sobre essa entrevista?

**E. P.:** Sobre?

**J. D.:** Se tem algo a falar?

**E. P.:** Não

**J. D.:** Se acha bom esse projeto?

**E. P.:** Eu acho bom que as pessoa, né? Se conscientizem das coisas que estão vendo né? E eu acho bonito vê vocês jovens agora tendo essas atitudes, né? Devê como que era... tentar... têm muitos que tentam melhorar, têm muitas pessoas que fazem alguma coisa... Mas se todo mundo fosse assim... todo mundo em conjunto dava pra resolver [inteligível] alguma, alguma coisa... um faz e outro: “Ah, eu não vou fazer porque... aquele fez”, mas... não, uma andorinha só, não faz verão, né? Aí as pessoas ficam muito... na deles, muito... na, no seu mundinho e esquece que têm muita coisa pra ser feita, né?

**J. D.:**— Bom. Primeiramente, obrigada.

**E. P.:** De nada.

**J. D. :** Pela entrevista, e por você tirar um pouco do seu tempo... a nós.

**E. P. :** Tá.

**J. D. :** Muito obrigada!

**E. P. :**Obrigada vocês!

**J. D. :** Em nome da Escola Marieta Emmi e de todos os alunos de lá.

**E. P.:**Tá, muito obrigada vocês.

**J. D. :** Obrigada pela entrevista.

**E. P.:** Boa tarde pra vocês.

## ANEXO 8 - ENTREVISTA COM A MORADORA MARIA HELENA

Entrevistada: Maria Helena (M.H.)

Entrevistadora: Jayane Dias (J.D)

Data da entrevista: 28/03/2019.

Local: Residência da entrevistada.

J. D. :Olá, boa tarde. Estamos aqui em uma pesquisa histórica, onde iremos abordar o tema: memória... sobre as águas... de Santa Isabel do Pará. E estamos aqui entrevistando a senhora,... Maria Helena, que é dona de casa e tem cinquenta e três anos.

J. D. : Bom dona Maria, obrigada (pela entrevista) pela sua disposição de fazer essa entrevista e... Boa tarde dona Maria.

M. H. : Boa tarde

J. D. : Boa tarde, fazer a primeira pergunta; A quanto, a quanto tempo você mora em Santa Isabel do Pará?

M. H.: Vinte e seis anos

J. D. : Vinte e seis anos. Você tem lembranças dos igarapés que existiam na cidade de Santa Isabel?

M. H.: Tenho lembranças desse aqui atrás que era um igarapé muito bom, e hoje em dia esta todo entupido de mato, lixo, tudo.

J. D.: É... comente como eles eram antes, você tem lembranças deles?

M. H.: Tenho, era um igarapé muito limpo, a gente tomava banho lavava roupa, lá, era tudo limpinho, tudo bacana. Agora, não presta mais.

J. D.: Quais igarapés você costumava frequentar, ou qual igarapé?

M. H.: Era esse daí mesmo

J. D.: Era esse mesmo?

M. H. : Era, um igarapé bom, agora não presta

J. D. : Você... fazia o que neles ? Você tomava banho? Lavava roupa?

M. H.: Lavava roupa. É tomava banho, lavava roupa.

J. D.: Quais as, quais as outras atividades que você via outras pessoas usando esse igarapé? [caminhão passando]

M. H.: Era todo mundo aqui no bairro que usava esse igarapé, todo mundo... era, todo mundo usava.

J. D.: O que fez você deixar de frequentar e utilizar esse igarapé urbano de Santa Izabel?

M. H.: É porque agora não presta mai mana, as águas estão tudo... né? Tudo sujas, tudo cheia de lixo, tudo... não presta mais pra a gente usar.

J. D.: Me diz então, você acredita que há como melhorar a condição das águas desses igarapés hoje?

M. H.: Mana, eu acho que não, isso daqui, acho que não ajeita, não [risos] acho que isso aqui, não tem jeito mais não.

J. D.: Você gostaria de fazer alguma consideração a mais sobre os igarapés, a questão de má qualidade da água fornecida em santa Isabel do Pará?

M. H.: Eu gostaria mana, se eu pudesse fazer, eu fazia né? [risos] pra o igarapé ficar melhor,... , porque é bom né? O igarapé ser bom, a água ser limpa, ter tudo, mas aí... [risos]... né?

J. D.: Muito obrigada dona Maria, em primeiro lugar pela... consideração de fazer essa entrevista, é ... isso.

M. H.: Obrigada!

J.D: Obrigada [risos].

M.H: Se eu puder ajudar.

## ANEXO 9 - ENTREVISTA COM A MORADORA MINERVINA SOUZA

Entrevistado (a): Minervina de Lourdes Soares de Sousa (M. S.)

Entrevistador (a): A. B. F. F. (A. F.)

Data da entrevista: 06/04/2019.

Local: Residência da entrevistada.

**M. S. :** Meu nome é Minervina de Lourdes Soares de Souza, estou aposentada, trabalho atualmente com ... as pesquisas historiográficas do Município de Santa Isabel do Pará. Resido aqui na Travessa Mestre Rocha 1131, bairro centro de Santa Isabel do Pará e vizinha do Igarapé Galho Grande. O Igarapé Galho Grande está a quadra aqui da minha casa. Esse Igarapé ele... atualmente ele é um esgotão, ele é o esgotão da cidade. Chamam Igarapé da Juíza, Igarapé do Conexão, Igarapé do bairro Jardim das Acácias porque ele vem de lá, atravessa a BR, passa aqui no centro da cidade levando o esgoto para o Rio Caraparú. Então ele é o principal canal de esgoto..., hoje a situação dele é assim.

O nome dele é antigo que está nos documentos de estrada de ferro de Bragança, lá do século XIX, o nome dele aparece como "Igarapé Galho Grande ". Depois ele recebeu vários nomes geralmente, o rio ele assim; por onde ele passa recebe nome do proprietário da terra lá.

Então ele já recebeu vários nomes. Aí em determinado momento colocaram nome de Rio Izabelense, então muita gente chama de Izabelense, o Igarapé Izabelense [barulho de batidas] é o Igarapé que corta a cidade [pequena pausa].

É... e eu... quando conheci esse Igarapé ele era bem Limpo. Eu não cheguei a andar de barco nesse Igarapé, de Canoa, mas muita gente de Santa Isabel, muitos amigos meus, andaram de barco e canoa, inclusive eu tenho um amigo que pintou, fez uma pintura desse Igarapé na década, década de 20 de Santa Isabel; 1920. Mostra como ele era lindo, bem arborizado e bem navegável de barcos e canoas. Essa... essa moldura, aliás essa... tela, eu coloquei uma cópia no meu livro que resgata a história de Santa Isabel em 2012... em 2012.

Então é isso, esse Igarapé ele serviu [pequena pausa] é... dentre tantas coisas que... foram realizadas aproveitando as águas desse Igarapé, a que mas me chamou atenção em todo o período que eu estudei esse Igarapé, é que ele abasteciam os trens a vapor, os trens da estrada de ferro [barulho indistinguível] e ainda existe a, a... os pilares da caixa d'água, que coletava a água desse rio para jogar no trem a vapor, esses pilares ainda existem, eles são os pilares da base de um local que chama paredão, da propriedade aqui do seu Menezes, Dona Diniz em frente ao Imperial. E se você olhar lá de cima do Igarapé para baixo da casa deles você vai ver os pilares dessa caixa d'água que... tem as fotos depois se você quiser dessa caixa d'água eu posso passar para vocês.

Bom, então para mim, assim pela... memória, a que mais me chamou atenção, na importância desse Igarapé foi isso, foi que ele abasteceu [vozes ao fundo seguido de pausa].

Então é isso a, ah... eu acho que a memória assim mais clara que eu tenho é dessa caixa d'água que ainda hoje conserva os pilares; e a estação era lá em cima, praticamente em cima lá a estação, depois mudou ali para frente do mercadinho Freitas a estação do trem , mas ela teve... esse rio ele teve um grande destaque na estrada de ferro e era o Igarapé Galho Grande.

As pessoas fazem de tudo nesse Igarapé, lavavam roupa, lavando louça, as pessoas fazem de tudo nesse Igarapé, lavavam roupa, lavando louça, passavam, passeavam fazem lazer, muita pescaria, tinha muita gente que pescava. As pessoas fazem de tudo nesse Igarapé, lavavam roupa, lavando louça, para sabão passeavam fazer um lazer, muita pescaria, tinha muita gente que pescava. E chamavam Igarapé de... é.. Igarapé Galho Grande, que é onde eles pescavam, pessoal ali do Jurunas pescavam muito lá no ponto hoje em dia o que mais tem nesse Igarapé são cobras, muitas cobras. Uma pessoa que mora ali que tem um quintal que cai para lá, nesse Igarapé, este ano, neste ano ela já matou mais de 10 cobras no quintal dela, das cobras que sobem, e são cobras grandes, principalmente sucuri.

E aí... mas ele serviu pra tudo isso pra o lazer, pro comércio pra navegações fluviais do município, escoamento dos produtos que vinham daí do navegações fluviais do município, escoamento dos produtos que vinham daí do lado Caraparú, do Itá, escoavam pra cá pra colocar na estação do trem , o trem levar o... a mercadoria pra Belém, pra Bragança, Castanhal.

Ele serviu pra tudo isso pros afazeres, pra limpeza doméstica, pra navegação fluvial... pra... banhar os animais, pra tomar muito banho também, as pessoas tomavam muito banho nele, muita natação. Então as pessoas mais antigas tem memórias maravilhosas desse...desse rio [pequena pausa].

E aí isso, deixa eu ver se me lembro, sim!...agora tem um dado sobre esse rio que eu acho que é o mais importante, ele é o mais importante do que a estrada de ferro, é que foi na beira desse rio que foi fundada a cidade de Santa Isabel, Santa Isabel foi loteada, porque é assim... é difícil... não sei se vocês vão conseguir entender essa situação, mas [pausa] o... o... o caminho do Maranhão [barulho] o que é o mesmo dos Tupinambás [barulho] é esse que passa na frente do cemitério, aqui na frente do fórum, passa no Porangaba e desce no rumo de americano e vai embora até o Maranhão, ele vem de Belém e vai até e vai até o Maranhão esse caminho e...

tomando como referência esse caminho, governo fez um traçado, um loteamento... pra assentar pessoas, principalmente pessoas, eles, ele queria assentar pessoas estrangeiras, facilitar a vinda de estrangeiros para cá, mas findou que... ele assentou mesmo foram os nordestinos dos flagelos da seca do nordeste brasileiro. Então o governo ele se empenhou em implantar núcleos coloniais ao longo desse caminho do Maranhão... que também era chamado de estrada de, Estrada de Bragança esse caminho; tem nada a ver com a estrada de ferro. Então estrada para eles era estrada carroçal, passar a carroça, Carro de Boi tá. Que é a mesma Estrada do Maranhão que é a, que é o mesmo caminho dos Tupinambás, serviu como referência para o governo é fazer um, um... um grande loteamento desde Benevides, lá de Marituba, até... Bragança.

E... e [pequena pausa] a ordem do governo é que se dividissem em 20... que de 20, aproximadamente de 20 em 20 km, eles formassem [pequena pausa] um pequeno Núcleo Habitacional próximo a um rio facilitando-se o escoamento do produto. Quer dizer, o colono vinha de lá... de dentro, vamos supor, lá do Caraparu, e se ele não quisesse escoar pelo Rio Guamá ele vinha escoava pela estrada aqui, eles traziam por esse Igarapé e colocavam aí.

Então, [pequena pausa] o topógrafo [barulho] que estava na empreita de fazer esse loteamento, ele veio traçando fazendo esse loteamento de 20 em 20 km, então ele fez em Benevides, ele fez mais para lá para o lado de Marituba, quando chegou em Santa Isabel ele fez o traçado aqui... a beira desse Rio, veio pelo caminho... e fez o seu traçado de uma vila aqui na beira desse Rio... ali ele construiu...e trazia uma namorada de Belém a Isabel, e a Isabel veio e ficou morando com ele na boca da sexta; sexta porquê sexta? Aí tem gente que pensa assim "a sexta é a Aratanha", de fato a sexta travessa é a Aratanha, mas a boca da sexta, quer dizer, o início dessa sexta travessa é aqui onde a gente chama de Juruninha, na beira desse Igarapé Galho Grande. Então ali ele construiu uma barraca onde ele ia, onde ele colocou a Isabel, guardava as ferramentas e com os trabalhadores que já estavam sendo assentados ele ia fazendo um traçado da colônia, o loteamento da colônia.

Esses traçados coloniais eles... seguiram! Seguiram passaram em Americano e foram pra Castanhil e foram descendo no rumo de Bragança esses traçados coloniais, por quê... aqui não era uma área desenvolvida; aí você deve pensar "não morava ninguém" morava! Por que isso é século 19 que ele chega aqui, 1870, década de 1870. Ele chega e faz esse trabalho aqui na beira desse Rio. Mas a nossa área aqui ela já está com europeus explorando a biodiversidade; eu tenho documento de 1644, então lá do século XVII, e nós já estamos aí com mais de 200 anos né? E aí que ele chega, quer dizer a área tava já com a presença do europeu, mas não era uma área desenvolvida. Então ele vem e cria esse núcleo é... assenta os nordestinos... e logo depois ele faz o traçado da estrada de Bragança, estrada de ferro, porque aqui estrada do índio também estrada carroçal, a estrada de ferro de Bragança ele faz mais para lá... né? A duas quadras né daqui? Nós temos uma quadra aqui da minha casa a outra quadra lá já é a estrada de ferro, ali a estrada de ferro passava em frente ao Sobral né? E a estrada de Bragança, a estrada caminho dos índios, aqui em frente ao fórum [pequena pausa].

Então, assim vai se desenvolvendo Santa Isabel toma força [pausa] tendo sempre esse rio como destaque e depois já com o trem; eu tenho uma propaganda aí na... na no... nos documentos da estrada de ferro o que o governo faz a propaganda dizendo dos rios interessantes que tem para o turismo na área e vem citando, citando, aí citam o Igarapé galho Grande, cita o Apeú, aí vai citando, cita o Itaqui, que é lá ali passando Americano, então ele cita esses Igarapés, se o turista quiser vir conhecer a estrada de Bragança, embora já tenha um trem, né? Então as pessoas vinham pela manhã, no trem, e voltavam à tarde, no trem, ele ia até lá e vinha o outro, de lá para cá.

Então o Igarapé Galho Grande era isso. Ele... tá na memória do izabelense como um... um...verdadeiro oásis para banho, turismo, lazer, o comércio, a sobrevivência porque a água encanada a gente passa ter de pouco tempo para cá, não sei dizer para vocês... de qual década para cá, mais década de 70 a água já estava por aqui, não é? Aqui nessa rua, e a água o pessoal ia buscar lá no Igarapé para tudo, "incrusive" também pra... fazer a nossa farinha puba de mesa, o que era chamada a "farinha d'água", porque a farinha da água é a água... a... a mandioca ficava lá de molho até ficar puba [pequena pausa], aí tem esse processo a farinha... d'água ela passa por esse processo, eles colocam a... fari... a... a mandioca na água até que ela fique puba [pequena pausa] e aí tira mistura com a mandioca fresca e fazem a farinha d'água, que é a misturada, né? E o pessoal usava muito, porque aqui sempre à agricultura familiar prevaleceu como a... principal fonte econômica [vozes ao fundo seguido de batida forte].

E é isso se quiser desligar para ver.